



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ANA CAROLINA ALMEIDA DE BARROS

**QUANDO SE FALA DE *SER MULHER*, DE QUEM SE ESTÁ FALANDO? UMA
ANÁLISE SOB A ÓTICA DA AVALIATIVIDADE**

Recife

2022

ANA CAROLINA ALMEIDA DE BARROS

**QUANDO SE FALA DE *SER MULHER*, DE QUEM SE ESTÁ FALANDO? UMA
ANÁLISE SOB A ÓTICA DA AVALIATIVIDADE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como
requisito parcial para obtenção do Título de Doutora em
Letras. Área de concentração: Linguística

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Medianeira de Souza

Recife

2022

Catálogo na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira – CRB-4/2223

B277q Barros, Ana Carolina Almeida de
Quando se fala de *ser mulher*, de quem se está falando? Uma análise sob a ótica da Avaliatividade / Ana Carolina Almeida de Barros. – Recife, 2022.
211f.: il., tab.

Sob orientação de Maria Medianeira de Souza.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2022.

Inclui referências, apêndices e anexos.

1. *Ser mulher*. 2. Sistema de Avaliatividade. 3. Atitude. 4. Gradação. 5. Folha de S. Paulo. 6. 08 de março. I. Souza, Maria Medianeira de (Orientação). II. Título.

410 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2023-50)

ANA CAROLINA ALMEIDA DE BARROS

**QUANDO SE FALA DE *SER MULHER*, DE QUEM SE ESTÁ FALANDO? UMA
ANÁLISE SOB A ÓTICA DA AVALIATIVIDADE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do Título de Doutora em Letras. Área de concentração: Linguística

Aprovada em: 20/12/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Medianeira de Souza (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Emanuel Cordeiro da Silva (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Wellington Vieira Mendes (Examinador Externo)
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte

Prof.^a Dr.^a Maria Clara Castanho Cavalcanti (Examinadora Externa)
Instituto Federal de Pernambuco

Prof.^a Dr.^a Flavia Ferreira da Silva Rocha (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Sergipe

AGRADECIMENTOS

Ao Eterno, por tudo que tem feito, por Seu grande e infinito amor; sabendo que d'Ele procedem todas as fontes: “Porque Dele, e por Ele, e para Ele, são todas as coisas” (Rm 11:36a).

À minha família, especialmente, mãe, Suely, pai (*in memoria*), Marcos e irmão, Marcos. Obrigada por serem força, amparo, incentivo e acolhida. Obrigada por todo apoio em palavras, ações e pura doação. Sem vocês, certamente, o caminho seria espinhento, mas, por tê-los, há doçura e leveza. Vocês são o melhor desta vida, são graça pura sobre mim. A conquista é para vocês!

Aos meus avós (*in memoria*) tios, tias, primos e primas, especialmente, à minha avó Cristina (*in memoria*), mulher de fibra, fé, personalidade forte, à frente do seu tempo e cheia de sonhos. Vó, a senhora tem um pedacinho em tudo isso!

À minha orientadora, Professora Medianeira Souza, com quem tive o privilégio de aprender para além do acadêmico, porque para a vida. Obrigada por aceitar o desafio, por nortear e apresentar, a mim, novas possibilidades em pesquisa. Meu coração é grato a ti pela convivência, pela sabedoria e ensinamentos que, hoje, também me constituem. Obrigada por toda generosidade e pela humanidade que nos salvam da frieza dos *campi*.

À Camila Correia, amiga-irmã-cunhada, por, em todo tempo, ser presença e estímulo. Obrigada por sua generosidade, dizeres de afirmação e cuidado. Como foram importantes em todo o processo! Obrigada por segurar a minha mão e me abraçar!

Às minhas amigas (e musas), Andréa Soares, Giselle Almeida e Gilmara Alvin. Vocês trouxeram sorriso, esperança e me mostraram o valor da cumplicidade. Os dias teriam sido cinzentos sem vocês. Toda a minha gratidão por trazerem sol e serem brisa suave! Uma realidade: há amigos mais chegados que irmãos.

Aos meus amigos de “longe”, Mayara Oliveira, Vanessa e Wagner, Francielly Moraes (e, por extensão, Ana Lu), Carolina Toledo e Nilton, Nildes e Fernando, o amor de vocês transborda em mim. Alegres os que podem chamá-los de amigos e contar com a fidelidade de vocês. E, ainda, aos meus não tão distantes, Michelle e Rodrigo, que estiveram e ainda permanecem entre tantas, longas e diferentes estações.

Aos meus amigos de “perto”, presentes da UFPE ou das jornadas de aprendizado, André Cordeiro, Camila Maria, Fabiane Lacerda, Rafael Oliveira, Sheila Alves, Lilian Melo, Sirleidy Lima, Vinícius Nicéas e, com estima, a Victor Bruno; vocês são os queridos que carrego no coração. A educação tem o privilégio de contar com seres tão incríveis, comprometidos e empenhados. A dedicação, o zelo e beleza do fazer docente, a cada entrega, me constroem, mas também são farol.

Aos meus colegas do grupo de pesquisa/orientação: Aldeir, Estela, Girllayne Ítala, Marcone, Maxi, Mário e, carinhosamente, a Valmir Joaquim que foi amparo, segurança e afeto puros. Meu querido Valmir, que presente e que prazer todas as trocas, conversas e partilhas! A pesquisa, jamais, é realizada a duas mãos, mas a muitas e a partir de vários olhares que se entrelaçam.

Ao meu GR (Grupo de Relacionamento- Graças), por todas as intervenções, abraços, procura e afeto. Vocês são lindos! A cada encontro, quanto amor, alegria e suavidade. Como forma representativa, à Mayara, Milly e Fernando que, com toda gentileza e suavidade, abraçaram, foram presença e oração constante por mim.

Aos professores da UFPE, por todo o processo de pós-graduação, mestrado e doutorado. Como foi precioso tê-los por mestres! Meu muito obrigada, em particular, às professoras Karina Falcone e Suzana Cortez. Vi, em vocês, sensibilidade, lugar de pouso e afeição. Que bom, ainda nos primeiros momentos de UFPE, tê-las encontrado e ser, carinhosamente, abraçada.

À minha banca de defesa, professoras Flávia Ferreira e Maria Clara Catanho, professores Emanuel Cordeiro e Wellington Mendes, professoras suplentes, Maria Eugênia Batista e Suzana Cortez, mas também à professora Cristiane Fuzer, da UFSM, parte fundamental em toda a construção desta tese, desde a primeira qualificação. Obrigada, professora, por cada intervenção, observação e contribuição cuidadosa. A cada um, com admiração, meus sinceros agradecimentos, respeito e reconhecimento pelos esforços empreendidos nas Universidades e Institutos Federais do país, ao construírem e partilharem conhecimento científico.

Ainda à Flávia e à Maria Clara, mulheres de força e coragem, que lançam boas sementes por onde passam, minha gratidão por, em diferentes tempos e fases, estarem a me conduzir não só como profissional ou acadêmica, mas, essencialmente, como pessoa. Vocês, há muito, são inspiração!

Aos profissionais da UFPE, Coordenação do PPGL, Secretaria e demais técnicos, por viabilizarem os processos, facilitando a nossa vida discente. Vocês são essenciais!

A todos, meu muito obrigada!

[...] a avaliação é extremamente importante no discurso real, na medida em que é difícil, se não impossível para os seres humanos (e talvez nem mesmo desejável) falar com uma voz completamente 'objetiva', não impor avaliações sobre o próprio enunciado, e não comunicar juízos de valor. (BEDNAREK, 2006, p.4-5)

RESUMO

O presente trabalho tem como intuito analisar como as publicações da Folha de S. Paulo representam, em termos avaliativos, *ser mulher* entre os séculos XX e XXI. Focamos, para isso, nos textos publicados pelo espaço discursivo da Folha, considerando os significados (re)construídos através dos elementos léxico-gramaticais e semânticos-discursivos, quando do aparecimento de marcas discursivizadas que apontam para *ser mulher*, entre fronteiras ou acessos estabelecidos às consciências coletivas no uso da linguagem. Apoiamo-nos no Sistema de Avaliatividade (SA) ou *Appraisal* para Martin e White (2005) que está assentado no domínio mais amplo da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), pressuposto teórico de Halliday (2004). As análises das escolhas léxico-gramaticais com reverberação na semântica do discurso consideraram, nos 15 (quinze) textos analisados, duas grandes regiões ou domínios interacionais “Atitude” e “Gradação”, a partir das esferas “Política” e “Economia”, recorrendo às publicações do 08 de março, Dia Internacional da Mulher. A pesquisa assume um viés qualitativo, não apenas em virtude da escolha do próprio material de análise, mas também por contemplar sentidos possíveis que emergem através do olhar do analista, cabendo, no entanto, aos dados quantitativos serem auxiliares à compreensão do objeto-alvo. A partir das duas macrotemáticas selecionadas, foi identificado o caráter de “Apreciação” como o de maior relevância, seguido por “Julgamento” e só, então, pelo “Afeto”. As três categorizações são complementadas e estão apoiadas, por vezes, com elementos de “Gradação”, tendo a “Força” como destaque. Os termos apreciativos e afetivos ganharam uma visão mais positiva ou afirmativa dentre as ocorrências, contrastando com a balança do julgamento que evidenciou uma ótica mais negativa. O estudo empreendido, a partir desse traçado, mostrou que, em um cenário de meio século, *ser mulher*, apesar de haver algum reconhecimento de sua importância e valor, é lidar, ainda, com desafios em realidades cheias de obstáculos e desigualdades; *ser mulher* é também buscar atravessar a dominação, as restrições e, por vezes, o lugar de estagnação em que é posicionada; é estar em defesa da equidade. *Ser mulher* é empenhar-se em desconstruir o já instituído e formatado nos campos sociais, pois agentes em uma coletividade a pleitear (res-) significações e a quebra do jugo.

Palavras-chave: *Ser mulher*; Sistema de Avaliatividade; Atitude; Gradação; Folha de S. Paulo; 08 de março.

ABSTRACT

This paper aims to analyze how Folha de S. Paulo publications represent, in evaluative terms, *to be a woman* between the 20th and 21st centuries. To do so, we focus on the texts published by discursive space of Folha de S. Paulo, considering the meanings (re)constructed through lexical-grammatical and semantic-discursive elements, when the appearance of discursive marks that point *to be a woman*, between borders or accesses established to collective consciousnesses in the use of language. We rely on the Appraisal System (AS) or Appraisal for Martin and White (2005) which is grounded in the broader domain of Systemic-Functional Linguistics (SFL), theoretical assumption of Halliday (2004). The analysis of lexical-grammatical choices with reverberation in the semantics of discourse considered, in the fifteen (15) texts analyzed, two major regions or interactional domains "Attitude" and "Graduation", from the spheres "Politics" and "Economy", using the publications of March 08, International Women's Day. The research assumes a qualitative bias, not only because of the choice of the analysis material itself, but also because it contemplates possible meanings that emerge through the analyst's eyes. From the two selected macro-themes, the character of "Appreciation" was identified as the most relevant, followed by "Judgment", and only then by "Affect". The three categorizations are complemented and are sometimes supported by one hundred elements of "Gradation", with "Force" as the highlight. The appreciative and affective terms gained a more positive or affirmative view among the occurrences, contrasting with the balance of judgment that evidenced a more negative viewpoint. The study undertaken, from this tracing, showed that, in a scenario of half a century, to be a woman, despite there being some recognition of her importance and value, is to deal, still, with challenges in realities full of obstacles and inequalities; to be a woman is also to seek to cross domination, restrictions and, sometimes, the place of stagnation in which she is positioned; it is to be in defense of equity. *To be a woman* is to commit oneself to deconstructing what has already been instituted and formatted in the social fields, as agents in a collectivity to plead for (re)significations and the breaking of the yoke.

Keywords: *To be a woman*; Appraisal System; Attitude; Graduation; Folha de S. Paulo; March 8th.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo analizar cómo las publicaciones de Folha de S. Paulo representan, en términos evaluativos, *ser mujer* entre los siglos XX y XXI. Enfocamos, para eso, en textos publicados por el espacio discursivo de Folha de S. Paulo, considerando los significados (re)construidos través de los elementos léxico-gramaticales y semántico-discursivos, cuando del surgimiento de rasgos discursivizados que apuntan para el *ser mujer*, entre fronteras o accesos establecidos a las consciencias colectivas en el uso del lenguaje. Nos basamos en el Sistema de Valoración (SV) o *Appraisal* para Martín y White (2005), que está balizado en el dominio más amplio de la Lingüística Sistémico-Funcional (LSF), presupuesto teórico de Halliday (2004). Los análisis de las escojas léxico-gramaticales con reverberación en la semántica del discurso consideraran, en los 15 (quince) textos analizados, dos grandes regiones o dominios de interacción "Actitud" y "Gradación", a partir de las esferas "Política" y "Economía", recorriendo a las publicaciones del 08 de marzo, Día Internacional de la Mujer. La pesquisa tiene un perfil cualitativo, no apenas en virtud de la escoja del material de análisis, pero también por contemplar sentidos posibles que surgen través de la mirada del analista, siendo, además de eso, los datos cuantitativos auxiliares en la comprensión del objetivo-alvo. A partir de las dos macrotemáticas seleccionadas, fue identificado el carácter de "Apreciación" como el de mayor relevancia, seguido por "Juicio" y, por fin, del "Afecto". Las tres categorizaciones son complementadas y están apoyadas, por veces, en elementos de "Gradación", teniendo la "Fuerza" como énfasis. Los términos apreciativos y afectivos ganaron una visión más positiva o afirmativa entre las ocurrencias, en contraste con el julgamento que tuvo una óptica más negativa. El estudio emprendido, a partir de eso, mostró que, en un escenario de médio século, *ser mujer*, apesar de haber alguno reconocimiento de su importancia y valor, es lidar, aún, con desafíos en realidades llenas de obstáculos y desigualdades; *ser mujer* es también buscar atravesar la dominación, las restricciones y, por veces, el lugar de estancamiento em que es posicionada; es estar en defensa de la equidad. *Ser mujer* es dedicarse a desconstruir el instituido y formateado en los campos sociales, pues son agentes en una colectividad a buscar (re)significaciones y la rotura del yugo.

Palabras clave: *Ser mujer*; Sistema de Valoración; Actitud; Gradación; Folha de S. Paulo; 08 de marzo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Submódulos da linguagem	53
Figura 2- Os Contextos, as Metafunções e as Categorias de análise.....	62
Figura 3- Visão geral do Sistema de Avaliatividade	64
Figura 4- Panorama do Subsistema “Atitude”	69
Figura 5- Panorama do Subsistema “Gradação”	78
Figura 6- Arquivo Geral de 1920 a 2020	88
Figura 7- Exemplo de arquivo década a década sequenciada	88

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Elementos de diferenciação	25
Quadro 2- União entre homem x mulher	42
Quadro 3- Gradação e ampliações (alta – baixa)	77
Quadro 4- Recorte temporal e refinamento	87
Quadro 5- Variáveis da Amostra 1.....	95
Quadro 6- Variáveis da Amostra 2	96
Quadro 7- Variáveis da Amostra 3	98
Quadro 8- Variáveis da Amostra 4.....	99
Quadro 9- Variáveis da Amostra 5	100
Quadro 10- Variáveis da Amostra 6.....	103
Quadro 11- Variáveis da Amostra 7	104
Quadro 12- Variáveis da Amostra 8	105
Quadro 13- Variáveis da Amostra 9	106
Quadro 14- Variáveis da Amostra 10	107
Quadro 15- Variáveis da Amostra 11	108
Quadro 16- Variáveis da Amostra 12	109
Quadro 17- Variáveis da Amostra 13	110
Quadro 18- Variáveis das Amostras 14 e 15.....	113
Quadro 19- Variáveis da Amostra 16	115
Quadro 20- Variáveis da Amostra 17	116
Quadro 21- Variáveis da Amostra 18	117
Quadro 22- Variáveis da Amostra 19	118
Quadro 23- Variáveis da Amostra 20	120
Quadro 24- Variáveis das Amostras 21 e 22	124
Quadro 25- Variáveis das Amostras 23 e 24	127
Quadro 26- Variáveis da Amostra 25.....	129
Quadro 27- Variáveis da Amostra 26	130
Quadro 28- Variáveis da Amostra 27	134
Quadro 29- Variáveis das Amostras 28 e 29	135
Quadro 30- Variáveis da Amostra 30	137
Quadro 31- Variáveis da Amostra 31	138

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Percentuais em “Afeto” na Política	101
Gráfico 2- Ocorrências Positivas x Negativas na categoria “Afeto” na Política.....	102
Gráfico 3- Percentuais em “Julgamento” na Política	112
Gráfico 4- Ocorrências Positivas x Negativas na categoria “Julgamento” na Política.....	113
Gráfico 5- Percentuais em “Apreciação” na Política	122
Gráfico 6- Ocorrências Positivas x Negativas na categoria em “Apreciação” na Política	122
Gráfico 7- Percentuais em “Afeto” na Economia	127
Gráfico 8- Ocorrências Positivas x Negativas na categoria “Afeto” na Economia.....	127
Gráfico 9- Percentuais em “Julgamento” na Economia	132
Gráfico 10- Ocorrências Positivas x Negativas na categoria “Julgamento” na Economia.....	133
Gráfico 11- Percentuais em “Apreciação” na Economia	140
Gráfico 12- Ocorrências Positivas x Negativas na categoria “Apreciação” na Economia.....	141

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Ocorrências do Subsistema Atitude na temática “Política”	90
Tabela 2- Ocorrências do Subsistema Gradação na temática “Política”	90
Tabela 3- Ocorrências do Subsistema Atitude na temática “Economia”	91
Tabela 4- Ocorrências do Subsistema Gradação na temática “Economia”	91
Tabela 5- Ocorrências no (Sub)Sistema Afeto/Política	101
Tabela 6- Ocorrências no (Sub)Sistema “Julgamento”/Estima Social/Política.....	111
Tabela 7- Ocorrências no (Sub)Sistema “Julgamento”/Sanção Social/Política.....	112
Tabela 8- Ocorrências no (Sub)Sistema “Apreciação”/Política	121
Tabela 9- Ocorrências no (Sub)Sistema “Afeto”/Economia	126
Tabela 10- Ocorrências no (Sub)Sistema “Julgamento”/Estima Social/Economia.....	131
Tabela 11- Ocorrências no (Sub)Sistema “Julgamento”/ Sanção Social/Economia.....	132
Tabela 12- Ocorrências no (Sub)Sistema “Apreciação”/Economia	139
Tabela 13- Quantitativos por (sub)Sistemas para “Política” e “Economia”	142

LISTA DE SIGLAS

CLG Curso de Linguística Geral

ES Estrutura de Superfície

EP Estrutura Profunda

GU Gramática Universal

LSF Linguística Sistêmico-Funcional

MGF Mutilação Genital Feminina

ONU Organização das Nações Unidas

SA Sistema de Avaliatividade

LISTA DE CÓDIGOS E ABREVIATURAS

AFE	Afeto
APR	Apreciação
CAP	Capacidade
COM	Composição
#CE	Categoria Economia.
#CP	Categoria Política.
#CP1	Numeração do texto.
EQU	Equilíbrio
EST. SOC	Estima Social
FOR	Força
FOC	Foco
GRA	Gradação
(IN) FEL	Infelicidade/Felicidade
(IN) SEG	Insegurança/Segurança
(IN) SAT	Insatisfação/Satisfação
INT	Intensidade
JUL	Julgamento
128 - 29	linhas, no texto digitado, onde podem ser localizados os itens avaliativos
NEG	Negativo
NOR	Normalidade
POS	Positivo
PRO	Proporcionalidade
QUA	Quantidade
REA	Reação
SAN. SOC	Sanção Social
TEN	Tenacidade
VER	Veracidade

08.03.2001 dia, mês e ano de publicação.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	19
2	“O MUNDO COMUNICADO É SEMPRE FRUTO DE UM AGIR COMUNICATIVO OU DE UMA AÇÃO DISCURSIVA”	23
2.1	LINGUAGEM E VALOR - VERDADES OU DESCONTINUIDADES.....	23
2.2	REPRESENTAÇÃO SOCIAL – HÁ UM OUTRO? SIM, APENAS PARTINDO DO MASCULINO.....	33
2.3	A NÃO AUTONOMIA DE SI – O POTENCIAL LINGUÍSTICO NA CONFIGURAÇÃO DO <i>SER MULHER</i>	40
3	“UTILIZAR-SE DA LINGUAGEM É MAIS DO QUE, APENAS, TROCAR INFORMAÇÕES”	48
3.1	A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL (LSF): NO CAMPO DOS ESTUDOS SOBRE A LÍNGUA, ONDE ESTÁ SITUADA?.....	48
3.2	ESPECIFICIDADES DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL.....	58
3.3	COMPREENSÃO QUE ESTRUTURA O VALORATIVO A PARTIR DA ARTICULAÇÃO COM A TEORIA DA LSF- O SISTEMA DE AVALIATIVIDADE.....	63
3.3.1	Subsistema “Atitude”: afetos, julgamentos e apreciações.....	68
3.3.2	Subsistema “Gradação”: intensificando atitudes.....	77
4	O PROCESSO INVESTIGATIVO: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS ..	81
4.1	APRESENTANDO A PESQUISA.....	81
4.2	DOS CONHECIMENTOS DISPONÍVEIS: O ESTADO DA ARTE.....	83
4.3	DA CONSTRUÇÃO DO <i>CORPUS</i>	85

5	A EFETIVIDADE DOS ELEMENTOS AVALIATIVOS NOS CAMPOS	
	“POLÍTICO” E “ECONÔMICO”	93
5.1	UM OLHAR EM ANÁLISE.....	93
5.1.2	Na Política: “Mulheres que sobrevivem, apesar dos espaços que a elas são negados, das violências e dos assédios.”.....	93
5.1.3	Na Economia: “As mulheres sempre trabalharam, sempre contribuíram com a riqueza do país [...]”.....	123
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	145
	REFERÊNCIAS	152
	APÊNDICE A – TEXTOS DIGITADOS/ “POLÍTICA”	157
	APÊNDICE B – TEXTOS DIGITADOS/“ECONOMIA”	172
	APÊNDICE C - ITENS DE “AFETO”, “JULGAMENTO” E “APRECIÇÃO” COM QUANTIFICAÇÕES/“POLÍTICA”	184
	APÊNDICE D – ITENS DE “AFETO”, “JULAMENTO” E “APRECIÇÃO” COM QUANTIFICAÇÕES/ “ECONOMIA”	190
	APÊNDICE E – ITENS EM “GRADAÇÃO” COM QUANTIFICAÇÕES/ “POLÍTICA” E “ECONOMIA”	195
	ANEXO A – TEXTOS DIGITALIZADOS/ “POLÍTICA”	197
	ANEXO B – TEXTOS DIGITALIZADOS/ “ECONOMIA”	205

1 INTRODUÇÃO

Considerando a natureza da língua, não como um objeto isolado, mas instrumentário colaborativo da vida em sociedade, em usos e funções, para e na atribuição de significados, parte-se da ideia de que ela está, essencialmente, revestida por um caráter social, histórico, cultural, portanto, situada, pois se utiliza a língua para produção e promoção de sentidos potenciais, a partir das escolhas realizadas pelos interlocutores, considerando os papéis assumidos, validados, bem como as relações construídas entre os dizentes, suas preferências e priorizações, em detrimento do que poderia ter sido eleito. Faz-se necessário, assim, trazer aquilo que Halliday (2017, pg.76), argumenta sobre o significar. Em suas palavras, trata-se da

Forma com que a consciência (isto é, os processos mentais), mediante uma forma de projeção, cria uma relação (isto é, uma identidade do tipo Instância igual Valor, ou uma série de identidades deste tipo) entre dois conjuntos de processos materiais (experiência e atividade corporal)

É dentro desse espectro que estão situados os estudos da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), apontando para situações comunicativas reais, na produção de significados, na/para construção de realidades.

Eis o nosso objetivo geral: Analisar através das pistas textualmente arranjadas, na esfera da léxico-gramática e da semântica discursiva, qual ou quais as perspectivas acerca do *ser mulher*, a partir das publicações realizadas pela Folha de S. Paulo, no Dia Internacional da Mulher, 08 de março, entre os séculos XX e XXI, décadas compreendidas entre 1970 e 2019.

Decorrente dele, estabelecemos, para o alcance de nossa meta, os seguintes objetivos específicos: i) identificar os elementos léxico-gramaticais e semânticos-discursivos que sinalizem avaliações nos textos jornalísticos publicados pela Folha de S. Paulo; ii) selecionar a partir do Sistema de Avaliatividade, Subsistemas de “Atitude” e “Gradação”, elementos auxiliares na construção de um panorama sobre valores instituídos socialmente no tocante à mulher e iii) descrever, a partir das marcas avaliativas de “Atitude” e de “Gradação” selecionadas no *corpus*, como “ser mulher” é representado, tendo o 08 de março como data simbólica.

As publicações contemplam textos analíticos/opinativos, em uma gama de possibilidades, cuja temática esteja voltada para a mulher, seja ela o centro da construção textual ou por ela traspassada, sabendo-se que são, elas, representações no conjunto de

elementos associados a pensamentos, produções humanas, não arbitrárias, e prenes de valores para uma comunidade de dizer, isto é, ganham existência a partir do que é dito, de uma representação que é feita sobre uma dada imagem simbolizada.

Atentamos, para isso, às projeções que são dadas na perspectiva do falante e das negociações realizadas, pois envolvem valorações. Almeida e Vian Jr. (2018, p. 1) afirmam que “o mundo à nossa volta é ininterruptamente avaliado”, como também elucidam Martin e White (2005); através das trocas interlocutivas, as pessoas apreciam, reputam, qualificam e arbitram, não apenas os outros, mas também os eventos e os fatos, de modo abrangente, em um mundo textualmente discursivizado.

Pensando, especialmente, nas construções sociais, temos perspectivas que recaem sobre o que é *ser mulher*, seus lugares de acesso, representações, validações e violências sofridas, mas amplamente toleradas e assentadas. E, assim, ao falar sobre *ser mulher*, de que mulheres a Folha de S. Paulo está falando? Como são valoradas e validadas nos mais diversos espaços? Quais tipos de relevâncias ou pequenez são dados em distintos momentos e lugares? Seriam potentes ou impotentes em participações?

Por saber-se a mídia como grande formadora de opinião e detentora de largo poder nas construções que abrangem a vida em sociedade, estar atento aos movimentos promovidos por essa máquina veiculadora de ideologias é, antes de tudo, pensar no seu papel de influência e operacionalidade, que travestida de aparente neutralidade, na verdade, como corrobora Rocha (2018, p. 60), “apresenta-se sempre com um discurso hegemônico, tendo o objetivo de naturalizar os fenômenos que são produzidos por deliberações econômicas ou medidas políticas, o que vai mudando conforme as circunstâncias da época”. Ela está inclinada em direção a objetivos que lhes são próprios, inclusive, no que concerne à manutenção de determinados *status*, condições e perpetuações, desde que atenda aos interesses do grupo ou da categoria aos quais representa.

É ainda mais, é entender que o domínio jornalístico, em especial, posto nosso trabalho investigativo, cumpre propósitos e lança produtos no meio social, sendo, como sinalizam Schwaab e Zamin (2014, p. 55), um “[...] espaço de construção de um acervo de conhecimentos e lugar de circulação de sentidos”, difundindo interpretações e projeções sobre a realidade material. Nesse mesmo delineamento, Oliveira (2016, p.21), dizendo a respeito dos vínculos estabelecidos entre os meios de comunicação e a sociedade, sinaliza sobre os problemas referentes à representatividade, já que, segundo a autora, “os meios de

comunicação não atendem à demanda de todos os segmentos sociais que desejam ou tentam participar do debate estabelecido na mídia.”

Trazer o Sistema de Avaliatividade (SA) para o foco da nossa atenção e para as nossas reflexões, articulando ao veículo Folha de S. Paulo, é, como bem discutem Abreu e Nóbrega (2017, p. 3), compreendê-lo enquanto fornecedora de:

[...] elementos linguísticos para uma análise sobre o modo pelo qual os sujeitos, com base em uma gama de opções do sistema linguístico, posicionam-se no discurso no momento em que expressam suas opiniões, sentimentos e emitem seus comentários acerca de suas percepções de mundo.

Dentro desse núcleo e universo, então, surgiu o seguinte questionamento: Como as publicações da Folha de S. Paulo, enquanto espaço discursivo, representam, em termos avaliativos, *ser mulher* entre os séculos XX e XXI, no transitar de suas décadas?

A temática escolhida, *ser mulher*, está diretamente relacionada à tentativa de compreender, antes de ser uma acadêmica, mas me reconhecendo como mulher, que tipo de valores e verdades recaem sobre nós mulheres, ao longo dos anos, no esquadrihar das publicações, a fim de que seja possível revelar aspectos sociais, discursivos, de reconhecimento ou não dessa “entidade”, refletindo sobre a importância social da linguagem para e na manutenção ou “desestabilizações” de sentido(s).

A fim de que construamos uma linearidade e repercutamos sobre as formas de observação e análise, dividimos este trabalho em quatro capítulos. O Capítulo 1, intitulado “*O mundo comunicado é sempre fruto de um agir comunicativo ou de uma ação discursiva*”, versa sobre Linguagem e valor, Representação social e Configurações da mulher e tem como intuito trazer um panorama de como as relações entre sentido, representações e valor ganham vida pela linguagem.

Realizamos uma discussão a respeito do uso da linguagem para a construção da realidade, concordando que através das práticas de linguagem valores são impressos e há, por vezes, não só uma estabilização, mas naturalizações do que deve ser tomado por padrão. Compreender essas repercussões, liga-se, por exemplo, à forma como as mulheres são vistas, isto é, um caráter de uniformidade a elas delineado. Concebemos que tais formatações se conjugam em benefício de uma hegemonia, de um domínio, na emersão de um mundo que semiotizado estrutura visões de sociedade com vieses classificatórios não-naturais, mas discursiva e linguisticamente arquitetados, a partir do social, do cultural e do histórico.

O Capítulo 2, “*Utilizar-se da linguagem é mais do que, apenas, trocar informações*”, aborda as particularidades da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), do Sistema de Avaliatividade (SA) e dos Subsistemas de Atitude e Gradação. A noção de língua, então, perpassa este capítulo e segue a trilha considerando configurações de algumas escolas linguísticas, como Estruturalismo e Gerativismo, que compreendiam o empreendimento de dizer, em razão não só do próprio sistema, mas também como um módulo, parte da cognição do sujeito, com uma língua(-gem) distanciada do social.

Ainda, dentro dessas discussões, chegamos à inter-relação usuário, língua e sociedade que nos diz sobre um interagente que se utiliza da língua para cumprir certos propósitos, em uma articulação função x uso, como bem explorada pela LSF e, mais particularmente, de uso que imprime valorações, como nos faz compreender o SA, em conceitos e categorias que serão confirmadas, por exemplo, através das já mencionadas Atitude Gradação.

Já no Capítulo 3, “O processo investigativo: procedimentos metodológicos” voltamos às bases metodológicas e ao percurso investigativo construindo os caminhos que nortearam a pesquisa, como se caracteriza, o estado da arte e a estrutura organizativa como auxiliar a uma sistematização de resultados.

Neste capítulo metodológico, buscamos explicitar, assim, a trajetória percorrida em razão da escolha da fonte dos textos, tendo como plano a esfera jornalística que exerce um papel não só representativo, mas colaborativo na e para sustentação determinadas representações socioculturais, tendo como foco, em nossa pesquisa, o jornal Folha de S. Paulo; as publicações realizadas, ganharam um recorte temporal mais restrito, com um *corpus* constituído entre 1970 e 2019. Além disso, trazemos a inserção da pesquisa com inclinação qualitativa, posto que interpretações são realizadas pela analista, sem que nos esqueçamos, todavia, que os dados quantitativos podem auxiliar nas compreensões gerais.

Por fim, temos o Capítulo 4, nomeado “A efetividade dos elementos avaliativos nos campos “Político” e “Econômico”, é composto pela análise do *corpus*, concentrado em duas esferas sociais: Política e Economia. Olhamos, aqui, para os Subsistemas de Atitude e de Gradação, a fim de que seja possível, respaldados na tradição e estudos desenvolvidos dentro do campo da LSF, mais propriamente no que se desmembra, o Sistema de Avaliatividade, compreendermos as escolhas, os usos e efeitos sobre os significados, a partir das publicações selecionadas.

2 “O MUNDO COMUNICADO É SEMPRE FRUTO DE UM AGIR COMUNICATIVO OU DE UMA AÇÃO DISCURSIVA”

“Aquilo que se vê depende do lugar em que foi visto, e das outras coisas que foram vistas ao mesmo tempo.”

(Clifford GEERTZ)

Este primeiro capítulo tem como intuito trazer uma discussão a respeito do uso da linguagem para a construção da realidade. Através das práticas de linguagem, valores são impressos e há, por vezes, não só uma estabilização, mas naturalizações do que deve ser tomado por padrão. Compreender essas repercussões, liga-se, por exemplo, à forma como as mulheres são vistas, isto é, um caráter de uniformidade a elas delineado. Concebemos que tais de formatações se conjugam em benefício de uma hegemonia, de um domínio, para emersão de um mundo que semiotizado estrutura visões de sociedade com vieses classificatórios não-naturais, mas discursiva e linguisticamente arquitetados, a partir do social, cultural e histórico.

2.1 LINGUAGEM E VALOR – VERDADES OU DESCONTINUIDADES

Partimos da compreensão de que quando se fala, se escreve, se interage, há algo que está sendo representado ou apresentado, pois escolhas são realizadas e, para cada uma delas, vão sendo implicados significados e pesos, sobre os quais os contextos de atuação e a localização (situacionalidade) auxiliam a possíveis compreensões.

Isso aponta para as dinamicidades próprias às línguas, sendo o homem, um ser que está intrinsecamente ligado a ela e dela faz parte, pois toda a tessitura de significados emerge dele mesmo e a ele mesmo retorna e o toma, mediante as interações que são travadas com os nossos outros comunicativos, havendo uma ordem que é “[...] percebida, construída, comunicada e utilizada”, dentro de um espectro social, cultural, histórico, onde trocas são inevitavelmente realizadas e atualizadas. (MARCUSCHI, 2004, p.2)

O que temos são estruturas que se definem e são definidas em acordo com os lugares, espaços, tempos e articulações executadas entre os agentes de dizer, a partir de especificidades e circunscrições que o ajudam a configurar as realidades sobre as quais atuam

e sobre as quais se pode, em alguma medida, exercer influência, dadas as devidas proporções, aberturas para e na construção, elaboração e sedimentação de mundos.

Os dados, os eventos e as verdades não são tão (ou só) naturais, porém existências difusas que se alastram, ganham corpos e alguma robustez, a partir de um mundo comunicado. O próprio Marcuschi (2004) salienta tratar-se, esse domínio ou terreno semiótico, resultado de uma agência subjetiva, e não de uma simplória manifestação e/ou expressão de uma realidade que aflora e se mostra, ou que ainda, identifica-se e descobre-se, em termos de algo secreto que estava à espera de ser revelado, posto que discreto.

Com alguma mobilidade em arranjos, a língua não é mero reflexo da realidade, uma imagem espelhada, inerte, para que não seja possível admitir (re)construções comunitárias ou coletivas; os valores não estão já determinados ou claramente especificados, tampouco invocam uma atribuição de transparência.

Quando se expõem, para a construção de um dizer associativo, as seguintes asserções a respeito da mulher ¹:

a) [...] um dos sexos foi, por séculos, considerado física e intelectualmente inferior ao outro” (08/03/1999 - Folha de S. Paulo)

b) [...] as mulheres ainda enfrentam um mundo em que as oportunidades continuam sendo melhores e maiores para os homens...” (08/03/2000 - Folha de S. Paulo)

Não estamos falando, reportando, ou mesmo, trazendo elaborações que se encontram inscritas no mundo material, físico, tangível, mas, traçados em categorias, com dotação de julgamentos, a partir das realidades que são efetivadas; como dito logo nos primeiros parágrafos, há em íntima (co)relação entre as estruturas sociais, históricas e culturais para que emerjam.

Atentando-nos a essas configurações, podemos compreender, com algum esforço, que algo está sendo comunicado, trocado, na relação entre esse sujeito-escritor e, com ele, estabelecidos vínculos, em uma força que nos impulsiona a olhar sobre escolhas, organizações, trajetórias, saberes, e não conceber um mero aglomerado de palavras inscritas. Há todo um movimento realizado, em direções múltiplas, que reverbera a constituição do

¹ Buscaremos discutir com algumas especificidades a temática “*ser mulher*”, ampliando arranjos e configurações, nos próximos subtópicos que compõem o Capítulo 1 desta tese. Lembremo-nos, para tanto, que tais formulações ou formatações estão articuladas ao publicado pelo jornal “Folha de S.Paulo”.

relacional, em traços distintivos e, antecipamos, classificatórios, considerando os trechos acima selecionados, exemplos **a)** e **b)**.

Buscando algumas pistas, acomodadas em dizeres, delineamos os seguintes “perfis”, uma espécie de recorte de projeções que transitam como autênticos e podemos observar uma “arquitetura” didatizada, exposta a seguir no **Quadro 1**.

Quadro 1- Elementos de diferenciação

Mulher	Homem
Fraca/Debilidada	Forte/Saudável
Ignorante/Tola	Inteligente/Esperto
Vazio/Brecha	Espaço/Caminho

Fonte: A autora (2022)

O que se “revela” a nós, em diferenciações, são questões postas naturalmente? A língua(gem), em si mesma, produziu essas possíveis apreciações? Os eventos comunicativos, nos dizem a respeito do mundo sobre o qual atuamos e demonstram as lentes usadas pelos interactantes nos espaços a eles reservados. Os sujeitos² não aparecem descolados, mas atrelados a um espaço onde encontram amparo e base, experiências e conhecimentos compartilhados e herdados. Além do mais, daquilo que é travado e tratado no encontro entre esses atores, bem como o lugar e o papel por eles incorporados, fatalmente, serão sinalizadas atuações e categorias com as quais são manipuladas e estruturadas determinada perspectiva sobre a vida.

As escolhas realizadas, pelos indivíduos, muito mostram ou podem conduzir à compreensão das bases sobre as quais estão sedimentadas os eixos relacionais: composição dos quadros sociais, peças localizadas sobre toda uma trama que traz vestígios do aprendido e apreendido; testemunhas, olhares conceituais, que professam um mundo discursivizado, em pares, em comunidade; revelação sobre nós, aquilo que sabemos, compartilhamos, reproduzimos e estabilizamos, inscrevendo um tipo de presença social que é (des)empenhada sobre o mundo, onde a neutralidade, de fato, não tem parte.

² Estamos tomando por “Sujeito”, as compreensão articulada em Menezes (2011, p.09- adaptado), em que a autora esclarece dois pontos importantes: 1) o sujeito é um elemento social perpassado pela ideologia; 2) o sujeito é constituído por meio de sistemas simbólicos, construídos em culturas específicas. É, desse modo, que compreendemos o conceito e empregamos o termo “sujeito” e aquilo que o compõe.

O espaço do eleito, convencionado e próprio, só se faz na arena do público. É no espaço do “publicizado”, como nos alerta Araújo (2004), que o preferido e o argumentado ganham validade e verdade: são construídos, porque discutidos. As credenciais e as aceitações atravessadas pelo interpretado, na repercussão de essências e entidades, consideram nossos entornos. Nomear, descrever, destrinchar, “revelar” não são mera percepção, mas são o “dar sentido”, que revestido de ampla interação auxiliam, inclusive, no estreitamento desses (ou outros) significados, capazes tornam-se de carimbar, validar e valorar alguma parcela, para responder e acolher (ou encobrir) propósitos.

O que daqui se pode associar é o fato de que as demandas do mundo estão intimamente ligadas a interpretações, ao peso das orientações e aos entendimentos que perpassam os vínculos, as práticas, bem como o compartilhar e aceitação dos grupos que coordenados, na criação de laços, colocam e decidem por certas acepções em domínios geridos, submetendo a certas “propriedades” as possibilidades de caracterização dos espaços, onde as atividades linguísticas são e estão, a todo tempo, em desenvolvimento e atualização.

Nesse campo, por certo, vinculações são feitas e noções daquilo que deva circular, colados a elementos simbólicos instituídos para a conferência de significados, passam a estabilizar um sentido tido por “natural” e “verdadeiro”, quando, o que temos, de fato, é a eleição e o privilégio, na dinâmica do dizer, de uma modulação da história.

Elenco, então, a partir das compreensões de Araújo (2004), ao expor sobre verdade, referência e correção, a existência de: a) um mundo social, um estado de coisas ou acontecimento, estruturado por via cultura, onde b) (inter)subjetividades atuam e manipulam/estipulam suas produções de maneira estratégica, denotando c) um centro relacional entre os sujeitos e os seus modos de vida, em direção aquilo que sustenta suas ações e/ou tensões, posto que a razão comunicativa, dentro da sua efetividade, pode se deparar tanto ao suscetível a críticas, quanto à revisão de direções.

Aqui, apontamos para o que Marcuschi (2004, p.12), quando nos diz sobre o mundo comunicado, reforçando a ideia de ação humana e sujeitos criativos, que são agentes, operantes e estão integrado em tentativas dialogais, pois

[...] o saber sobre o mundo é uma fabricação socialmente elaborada (mediante atividades coletivas) e linguisticamente comunicada (com mecanismos textuais estabilizados em instrumentos semiológicos supra-individuais). O mundo comunicado é sempre fruto de um agir comunicativo

ou de uma ação discursiva e não de uma identificação de realidades discretas, objetivas e estáveis.

A comunicação é realizada de maneira estratégica. As categorias são potencializadas via abertura, nem sempre (em tempo algum) desinteressada, onde sujeitos, sendo responsáveis pela consciência e formação coletiva, imputam determinadas forças no uso efetivo da linguagem, para que entre prestígios e exclusões ganhem valor os seus jogos. Nas trocas realizadas, sem esgotamentos, indicativos sobre a nossa atuação no mundo afloram, e, sobre aquilo que pleiteamos, a que se destina enquanto “matéria” a ser “iluminada”, desejável, preferencial, nunca nos é “revelada” por inteiro e/ou isenta de interesses, desejos e ângulos, dos mais heterogêneos.

É na prática, nos usos efetivos e reais, que circundam nossos traçados sobre dizer o mundo, em que valores e implicitudes, bem como as intervenções, efetivamente, penetram sobre comportamentos linguísticos assumidos; é nela onde encontramos linhas ou fios norteadores quanto a concordâncias ou dissonâncias e é, por ela, que “o sujeito *age* com o objetivo de interferir simbolicamente sobre o mundo, ou ao menos sobre um “certo” mundo, para que “seu fazer sentido” seja aceito, tenha mais valor que outros.” (CORTEZ, 2011, p.113 – grifo da autora).

Isso, em grande medida, nos leva a entender por quais possíveis razões, dentre os itinerários propostos, reconhecidos e utilizados, incidem uma repercussão e um amplo reconhecimento no trato sobre a mulher; como apontado no **Quadro 1**, página 25, temos: a “fraca”, a “ignorante”, a que se faz entre “brechas” e “vazios”, e, por outro lado, o desejável, o esperado e o aceitável, inscreve, o homem, em categorias como: “o forte”, o “esperto”, aquele favorecido em “espaço”.

O que, aqui, opera, são contornos ou delineamentos que ganham significados, porque atuam de maneira simbólica, a fim de que certas configurações sejam não só apropriadas pelas comunidades, mas especialmente se tornem classificações sobre o mundo e, a partir delas, possam organizar as próprias condições e estruturas de relação com a “verdade”. Trata-se de um mundo “posto”, naturalizado e já condicionado, exercendo força sobre convicções e operacionalizações em *ser mulher*.

Temos sujeitos de linguagem responsáveis reais pelas modificações, conhecimentos, utilizações e zonas de contato; sujeitos que são a essência dos movimentos em um universo sógnico, gerando impactos sociais sobre a “natureza” do que é discursivizado.

Do dito, das situações todas, imaginadas e possíveis, os constructos são adequados e readequados, em versão publicada, o que é reiterado por Cortez (2001, p.115), ao dizer: “[...]o léxico não pode ser visto como um conjunto de etiquetas disponíveis, mas como um material constantemente retrabalhado no discurso”, amplamente utilizado, difundido, articulado, e sempre, relacionado a um contexto, podendo ganhar outros e novos contornos, dado um potencial de atualização que o sistema linguístico, em uso, tem.

A fim de que o mundo ganhe significados, há uma demanda de leituras possíveis, em contextos situados, propósitos demarcados, em circunstâncias específicas, pois a natureza do homem é a de semiotizar, ele é *homo significans*, em constante trabalho para tornar a realidade, uma dada realidade, acessível pela linguagem, porque é um ser formado e constituído, antes de tudo, pela linguagem, a ele inerente.

As propriedades e particularidades dessa língua, da teia sobre a qual se faz e é feito o *homo significans*, não se dá em contrato de independência, mas mediante relação íntima e de total ligação, subordinação, em intersimbiose. Emergem potencialmente das situações que envolvem o tracejar de categorias, seus empregos e interpretações, que não estão revestidos de puro automatismo, pois localizam-se, antes de tudo, em uma dinâmica de vida. O acesso aos fenômenos de linguagem não é regido por lentes que, simplesmente, refletem “o real”, mas são frutos e resultados de intervenções sobre condições que também são convencionadas, estruturadas e sobre as quais se empenham, os dizentes, na ordenação e configuração de experiências.

Whitney (2010, p.255), ao nos falar sobre essas construções de experiências, bem como da arte da linguagem, nos apresenta algo interessante sobre as aquisições humanas, afirmando o seguinte:

Cada um adquire aquilo que o acidente do lugar de seu nascimento colou em seu caminho e faz dele o ponto de partida do exercício das suas faculdades próprias, sofrendo a imposição do meio ao mesmo tempo em que é fortalecido por essas mesmas imposições desse mesmo meio que o próprio indivíduo, aliás, está destinado a desenvolver.

Sendo a linguagem, segundo ele, a mais primária ou reveladora das essências, conseguimos compreender de maneira elucidativa que, através dela, a sociedade é estruturada, em uma relação dialética entre formações e composições, bem como entre ordenamentos e sistema(s), estando todos, e cada um de nós, profundamente alicerçados nela.

Os apontamentos e orientações que se dão dentro das relações travadas entre os sujeitos, bem como entre aquilo que é significado e ganha relevos, se estabelece entre o tornado “estabilizado”, solidificado, a partir de um ponto de referência, e tantos outros possíveis caminhos que são ofertados pelo próprio sistema, considerando, porém, a sua localização em termos históricos, culturais, sociais, econômicos.

As relações geram, entre os usuários, uma compreensão do compartilhado, dos pontos de convergência, se assim podemos dizer, dada a perspectiva adotada no momento em que travam as suas interlocuções, isto é, em que determinados relevos podem vir a emergir por vias de definições que os aproxime nos movimentos mútuos, posto que não há, entre os próprios elementos linguísticos, uma autoidentificação, etiquetagem, um rótulo em si mesmos.

Essas questões apontam para a ideia de que não somos meros reprodutores ou repetidores de estruturas pré-fixadas, externa ou internamente, e sob as quais há uma programação que nos faz atuar através de réplicas simplistas. Somos encarregados de uma agência sobre o mundo, em funções ocupadas por nós, seres dizentes, contextualmente situados, o que requer não só comportamentos linguísticos adequados, mas também uma compreensão dos lugares e papéis exercidos nas práticas diárias, em perspectivas, com ampla possibilidade de repercussão, refletindo, potencialmente, valores (re)produzidos dentro de uma temporalidade.

Encontramo-nos sobre um solo, e nele existências emergem, não eximindo, cada um, das intenções presentes no momento de atuação, ligando-nos ao socialmente reconhecido e, por muito, validado ou autorizado. Com isso, quero dizer que o significado não é autônomo, mas construído e reconstruído em uso; nos diferentes espaços em que transita, ganha corpo e forma, em um movimento constante com os outros, com os nossos pares, nas experiências travadas que esbarram em conjuntos de saberes e conhecimentos partilhados, funcionando como facetas sobre as quais significações erguem-se e sobre os quais experiências repousam.

Sobre domínios de experiência, Silva (2006, p.308-309), articulando à compreensão dos significados linguísticos, nos diz que aqueles “[...] envolvem conhecimento geral de mundo e do conhecimento contextual e, nesta última vertente, a apreensão completa do contexto imediato, incluindo as dimensões discursivas e pragmáticas”. Aqui, estão implicadas, em alguma medida, as relações que se firmam entre texto, o repertório lexical empreendido e o contexto. Eles, necessariamente, encadeiam um diálogo constante, apontando tanto para a dimensão do próprio sistema, como também para aquilo que o abraça e o envolve, em um plano ainda maior, revelando e fortalecendo a ideia de que mundo e palavra, universo e língua(agem) são codependentes e indissociáveis.

Sendo, ainda, essas mesmas experiências anteriormente citadas, não unicamente individuais, sobre as quais a abertura de significado(s) aflora(m), mas e profundamente, validadas dentro de práticas que envolvem traquejos e bagagem do coletivo, social, histórico e cultural, bases mais sólidas estão acomodadas e propagam-se nas intersubjetividades.

É oportuno dizer que se os sentidos, mais uma vez, não estão nas coisas, objetos e mundo, e que eles são, porque aparecem em intercâmbios; isso implica reconhecer que há flexibilidade quanto às significações, bem como interessante existência de pontes que se fazem nos processos do(s) sentido(s). Há, pois, uma importante faceta que diz respeito à incorporação, tanto dos aspectos relativos ao momento atual do elemento que vem à superfície, como de toda uma trajetória construída, em possibilidades que se dão através das remodelações, do feito e também resultante de usos anteriores, estruturados largamente, em integrações.

Sendo, pois, dotado de “razão e vontade, o homem, constantemente, avalia, julga, critica, isto é, forma juízos de valor” (KOCH, 2011, p.17), o que reforça a ideia, até aqui pleiteada, de que as relações por ele estabelecidas se dão simbolicamente e que não há, naquilo que por ele é expressado, neutralidade, tampouco falta de intenção sobre o que manipulado e operacionalizado. O que nos orientando, por exemplo, sobre as configurações e limites traçados em razão do *ser mulher*, na órbita do social e linguístico, faz-nos entender que há, dentro do publicado, disposições e, por vezes, limitações que as condicionam, a partir de cristalizações, via uso da língua.

As seleções executadas pelos falantes e escritores não se reduzem a simples e sempre inconscientes eleições, pois trazem consigo recortes de domínios que podem escalar e ganhar, através do seu emprego, apoio e reconhecimento de outros interlocutores. Angariando um

status de adesão, tais usos, não só conduzem às próximas produções, mas repercutem e galgam filiações nos mais diferentes espaços de atuação que se estabelecem, potencializando certos significados, contextualmente orientados, em posicionamentos identificáveis através das predileções.

O que aqui estamos tentando explicitar é um viés que nos diz muito menos sobre a forma, e muito mais sobre significar. O que há, no partilhar e compartilhar das estruturas linguísticas, de seus elementos e entornos, são direções que podem e vão sendo assumidas. Para tanto, são consideradas as intenções que pautam os objetivos dos interlocutores, manifestadas, em alguma escala, na cena comunicativa e que vão se inscrevendo no interior da língua, isto é, das atividades de linguagem desempenhadas pelos atores de dizer, em marcas, rastros e inscrições que podem ser seguidos.

Tem-se em vista, então, que o impresso e, por razões várias, o naturalizado sobre *ser mulher*, não é uma estrutura inata. Se pensamos em percursos sociais, a situacionalidade dos sujeito, polos e binarismos dentro de processos históricos, todos eles contribuíram e foram suporte para criação de toda uma conjuntura para e sobre a agência da mulher. Neste percurso e gamas condicionantes, os textos, os discursos e tudo que por e entre eles transita, revela um mundo que, mediante linguagem, propõe/marca nelas (modos/dever) ser.

Ainda que emergjam elementos na superfície textual, em uma “materialidade explícita”, essa não dá conta sozinha de todo um repertório e história que, certamente, amarram-se ao subjacente, pois o que a constitui, conversa com implicitudes que são preenchidas a cada realização.

Sem que nos esqueçamos, e como pontua Koch (2011, p.25), o sujeito de linguagem quando dá às suas palavras um dado sentido, “deve-se entender que ele orienta a interpretação para uma certa leitura. Mas ele tem sempre a possibilidade de renegá-la em seguida, ou fingir que a renega...”, eis o valor e o peso do papel investigativo sobre a natureza das escolhas, organizações, contextos e perspectivas sobre as quais uma leitura faz o véu e escamas caírem, onde há muito mais que meras concepções, mas valores, juízos e convicções, por vezes, sutilmente arquitetados.

Como continua a nos alertar Koch, “não basta reconhecer o significado literal das palavras ou sentenças de uma língua: é preciso saber reconhecer todos os seus empregos possíveis, que podem variar de acordo com as intenções do falante e as circunstâncias de sua

produção” (KOCH, 2011, p.27). E mais, atendo-nos ao que explicita Pinker (2008), corroborando bem com os dizeres da estudiosa, expressos mesmo a respeito da língua, manifestação, constituição, bem como emergência em meio social, apontando para significados, o que compreendemos, em um esforço “denotativo”, é “algum tipo” de realidade, pois

A compreensão do mundo que os seres humanos constroem é bem diferente do fluxo de sensação que o mundo lhes apresenta. Eles empacotam suas experiências na forma de objetos e acontecimentos. Organizam esses objetos e acontecimentos na forma de afirmações, que tomam como caracterizações de mundos reais e possíveis. As caracterizações são fortemente esquemáticas: elas selecionam aspectos de uma situação e ignoram os outros, permitindo que a mesma situação seja interpretada de múltiplas maneiras. (PINKER, 2008, p.482)

É a partir dessas movimentações, de caracterizações e natureza, não unicamente ligadas a aspectos afirmativos, que ao usarmos a linguagem não recorremos, somente, a assertividades, mas fazemos muito mais: refletimos, agimos, informamos, questionamos, nos expressamos, organizamos o fluxo discursivo, os possíveis direcionamentos empreendidos sobre os nossos pares. A compreensão sobre este mundo dá-se entre agência e intervenção para e na interpretação do plano social e são, no fundo, relações estabelecidas entre processos históricos, funcionamento, organizações, adaptações, seleções discursivas, pessoalidades e interpessoalidades, considerando, para tanto, combinações, integração cultural, bem como os fins, na condução dessas ou daquelas execuções linguísticas.

Reportando-nos, uma vez mais a Whitney, encontrando uma importante alegação, pois o mundo sobre o qual imperamos é um “[...] mundo permeado por signos, interpretado por signos, semiotizado pela(s) linguagem(-ns)”, onde “os homens agem, discutem, argumentam, valoram” (WHITNEY, 2010, p.276). É neste lugar que são dadas infinitas possibilidades de arranjo, elaboração e propósitos, onde uma tela se projeta e, especialmente, significados e efeitos avivam-se, quer para o bem, quer para o mal. E, como tão bem expressou Maria Helena Moura Neves (2020), em *Uma visita histórica aos pilares da construção de uma visão funcional da linguagem*³: “Falar é perigoso!”

É, ainda mais, se compreendemos que por meio da linguagem as inscrições ideológicas vão ganhando contornos, configurações e molduras de significados coletivos, em uma espécie de semântica comum sobre *ser mulher*, constituem-se em enunciados que,

³ Disponível em: <https://aovivo.abralin.org/lives/maria-helena-moura-neves/> Acessado em: 09/09/2021.

potencializados, mantêm uma dada ordem ratificada como “natural”, mas que, no entanto, emerge de algum centro prescritivo.

2.2 REPRESENTAÇÃO SOCIAL – HÁ UM OUTRO? SIM, APENAS PARTINDO DO MASCULINO

É dentro de configurações sócias que possíveis construções de sentido, baseadas no tratamento e nos pesos sociais sobre a emergência do humano e suas categorizações, que “cortes” da realidade são efetivados; o dado é tipificado, verdades são produzidas para que reconhecimentos sejam manifestados, em uma busca por “traçados de mundo”, a fim de que sobre os sujeitos empenhem-se e imperem pontos de correspondência/referência.

Diante desse cenário, começamos a apreender determinadas construções, porque é isto que são: feitura, elaborações de sujeitos, em um movimento que “talha”. E para quem nossos olhos se voltam? Para as mulheres, na e por meio da linguagem. É através da cesura da língua(linguagem) que conseguimos, em alguma medida, compreender e traduzir o sistema social que transpassa essa pessoalidade, alcançando-a, deixando um pouco e um tanto “transparecer” qual ideia de ordem social validada como “natural”, genuína.

Algo bastante interessante, invocando outros estudiosos, nos diz Fonseca (2012), quanto à perspectiva da construção social. Sobre a regência das edificações, das associações humanas, existiriam componentes que poderíamos, a nosso modo, chamar de “determinantes representativos”, eles atuam no exercício de um poder sobre (con)formação de características não só tomadas por basilares, mas imprescindíveis para o bom e operacional funcionamento comunitário.

Os “determinantes representativos” arquitetam-se e agitam-se na direção do que pode ser explicitado em termos de distinção, compatibilização e operacionalizações. Esses arranjos demandarão uma articulação que se propõe entre coerência/adequação e existência/aceitação ou harmonia, em uma visão, por certo, idealista a cumprir-se sobre o mundo, onde as diferenças são atravessadas por valores culturais. Nessa trilha, o que temos, então, como diz Boff (2010, p.117), são “[...] sistemas simbólicos. Esses sistemas abrangem tanto a relação que o ser humano tem para consigo quanto as maneiras como se organiza”. É em uma realidade fabricada, construída por homens.

É interessante notar ou chamar a atenção ao fato de que a construção do mundo, deste mundo simbolizado, parte potencialmente da perspectiva do homem. Isso não diz respeito a qualquer incapacidade da mulher, mas sim chama-nos à compreensão de que elas estiveram fora dos lugares, espaços de circulação que, dentro da lógica que ordena sociedades como as nossas, as afastavam política, cultural, econômica e socialmente, sendo “tradicionalmente manipuladas para se manterem fora do simbólico masculino.” (MURARO, 2010, p.191).

O que essas sinalizações podem indicar é o fato de que as sociedades, a cultura, os contextos e os usos, dos quais nos apropriamos, emitem projeções que refletem e refratam o que, cotidianamente, se torna significativo em termos sociais; fala de convenções, de imposições, diz sobre a não criticidade do olhar, pois tomadas, muitas vezes, por naturais, as articulações, simplesmente, são aceitas e decididas eficazmente, gerando pertencimentos ou exclusões ao *ser mulher*.

Talvez, seja válido trazer, para este momento, alguma visão que diga respeito à organização social, mais particularmente, ao estabelecido e mantido a partir dos sexos. Aqui, cabe ressaltar a ideias desenvolvidas por Scott (1995), quando da sua explanação sobre a categoria “gênero”, tomada como construção cultural, criação integralmente social, e que carrega consigo as marcas, o peso, os valores e as ideias dos papéis desenvolvidos e comunicados, enquanto adequados, a homens e a mulheres.

Esses delineamentos, dentro do percurso e das edificações sociais, configuram-se em uma espécie de produto/bula; as formulações sobre os quais atuam os agentes, em interações concretas, sobre significados designados aos sujeitos discursivamente construídos, estão amparadas no interior das plataformas robustas por eles cruzadas. Scott (1996, p.86), nos lembra que dentro dos processos e das estruturas

há espaço para um conceito de agência humana, concebida como a tentativa (pelo menos parcialmente racional) para construir uma identidade, uma vida, um conjunto de relações, uma sociedade estabelecida dentro de certos limites e dotada de uma linguagem -uma linguagem conceitual que estabeleça fronteiras e contenha, ao mesmo tempo, a possibilidade da negação, da resistência, da reinterpretação e permita o jogo da invenção metafórica e da imaginação

Em outros termos, isso sinaliza a existência de mecanismos operantes e, dadas as trajetórias e o repertoriado, margens desenhadas que balizam o “real”, funcionando como

raízes que “pregam” dadas representações imagéticas. Há uma forte tendência, dentro dos moldes e das configurações sobre as quais estamos alicerçados e, especialmente, sobre as trajetórias humanas, inclusive, na estruturação das Ciências, uma forte tendência à visão cartesiana sobre o mundo, suas entidades.

Imperamos entre divisões dualistas e polaridades: de um lado, o masculino e, do outro, o feminino. Estabelece-se, todavia, esse feminino, em sociedades como as nossas, patriarcais⁴, a partir de um esquema de operacionalização *dominum mundi*: competia dominar os segredos da natureza para sujeitar aos interesses humanos. Atualizamos o mecanismo, quando, de modo estratégico controlamos grupos, coletividades, em uma sofisticada intervenção em diferenciação, pois monitoramos e limitamos, atribuímos conceitos que se convencionam em “normas”. Elas limitam as aberturas, as amplitudes, e metamorfoseiam-se como: a posição, o lugar, de onde emerge a dominância, a unicidade, a verdade, o autorizado e o validado.

A constituição da “categoria mulher” não é prene em si mesma, porque não traz consigo uma visão e uma configuração explícitas, vem, porém, de uma busca por uniformidades, contribuindo, de maneira intencional, para o estabelecimento de uma rigidez. Quanto mais sólida e mais convincente, ganha maior força e afasta as alternativas, negociações e/ou contestações. Esse movimento logra inscrições no mundo, afim de que sejam (re)produzidas continuamente, sem existência ou abertura de espaços para outras invocações.

É importante, para que a libertação dessas formatações aconteça, movimentos que se deem em abertura ao pensamento em crítica, pois quando há desprendimento das amarras, de um olhar único, autonomia e descolamento emergem. Aprendemos a ver a partir dos “próprios olhos”, quero dizer, construção e configuração de quem se é, do que se deseja ser, enquanto comissionados sociais. Tal agência incorpora, ainda sim, tanto o pessoal quanto o coletivo, mas opera sobre possibilidades.

⁴ O patriarcalismo/patriarcado é um sistema que estabelece relações de desigualdade no espaço social, instituindo acessos, permanências, bem como atuando na manutenção das relações de submissão da mulher. Torna-se importante, ao menos citá-lo por algumas razões, como bem sinaliza Saffioti (2015, p. 60- adaptado), porque: “ 1-não se trata de uma relação privada, mas civil; 2- dá direitos sexuais aos homens sobre as mulheres, praticamente sem restrição; 3- configura um tipo hierárquico de relação, que invade todos os espaços da sociedade;4- tem uma base material; 5- corporifica-se; 6- representa uma estrutura de poder baseada tanto na ideologia quanto na violência. ”

Voltemos, porém, ao nosso ponto de atenção maior, quando falamos do estabilizado pelos grupos de domínio, onde a concepção de mulher, de *ser mulher*, passa, de antemão, pela estrutura e diretrizes configuradas pelos homens, em um tráfego que as configura e as perspectiva, muitas vezes, asfixiando-as. Aqui, embutida está, a valorização não as especificidades, mas das padronizações.

Rouli (2001)⁵, pensando sobre a localização de gênero, as relações e as organizações, envolvendo as mais diversas esferas da vida, nos evidencia que

A estrutura das relações de poder determina e filtra muitas construções de nossa vida como mulheres. Ela determina a divisão social do trabalho, define e nos objetifica como mulheres, organiza expectativas para quem devemos ser e emoldura as fronteiras na concepção de quem devemos nos tornar.

Torna-se interessante, dentro dessa fala, atentar para o que está na base da concepção sobre *ser mulher*: uma grande unidade em termos de “única instância”, quando, de fato, o que se tem é multiplicidade. Expressões únicas não são capazes de dar conta de uma coletividade, que é dispersa e abundante. A assertividade dos muitos processos de fabrico do mundo, do conhecimento, foi ao longo da história, produzida e protagonizada, sobretudo, por homens, o que se torna relevante quando pensamos sobre as inter-relações, às regulações e às ratificações impostas.

Tem-se, pois, uma roupagem que reveste as relações em domínios do masculino, e desemboca em toda uma vivência, com implicações diretas sobre as formas, categorias e não acolhimento no exercício (diverso) de *ser mulher*. De modo global, nos muitos espaços constituídos, nos vínculos criados, efetiva-se um imperativo masculino, grupo majoritário, sendo, a mulher, ao longo da história, “[...] vista como objeto, vendida como noiva, como escrava ou produtora de crianças e também propriedade exclusiva do homem.” (MORAES, 2002, p.22).

O que está, então, ilustrado são as marcas sociais em designações, permanências e controles, em reforços e perpetuações, reiterando um subjugar masculino secular. De acordo com Lerner (2019), a legitimação do ordenamento masculino tem como gênese um fato natural: a condição da mulher em gestar, a reprodução; incidindo, em um primeiro momento, nos cuidados com a cria, e, em momento posterior, afastando-a das atividades fora do espaço

⁵ Trecho do prefácio escrito em *Ser humana – quando a mulher está em discussão*, de Márcia Moraes, 2002.

“doméstico”, fortificado o lugar de homem, daquele que arbitra. Não se trata, portanto, de um arranjo natural, mas é importante salientar que tanto homens quanto mulheres edificaram e (re)alimentaram a civilização e a ordem conjuntamente.

Algo, porém, acontece quando as mulheres calam, consentem ou mesmo apartam-se ao direito de lutar, reivindicar, comunicar, pois a cooperação que emerge delas, na institucionalização e *status* de subordinação estão ligados através de

uma coerção velada; da discriminação do acesso aos recursos sociais e ao poder político; da doutrinação de gênero; da divisão dos grupos femininos, da rejeição da história feminina e das lutas feministas em prol do fortalecimento das mulheres, da acomodação à vida doméstica; da supressão dos pontos de vista e dos desejos existências. Em outras palavras, na história decorrer dos séculos, as mulheres têm delineado suas vidas sob o teto do patriarcalismo. (MORAES, 2002, p.24)

Isso muito nos pode dizer sobre as formas de aceitação, de participação sistematizada, bem como dos processos de atuação, associação, convivência e perspectivas sobre os próprios conceitos de “verdades”, quando eles não contestados, mas internalizados e assumidos como eternos. Bourdieu (2019) aponta que, na história, o considerado eterno é um bem ou um resultado de trabalho cooperativo entre instituições, que estão profundamente interligadas, como Estado, Família, Escola, Igreja, Mídia, no e para o exercício de terminadas práticas, repercutindo em padronizações e valor sobre as próprias mulheres.

Se retomarmos ao **Quadro 1**, página 25, podemos ver com alguma clareza que ao remeter às mulheres, elas são tidas a partir da falta ou da negação. As categorias e os apontamentos realizados em direção a elas se dão em um curso diferente ao dos homens, do que eles sejam, pois elas não possuem “força”, “esperteza” e “completude”, são definidas mediante ausências.

Para Beauvoir (2013), esses predicativos não se dão ou encontram qualquer respaldo na dimensão da anatomia da fêmea, que dela se utiliza. No entanto, para justificar diretrizes e aprisioná-las, revelando, assim, aspectos culturais e ideológicos, esboçam e traçam espelhamentos, instituindo, assim, a partir da fisiologia e da estrutura corporal, um “destino petrificado”, isto é, ausências a alternativas.

Trazer uniformidade a um universo é não afirmar a coexistência de diferenças, é castrar nuances e é, antes de tudo, impor o sofrimento da discriminação e o suportar do jugo, é

falar sobre posições assimétricas. Repelir consciências, ao não se viabilizam discussões e, em uma última instância, pautar direcionadas em privilégio para um não-feminino, descredencia uma vastidão de desenhos e formas invalidando-os, corroborando com desqualificações e habituando-nos às sombras.

Nessas regiões, a voz hegemônica ganha posição, confirma, dá credenciais, reforça ideias, tornando-se a presença que outorga: recomendado x não-recomendado, reconhecido x não-reconhecido, desejado x não-desejado. A perpetuação do olhar masculino aceito, com naturalidade tamanha, em relação ao *ser mulher*, como se vida própria e escolhas não pudessem ser feitas por elas, endossa um constante valor de submissão, sempre e a partir de um acordo sem negociação, além de um mutismo imperativo no atendimento às cláusulas que regem vidas e (de)marcam aquilo que possa ser, a elas, compreendido como “próprio”.

Sobre condutas, comportamentos, formação de determinados aspectos de agência, aceitações e conformidades, Moraes (2002, p.73 – grifos da autora) nos diz algo proveitoso, afirmando que “[...] como parte de um cenário institucional - a sociedade -, devem-se alcançar determinadas expectativas que compõem a matriz social, e não as alcançar faz com que a exclusão seja a *marca de não-vida*”. Se nos movimentarmos pela ótica tanto de quem é visto, quanto daquele que vê a si mesmo, frequentemente, as mulheres são “lembradas” a não ultrapassarem fronteiras que lhes foram outorgadas; as absorções do tradicionalmente consolidado são profundamente consideradas e as formas históricas são (re)produzidas constantemente. Tanto umas, quanto as outras ganham apoio e proteção, dentro dos muros de uma sociedade que exercita e consagra regulações e definições.

O que compreendemos, então, a partir dos ajustes e modelações, diante do que é posto como “de sua natureza”, é a existência de um plano de marcações e negociações que fomenta os distanciamentos mulher x homem, e auxilia no destoar da imensa complexidade que compõe os indivíduos. No que é esculpido como certo e transparente, está o convencional, está um discurso e ideologia que ganham aspectos universalizantes e reduzem a agência social das mulheres, em razão do que é definido para elas, pois

Dado o fato de que é o princípio de visão social que constrói a diferença anatômica, e que esta diferença socialmente construída que se torna o fundamento e causação aparentemente natural da visão social que a alicerça, caímos em uma relação circular que encerra o pensamento na evidência de relações de dominação inscritas ao mesmo tempo na objetividade, sob forma de divisões objetivas, e na subjetividade, sob a forma de esquemas

cognitivos que, organizados segundo essas divisões ordenam a percepção das divisões subjetivas. (BORDIEU, 2019, p.26)

É nesse contexto ou ordenamento que as dicotomias são introduzidas, estabilizadas e multiplicadas, desde o ambiente familiar; o privado também público. Os valores ali incorporados norteiam comportamentos, bem como os “formatos” aprovados e, assim, estipulam barreiras ou dificultam redefinições. Pensar em redirecionamentos e reorientações, em certa medida, auxilia a promover movimentos de transformação e, diante das expectativas, especialmente, sobre os modos de ser, desarranjaria toda uma ordem já implementada, desestabilizando o sistema criado, “perturbando a paz” daqueles que compreendem, as mulheres, como ameaça.

O que fica implicado, nesses dizeres, é que as relações, então estabelecidas de poder e atuação, distanciam-se, como reporta Moraes (2002, p.84 - grifos da autora), de uma “*defesa pela coexistência das diferenças*, que deve ser articulada na arena social de forma que possamos estabelecer a efetiva negociação dessas diferenças”, e acrescentamos: sobre aquilo que se deseja ser reconhecido para e no rompimento de padrões e não na ratificação de “tendências” e concepções largamente apresentadas, solicitadas com veemência, em possibilidades de desdobrarem-se, não só em modos de pensar, mas um agir que recombine o pré-existente.

O que temos, em alguma escala, são definições desenvolvidas a partir de focos atencionais. Elas dizem respeito sobre as características e práticas, tornadas essenciais, sem contestação, a serem seguidas por todas as mulheres. Não há espaço para inquietudes, pois as definições e agências são “transparentes”, facilmente acessadas e nitidamente verificadas, ao longo do tempo e das tradições, como parte integrante de uma “dada natureza”, de uma gênese.

O oposto a isso, em suas diferentes dimensões e versões, é desvalorizado e não-autenticado socialmente, alçando a categoria de não-pertencimentos e, conseqüente, de vida; os reconhecimentos sociais são dados via traços separatistas, para e na manutenção de uma ordem fortemente sedimentada, através dos usos da língua(-gem). Isso denota, para nós, uma autoridade também conferida mediante forma/expressão do linguístico, na organização do que pode ser tomado como central ao falarmos sobre o social e suas entidades, em razão de um construído que é resultante das relações e das articulações nas trocas enunciativas, nas

apropriações de sistemas simbólicos, que atravessam o compartilhado e evidenciam valores através da corporificação do *ser mulher*.

2.3 A NÃO AUTONOMIA DE SI – O POTENCIAL LINGUÍSTICO NA CONFIGURAÇÃO DO *SER MULHER*

Começamos dizendo que as versões autorizadas e “naturais” sobre e de (ser) mulher não emergem na aleatoriedade, mas se encontram fundamentadas na história, no passado, na constituição de uma verdade que é tomada como imutável, a partir das relações, em marcações simbolizadas, onde uniformidades passam a ser incluídas. Em efeitos reais, nas práticas desenvolvidas societariamente, a diferenciação, enquanto sistema classificatório, atribui uma “substância” negociada, emergida em interesses e fazendo estar às sombras o que não pode e nem deve ser reconhecido, filiado, agregado, em um processo de regulação sobre a vida delas.

Esses processos de produção, estabelecimento e validação passam, sempre, pela língua. Seu uso, posto que não há como desarticular da construção, das trocas intersubjetivas, das concepções, do mundo, incide sobre determinadas pautas, repertórios, a fim de que argumentações e alegações não sejam dissolvidas, justapondo-se aos sujeitos que são fixados em determinados lugares, ocupam certos espaços e se movem neles.

Hall e Woodward (2014, p. 18), a respeito de certas autonomias ou restrições, quanto ao exercício das individualidades, afirmam que “é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa existência e àquilo que somos. Podemos, inclusive, sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar”, evidenciado, então, a existência de limites sobre os quais atuamos e as superfícies pelas quais nos deslocamos.

São os discursos e esses sistemas de configuração/representação que constroem as narrativas sobre identificações em termos de apropriação, posição, função e exercício de “liberdade”, onde o diferente é contestado e há significações preferidas, para que propósitos sociais sejam firmados, em tons de modelagem, repletos de articulação sobre (con-)formação social.

É na atividade de linguagem, em uma dimensão mais ampla, que recorremos a uma compreensão de discurso, sabendo da sua forte e essencial cooperação para as determinações estruturais, posto ser “ o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre outros, como também um modo de representação” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 94-95), e é ele, sem dúvidas, que auxilia na institucionalização de sistemas classificatórios, como o exercido sobre as mulheres, constituindo-as e configurando-as, sendo esses, como também salienta Fairclough (2016), uma das contribuições e dos efeitos do discursivos⁶ na e para a elaboração das relações entre os indivíduos.

Pensar, especificamente, sobre essas relações, como emergem e como as negociações através dos usos são dados, apontam para a Metafunção Interpessoal e todo um aporte teórico promovido e estudado dentro dos enquadres do Sistema de Avaliatividade⁷. Ele auxilia no enxergar das realidades, do mundo social e daquilo que o rege, via práticas discursivas concretas e institucionalizações, inclusive, sobre formas de ser, a partir do “disponibilizado”, via sistema, isto é, nas posições que podem ser assumidas, em razão do que (con)julgado, invocado, em processos deterministas que, estando firmemente sustentados, não assumem forma etérea, mas concreta e orientadora.

É dentro desse cenário de trocas e construções, mediante as relações, em jogos de dizer, habitantes de uma realidade convencionada, que encontramos estruturas reveladoras do que não só se acumula em práticas reais, mas que também tipificam “orientações” dadas às mulheres.

O que se acha, neste lugar, implicado é o entendimento de que as práticas, aqui (d-) enunciadas, envoltas estão por caráter político e ideológico, pois

O discurso como prática política estabelece, mantém, transforma as relações de poder e as entidades coletivas (classes, blocos, comunidades, grupos) entre as quais existem relações de poder. O discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder. Como implicam essas palavras, a prática política e a ideológica não são independentes uma da outra [...] (FAIRCLOUGH, 2016, p.98)

⁶ Fairclough (2016, P.95), nos diz existir três aspectos dos efeitos discursivos. “O discurso contribui, em primeiro lugar, para a construção do que variavelmente é referido como ‘identidades sociais’ e ‘posições de sujeito’ para os ‘sujeitos sociais e os tipos de ‘eu’ (ver HENRIQUES et.al., 1984; WEEDON, 1987) [...] Segundo, o discurso contribui para construir as relações sociais entre as pessoas. E terceiro, o discurso contribui para a construção dos sistemas de conhecimento e crença. ”

⁷ O Sistema de Avaliatividade, bem como as discussões quanto ao seu lugar de emergência e conexão à Linguística Sistêmico Funcional serão melhor expostos no Capítulo 2 desta tese.

Relação entre política, poder e luta, advém de códigos, dos tipos de atividades propostas, de convenções e de normas que podem se dar em condições de significações, geradas em ambientes diversos, como no campo midiático⁸. A título de exemplificação, podemos tomar o seguinte recorte:

“[...] No projeto, por exemplo, não só se reconhece **a posição positiva da mulher como colaboradora na direção da sociedade conjugal**, como se lhe confere **maior autonomia na condução dos próprios negócios**, tudo isso **sem quebra da unidade familiar...** (Folha de S. Paulo, 08/03/70)⁹

O que são esses dizeres, se não, por toda uma configuração histórico-social, das relações estabelecidas pelos sujeitos, um desafio às práticas, até, então, institucionalizadas, em que as mulheres são sujeitos sem plena autonomia quanto à vida financeira, à administração de seus bens, deparando-se com a intervenção e fiscalização de um homem diante de algum patrimônio? São elas, também, o laço, o elo, a parte do “contrato” responsável pela “unidade familiar”; a essas mulheres lhes são imputadas grandes responsabilidades e, caso os “fracassos” aconteçam, entenda-se, divórcios, tornam-se as protagonistas/antagonistas de uma desestabilização da sociedade, em sua forma “tradicional”.

Se pensássemos em uma configuração, em forma de quadro ilustrativo, teríamos a seguinte possibilidade de leitura, em pesos e medidas bem diferentes, caso não, opostos, a partir do recorte trazido anteriormente:

Quadro 2 – União entre homem x mulher

Homem (casado)	Mulher (casada)
Chefe	Colaboradora/coadjuvante
Total autonomia financeira	Maior autonomia financeira
Cumpridor do contrato matrimonial	Possível causadora da ruptura do contrato
Soberano	Dependente

Fonte: A autora (2022)

⁸ Recorremos à esfera midiática por ser ela nosso *locus* de extração do *corpus* desta tese, especialmente, à esfera jornalística que, através do trabalho desenvolvido e disseminado, pode auxiliar a propagar a visibilização de determinados “filtros” sociais, a partir de óticas específicas.

⁹ Texto intitulado “*Reale em Porto Alegre: o novo Código Civil vai ampliar as conquistas da mulher casada*”, parte do nosso corpus restrito, sessão Política.

Essas significações, no entanto, são passíveis de atualização e mudança, mas por gerarem certas apreciações dentro do sistema sobre o qual operacionalizamos e centramos nossas expectativas, costumam, dependendo dos contextos, ser não só (re)ativadas, mas esperadas, desejadas e devotadas. Woodward (2014) nos auxilia a olhar para o que elencando logo acima, a partir de um enfoque sobre relações de poder, especialmente, em parâmetros que levam inclusões e exclusões, via discurso dominante para e no elencar de condições e posições.

Características relacionais, como as expostas no **Quadro 2**, nos ajudam a compreender que só são possíveis os estabelecimentos e (re)produções dentro desses encadeamentos, porque dentro das interações as qualificações e as discussões manifestam-se em diretrizes, ou seja, atributos aos membros, consensos, sementeira de valores e metas na (con-) formação dos grupos, como é o caso do instituído às mulheres.

O que temos são práticas largamente distribuídas, compartilhadas, hierarquizadas que sinalizam autoridade e comando sobre o estabelecido grupalmente, homem x mulher, por exemplo, em que práticas efetivadas constroem espaços ou cerceamentos e as orientações dos mais poderosos, do grupo mais forte sancionam possibilidades e exercício de governo sobre o outro, a fim de dar “sentidos as experiências”, entre seleções e especificidades, sendo “constrangidos, entretanto, não apenas pela fama de possibilidades que a cultura oferece, isto é, pela variedade de representações simbólicas, mas também pelas relações sociais” (WOODWARD, 2014, p. 19).

Interessante notar que as diferenças instauradas, como “ser subordinada/dependente”, “ser mais independente”, “ser descumpridora” (dos acordos e deveres), só podem se dar em virtude da construção e configuração de um outro tipo de afirmação. Dito de outra maneira, essa composição se instaura a partir de uma relação referência x diferença¹⁰, em uma cadeia de negações/negociações a partir de um outro ser humano, neste caso, o homem, que pelos contornos acima elencados, assumem uma condição ou *status* positivo: “ser chefe”, “ser cumpridor” (dos acordos e deveres) e “ser autônomo”, quando o ela, remetendo a uma parcela da extensa cadeia de negociações, não é o que eu, homem, sou.

¹⁰ Quando sinalizo uma relação entre referência e diferença, estou propondo uma construção dada socialmente a partir do masculino. Assim, o diferente, a falta e a lacuna relacionam-se, por exemplo, em contraponto ao que não seria o homem, tendo-o como imagem modelar, parâmetro, isto é, como eixo norteador para as configurações sociais.

O que estamos tentando dizer, aqui, neste espaço, é que essas entidades, tanto homem como mulher, nas configurações descritas, não são “seres da natureza, mas da cultura e dos sistemas simbólicos que a compõem” (SILVA, 2014, p.78). Essas elaborações e concentrações nunca estão articuladas a um referente natural, mas são discursiva e linguisticamente impostas ou arquitetadas, havendo, muitas das vezes, disputas de significações em uma exaustiva tentativa de universalização, do que, na verdade, é múltiplo, plural; estar neste lugar e ser abarcada por certas formatações, como o são as mulheres, é dificultar acessos, por exemplo, a recursos simbólicos e materiais.

Reiterar certas afirmativas, estreitar alternativas são, fatalmente, tradução do desejo e dos valores de determinados grupos. Elas não são inofensivas e sem serventia, mas sim impressões de marcas fronteiriças, classificatórias, com forte intenção regulatória em padronização, pertencimentos e posições, pois “[...] dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar. Deter o privilégio de classificar também significa deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados” (SILVA, 2014, p.82), corroborando na e para manutenção de sujeitos tornados periféricos e fragmentados, sendo, como endossa Silva (*ibidem*), a mais considerável forma de classificação “aquela que se estrutura em torno de oposições binárias, em torno de duas classes polarizadas.”

E o que é ou não é *ser mulher*, de acordo com as marcações, problematizações e fortes binarismos que trazem para o centro: valores, divisões e cargas sobre a “ser humana”, como gosta de marcar Moraes (2002), em uma sociedade de imperativos, tal qual a nossa que condicionada, encarna, elege, prefere, escolhe e seleciona significados?

Quem nos auxilia a compreender melhor essas questões é Magalhães (2000)¹¹ e Menezes (2011), ao trazerem possibilidades ao trabalharem dois aspectos para e na construção da visão que a sociedade tem do *ser mulher*. Magalhães (2000) faz duplo recorte revelando que nos discursos e representações que circulam há: a) uma mulher emancipada e b) uma tradicional. A mulher tradicional (Menezes, 2011) segue papéis, preceitos e comportamentos tidos como espontaneamente femininos, e a mulher emancipada, se coloca ao lado da política emancipatória, eliminação da exploração, da desigualdade e da opressão, assim como desenvolve uma política de vida, em que decisões e estilo de existência são advindas de uma liberdade de escolhas e interesses.

¹¹ Cf. “O discurso do Outro e a Identidade da Mulher: da colonização à década de 1990” (2000)

A corporificação dessa mulher tradicional com a mulher emancipada não convive de maneira pacífica, pois, no fundo, reflete uma certa inquietude social instituída entre o posto e o inovador, corroborada pelos discursos midiáticos que “usam o seu poder sobre os seus leitores, manipulam a visão que a sociedade tem da mulher (inclusive, a visão que a própria mulher tem de si) e reproduzem o conceito hegemônico do que significa ser mulher” (MENEZES, 2011, p.88).

O que temos, via de regra, não está ligado à distinção, mas a uma busca por ratificação do “mar de iguais” que mantém barreiras e determina espaços. Torna-se necessário, como bem diz Silva (2004, p.101), ao explicitar sobre currículo e pedagogia da diferença, “introduzir a cunha da diferença em um mundo que sem ela se limitaria a reproduzir o mesmo e o idêntico, um mundo parado, um mundo morto [...]”, onde “descontinuidades são essenciais”, isto é, olhar e considerar o múltiplo, em termos de abrangência, é potencializar lugares, vozes e ações nas mais diversas esferas sociais, é construir novas rotas, em perspectivas mais vastas.

Se pensarmos nas construções sociais, especialmente, refletindo sobre as mulheres, que é onde está localizado este estudo, há uma projeção sobre elas, melhor dizendo, há uma forma de se fazer ver que é mediada e, como sinaliza Spinelli (2018), operacionaliza sobre valores e práticas dentro das relações travadas em um sistema estabelecido.

Tal perspectiva requer, no entanto, compreender que as esferas componentes desse enquadre transitam sobre o marco da vida e são cruzadas pelo poder, pelo político e pelo econômico constituindo a experiência humana. Em potencial, falamos sobre o lugar, muitas vezes, a ela designado, cerceando igualdade e liberdades, em vias de subordinação, em uma hierarquia ancorada sobre “características naturais”, dificultando a validação de relações mais simétricas e justas, perpassadas, impreterivelmente pela linguagem, por um ordenado que se faz também linguisticamente.

Através de marcações ou categorizações são firmados marcos, isto é, linhas divisórias que impossibilitam multiplicidades de ser, como já dito, e que reduzem os sujeitos a alguns poucos significantes e *status* de “normalizações” (re)afirmando verdades e regulamentando práticas cotidianas.

Dentro dessa conjuntura, mas não só de uma percepção de distinções e desfavorecimentos, surge o feminismo, “num momento histórico em que outros movimentos

libertação denunciam a existência de formas de opressão que não se limitam ao econômico” (ALVES; PITANGUY, 1985, p.7). As autoras dizem que esse movimento foi/é mecanismo utilizado para superar as desigualdades em diversas frentes, “alinhando-se a todos os movimentos que lutam contra a discriminação em suas diferentes formas” (p.74).

Se pudéssemos dividir, em caráter didático, o movimento feminista, ele se concentraria em três grandes frentes: i) a partir do mobilização sufragista, desembocando na participação delas sobre decisões públicas, em uma igualdade jurídica; ii) aquele que questiona a subordinação da mulher nas relações interpessoais, com base em hierarquização; e, ainda, iii) o que busca mostrar as distinções quando estão envolvidas raça, classe e região, posto que as reivindicações, a depender de quem e de onde se fala, em qual instância social, variam e exercem, sobre elas, forças mais ou menos “limitantes”.

Nessa conjuntura, é revelada uma busca por igualdade entre os sexos sem diferenciações de papéis, trazendo à tona questões culturais que constroem um caráter naturalizador sobre as mulheres, quando “a condição da mulher estaria amparada na biologia e na opressão por parte de uma cultura masculina, onde para o corpo convergia a desigualdade e opressão” (TELES; PISCITELLI, 2018).

É interessante validar que é a partir do segundo contexto, segundo marco, dentro do movimento feminista, em aspecto mais macro, que o nosso *corpus* parte, ou seja, década de 60 (sessenta), já que ele está instaurado temporalmente entre 1960-1980¹², cuja habita a ideia de que se configurações e categorizações emergem, mediante uma construção e tradição, elas também são/estão passíveis a transformações. É, de outra forma, compreender que posições ocupadas ou condicionadas não têm valor determinista, universal.

É nesse período que as mulheres começam a sair de um lugar privado, doméstico, atuando em busca de espaços da vida pública, daquilo que está fora do “universo do lar”. Os movimentos realizados têm como base o sexismo institucional e como objetivo tanto a igualdade para as mulheres, como já dito anteriormente, mas também direitos humanos gerais, resultando em uma maior conscientização sobre aquilo que envolve a mulher, bem como a busca na promoção de reformas no âmbito político.

¹² Os movimentos feministas são também conhecidos por ondas, 1ª, 2ª e 3ª ondas respectivamente. Eles são caracterizados, grosso modo, da seguinte maneira: 1ª onda – reivindicação sufragista; 2ª onda- busca por liberdade e igualdade; 3ª onda- o combate ao preconceito de classes e sexismo.

Tem-se, pois, um traçado de entendimentos e categorizações que dividem realidades, um sistema que (re-)produz noções de *ser mulher* e formata diferenciações. É importante que não nos esqueçamos, diante do todo, que significar é pleitear atribuições, produzir interpretações sobre uma dada entidade ou concretude; tem a ver com estruturas articuladas a um complexo de representações que tendem, potencialmente, a descortinar Atitudes, positivas ou negativas, mapeando, inclusive, emoções, julgamentos e ponderações, a partir do socialmente estipulado em meio à cultura com intensificação ou atenuação em possíveis significados.

Começamos, assim, a nos voltar, propriamente, para o Sistema de Avaliatividade (SA), seu funcionamento, particularidades e associação à Linguística Sistêmico Funcional (LSF); em quais bases está assentado, o caminho teórico percorrido e as pontes lançadas quanto ao sistema apresentado e proposto pelos estudiosos Martin e White (2005).

3 “UTILIZAR-SE DA LINGUAGEM É MAIS DO QUE, APENAS, TROCAR INFORMAÇÕES”

“Através das nossas escolhas lexicais revelamos nossos valores e crenças, assim como nosso posicionamento ideológico, político e social.” (Norman FAIRCLOUGH, 1989; Viviane HERBELE, 1997)

A noção de língua perpassa este capítulo e segue a trilha considerando configurações de algumas escolas linguísticas, como Estruturalismo e Gerativismo, que compreendiam o empreendimento de dizer, em razão não só do próprio sistema, mas também como um módulo, parte da cognição do sujeito, com uma língua(-gem) distanciada do social. Ainda, dentro dessas discussões, chegamos à inter-relação usuário, língua e sociedade que nos diz sobre um interagente que se utiliza da língua para cumprir certos propósitos, em uma articulação função x uso, como bem explorada pela Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) e, mais particularmente, de uso que imprime valorações, como nos faz compreender o Sistema de Avaliatividade (SA), em conceitos e categorias que serão confirmadas, por exemplo, através das já mencionadas Atitude Gradação.

3.1 A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL (LSF): NO CAMPO DOS ESTUDOS SOBRE A LÍNGUA, ONDE ESTÁ SITUADA?

A partir de um longo percurso nos estudos que envolvem a linguagem, articulando-os aos primados de Saussure, conseguimos percorrer vários vieses em que os estudos da língua estão centrados. No decorrer do aprimoramento e das práticas compreendidas, bem como o perpassar entre o individual e coletivo, encontramos caminhos vários na busca e realização entre o que está em uma realidade mais eminente e o que pode ser projetado em um campo de maior abstração e distanciamento.

Não à toa, os complexos semióticos ganharam olhares especiais e distintos, passando de “independência” à articulação entre social, histórico e cultural, validando espaços, interlocuções e diversidade, considerando, então, fatores que influenciam especificamente ou indiretamente aquilo é compreendido enquanto língua, bem como capacidade humana de comunicação, que lhe é tão própria e peculiar, fazendo-nos refletir sobre questões como representatividade, vida e potencial.

Nos estudos desenvolvidos dentro das tradições investigativas, em seus focos atencional e intencional, bem como do reconhecimento do alto potencial de língua, nem sempre a língua foi compreendida da mesma forma e demandou longos, produtivos e transformadores caminhos, isto é, tivemos desde um legado que estabelecia tal patrimônio com foco maior na estrutura para referenciar o mundo até aquele que se ocupa, na projeção da realidade, em articulá-la aos contextos comunicativos de uso.

Antes de mais nada, é interessante tomar um caminho de volta, a fim de tentar, ainda que com alguma simplicidade, identificar um fio que sirva como sinal, como indicativo, para posicionar o Funcionalismo, mais especificamente a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), já que é para onde dirigimos a nossa atenção e através da qual lemos/leremos uma realidade que nos circunda, atravessa e preenche; serão, pois, as nossas lentes, neste trabalho, entre trocas e compreensões.

É importante lembrar que ao falarmos de Funcionalismo¹³, no qual está alicerçada a perspectiva aqui adotada, há multiplicidades quanto às configurações internas e aos modelos de estudo, isto é, não se trata de um grupo unificado, mas que encontra amparo e convergências quanto aos pressupostos, suas bases e pontos-de-vista, no que diz respeito ao fazer investigativo.

Tomando como orientadora a fala de Furtado da Cunha (2012), o Funcionalismo é compreendido enquanto “ uma corrente linguística que, em oposição ao estruturalismo e ao gerativismo, se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas” (p.159). Vale ressaltar que os movimentos introdutórios nos estudos de linguagem, vistos quanto Ciência, pela ótica do Estruturalismo e do Gerativismo, compreendiam uma apreciação da linguagem sem a ênfase no sujeito real do dizer, assim como se respaldavam em toda uma arquitetura investigativa que recorria a aspectos formais, sem adoção de critérios interacionais.

Assim como o Funcionalismo não se fecha em uma única orientação, mas se configura dentro de alguma elasticidade, o mesmo acontece com o Estruturalismo, posto que não há representação única ou território exclusivo; dentro dos estudos desenvolvidos pelos estruturalistas, pensado no campo fecundo da linguagem, concepções e organizações encontram uma zona de intersecção ao se analisar as estruturas linguísticas.

¹³ De acordo com Antônio e Oliveira (2015), há, pelo menos, duas escolas linguísticas funcionalistas: 1) Escola Europeia e 2) Escola Norte-americana.

As relações estabelecidas entre parte/elemento(s) x todo/conjunto, suas combinações, princípios e concepções de sistema, apontam para uma totalidade ordenada, tendo em Saussure o precursor. De acordo com Costa (2012), usa-se da lógica e das leis internas desse “organismo”, a língua, suas peças, as movimentações realizadas, os valores, aquilo que a regula e a dirige, como exposto e metaforizado pelo próprio Saussure, no Curso de Linguística Geral (CLG).

Se fizermos um compilado de características, pensando no que é enfatizado pelo Estruturalismo linguístico, teríamos algumas concepções fundamentais cuja centralidade estaria em torno das seguintes usualidades conceituais:

- a) A linguagem é compreendida como um sistema articulado;
- b) A língua é detentora de um carácter sistemático e regular;
- c) A língua é autônoma;
- d) As partes que compõem a língua estão organizadas e dispostas, dadas as relações internamente estabelecidas entre elas.

Tais concepções levaram os estudiosos estruturalistas a desenvolver seus programas, mas abrindo mão do espaço reservado às interações entre as pessoas, sendo o uso relegado a um outro estado, a “uma disciplina secundária (denominada às vezes, ‘linguística da fala’, outras vezes, ‘estilística’), à qual coube tarefa ‘menos nobre’ de legislar sobre fatos sujeitos a uma regularidade precária” (ILARI, 2011, p.59). Ou seja, aos estruturalistas, a partir das perspectivas lançadas e difundidas, coube examinar, propriamente, a estrutura, o “esqueleto linguístico”; tiveram, pois, como intuito pormenorizar o modo como o sistema ordena-se, arranja-se e organiza-se.

A grande questão, em se tratando de fenômenos linguísticos, mas não posto em relevo pelo estruturalismo, está na ausência daquele que desfruta e assume valor nas produções realizadas. Em Benveniste, há uma crítica quanto a programa desempenhado até então, pelo estruturalismo, pois teria: i) omitido o papel essencial que o sujeito desempenha na língua; ii) a relação entre o gramatical e lexical está ambientada como resultado de distintos momentos históricos, e não deveria haver uma delimitação puramente sincrônica, mas uma pancronia; iii) uma ausência de liberdade linguística, ou criatividade; iv) falta de articulação entre ideologia, política e história. Questões como essas, nos assegura Ilari (2011), colaboraram e repercutiram, negativamente, sobre os investimentos e o fazer científico realizados pelos estruturalistas e nos distanciam, também, do fazer investigativo proposto pela LSF.

O que se teria, então, é um sujeito amarrado à realidade/vontade de um sistema linguístico que o molda, o isola e o prende, uma espécie de força “centrífuga”, de dentro para fora. Isso apontaria, em certa medida, para a manutenção de movimentos do espaço gerador, de si e sobre si mesmo, em retroalimentação, impondo condições próprias, quer para trajetórias de mudança ou de manutenção, sem que o usuário (real ou potencial), desse complexo, dispusesse de meios ou recursos para intervir sobre a própria língua(gem), pois ela é tomada como dada.

O que há, aqui, é um princípio de aderência e inseparabilidade, dito de outra forma, a existência, dentro do movimento do estruturalismo linguístico, de um “estudo imanente da língua” (MARTELOTTA, 2012), ou seja, uma língua que é compreendida, verificada e validada a partir de relações internamente determinadas, sobre é descrita, mostrando-se insubordinada e independente das “pressões” dos indivíduos, no campo de análise, em natureza própria, na direção língua <--> língua.

Em uma outra perspectiva, a partir da “decadência” do movimento estruturalista, e da compreensão que se apresentava sobre os fenômenos de linguagem, especialmente voltados para a relevância do sujeito, tido como competente linguisticamente, desvenda-se um outro horizonte no que diz respeito à agenda investigativa e que traz como marco não a mera descrição da estrutura linguística, mas a capacidade dos sujeitos em adquirir, organizar e utilizar tais estruturas. Falamos, aqui, do empreendimento gerativista, também conhecido por Linguística Gerativa ou Gramática Gerativo-Transformacional.

Esse grupo de estudiosos encontra seu lugar em dissociação ao que vinha sendo desenvolvido anteriormente, pensando-se em termos de uma Linguística Histórico-Comparativa e seu viés estrutural. Aqueles, então, debruçam-se sobre aquisição da linguagem, entendendo-a mediante um contexto cognitivo e inclina-se a “descrever e explicar *a natureza, a origem e o uso* da linguagem humana” (KENEDY, 2013, p.16- grifos do autor); a língua(gem) é tomada como um fenômeno próprio ao homem, característica particular da sua cognição e produto de uma faculdade mente/cérebro.

A língua é assumida por inata, uma singularidade, e não mero resultado do campo social, externo. Murad (2011, p.349), nos diz, evocando como perspectiva o ponto de vista cognitivista, que “o comportamento social não é o objeto de pesquisa, ele passa a ser um dado que pode fornecer evidências sobre os mecanismos internos da mente”. A relação, aqui, tem como critério a compreensão de que há uma herança biológica observável, dadas as

experiências, amparada em uma gramática, bem como a existência de uma faculdade comum aos seres humanos, cabendo os linguistas trazer à superfície aquilo que pode ser revelado quanto ao conhecimento¹⁴, sendo a língua(gem) um sistema cognitivo, um tipo de saber estritamente humano.

Esses pontos nos apontam à uma espécie de segmentação que comportaria e fundamentaria, por assim dizer, a configuração própria do sistema de língua(gem) articulando-o à existência de compartimentos, um princípio definido pelas Ciências Cognitivas como *modularidade*; a linguagem, como sinalizado por Kenedy (2013, p. 35), dentro desse perfil investigativo, é “apenas um componente no meio de muitos outros componentes cognitivos existentes na mente”. Apresentar tal aspecto é dizer sobre uma natureza e um funcionamento próprios ao sistema e que, por suas especificidades, propicia uma atividade que, em execução, garante não só a elaboração, mas também apreensão, compreensão de ordenação e organização linguísticas.

Se esse arranjo é dado através de módulos, como pode ser observado na representação da **Figura 1**, página 54, eles estariam compreendidos entre: fonológico, morfológico, lexical, sintático, semântico e pragmático. À Linguística, como apontava Chomsky, compete como atribuição fundamental: “[...] descrever com objetividade científica, o conhecimento linguístico dos falantes. Para ele, a teoria linguística deve descrever os procedimentos mentais que ‘geram’ as estruturas da linguagem...” (KENEDY, 2013, p.17). Busca-se explicar como o humano, no que diz respeito à mente, adquire e processa as estruturas de língua(gem).

Aos gerativistas, recai o olhar sobre aquilo que o (sub)módulo lexical dimensiona: a análise da palavra, da expressão acústica, do significado, bem como a sua usualidade e condições. Em síntese, detêm-se a uma investigação singular sobre o conhecimento linguístico peculiar sobre a palavra, que atravessa toda a nossa formação de dizer, desde a aquisição da língua(gem) até a fase adulta, posto que, em todo tempo, elaboramos e identificamos entidades lexicais¹⁵.

¹⁴ Aqui, tomamos a acepção de “conhecimento” operado por Kenedy (2013, p.12): “Conhecimento, por sua vez, é a palavra que usamos para fazer referência aos estados cognitivos de uma pessoa, os quais resultam da interação do indivíduo com seu ambiente físico e sociocultural.”

¹⁵ “[...] o léxico contém, é claro, as especificações sobre a relação arbitrária entre o significante e o significado de um grande número de palavras (...) mas contém o conjunto de todas as informações fonológicas, morfossintáticas e semânticas imprescindíveis para a aquisição e o uso da língua do ambiente”. (cf. KENEDY, 2013, p.31).

Tal perspectiva aponta, reportando aos aspectos do modularidade, ao (sub)módulo da sintaxe, principalmente, em se considerando a não-finitude nos processos de elaboração de sentenças, sem que mesmo, anteriormente, tenhamos sido expostos a alguma delas, pois o número de sintagmas e frases que geramos e difundimos são incontáveis.

Figura 1- Submódulos da linguagem



Fonte: KENEDY (2013, p.43)

É importante lembrar que, aqui, não se trata de um retorno às bases do Estruturalismo, mas um abrir-se à explicação não só do que já produzido, mas do que se une ao porvir; ou seja: i) para o que se desperta potencialmente ao (talvez a ser) efetivado, dada ii) a existência de uma habilidade do usuário/falante ao discernir entre o gramatical ou o agramatical (*competência linguística*), considerando iii) uma natureza concebida enquanto inata da língua(gem). Vale reforçar que a língua(gem) não se trata de mera soma, repetição ou resultado a estímulos do meio, no convívio social, posto que também depende das singularidades e da história/percurso de cada indivíduo (*desempenho*).

Mas, ao priorizar por estudar a “competência”, Chomsky abre mão de falantes reais e concentra-se em um ‘usuário’ ideal, construindo seu percurso investigativo em torno de uma língua irreal ou uma língua(gem) prototípica, já que está alheia a aspectos, dela, constitutivos, por nós considerados, como: sociedade, história e cultura.

É necessário dizer que as investigações processadas pela corrente gerativa buscavam se configurar a partir de relações exatas, explicando a língua(gem) de maneira matemática,

para além dos estímulos, e por se tratar de uma capacidade inata, a língua(gem) humana se desenvolveria de qualquer maneira. Para os gerativistas, a ênfase de seu trabalho recairia em uma explicação modular, como sinalizada anteriormente, dos processos mentais, compreendendo seu objeto investigativo enquanto parte da cognição humana, que geneticamente repassada, geração após geração, a todos os indivíduos, e se

[...] todos os seres humanos partilham de uma mesma dotação linguística, isso significa que todas as línguas humanas teriam necessariamente características comuns, já que são todas faladas pelos mesmos seres humanos que, biologicamente, não se diferenciam em nenhum lugar do planeta. Ao princípio que regula o funcionamento geral das línguas, inclusive impondo limites na variação delas e assemelhando-as, chamamos gramática universal (GU). (SOUZA, 2014, p.40)

Houve por parte dos estudiosos dessa vertente linguística, além do debruçar analítico sobre entre o que pode ou não ser combinado, a ordenação dos elementos da língua, a operacionalização de maneira natural e “inconsciente”, uma necessidade de examinar não apenas os constituintes das sentenças, produção, elaboração e estabelecimento, mas como tais itens alteravam-se, modificavam-se e convertiam-se em possibilidades outras de arranjos.

A partir, então, de uma base de princípios, o que caracterizaria a gramática transformacional e seus estudos, como aponta Azevedo (2007, p.12), seria “[...] obter um conjunto de regras de reescrita que, por meio dos constituintes imediatos (Art, N, V, etc.), gerassem todos os indicadores sintagmáticos (SN, SV) capazes de conduzir à seqüência (*sic*) terminal/frase (F)”. Implicadas estariam leis gerais, sem recorrer a uma língua em particular, mas a conceitos desenhados que serviriam ao “manuseio”, exploração das estruturas linguísticas, dos dados que desdobrados ,segundo uma base e sobre a qual se (re)configuram e ganhariam novas arquiteturas, apontam para um ‘estado estacionário final’, nas palavras de Chomsky, com, então, a emergência da gramática específica de cada língua em que, antes de qualquer coisa, denotaria uma regularidade entre as línguas naturais, a contar , no entanto, com o bem formado, com o ‘perfeito’.

Uma das questões mais significativas e que levam a observar o distanciamento do que vem sendo desenvolvido pelos gerativistas, estruturalistas e o behaviorismo (estímulo-resposta) linguístico, ampara-se na ideia de que, para os gerativistas, existem duas “camadas” ou níveis de análise, endossado pelos dizeres de Verceze (2009, p. 95), quando Chomsky “[...] mostrou que as análises sintáticas da frase praticadas até então, eram inadequadas em

vários aspectos, sobretudo porque deixavam de levar em conta a diferença de níveis da estrutura superficial e profunda. Da estrutura gramatical”.

Na chamada estrutura profunda (estrutura-d ou EP), questões relacionadas à semântica encontram lugar, assim como a resolução e a interpretação dos enunciados são dadas, pois respostas, no que tange à significação, acham ‘a chave’. É válido, todavia, ressaltar que o sentido se expande e não encontra ‘conformismos’, já que não-objetivado. Ele ‘escapa’. A estrutura de superfície (ES) vale-se dos aspectos que envolvem a sintaxe, compreendendo-a como uma ‘face exterior’ do sistema, sua manifestação mais aparente, o enunciado final, emergido após inúmeros movimentos e uma série de transformações empreendidas. No entanto,

Como o objetivo da análise da linguagem é a sua interpretação e melhor compreensão, e como nem sempre é possível interpretar os significados embutidos na estrutura superficial de uma frase, torna-se cada vez mais evidente aos gerativistas transformacionais que é preciso descobrir as regras transformacionais de alcance geral (pelo menos numa língua) para que seja possível descreverem a formação das estruturas superficiais. (SILVA, 2017, p. 80)

É, pois, na EP onde se encontra o significado que, para o falante, torna-se “evidenciado”, “revelado”. É lá, então, o local em que a base semântica estaria instalada. Assim, constitui-se uma ênfase sobre a *competência* em detrimento do *desempenho*, ficando este em segundo plano. A partir de um paralelo que poderíamos traçar ou associar a Saussure, é como se Chomsky, em seu gerativismo, privilegiando a competência, e em termos saussurianos representada pela *langue*, reduzisse o espaço e a atenção dados ao desempenho, à *parole*.

A esse (des)considerar, omite-se da ideia ou raciocínio de que os falantes vão muito além da circunscrição e das bordas que um *corpus* (construído) pode abarcar, sendo os dizentes, todavia, completamente hábeis a criar e também a identificar enunciados originais, além mesmo de (re)conhecerem desvios, erros, falhas de desempenho comunicacional (VERCEZE, 2009). O que temos, até então, é uma teoria que explora, de maneira aprofundada, aspectos gramaticais formais, elementos que dão/dariam sustentação à linguagem, em uma tentativa de buscas e configurações de protocolos e execuções, com vistas à descrição de uma língua (qualquer língua), considerando aspectos profundos que, em nada,

são tão facilmente acessados, pois essas bases não são evidentes, manifestas e, prontamente, palpáveis.

De maneira esquemática, tínhamos, anteriormente, uma língua calcada como forma ou estrutura, em estudo das suas propriedades, de maneira autônoma, sem a busca por explicações transcendentais dado o fenômeno linguístico. A língua, assim, era compreendida como ocorrência hegemônica, composta por níveis hierarquicamente formatados. Em sendo instrumento, o que haveria? Uma objetiva, linear e transparente transmissão de informações naturais.

Se tomarmos, porém, como outra via, a compreensão da língua quanto fenômeno exclusivamente cognitivista, teríamos, apenas, uma manifestação que se apoia dentro de um sistema de representações, em condição exclusivamente mental, sem a compreensão de como a cultura, as experiências e a realidade cotidianas atravessam-na, isto é, afastamento ou eliminação do seu caráter também social.

Mais ainda, se tomarmos e ratificarmos a língua em arranjos de elementos que são distribuídos e estão sedimentados, única e exclusivamente, em hierarquias estruturais, como a fonológica, morfológica, sintática e semântica, não se ultrapassaria o nível da frase, tampouco haveria a ocupação e a validação efetivas do uso, condizente com a realidade da língua ou de uma língua.

Em contraposição às acepções trazidas, marcadas pelo Estruturalismo e Gerativismo, aos estudos desenvolvidos por essas correntes teóricas, às propriedades “naturais” da língua, suas configurações ou ordenamentos sobre os quais as investigações eram feitas, o disposto estruturalmente, chegamos ao Funcionalismo.

A língua e a externalidade encontram, a partir de então, um lugar para diálogos, compreensões e expansões quanto ao fazer linguístico e uma (nova) natureza a ser explorada, um lugar outro de atuação e desdobramentos sobre a língua e sobre aquilo que faz parte dela, o social; os movimentos que se dão, efetivam-se, no mínimo, em dupla direção, sendo, eficazmente cumprido em interação/comunicação que travada, não denota a fixidez e a amarra a modelos fechados e que não são acolhedores do mundo vivo.

Assim, toda organização de trabalho dos estudiosos, bem como as análises por eles empreendidas, mediante viés funcional, “sempre parte[m] de corpora retirados de situações

reais do uso da língua e procura explicar como as estruturas linguísticas atuam em função da construção do discurso” (SOUZA, 2014, p.42); ou seja, o enfoque construído toma por base o próprio sistema linguístico (real e efetivo), que não é, de modo algum, censurado e do qual não se aparta, mas atua como uma base para que se chegue a compreensões mais potentes do discursivizado pelos usos, sem absolutismos.

Ao Funcionalismo, cabem alguns pressupostos teóricos mais abrangentes: i) atenta-se a uma relação entre a estrutura e os diversos contextos de uso; ii) a língua é compreendida enquanto instrumento de interação social; iii) o sentido ganha contornos contextuais; iv) as funções externas têm papel na organização também interna do sistema.

É aqui, pois, que começamos a delinear um horizonte condizente com aquilo que é (pro)posto pela Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). É neste ambiente de valorização e consideração das relações em espaços distintos, tanto apontando para dentro, bem como para fora do próprio sistema, que passam a ser desenvolvidas as linhas sequenciais. Vale sinalizar que não nos deteremos em trajetórias que, mesmo sabendo haver percurso histórico-teórico-conceitual, estão para além das margens quanto ao que nos dispusemos a fazer, e que costumam ser designadas como investigações ou correntes pós-funcionalistas.

É válido marcar que a ideia referente a “uso” tem seus primeiros passos definidos e defendidos a partir da Escola de Praga, o também conhecido por Círculo Linguístico de Praga, mediante as acepções trabalhadas sobre gramática funcional. Ela está para além das regras normativas, quando da sua não plena validação, posto que, como aponta Neves (2014, p. 76)

a língua não é uma entidade composta de compartimentos que devam ser rigidamente rotulados, sem atenção para seu funcionamento, que é altamente sensível à necessidade de produção de sentido em interação” e, mais, o universo gramatical, tomando suas palavras, não é “um edifício de doutrina petrificada.

Adentrar ao universo do Funcionalismo é tomar também as palavras de Macedo (1998) pelas mãos, quando nos apresenta o termo ‘teleológica’, ainda que para explicar as relações travadas pelas culturas, pelos grupos sociais, fatos e suas estruturas, com os quais Malinowski, no campo da Antropologia, trabalhou. Aquele termo, segundo a autora, aplica-se muito bem às essas bases, por se tratar de uma abordagem analítica que está fundamentada na explicação de uma coisa na dependência de outra, ou, como ela mesma diz “uma abordagem que analisa e explica uma coisa em função de outra” (MACEDO, 1998, p.72).

3.2 ESPECIFICIDADES DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

Não nos apegando a ortodoxias, apartando-nos dos extremismos, para assentarmos no campo do funcional, buscamos configurar a posição do que é ser funcional para a Linguística, e mais particularmente, para o nosso alvo e lugar de chegada. Miramos, assim, para as aberturas oferecidas pelos estudiosos do Círculo de Praga, prezando por dois pontos relevantes: i) dinamismo da língua e ii) propriedade sistemática da língua.

Essas posições parecem nos levar para uma compreensão, posterior e aprimorada, daquilo que é desenvolvido, dentro das concepções funcionalistas, e que mais estariam articuladas ao que acreditamos, bem como ao enquadre teórico da LSF escolhido, posto que

a relação entre aspectos formais da gramática (F), envolvendo os níveis da sintaxe, da morfologia e da fonologia, e aspectos do significado (S), contemplando os eixos do discurso, da semântica e da pragmática, passa a ser tratada com maior equilíbrio, sintetizada na formulação [[F] < > [S]]. (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2021, p. 385)

O que se põe em jogo, então, é toda uma tentativa de relacionar as expressões emergidas, a partir das rodadas comunicativas, nas interações, sabendo e validando, para tanto, a existência de todo um ‘pano de fundo’ que garante a efetivação dos processos de trocas realizadas entre os sujeitos.

É interessante notar isso através da articulação que Duarte (2015, p. 27) faz ao configurar os elementos envolvidos nas expressões linguísticas estruturadas, sendo estas, porém “governadas por regras e princípios semânticos (conceptuais), sintáticos, morfológicos e fonológicos, os quais são instrumentais para os padrões de interação governados pelas regras pragmáticas”. Compreender tal natureza e constituição aponta para um real uso da língua, onde o que se mostra na superfície está não só arranjado, mas associado a outros elementos inseparáveis, sendo toda essa sistematização instituída na e para realização de funções e consumação de objetivos.

Não faz qualquer sentido para os estudos funcionalistas apartar-se do que é intrínseco e está emaranhado nesse complexo que é a língua. Ainda que seja redundante dizer, afirmamos: a língua funciona, porque os sujeitos dela se apropriam para realizar atos discursivos, a partir de realidades com as quais interagem, sobre as quais representa e também constrói, vinculando-se a certas condições de produção.

O uso, aqui implicado, diz respeito às modalidades oral e escrita. É importante sublinhar que a superfície, enquanto materialidade apresentada, está, como bem evidencia Duarte (2015, p.34), profundamente relacionada a uma

[...] sintaxe condicionada ao contexto de uso e as relações gramaticais fazem parte do processo de constituição desse uso. Considerar a língua em uso significa analisá-la dentro do contexto situacional, pois é no uso que os falantes fazem de sua língua, no processo de interação, que se modela a estrutura do sistema linguístico. Por isso, compreende-se que o estudo da estrutura linguística está diretamente subordinado ao uso em contextos sociais específicos, em inter-relações e em interfaceamentos.

Assim, começamos a nos chegar às questões tão caras a um teórico chamado M.A.K. Halliday (1985) e à sua proposta investigativa denominada, enfim, Linguística Sistêmico - Funcional, a LSF. O estudioso busca, emergindo do traçado funcionalista, distanciando-se das abordagens abstratas e biológicas, acentuar uma língua em sociedade; encontra, no Contexto, um lugar para bases perceptivas sobre língua viva, onde e sobre a qual cada tecido textual é desenvolvido em trama, dadas as disposições interlocutivas, constantemente atualizadas pelos atores de dizer, em lugares específicos de uso. Citando Halliday (1994, p.13), temos a seguinte explanação, sobre usos, língua e o constituinte funcional, posto que

[...] são os usos da linguagem que nas últimas dezenas de milhares de gerações têm dado forma ao sistema. A linguagem desenvolveu-se para satisfazer as necessidades humanas; e a forma como ela é organizada é funcional com respeito a estas necessidades – ela não é arbitrária. Uma gramática funcional é essencialmente uma gramática ‘natural’ no sentido de que tudo nela pode ser explicado, por último, pela referência de como a linguagem é usada.

O que temos é uma língua aberta a serventias e a papéis prontos para serem desempenhados. Ela está a favor dos sujeitos situados, pois existem propósitos em atribuição(-ões) de sentido(s), dadas as experiências dos usuários, que refletem suas visões de mundo. Para isso, acha-se uma língua que se revela constitutivamente organizada, composta em e por diferentes níveis, hierarquias ou estratos, apontando para o funcional e, ao mesmo tempo, sistêmico.

Com outras palavras, Fuzer e Cabral (2014, p.19) dizem o ‘sistêmico’ em termos de “língua como redes de sistemas linguísticos interligados”, e ‘funcional’, porque explicam “as estruturas gramaticais em relação ao significado, às funções que a linguagem desempenha em textos”; cabe, então, à teoria sistêmico-funcional “identificar as estruturas de linguagem específica e como tais estruturas, organizações, contribuem para o significado de um texto”.

Essa composição não se dá de forma aleatória, mas motivada, já que parte das escolhas realizadas pelos usuários, dentro de uma gama de possibilidades próprias e disponibilizadas pelo sistema linguístico. E o texto é, antes de tudo, como salientam as autoras supracitadas, “uma entidade semântica, isto é, um constructo de significados e, ao mesmo tempo, uma troca social de significados” (FUZER; CABRAL, 2014, p.22).

Em sua complexidade está e há a inserção do Contexto, em íntima relação, pois a emergência de significados também e, expressivamente, está amparada nesse “lugar”. É importante ressaltar que, pensando em Contexto, há o que se chama por “Contexto de cultura” e, o outro, por “Contexto de situação”. Contexto de cultura, em Halliday e Matthiessen (2014, p. 33), denota aquilo que os membros de uma cultura podem trazer, preservar ou significar, pois “interpretamos a cultura como um sistema de alto nível, de um nível superior, como um ambiente de significado em que vários sistemas semióticos operam, incluindo a linguagem, paralinguagem [...] e outros sistemas humanos de significado...”¹⁶ O que, aqui, conferimos é um alargamento da compreensão de inserções e trânsitos humanos, pensando no aspecto mais amplo, expandido de práticas, compreensões, conhecimentos e valores.

No que configuraria, então, o “Contexto de situação”? Tomando, a partir da própria denominação, teríamos um espectro mais ‘limitado’, se assim pode ser dito, pois faz referência ou compreende um ‘ambiente mais imediato’, nas palavras da Fuzer e Cabral (2014). Seria o contexto mais iminente de articulação e uso dessa linguagem, sendo descrito a partir de três variáveis: Campo, Relação e Modo, que, juntos, “definem um espaço semiótico multidimensional – o ambiente de significados onde a linguagem, outros sistemas semióticos e sociais operam”¹⁷ (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 34).

Para melhor caracterizar os três elementos ou as três variáveis que compõem o Contexto de situação, temos, em Fuzer e Cabral (2014, p.30):

O *campo* remete à atividade que está sendo realizada pelos participantes, à natureza da ação social que está ocorrendo, com objetivo específico.

¹⁶ “The context of culture is what the members of a community can mean in cultural terms; that is, we interpret culture as a system of higher-level meanings (see Halliday, 1978)[...]– as an environment of meanings in which various semiotic systems operate, including language, paralinguage [...] and other systems of meaning...” (tradução nossa)

¹⁷ “Together they define a multi-dimensional semiotic space – the environment of meanings in which language, other semiotic systems and social systems operate.” (tradução nossa)

As *relações* envolvem os participantes, a natureza dos papéis que desempenham, o grau de controle de um participante sobre o outro, a relação entre eles (hierárquica ou não) e a distância social ou grau de formalidade (mínima, média ou máxima, dependendo da frequência com que interagem).

O *modo* refere-se à função que a linguagem exerce e ao veículo utilizado naquela situação ou, ainda, ao que os participantes esperam que a linguagem faça por eles em determinada situação. Trata do papel da linguagem (constitutivo ou auxiliar/suplementar), do compartilhamento entre os participantes (dialógico ou monológico), do canal (gráfico ou fônico) e do meio (oral com ou sem contato visual, escrito e/ou não verbal).

Essas três variáveis - Campo, Relação e Modo – são responsáveis pela forma como gerimos e procedemos às escolhas linguísticas, posto que refletem os propósitos comunicativos presentes nas línguas, demandadas por ações práticas em contextos localizados (situados), sem que nos esqueçamos, no entanto, como salientou Vian Jr (2010), serem os textos produzidos, nessas esferas, pensando-se, em especial, no contexto micro, como um fragmento de uma realidade (cultura) maior.

É importante dizer que esses parâmetros que constituem o Contexto de situação espelham-se em três funções ou finalidades e possibilitam, ao ser dizente, produzir e trocar significados através das chamadas Metafunções. São elas: Metafunção Ideacional, Metafunção Interpessoal e Metafunção Textual.

A Metafunção Ideacional está a serviço da representação dos significados experienciais, tanto aqueles que são dados no mundo social, externo, quanto o que se configura como experiência interior, ou seja, o mundo da consciência ou o universo psicológico. Já a Metafunção Interpessoal, é aquela que está articulada às interações, bem como aos papéis assumidos pelos falantes ou escritores; e, por fim, temos a Metafunção Textual que organiza os significados interpessoais e ideacionais, a fim de transformar a estrutura textual em um todo coerente, com linearidade e sistematização.

Aqui, dadas de maneira particularizadas, não representam, as Metafunções, a realidade da efetivação linguística e de significados, pois ocorrem simultaneamente e contribuem de maneira ímpar, mas conjunta, para a construção da oração. Sendo a oração a unidade essencial

para a análise léxico-gramatical da LSF, ela realiza, ao mesmo tempo, três significados: “uma *representação* (significado como conteúdo); uma *troca* (significado como ação); e uma *mensagem* (significado como relevância para o contexto” (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, p. 23, 2007), tendo como finalidades primeiras, endossam Furtado da Cunha e Souza (*idem*), tanto compreender o ambiente, como atuar sobre os nossos interlocutores.

Ainda sobre as Metafunções, cada uma delas encontra, dentro do sistema linguístico, um lugar para realização¹⁸, pensando-se no nível léxico-gramatical e categoria analítica. Assim, para a Metafunção Ideacional, a realização incide sobre o Sistema de Transitividade, através das escolha dos Processos, Participantes e Circunstâncias; no que comporta a Metafunção Interpessoal, a esfera de análise volta-se para o Sistema de modo oracional, onde estão implicados dois tipos fundamentais no que dizem respeito ao papel de fala – Dar e Pedir; e no tocante à Metafunção Textual, tem-se a observação sobre a estrutura temática, Tema e Rema, que funcionam, em certo âmbito, como sinalizadores sobre o que virá ou será exposto textualmente para o ouvinte ou o leitor.

A **figura 2**, a seguir, busca auxiliar na visão geral dos arranjos, considerando os contextos (Situação e Cultura), bem como os estratos, encadeamentos e dependências, para a realização linguística, anteriormente comentada.

Figura 2- Os Contextos, as Metafunções e as categorias de análise

Quadro 2- Metafunções da linguagem e suas categorias de análise.

Sistema Semiótico da LSF			
Extralinguístico	Contexto de Cultura		
	Contexto de Situação	Campo	
		Relação	
		Modo	
Linguístico	Semântica		
			Categoria de Análise
	Lexicogramática	Metafunção Ideacional	Sistema de Transitividade
		Metafunção Interpessoal	Sistema de modo oracional
		Metafunção Textual	Sistema de Tema, Informação, Relações de Coesão
Fonologia			

Fonte: ROCHA (2018, p.41)

¹⁸ “A realização se refere a padrões de expressão em relação ao conteúdo (por exemplo, padrões de linguagem em relação ao registro) ou se refere à probabilidade de que um certo conteúdo (por exemplo registro) será interpretado através de padrões específicos de linguagem.” (IKEDA & VIAN JR, 2006, p.35)

Até aqui, buscamos fazer um apanhado geral, e iniciar o trânsito pela LSF, a fim de que fosse possível entender como vão sendo delineados os seus caminhos, considerando, para tanto, estruturas autênticas de interação, prerrogativa dos estudos funcionalistas, sabendo-se que o(s) sentido(s) é/são favorecido(s) por um sistema de comunicação humana que auxilia na elaboração de significados.

Considera-se, sim, que há uma construção de perspectivas ou ângulos, mas mais do que isso: existe, a partir das escolhas, manutenção de relações, representações, atuações e estabelecimento de valores sobre uma realidade textual. Começamos, então, a expandir nosso olhar para um recurso interpessoal presente nos discursos: a avaliação. Cabe assinalar que esse recurso desempenha papel importante, dotado de finalidades, tendo no Sistema de Avaliatividade um eixo analítico.

3.3 COMPREENSÃO QUE ESTRUTURA O VALORATIVO A PARTIR DA ARTICULAÇÃO COM A TEORIA DA LSF – O SISTEMA DE AVALIATIVIDADE

O Sistema de Avaliatividade (SA) ou *Appraisal* para Martin e White (2005), assentase no domínio mais amplo da LSF, pressuposto teórico de Halliday (2004), e foi sendo configurado, estruturado e ajustado terminologicamente ao longo dos estudos desenvolvidos, se “compararmos trabalhos anteriores de Eggins e Slade (1997), de Martin (2000, 2002, 2003b) e de White (2004a, 2004b), até chegar ao que se concebe como o sistema apresentado em Martin e White (2005)”, nas palavras de Almeida e Vian Jr (2018, p.274), desdobrando-se em três (3) subsistemas ou sistemas globais: Atitude, Gradação e Engajamento.

Pensando-se no nível ou no extrato semântico-discursivo e nas apropriações para o além das orações, lembrando que as acomodações dentro da LSF são feitas a partir de hierarquias, encontraríamos seis sistemas discursivos: Avaliatividade, Negociação, Ideação, Conjunção, Identificação e Periodicidade. Tais sistemas estão correlacionados

às metafunções e às realizações no estrato léxico-gramatical, na seguinte relação: avaliatividade e negociação relacionados à metafunção interpessoal; ideação e conjunção constroem sentidos ideacionais e identificação e periodicidade estão relacionados à metafunção textual. (ALMEIDA; VIAN JR, 2018, p. 276)

A Avaliatividade encontra-se, pois, nos desdobramentos da Metafunção Interpessoal hallidiana, nas trocas executadas e escolhas realizadas pelos interlocutores, estabelecendo elos, em negociações, que muito podem dizer no tocante a comprometimentos, envolvimento e exposições, havendo, certamente, motivos para afirmar o que se afirma.

Há, sem dúvida, valor em disputa, em aproximações ou distanciamentos sobre os quais se integram força e sentimentos acerca de fatos, pessoas, coisas/objetos ou mesmo comportamentos, demonstrados a partir de Martin e White (2005) e recuperados, na **Figura 3**, quanto ao sistema > subsistemas > categorias propostas pelos estudiosos.

Figura 3- Visão geral do Sistema de Avaliatividade



Fonte: com base em Martin e White (2005, p.38)

Através da Avaliatividade, conseguimos estudar e estruturar mecanismos lançados mão no uso da linguagem para realizar avaliações, em como se arranjam e organizam textualmente, considerando uma engrenagem interpessoal e o potencial achado no sistema linguístico, nas manobras avaliativas presentes em nosso cotidiano.

Entre algumas das suas afirmações, Vian Jr (2009, p.99) nos traz à memória que as avaliações “evidenciam, em termos léxico-gramaticais, os tipos de atividades negociadas no texto, bem como a força dos sentimentos em relação ao objeto de avaliação”; torna-se importante ressaltar que as nossas interlocuções não se dão fora dos textos, sendo eles as unidades comunicativas em qualquer ocorrência discursiva, resultantes dos nossos atos interlocutivos.

Sendo, pois, o Sistema de Avaliatividade um complexo que dispõe de meios a serviço dos usuários, estes, os produtores textuais, podem acioná-lo para operar em relação ao que desejam e querem expressar, pensando-se, todavia, que tal manejo só é possível, também e principalmente, porque conta com uma natureza contextual; aquilo que é elaborado só o é, porque encontra determinados enquadres e aspectos socioculturalmente marcados. Aqui, as escolhas realizadas emergem à superfície em “detrimento de outras baseadas em nossas relações sociais, nos papéis sociais que desempenhamos naquele dado contexto e em nossas relações com nossos interlocutores” (VIAN JR, 2009, p.126).

Apreende-se, pois, que não há aleatoriedades ou frutos de uma consciência flutuante dos usuários, mas toda uma organização, processos e predileções, desenvolturas, associações, em termos de envolvimento, negociações e valores que fundamentam a vida da linguagem, que muito nos diz sobre o que ocorre em termos sociais, pois o que dizemos é dito a partir de objetivos traçados, sendo o foco e a sede das trocas verbais: o outro, a exterioridade, bem como a *persona* discursiva e as conexões ou vínculos pretendidos.

Talvez, seja importante dizer que a Teoria da Avaliatividade, a princípio traduzida como Teoria da Valoração, *Appraisal*, alcança essa nomenclatura, em razão do que o Vian Jr (2009, p.102) propõe, ao discorrer que:

Quanto à valoração, tem, primariamente, o sentido de ‘atribuir valor a algo’, o que reduz significativamente o escopo envolvido na avaliação, uma vez que juntamente ao valor, agregam-se crenças, emoções, afeto, relações sociais e tantos outros aspectos; e ainda pelo fato de, no subsistema de apreciação, haver o termo inglês *valuation*, que, em determinados casos, também poderia ser traduzido por valoração.

Segundo o teórico acima mencionado, essa tradução ou associação primeira, tenha se dado em razão dos estudos que estavam sendo desenvolvidos, mas que ainda eram relativamente novos, se considerarmos a década de desenvolvimento, final dos anos 70 e início dos anos 80, em virtude da quantidade de categorias e subcategorias envolvidas, desse constructo, para apropriações terminológicas pensadas dentro da Língua Portuguesa.

O Sistema sobre o qual discorreremos e sobre o qual este trabalho é desenvolvido, divide-se em três grandes regiões ou domínios interacionais (MARTIN; WHITE, 2005), como pode ser visualizado na **figura 3** já apresentada, “Atitude”, “Engajamento” e “Gradação”.

Para Atitude, há compreensão ou interesse sobre questões voltadas aos nossos sentimentos, incluindo julgamento dos comportamentos, assim como avaliação sobre coisas; o Engajamento diz respeito à fonte ou origem das atitudes, refletindo-se no jogo de vozes em torno das opiniões no discurso; já a Gradação atende a fenômenos de classificação através dos quais os sentimentos são amplificados ou minimizados, podendo haver indefinição ou indeterminação de categorias.

Grosso modo, o que temos, pensando nas trocas realizadas entre os sujeitos de linguagem, seja na modalidade oral ou escrita: agentes que se posicionam perante sua audiência, delas ‘aguarda’ consonâncias ou dissonâncias, a partir de uma realidade e de um mundo discursivizado, recorrendo a mecanismos de valoração. As avaliações, por eles efetivadas, considerando, para tanto, os elementos léxico-gramaticais, trazem à tona o envolvimento desse sujeito, a partir dos ditos, do negociado, assim como da força dos sentimentos em relação ao centro de apreciação, mas que não se encerram na materialidade textual, extrapolam as bordas, pois há um nível semântico-discursivo implicado.

Como sintetizam, em alguma medida, Almeida e Vian Jr (2018, p. 277), falando a respeito do SA, este sistema estuda “[...] a forma como os falantes e escritores fazem julgamentos sobre as pessoas e acontecimentos em geral”; tais avaliações, no entanto, podem acontecer tanto de maneira explícita, como implícita, pois nem tudo é, verdadeiramente, dito e/ou está fortemente destacado. O que há em muitas situações discursivas é sugestionado, é proposto nas entrelinhas e emerge, então, da interpretação, em um maior esforço, por parte dos interlocutores.

Tem-se a seguinte configuração, se considerarmos os direcionamentos e aquilo que faz parte da sistemática avaliativa: uma produção discursiva, esmiuçada em complexos oracionais sobre os quais residirá, em panoramas micro-macro, uma semântica operacionalizada em variações léxico-gramaticais no tocante a um item-alvo. Algo ganha *status* de avaliado- uma coisa, um ser, um comportamento- sobre o qual sentimentos estão envolvidos e posicionamentos são comunicados, bem como realces, intensidades, em ampliações ou reduções, se efetivam.

Estar munido desse olhar é direcionar a atenção para aquilo que se faz com a língua, em termos de enquadres, nas diversas esferas, especialmente dentro do jornalismo, considerando seu lugar de divulgação e alcance. Sendo detentor de meios, por exemplo,

(re)produz textual e discursivamente ampla rede de modelagens, inclusive, sobre *ser mulher*, uma entidade que, ao longo do percurso histórico e social, é avaliada, validada estrategicamente e forjada culturalmente.

Uma vez mais, ressaltamos que os textos são o ponto de partida para que todas as relações possam ser investigadas e as vinculações se façam, cabendo como unidade básica de análise a oração, sempre dentro de uma configuração enunciativo-discursiva, concebida em um aparato social, com tempo e espaço marcados, por meio da qual sentindo(s) está(-ão) em pleno cenário operacional .

Utilizar-se da linguagem é mais do que trocar informações, pois através dela encontramos inúmeras possibilidades; emoções são expressas, esbarram em terreno fértil para serem anunciadas, predileções ganham atualização, além de favoritismos emergirem. Assim, negociamos com nossos parceiros comunicativos visões de e sobre mundo, provocando e evocando as mais diferentes (re)ações, e transitamos entre negociações, opiniões, potencializando ou minimizando nossos sentimentos, construindo perspectiva(s).

Com esse intuito, da busca por significado(s), partimos para dois dos três subsistemas que compõem o complexo da Avaliatividade, tendo em vista o *corpus* selecionado, as ocorrências e aquilo que ele pode nos revelar, frente às escolhas paradigmáticas realizadas pelos autores dos textos. Tais marcações possibilitam, por exemplo, identificar características próprias a um grupo da sociedade, as emoções ali efetivadas e as ideologias que perpassadas, convergindo para um cruzamento entre língua e estrutura social, na e para a plena manutenção, alteração ou deslocamento dos vínculos construídos, pois “usamos a linguagem para atuar nas nossas relações pessoais e sociais” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 29).

Visamos a Atitude e a Gradação por acreditarmos darem conta das questões relacionadas ao nosso foco de pesquisa, ‘*ser mulher*’, no que tange aos afetos, julgamentos e apreciações, quer do comportamento, da produção de objetos, bem como inclinações emocionais, dos olhares positivos ou negativos lançados, e também dos graus de intensidade - maior ou menor - no que dizem respeito às avaliações, sem que, necessariamente, buscássemos expressas as pluralidade de vozes dentro de cada discurso, isto é, falantes e escritores reconhecerem “[...] discursos anteriores aos seus e de que maneira se engajam ou não com esses enunciados” (LOVATO, 2009, p.157).

Ainda reconhecendo o caráter dialógico da língua, negociações entre falante x ouvinte, escritor x leitor, o empenho aqui não está em buscar identificar posições ou alternativas no que dizem respeito a divergências enunciativas, a marcas linguísticas discordantes ou concordantes. Não se está, objetivamente, em busca da citação de uma voz outra, tampouco explicação dos recursos utilizados para estabelecer as relações entre os interlocutores, intra e intertextualmente, ou a começar de vozes mais imprecisas, todavia presentes no contexto de cultura ou de situação.

Orientamo-nos, porém, no que se volta aos posicionamentos atitudinais, à carga semântica manifestada/assumida através das seleções realizadas, sobre o que Martin e Rose (2003) direcionam quando falam em compreender: a) como as coisas são avaliadas, b) como o caráter das pessoas é expresso, assim c) como os sentimentos ganham superfície; aqui, tais inclinações partem do poder de escrita arrolado no espaço jornalístico, para a representação da mulher, do seu ser, que é moldado em maior ou menor grau, criando determinados significados.

Focaremos, agora, nos dois subsistemas de interesse, Atitude e Gradação, suas categorias e categorizações, a fim de situar melhor o espaço e delinear significações, mediante as reflexões possíveis, dado o que se materializa no texto, em referência tanto à língua como, especialmente, ao complexo social sob a qual está imersa.

Sabendo-se que “no lado potencial está o sistema semiótico como um todo, com as opções disponíveis aos usuários da linguagem na percepção da experiência; e no da atualização, da instância, estão as opções individuais feitas pelos usuários em textos contextualmente situados” (HALLIDAY, 2017, p.32), pontos de vista se destacam e, nessa expressão, graduam-se em força e o foco, a partir do eleito.

3.3.1 Subsistema “Atitude”- entre afetos, julgamentos e apreciações

O subsistema de Atitude diz respeito a como se codifica a qualificação das coisas, a dignidade das pessoas e as afeições experimentadas. Almeida (2010) aponta que tal subsistema engloba três regiões semânticas: da emoção, da ética e da estética. Em outros moldes, Martin e Rose (2007) relacionam a Atitude à avaliação das coisas (estética), do caráter das pessoas (ética) e dos seus sentimentos (emoção).

Tal avaliação pode acontecer tanto de forma explícita, quanto de forma implícita. Falar em explicitude é como trazer à superfície textual elementos que materializem tal valoração no discurso, seja positiva ou negativa, e que podem ser mais ou menos intensificados. Quando passamos para implicitude, Almeida (2010, p.101) diz que “[...] são realizadas por meio de certo tipo de enriquecimento lexical, envolvendo uma sutil menção de alguma coisa ou linguagem figurada, o que Martin (2000) chama de *tokens* de atitude, que por sua vez são mais difíceis de detectar visto que o seu significado é transferido e não literal”.

É interessante atentar que essas atitudes sempre partem de alguém e vão em direção a algo, havendo objetivos. O que quero dizer com isso é que há um interlocutor, mais ou menos direto, para o qual se assume uma perspectiva no que concerne ao item avaliado (ser, coisa, comportamento), podendo levar à adesão ou à multiplicação de pensamentos, esquemas ou estruturas que visem, inclusive, atender a finalidades, por vezes, “disfarçadas”, isto é, no centro da questão, pode haver o predomínio de intenções na e para perpetuação de discursos preconceituosos, imperativos, retrógrados e depreciativos.

O subsistema de Atitude engloba, então, três categorias, sendo elas: Afeto, Julgamento e Apreciação. Essas incorporam algumas categorizações, como podemos observar, de maneira panorâmica a figura abaixo, **Figura 4**.

Figura 4- Panorama do Subsistema “Atitude”¹⁹



Fonte: com base em Martin e Rose (2007)

¹⁹ Usaremos a cor **rosa** como código na identificação de itens, estruturas ou orações que detenham um valor atitudinal.

Iniciaremos, aqui, um destrinchar de cada uma das categorias que compõem o subsistema de Atitude, partindo do Afeto, que é uma avaliação baseada em sentimentos, tanto de falantes quanto de escritores, indicando uma conduta emocional quer sobre coisas, objetos, eventos ou pessoas.

Martin e Rose (2007, p. 64)²⁰ dizem que é importante considerar alguns fatores quanto ao Afeto para identificação ou classificação:

1. Os sentimentos são positivos ou negativos
2. Os sentimentos surgem de um estado emocional ou estado mental contínuo
3. Os sentimentos são uma reação a uma agência externa ou a um estado e disposição internos
4. Os sentimentos são mais ou menos intensos
5. Os sentimentos envolvem intenções mais que reações
6. Os afetos são relacionados: (In)Felicidade, (In)Segurança, (In) Satisfação?

Através do proposto por Martin e Rose (*idem*), podemos analisar as estruturas oracionais, originadas em textos, considerando as seleções realizadas pelos falantes/autores. No que tange aos afetos, contemplados diante arranjos linguísticos, parte-se: i) do culturalmente dado como positivo ou negativo; ii) do internamente experienciado, construído nas conexões entre processos mentais, comportamentais ou relacionais; iii) da existência de alguma relação e ou reação a fatores externos ou internos, do tipo: “Por que você está se sentindo assim?”; iv) da emergência de uma gradação, de modo escalonado, sobre as emoções, em lexicalizações; v) dos sentimentos que envolvem intenções (mais que reações), em razão a estímulos irreais (mais do que reais); e, por fim, vi) do agrupamento em três conjuntos – *Felicidade/Infelicidade*, *Segurança/Insegurança*, *Satisfação/Insatisfação* (MARTIN; ROSE, 2007).

Os seres de linguagem revelam bons ou maus sentimentos através dos seus discursos, envolvendo-se emocionalmente. O “Afeto” faz, assim, parte da esfera atitudinal, da conexão sujeito-mundo, em um movimento interno-externo, sinalizando as emoções dos entes.

²⁰ Tradução nossa: “**1. are the feelings positive or negative**
2. are the feelings a surge of emotion or an ongoing mental state
3. are the feelings reacting to some specific external agency or an ongoing mood
4. are the feelings as more or less intense
5. do the feelings involve intention rather than reaction
6. are the feelings to do with un/happiness, in/security or dis/satisfaction?” (grifos do autor)

Para isso, em termos classificatórios, e como já citado em parágrafo anterior, temos: a *Felicidade* ou *Infelicidade* que abrange os modos de sentirmo-nos alegres ou descontentes (felicidade, gozo, deleite... x tristeza, melancolia, desalento...); a *Segurança* ou *Insegurança*, envolvendo os sentimentos de confiança ou temor (preservação, convicção, amparo... x medo, ansiedade, desassossego...) em razão do que nos rodeia, e, por fim, *Satisfação* ou *Insatisfação* ligada a sentimentos como sucesso ou desapontamento (realização, contentamento, bem-estar... x desgosto, contrariedade, decepção...), conectada às atividades com as quais nos envolvemos. Vejamos os **exemplos 1, 2 e 3**²¹,

Exemplo 1 – (In)Felicidade

“[...] Meu pai não queria que ficasse sem fazer nada. Ele não admitiria. Acharia um horror que eu me casasse, tivesse filhos e pronto. **Tive muita sorte.**” (08/03/2009, Folha de S. Paulo) [+ Felicidade]

Exemplo 2 – (In)Segurança

“Bruna diz conhecer ao menos 15 militares que **têm medo** de se externar como mulheres...” (08/03/2020, Folha de S. Paulo) [+ Insegurança]

Exemplo 3- (In)Satisfação

“[...] Adelia bateu na porta de um exibidor paulista, que disse **ter adorado** o filme, mas que não poderia lançá-lo daquele jeito.” (08/03/2020, Folha de S. Paulo) [+ Satisfação]

Através das escolhas léxico-gramaticais, **Exemplos 1, 2 e 3**, respectivamente, conseguimos ratificar o que dito sobre a linguagem exprimir emoções, isto é, representar uma realidade interior, a partir da perspectiva do sujeito.

O que verificamos é uma reação a experiências subjetivas, como dizer-se ter uma vivência favorável realizada por meio da organização verbo mais grupo nominal, “tive muita sorte”, [+ Felicidade], ou “ter medo”, processo relacional mais grupo nominal, expressando, dentro de uma situação prática, um caráter de desproteção, [+ Insegurança], como também demonstração de uma afetividade mais acentuada, aprofundada em termos de experimentação,

²¹ Os exemplos, aqui apresentados, foram retirados do nosso *corpus*.

na escolha do grupo verbal “ter adorado”, composto por um auxiliar mais processo mental, denotando algo prazeroso [+ Satisfação].

Contamos também com categoria do Julgamento, relativa à aprovação, à condenação, à aceitação (ou não) dos comportamentos, ponderando sobre o caráter dos indivíduos, mais especificamente, a partir de um grupo social, da ótica nossa, cujas lentes realizarão a avaliação; ao partilharmos quer um pensamento, quer uma linguagem, ou ainda, outras formas semióticas capazes de representar, ratificamos laços, identidade, tal como aquilo que nos parece ser ou não próprio, contrastamos com os outros atribuindo-lhes parâmetros apoiados em “nós”.

Através das palavras de Nogueira e Nóbrega (2015, p.85), fica mais fácil compreender que a avaliação não é meramente “[...] uma forma de negociação de significados entre falante/autor e ouvinte/leitor, mas também um fenômeno linguístico social que possui o condão de apreciar posicionamentos e de construir imagens e identidades social e discursivamente situadas”, estando, pois, o Julgamento articulado às normas e às convenções de bases sociais, socioculturais instaladas, sobre as quais um contrato social mais abrangente é (im)posto aos sujeitos.

O Julgamento, como observado na **Figura 5**, página 78, subdivide-se entre *Estima Social* e *Sanção Social*, e pensados a partir de Martin e Rose (2007), funcionam como uma espécie de “institucionalização dos sentimentos”. Relacionam-se, assim, em boa medida, ao fato de sermos considerados aptos ou não a participar, integrar e associarmos-nos a determinadas comunidades, quando se atendem ou não expectativas e exigências coletivas que estão alicerçadas no comunitário.

De maneira elucidativa, temos, em Martin e Rose (2007, p. 68)²², explicações didáticas sobre as distinções entre *Estima Social* e *Sanção Social*, como podemos ler na sequência

Estima Social envolve admiração e crítica, normalmente sem implicações legais; se vocês tiverem dificuldades nesta área, podem precisar de um terapeuta. Sanção Social, por outro lado, envolve elogio e condenação, muitas vezes com implicações legais; se você tem problemas nesta área, você pode precisar de um advogado[1]. (grifo dos autores)

²² “Social steem involves admiration and criticism, typically without legal implications; if you have difficulties in this area you may need a therapist. Social sanction on the other hand involves praise, and condemnation, often with legal implications; if you have problems in this area you may need a lawyer.”
(tradução nossa)

O Julgamento de Estima Social abrange Normalidade, Capacidade e Tenacidade. A Normalidade tem a ver com quão (in)comum alguém é, ou, de outra forma, o quanto esse alguém é especial; já a Capacidade, diz respeito à habilidade, aptidão, competência de determinado sujeito; e a Tenacidade, por fim, relaciona-se à determinação, ao afinco, à persistência de alguém. Vejamos os exemplos abaixo, **exemplos 4, 5 e 6**.

Exemplo 4 – Normalidade

“A mutilação genital feminina é **prática comum** na África e em alguns países do Oriente Médio” (08/03/1999, Folha de S. Paulo) [+ Normalidade]

Exemplo 5 – Capacidade

“Um ex-reitor de Harvard disse que as mulheres têm **menos habilidade** em ciências exatas.” (08/03/2009, Folha de S. Paulo) [- Capacidade]

Exemplo 6 – Tenacidade

“E **vai intrepidamente** à procura de si mesma, aquela que deseja ser afirmada e confirmada no século vinte.” (08/03/1970, Folha de S. Paulo) [+ Tenacidade]

Trazendo os **Exemplos 4, 5 e 6**, para o centro, conseguimos verificar que pelo grupo nominal “prática comum”, **Exemplo 4**, há uma categorização com valor de cotidianidade sobre a mutilação feminina, isto é, uma violência naturalizada, [+ Normalidade]. **No Exemplo 5**, as mulheres são detentoras de “menos habilidade”, há uma construção de significado que aponta para um potencial produtivo, todavia, aqui, elas são dotadas por talentos ou aptidões mitigadas, também no uso/escolha do grupo nominal, por [- Capacidade]. Já o sintagma verbal mais grupo nominal “vai intrepidamente”, **do Exemplo 6**, lança uma questão sobre como elas têm buscado conduzir suas agências, em movimentos de confronto e resistências, [+ Tenacidade].

Ao lidarmos com as questões relacionadas à Sanção Social, elas estão atreladas às regras que regem moral e legalmente a sociedade, a partir daquilo que é estabilizado e estabelecido culturalmente. Martin e White (2005, p.52), nos dizem que a Sanção Social é codificada, por exemplo, em editais, decretos, regras, regulamentos, leis, com “[...]”

penalidades e punições para aqueles que não cumprem o código”, vinculando-se a um “olhar” positivo ou negativo, a partir de determinados comportamentos ou condutas desempenhados.

Avelar e Azuaga (2002, p.36), ao articularem sobre os aspectos relevantes ou evidenciados no Julgamento, dizem que tal categoria lida de “maneira profunda com exteriorização da cultura, quer manifesta nos seus sistemas mais elaborados (isto é, legalidade, moralidade, delicadeza), quer em expressões menos perenes de sistemas semiótico (isto é, moda, costumes)”. É interessante notar tais sinalizações, porque podem nos auxiliar a compreender que as avaliações, neste campo realizadas, dão-se em percursos estabelecidos historicamente, ampliando, inclusive, nosso olhar para como são construídas comunidades de dizer, seus sustentáculos desenhados cultural e ideologicamente.

Voltando-nos, pois, à categorização de Estima Social, no estabelecimento de relações de prestígio ou não, encantamento ou decepção, e ainda *status*, temos a subcategorização Veracidade x Propriedade. A Veracidade relaciona-se à verdade, a um questionamento do tipo “Quão honesto se é (ou não)?”; já a Propriedade, liga-se à ética, respondendo a “Quão (ir)repreensível se é?”. Afim de ilustrar, essas duas subcategorizações, trazemos os **exemplos 7 e 8**.

Exemplo 7- Veracidade

“[...] Tudo isso até uma italiana chegar, bradando hinos feministas, ocupando espaços e **apontando o dedo** para uma plateia fashionista....” (08/03/2020, Folha de S. Paulo) [+ Veracidade]

Exemplo 8 – Propriedade

“[...] O olhar masculino pautou o que se entende por sexy, **correto**, doce e **vulgar** para elas.” (08/03/2020, Folha de S. Paulo) [- Propriedade]

Construindo uma perspectiva, a partir dos exemplares **7 e 8**, daquilo que eles podem nos dizer, o sintagma verbal mais grupo nominal “apontando o dedo”, revela uma postura de valor-verdade, isto é, a emergência de uma outra forma de lidar com a indústria e regras, até então, disseminadas no complexo da moda, pois questiona paradigmas, certos preceitos estabelecidos [+ Veracidade]. No **Exemplo 8**, pelas escolhas léxico-gramaticais realizadas, em nominalizações, “correto” e “vulgar”, há um dizer sobre aparência, e posturas no vestir-se,

entre o que é considerado perfeito e sem falhas, por um lado, e o que é socialmente tomado por inapropriado, imoral e que, por tanto, foge à ordem [- Propriedade].

Sobre o que ressoa à terceira categoria, dentro do subsistema de Atitude, temos a Apreciação. Ela se instala na esfera da estética, isto é, volta-se para objetos, artefatos, processos, fenômenos e estados de coisas, aos elementos que nos circundam, sendo o olhar, para eles, conferido também enquanto positivo ou negativamente. As apresentações ou qualificações, dados como próprios ou intrínsecos às coisas, são geradas, no entanto, a partir da percepção de determinados grupos (CARVALHO, 2010).

Organizada em torno de três categorizações ou variáveis, a Apreciação estrutura-se entre: Reação, Composição e Valoração. A Reação aponta para as nossas emoções (Qualidade/ “Gosto disso?”) e o quanto de atenção determinada coisa solicita/exerce/dispensa em e sobre nós (Impacto/ “Mexe comigo?”); já a Composição tem a ver com questões de proporcionalidade (Proporção/ “É elaborado/equilibrado?”) e seus detalhes (Complexidade/ “É consistente?”); por fim, tem-se a Valoração, que está conectada ao valor dos objetos ou produtos (“É valioso/importante/significante ou não?”)

É interessante pontuar que, apesar da categoria Apreciação estar ligada a uma avaliação a seres inanimados, *a priori*, pensados em termos de estética, composição e valor, uma pessoa também pode ganhar um status apreciativo, desde que analisada de um ponto de vista estético. Observemos alguns exemplos, **exemplos 9, 10 e 11**, a fim de ilustrarmos a presença da Apreciação neles.

Exemplo 9- Reação

“[...] Porque sua beleza morena, de mexicana, num surpreendente contraste com as mais belezas “estellares”, marca o êxito de um **encantamento inédito.**” (08/03/1929, Folha da Noite/Folha de S. Paulo) [+ Impacto]

Exemplo 10- Composição

“A ausência de suportes públicos para facilitar a conciliação entre trabalho e família, afeta **a quantidade e qualidade** do emprego feminino.” (08/03/2009, Folha de S. Paulo) [- Equilíbrio]

Exemplo 11- Valoração

“[...] nessas sociedades, as mulheres têm uma participação **única e insubstituível.**”
(08/03/2010, Folha de S. Paulo) [+ Relevância]

Analisando, ainda que brevemente, os **Exemplos 9, 10 e 11**, deparamo-nos com valorações, e se assim podemos dizer, elas são “perceptivas”, manifestadas pelos sujeitos que as examinam através de algum critério (prévio) estabelecido. No **Exemplo 9**, tem-se uma relação de valor estético direcionado à beleza, sobre a qual há uma atenção especial, marcada pelo uso do grupo nominal “encantamento inédito”. Através dele, é sinalizado o despertar de um olhar, de uma atenção singular sobre o caracterizado [+ Impacto].

No **Exemplo 10**, a partir dos itens léxico-gramaticais, entre o(s) sentido(s) pretendido(s), na esfera do trabalho das mulheres, daquilo que o organiza e o constitui, existem problemas. Eles estão expressos pela composição nominal “a quantidade e qualidade”. Isto é, o que se tem, diante de uma realidade empregatícia, são não apenas dificuldades, mas um caminho de afetação que compromete o bom desempenho e ingresso dessas mulheres ao mercado de trabalho, um descompasso com o ingresso e desenvolvimento laborais masculinos [- Equilíbrio].

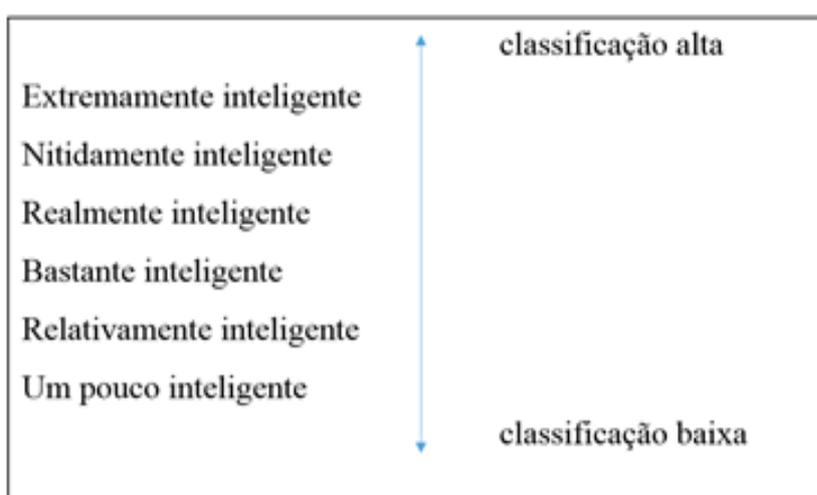
Já no **Exemplo 11**, contemplados estão o uso de epítetos “única” e “insubstituível” auxiliando a construir, no que diz respeito à figura feminina, um lugar de destaque. Ou seja, elas são, aqui, colocadas em um lugar importância, de valor socialmente conferido a elas em apressado e expressividade. [+ Relevância].

A fim de construirmos articulações entre o (sub)Sistema de Atitude, com vistas ao que pode ser potencializado ou minimizado, em traços positivos ou negativos, bem como aquilo que se faz dentro de um *continuum*, em categorias que não são passíveis de escalonamentos, exploraremos, na sequência, o(s) recurso(s) de Gradação, buscando compreender como os significados podem ganhar ainda mais contornos e o papel desempenhado, no uso da Gradação, para as avaliações.

3.3.2 Subsistema “Gradação” – intensificando atitudes

Uma característica da Atitude é que ela é “graduável” (MARTIN; ROSE, 2007), ou seja, conseguimos construir níveis, em amplitude ou atenuações, positivas ou negativas, para Afeto, Julgamento e Apreciação, baseando-nos no centro da avaliação. Essas disposições e arranjos categorizam as relações e classificam-nas entre, por exemplo, um ponto mais alto ou mais baixo, como podemos observar na sequência, utilizando como elemento apreciativo a “inteligência”:

Quadro 3 – Gradação e amplificações (alta – baixa)



Fonte: com base em Martin e Rose (2007)

As escolhas feitas na Gradação são realizadas a partir de outras que também poderiam ter sido eleitas, estando a seleção realizada intimamente ligada às considerações dos interlocutores no que tange ao objeto, à coisa, aos fenômenos, assim como afetos/emoções e posicionamentos, anunciando ajuizamentos; o potencial, na construção de hierarquias ‘graduáveis’, articulam-se aos ajustes feitos pelos produtores textuais, volume/grau da intensidade, em razão do que é disponibilizado linguisticamente.

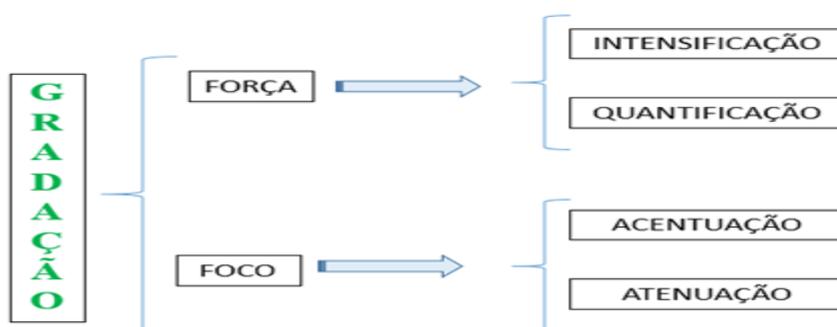
De acordo com Martin e White (2005, pg.137), a “ Gradação opera em dois eixos de escalabilidade - o da classificação de acordo com a intensidade ou quantidade, e o da classificação de acordo com a prototipicidade e a precisão com que os limites das categorias são traçados”; vale ressaltar, ainda, que os valores e “volumes” traçados, dentro desse contínuo, entre o menos intenso e o mais intenso, se dão a partir do já avaliado socialmente.

O subsistema “Gradação” é configurado, então, em termos de Força e Foco. Souza (2010, p. 192- grifos do autor) afirma que o

subsistema de **força** oferece recursos para graduar qualidades (p. ex.: *inteligente, bonito, feio, medroso*) e processos (p. ex.: *andar, correr, comer, pedir*). O subsistema de **foco**, por sua vez, oferece recursos para graduar categorias semânticas prototípicas que em princípio não são passíveis de serem graduadas (p. ex.: *pai, professora, cadeira, livro*).

Assim, considerando a Gradação, suas categorias e categorizações, teríamos o seguinte esquema ou organização do subsistema, em referência às descrições realizadas através de Martin e White (2005), na **figura 5**.

Figura 5- Panorama do subsistema “Gradação²³”



Fonte: com base em Martin e White (2005)

Para Força, há, em acordo com Martin e White (2005), duas operações: a Intensificação e a Quantificação. A Intensificação aponta para qualidades e processos, e a Quantificação envolve um dimensionar relacionado à quantidade/extensão, como, por exemplo, peso, força, tamanho e número, aplicado a entidades, mas, ainda, dentro de alguma possível imprecisão.

Exemplo 12- Gradação/Força

²³ Usaremos a cor **verde** como código na identificação de itens, estruturas ou orações que detenham um valor escalonar/gradual.

“[...]A **maior** limitação à presença da mulher no mercado de trabalho é a existência de filhos...” (08/03/1990, Folha de S. Paulo) [Força/Quantificação]

No exemplo acima, o epíteto “maior” auxilia a construir uma relação de gradabilidade, em um eixo de extensão, [Força/Quantificação], isto é, seu uso dentro de um grupo nominal reforça a ideia de que além das fronteiras já existentes e conhecidas pelas mulheres, há um peso a mais para aquelas que exercem a maternidade, posto que se ampliam as restrições no exercício profissional, impactando a sua visibilidade e, assim, minorando o campo de atuação na vida pública.

Já o Foco, está relacionado a categorias que são graduadas de maneira prototípica, isto é, a elasticidade se dá de um centro para as bordas/margens, entre o que se aproxima ou não do elemento mais característico dentre as possibilidades representativas ou, tanto mais, distintivo ou típico, entre o que, teoricamente não poderia ser graduado, mas que, como bem afirma Souza (2010, p.200 – grifo do autor), “o sistema da linguagem, atendendo as necessidades de uso – de **função** – da espécie humana ao longo de sua evolução, também desenvolveu recursos léxico-gramaticais para permitir que os falantes expressassem diferentes ‘graus’ de prototypicalidade experiencial.”

Em acordo com as (sub)classificações erigidas por Martin e White (2005), o Foco está decomposto em: Acentuação e Atenuação. Para Acentuação, o destaque dado está relacionado à essência ou estrutura da entidade, já a Atenuação é como uma redução, diminuição, do elemento/categoria, tornando-o menos prototípico. Nas palavras de Cabral e Rodrigues (2012, p.146), isso significa que “pela acentuação uma entidade pode ser graduada e representada com um alto grau de autenticidade. Pela atenuação, reduz-se o grau de pertencimento de um item à certa categoria experiencial.” Vejamos uma exemplificação abaixo.

Exemplo 13- Gradação/Foco

“[...] Se alguém vê uma mulher de minissaia e acredita que aquilo é errado, é porque não a enxerga **como pessoa...**” (08/03/2020, Folha de S. Paulo) [Foco/Atenuação]

No **Exemplo 13**, a escolha pelo grupo nominal “como pessoa” contribui para um trânsito entre duas categorias: a de pessoas e a de não-pessoas. Estruturando essa ideia, haveria a representação de mulheres usuárias de minissaias como as mais próximas de uma classificação de não-pessoa [Gradação (Foco/Atenuação)]; por uma relação com um mundo

construído, gera-se uma validação dessas mulheres, isto é, um enquadramento sobre elas, entre ser ou não humana; a depender de seus trajes e vestimentas, são aproximadas ou afastadas não só da “pessoalidade”, mas da categoria objeto.

O subsistema de Gradação, nos ajuda, assim, a pensar nas possibilidades, dentro da Atitude, por exemplo, sobre a disposição de mecanismos que tornam o texto, as escolhas, ainda mais significativas sobre o ponto de vista das especificações, quanto ao grau de intensidade colocado nas avaliações efetuadas, bem como sobre a potência dos valores ali impressos e os possíveis efeitos de/no(s) significado(s).

Sem deixarmos de atentar, antes de tudo que, como proposto por Halliday e Matthiessen (2014, p.361), nas investigações textuais, enfatizamos a “perspectiva multifuncional da LSF, tomando como base as correlações existentes entre as categorias de situação (nível extralinguístico) e o sistema semântico (nível linguístico), em que o texto é produzido”.

É do até aqui tratado e das reflexões realizadas que partiremos, especificamente e em maiores detalhamentos, ao avaliativo incidido à mulher, *ser mulher*, a partir do publicado pela Folha de S.Paulo, em um progresso que vai do delineamento metodológico aos conjuntos de interpretações, em base investigativo-analítica. É sobre isso que nos deteremos nas sessões que se seguem, em busca de significado(s) construídos e distribuídos socialmente.

4 O PROCESSO INVESTIGATIVO: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

“Graças às teorias e aos processos de instrumentalização e de experimentação, a ciência parte de conjecturas, de hipóteses, e não da observação pura e ingênua de fatos ou dados. O observar, mais específico do que ver ou perceber, sempre implica orientação teórica e metodológica.”

(Jayme PAVIANI)²⁴

Neste capítulo, buscamos explicitar os caminhos percorridos em razão da escolha da fonte dos textos, tendo como origem a esfera jornalística exercendo um papel não só representativo, mas colaborando, em boa medida, na e para sustentação de determinadas representações socioculturais. Partindo do jornal “Folha de S. Paulo”, as publicações realizadas, ganharam um recorte temporal mais restrito, em um *corpus* constituído por textos divulgados entre os anos de 1970 e 2019. Além disso, trazemos a inserção da pesquisa com sua inclinação investigativa qualitativa, posto que interpretações são realizadas pela analista, sem que nos esqueçamos, todavia, que os dados quantitativos podem auxiliar nas compreensões e considerações do que foi veiculado valorativamente.

4.1 APRESENTANDO A PESQUISA

A partir do arcabouço teórico, explicitado nos capítulos anteriores, bem como as discussões neles trazidas, na apresentação dos caminhos que nos norteiam, orientamo-nos, agora, na caracterização quanto ao percurso de pesquisa, partindo da escolha do tema até o *corpus* que compõe o presente trabalho, a fim de que as definições realizadas possam ser compreendidas.

Partindo dos textos que circulam na esfera jornalística, sabendo-se que as produções em nada são neutras, mas moldadas nas relações estabelecidas e acessadas, entendemos que texto é “considerado aqui como uma dimensão do discurso: o ‘produto’ escrito ou falado de produção textual (FAIRCLOUGH, 2016, p.21). Diante deste cenário, deparamo-nos com uma diversidade de produções ofertadas, dada a emersão e materialização de práticas sociais que espalham, valoram e constroem perspectivas sobre o mundo.

²⁴ **Epistemologia Prática**. EDUCS: Caixas do Sul, 2013.

Articularmo-nos às práticas midiáticas, leva-nos a um entendimento sobre maneiras como verdades, realidades, são produzidas, sabendo que as ideias por elas proferidas, concentram-se em recortes. As perspectivas estão situadas entre o que é escolhido para ser exposto e aquilo que deve ser silenciado estrategicamente, mas que não deixam de circular dentro de uma sociedade; as configurações e dizeres exigem de cada um de nós, um olhar atento e crítico, mas também nos desafiam a compreensões, a validações, a consensos ou a dissensos.

É importante dentro dessa articulação sublinhar, como faz Melo (2018, p.62), ser “por meio dos veículos de comunicação que parte da população constrói representações sobre os assuntos noticiados em jornais, revistas, portais de notícia e emissoras de televisão e rádio”, em outras palavras, é dizer que os canais midiáticos, o alcance, a propagação de suas produções estabilizam ou legitimam sentido(s), auxiliando na configuração, na estruturação e nos sistemas de valores. E, como a própria Melo (2018) ratifica, fazem emergir dimensões não só no âmbito da cultura e sociedade, mas aspectos políticos e econômicos.

Os empregos, as seleções, os vieses vão, dentro de toda uma conjuntura, dotando significações, padrões, categorias e articulações entre as coletividades, entre os agrupamentos; a participação de todos e/ou de cada um é ativa, pois não há, no uso da linguagem, uma postura que coloque o sujeito enquanto receptáculo, sem qualquer atuação. Não desconsideremos, todavia, os acessos de segmentos ou indivíduos, mas há, em alguma medida, sempre possibilidades de trocas, validações ou, ainda, contraditórios, diante das concepções de mundos organizados que servem a determinados interesses e são dotados de intencionalidades.

De acordo com Brittos e Gastaldo (2006, p.124), se pensarmos no desempenho e papel desenvolvido pelo sistema midiático, identificamos “tendências à reiteração da ordem social instituída- seja em termos institucionais, seja em relação a conflitos de classe, raça ou gênero”, isto é, trazem à tona tematizações, agendas, na e para a constituição de sentidos; estando inserido em uma determinada cultura e sociedade, com amplo espaço de atuação, transitando na cotidianidade dos sujeitos dizentes, leva-os não só a pensar sobre determinadas temáticas, mas como devem habitar em suas cabeças e compor entendimentos.

Nessa concepção de sentido(s), há formas de representar, de construir narrativas sobre aquilo que vai sendo classificado e valorado simbolicamente. Cardoso (2018, p.58), diz, por exemplo, que através da estereotipia da mulher o que existe “é a transformação delas em

sujeitos coletivos que pertencem a uma classe e, por isso, têm certos comportamentos o que não é a realidade”. Estabelecem-se, pois, imagens que passam a habitar as nossas realidades/verdades a partir de certas figurações formadoras de opinião, em meio a negociações e seleções, validando determinadas práticas e condutas em uma sociedade.

Essas formas de ser, de representar, são legitimadas também em outras esferas da vida, no entanto aquilo que (re)produzido pela mídia ou pelo discurso do campo jornalístico, nada mais é, muitas vezes, do que uma duplicação de ideologias dominantes. Estando a palavra em um lugar de privilégio, através dela, são criados “símbolos, mitos, imaginários coletivos e representações sociais” (CERQUEIRA, 2008, p.161).

O que se tem, então, é um (re)contar sobre o pensar, o sentir, o valorar que são compartilhados por meio de textos e atingem parcelas significativas de atores sociais. Há, nessa malha, uma formação ou consolidação de verdades que, anunciadas em formas simbólicas de representação, constroem ou fundamentam uma certa coesão grupal. Os humanos são (re)posicionados e dados a eles graus de importância, a partir do posto ou não como válido, e em uma espécie de parâmetro-base, põe-se em anúncio o que é valorizado ou subvalorizado.

Os jornais buscam, segundo Bednarek (2006, p.220), “elaborações que estejam de acordo com o que eles pensam ser as opiniões, atitudes e sentimentos- daí a postura avaliativa- de (a maioria) de seus leitores”, isto é, as práticas de seleção, tratamento e interlocuções visam estar associadas às dinâmicas que constroem e demarcam um plano de atuação; cria-se, pois, um sistema de compartilhamento e enquadramentos interativos ou, ainda, alguma “complacência” leitora.

4.2 DOS CONHECIMENTOS DISPONÍVEIS: O ESTADO DA ARTE

Estar munido de textos, enquanto unidade através da qual nos comunicamos e orientamos os nossos dizeres, é, antes de tudo, estar interessado sobre o que fazemos quando usamos a língua, o que construímos ao recorrermos a um sistema que está disponível a nós enquanto agentes que anunciamos realidades e assumimos, nas trocas simbólicas, muito mais do que “formas”, mas experiências, análises de espaços, entes, organizações e questões referentes aos nossos “outros”, indicando o que é condicionado, aceito, valorado e valoroso.

Considerando isso, fizemos um levantamento realizado no Catálogo de Dissertações e Teses da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), a fim de um mapeamento mais geral em trabalhos *stricto sensu*, deparamo-nos com 174 produções acadêmicas, na área de Letras, Linguística e Artes, a partir do termo “pdf.Avaliatividade”, entre os anos de 2005-2021. No entanto, considerando temáticas, como: representação, construção de identidade da mulher, sua agência ou, ainda, assuntos que atravessem o mundo dito feminino, deparamo-nos com, apenas, 17 exemplares, divididos assim: quatorze (14) dissertações e três (3) teses, abrangendo o Sistema de Avaliatividade.

Entre todas elas, versando quer sobre análise na perspectiva literária (PINTO; 2015; FELIX, 2019; DESSBESEL, 2020; BORGES, 2021)²⁵, passando pela formação profissional-docente (AQUINO, 2012; SOARES, 2014; MACHADO, 2016; BORGES, 2017; SOUZA, 2018; PIEDADE, 2019; GOMES, 2020;)²⁶, estruturando-se, ainda, entre questões discursivas, estigmas, discriminação, corpo, violência (SANTOS, 2011; VIANA, 2016; LOIOLA, 2017; PEDRO, 2019; ALVES, 2021)²⁷, há, apenas um (1) trabalho versando sobre mulher e texto jornalístico, mais especificamente, em Editorial, e que utiliza como base para levantamento do *corpus*, uma revista, a Revista TPM (CAMARGO, 2016).

Através do trabalho de Camargo (2016), aquele que mais se aproxima do nosso campo de investigação, a autora, em sua dissertação, considera a existência de: um maior comprometimento da voz autoral nos editoriais, um discurso que se opõe às revistas mais

²⁵ “De musas a transgressoras- um recorte do feminino em Chico Buarque: um enfoque sistêmico-funcional” (PINTO, 2015); “A mulher no discurso de Cora Coralina: uma análise do Sistema de Avaliatividade” (FÉLIX, 2019); “A avaliatividade nos quadros de *Mujeres Alteradas I*: uma análise a partir das marcas de tradução à luz da Teoria Funcionalista” (DESSBESEL, 2020); “Análise dos hinos de Frida Vingre a partir do Sistema de Avaliatividade” (BORGES, 2021).

²⁶ “A linguagem da reflexão de uma professora de Língua Inglesa: um estudo de caso sob a perspectiva do Sistema de Avaliatividade” (AQUINO, 2012); “Representações semântico-discursivas de atitude avaliativa de uma professora de Inglês da Rede Pública de ensino acerca dos usos do livro didático em sala de aula” (SOARES, 2013); “Você é a estrela do show: um estudo sobre os processos identitários e crenças de uma professora de Inglês para crianças” (MACHADO, 2016); “Por um sentir crítico: um olhar feminista interseccional sobre a socioconstrução de identidades sociais de gênero, raça/etnia e classe de professoras de línguas” (BORGES, 2017); “Onde eu me encaixo aqui?: (re)construções de identidades de uma professora em formação no estágio de Inglês para fins específicos sob a perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional” (SOUZA, 2018); “Construções identitárias no contexto de formação docente: conversas reflexivas com uma futura professora de línguas” (PIEADADE, 2019); “O Subsistema de Atitude no discurso de cinco professoras de Letras que atuam fora da área de formação em Catalão-GO” (GOMES, 2020).

²⁷ “A discriminação no discurso: a categorização da mulher sob o enfoque da Linguística Sistêmico-Funcional” (SANTOS, 2011); “Representações linguístico-discursivas de mulheres gestantes em situação prisional: uma análise do discurso crítica” (VIANA, 2016); “Análise discursiva da autoimagem corporal de mulheres em diferentes idades: espelho, espelho meu...” (LOIOLA, 2017); “Os relacionamentos abusivos em narrativas de vida produzidas por *youtubers*: uma análise avaliativa” (PEDRO, 2019); “A gente continua merecendo respeito por fazer pole dance: uma análise discursiva de estigmas e identidades em narrativas de mulheres pole dancers” (ALVES, 2021).

tradicionais femininas, no entanto, revela alguma inclinação à configuração de estereótipos de gênero, como veicular mulher e consumo. Em relação à manutenção e desigualdade entre homens e mulheres, a publicação investigada, segundo as análises da autora, sinaliza rejeição, e no tocante à igualdade entre gêneros, sai em defesa. Além disso, há um perfil sociocultural construído sobre a leitora ideal: “uma mulher cisgênero, branca, heterossexual, de classe média-alta, moradora das zonas urbanas mais ricas do Brasil e que trabalha fora [...] É uma mulher que tem condições econômicas e culturais[...]” (CAMARGO, 2016, p.188).

Compreender esse quadro é dar ainda maior relevância ao que se propõe nesta tese, mostrando seu caráter de originalidade, o entendimento sobre a força, o alcance e o poder de instituições jornalísticas, como a Folha de S. Paulo, além mesmo da escassez, até o presente momento, de trabalhos que versem sobre a mulher, *ser mulher*, sua representação social, a partir de um meio de comunicação de grande circulação com amplo domínio sobre práticas discursivas-textuais, em articulação ao Sistema de Avaliatividade, quando dos impactos causados/gerados pelas escolhas e usos em certo universo de dizer.

4.3 DA CONSTRUÇÃO DO *CORPUS*

É diante dessa perspectiva que nos debruçamos na seleção do *corpus* da investigação proposta, considerando que espaço discursivo exerce influência e é formador de opinião. Analisamos textos produzidos pela Folha de S. Paulo e sobre os quais recortes foram efetivados com focalizações em torno do dia 08 de março, em razão à data nomeada por “Dia Internacional da Mulher”, instituída pela ONU (Organização das Nações Unidas), em 1975. Recorrendo a Cerqueira (2008, p.141-142), no que diz respeito aos movimentos ao longo da História, que teriam levado a constituir o 08 de março como representativa, têm-se alguns caminhos possíveis.

Efectivamente, não há um consenso por parte dos investigadores quanto ao marco histórico que iniciou as lutas femininas pela igualdade e que esteve na origem do Dia Internacional da Mulher. No entanto, as posições predominantes apontam para a luta das operárias por melhores condições de vida. Um dos acontecimentos que é mencionado pelos teóricos remete para o dia 8 de Março de 1857. As operárias de uma fábrica de tecidos, situada em Nova Iorque, fizeram uma greve, ocuparam a fábrica e começaram reivindicar melhores condições de trabalho, tais como a redução na carga diária, equiparação de salários com os homens e tratamento digno no ambiente de trabalho. Outra das posições faz alusão a um incêndio numa fábrica em Nova Iorque, em 1911, onde as operárias que pediam melhores

condições foram trancadas e queimadas vivas pelos patrões (Blay, 2004). Há ainda quem recue mais no tempo e explique que a luta das mulheres pela participação igualitária na sociedade teve muita expressão aquando da Revolução Francesa, em que as cidadãs parisienses gritavam “liberdade, igualdade e fraternidade”.

Voltemos a quatro pontos específicos, sobre os quais afirmo a escolha do *corpus*:

- 1) A temática escolhida, *ser mulher*, está diretamente relacionada à tentativa de compreender, antes de ser uma académica, mas me reconhecendo como mulher, que tipo de valores e verdades recaem sobre nós, ao longo dos anos, no esquadrihar das publicações, a fim de que seja possível revelar aspectos sociais, discursivos, de reconhecimento ou não dessa “entidade”, refletindo sobre a importância social da linguagem para e na manutenção ou “desestabilizações” de sentido(s);
- 2) Pensar esse *ser mulher* dentro da ótica de um jornal, como a Folha de S. Paulo, está associado ao fato de a Folha ser um dos jornais de maior circulação no Brasil, desde a década de 20, entendendo-se, aqui, que “em 19 de fevereiro, Olival Costa e Pedro Cunha fundam o jornal ‘Folha da Noite’. Em julho de 1925, é criada a ‘Folha da Manhã’, edição matutina da ‘Folha da Noite’. A ‘Folha da Tarde’ é fundada 24 anos depois”²⁸, quando em 1960, a partir fundição dos três títulos anteriores, surge a Folha de S. Paulo;
- 3) A Folha de S. Paulo dispõe, ainda que sob os outros títulos anteriores, “Folha da Manhã”, “Folha da Noite” e “Folha da Tarde”, de um acervo totalmente digitalizado, de fácil acesso e sem necessidade de pagamento para obtenção de exemplares²⁹. A Folha faz, hoje, parte de um dos principais conglomerados de mídia do país, um dos diários com maior abrangência, nas versões impressa e digital, em assinaturas pagas³⁰;
- 4) A escolha do dia 08 de março está pautado na ideia de que entendendo-o como uma data simbólica, já desde a década de 20, século XX, apesar do reconhecimento pela ONU só acontecer em 1975, coincide com início e circulação das primeiras

²⁸ As informações aqui presentes constam em uma linha do tempo construída pela própria Folha e disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia_da_folha.shtml?fill=4 Acessado em: 01/10/2021

²⁹ As edições dos últimos seis (6) meses só podem, no entanto, ser acessadas via assinante.

³⁰ De acordo com os dados expostos pelo Poder 360, a partir do Instituto Verificador de Comunicação (IVC). Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/jornais-em-2021-impresso-cai-13-digital-sobe-6/> Acessado em: 02/02/2022

publicações da Folha, ainda como “Jornal da Manhã” ou “Jornal da Noite”, e seriam potencialmente encontrados textos que : a) remetesse às mulheres; b) falassem sobre as mulheres de maneira mais focal; c) abordassem questões tidas como pertencentes às mulheres, ao universo dito feminino, quer de maneira específica ou mais ampla, dentro de determinados campos da realidade midiática.

Decidimos, assim, realizar um recorte, saindo de uma dimensão ampliada para restrita,³¹ considerando o quantitativo de textos, a fim de que pudéssemos manipular os dados da melhor forma possível, já que para análise do *corpus* deste trabalho, o procedimento foi manual. Isto é: i) seleção dos textos da esfera jornalística; ii) arquivamento do material textual; iii) leitura texto a texto; iiiii) realização de marcações quando identificados elementos que, através da léxico-gramática e do empreendimento semântico-discursivo, pudessem ser considerados avaliativos.

Compreendendo a escolha do 08 de março, bem como a Folha de S. Paulo, sob um único título, na década de 60, ainda como uma maior luta das mulheres, entre 1960 e 1970, em pautas que versavam sobre a melhoria das condições de vida, emancipação e igualdade, além mesmo de investimento delas enquanto sujeitos político na e pela conquista dos direitos civis e participação na vida pública, procedemos à realização de um outro recorte no *corpus*: consideramos as publicações datadas entre os anos de 1970 e 2019, correspondentes a meio século de publicações e, para ainda uma maior lapidação, operamos sobre as publicações que recaem no ano-início e no ano-fim de cada década.

Quadro 4 - Recorte temporal e refinamento

Folha de S. Paulo (Década)	Data	Ano-publicação (<i>Corpus</i>)	Ano-publicação (<i>Corpus</i>)
1970	08.03	1970	1979
1980	08.03	1980	1981
1990	08.03	1990	1991
2000	08.03	2000	2010
2010	08.03	2010	2019

Fonte: A autora (2022)

³¹ Estamos chamando de dimensão ampliada ou *corpus* ampliado todos os textos que, em um primeiro momento, compunham nosso banco de seleção e foram inseridos, a partir do que versavam, em cinco áreas ou campos: Arte, Educação, Saúde, Economia e Política; e, para dimensão reduzida, aqueles textos que, após levantamento inicial e considerando um potencial expressivo, em termos também quantitativos, resultaram em nosso *corpus* restrito: 15 (quinze) textos circunscritos nas categorias Política e Economia, e sobre os quais as análises neste trabalho foram realizadas.

Depois disso, foram criadas pastas no computador, com todas as publicações, a partir dos critérios definidos: um arquivo ampliado, década a década, de 20 (séc. XX) a 2019, decomposta por sequenciamento anual por década, como pode ser visto, respectivamente, na **Figura 6** e na **Figura 7** que seguem:

Figura 6 – Arquivo Geral de 1920 a 2020

Nome	Data de modificaç...	Tipo
Déc_20	07/04/2021 19:41	Pasta de arquivos
Déc_30	06/04/2021 18:29	Pasta de arquivos
Déc_40	30/03/2021 16:09	Pasta de arquivos
Déc_50	30/03/2021 17:05	Pasta de arquivos
Déc_60	30/03/2021 17:05	Pasta de arquivos
Déc_70	30/03/2021 17:07	Pasta de arquivos
Déc_80	30/03/2021 17:01	Pasta de arquivos
Déc_90	05/04/2021 18:37	Pasta de arquivos
Déc_2000	01/03/2021 11:45	Pasta de arquivos
Déc_2010 e 2020	02/03/2021 15:01	Pasta de arquivos

Fonte: A autora (2022)

Figura 7 – Exemplo de arquivo década a década sequenciada

Nome	Data de modificaç...	Tipo	Tamanho
Corpus_1970	30/03/2021 17:07	Microsoft Word D...	7.150 KB
Corpus_1971	22/02/2021 15:52	Microsoft Word D...	709 KB
Corpus_1972	22/02/2021 16:19	Microsoft Word D...	1.675 KB
Corpus_1973	22/02/2021 16:37	Microsoft Word D...	1.555 KB
Corpus_1974	22/02/2021 16:59	Microsoft Word D...	1.669 KB
Corpus_1975	22/02/2021 17:41	Microsoft Word D...	2.461 KB
Corpus_1976	23/02/2021 15:25	Microsoft Word D...	1.957 KB
Corpus_1977	23/02/2021 16:07	Microsoft Word D...	1.799 KB
Corpus_1978	23/02/2021 16:42	Microsoft Word D...	5.662 KB
Corpus_1979	30/03/2021 16:57	Microsoft Word D...	3.027 KB

Fonte: A autora (2022)

Pensando-se em uma maneira de explicitar a configuração e constituição do *corpus*, temos o seguinte percurso e esquema de seleção:

- 1º) Serem textos em bom estado de leitura (legibilidade);
- 2º) Estarem dispostos no acervo *online* da Folha de S. Paulo e em gratuidade³² ;
- 3º) Terem sido, os textos, publicados nos limites e margens pensados. Isto é, quando *corpus* ampliado: um compilado de textos publicados em todas as décadas, entre 1920 e 2020, ano a ano, na data de 08 de março, correspondente ao Dia Internacional da Mulher; quando explicitamos o *corpus* restrito, referimo-nos aos textos publicados no início e no fim de cada década, também anualmente, mas compreendidos entre 1970 e 2019;
- 4º) Constituírem-se, materiais textuais, como pertencentes ao Campo Jornalístico;
- 5º) Abordarem, as publicações, questões que envolvam o *ser mulher* enquanto assunto principal, secundário, figura no discurso midiático a partir de temática (co)relacionada;

Outra questão a ser considerada, dentro do recorte temporal indicado, é que as publicações versam sobre as mais diferentes pontos e questões no trânsito social, e sobre as quais variados acontecimentos são elencados e direcionados. Tomando com alguma orientação os cadernos comuns, pertencentes aos jornais, agrupamos os textos em duas grandes categorias temáticas: Política e Economia.

As características mencionadas sobre o *corpus*, do 1º ao 5º, mas especialmente a 3ª e a 5ª, encontram indicativos nas seguintes questões mais específicas: o recorte temporal, em meio século, tem relação com o fato das publicações anteriores à década de 60 estarem muito mais limitadas a questões domésticas e ao universo das Artes. Assim, trabalhar com os textos que são produzidos a partir de 1960-1970, tendo tal marco temporal, além das questões que envolveriam maior liberdade de expressão, busca por igualdade, conquista de direitos civis pelas mulheres, contestação do sistema, entre outras demandas, é uma possibilidade de maior abrangência e emergência de publicações ampliadas, logo catalogação, análise e compreensões a respeito de *ser mulher*.

Isso, de certa forma, também conversa com as macrotemáticas, já que uma diversidade do produzido pelo espaço jornalístico da Folha começa a sinalizar estarem, as mulheres, a transitar por outras esferas, sendo a Política e a Economia aquelas em que se acharam mais

³² A gratuidade, como mencionada em nota de rodapé anterior, na nota 29, só não se dá em completo acesso aos últimos seis meses, pois estão disponíveis, apenas, para assinantes da Folha de S. Paulo.

exemplares e/ou sobre as quais pudemos fazer *links* associativos, isto é, caracterizar como tais textos se encontram ou valem-se desses universos para construir/configurar *ser mulher*.

É também válido destacar a seleção pelo dia 08 de março, Dia Internacional da Mulher, como uma possibilidade de acesso a um volume mais expressivos de textos, uma maior concentração textos, já que por ser uma data simbólica, revelaria um quantitativo de publicações envolvessem a mulher e o seu ser, de maneira mais direta ou transversal.

Considerando os dados e as características da pesquisa, admitimos ser este um estudo de viés qualitativo, não apenas em virtude da escolha do próprio material de análise, mas por também contemplar sentidos possíveis que emergem através do olhar do analista e, como Oliveira (2010, p.22) expõe, em relação à pesquisa qualitativa, “fazer pesquisa qualitativa é analisar e interpretar dados, refletir e explorar o que eles podem propiciar (...)”, favorecendo, assim, uma maior aproximação e integração do pesquisador, que dizem respeito a reflexões, entendimentos e experiência no empreendimento investigativo. Dito isso, não deixamos de salientar que, sabendo-se estar localizado o Sistema de Avaliatividade dentro de um escopo maior, a Linguística Sistêmico- Funcional, as análises aqui efetivadas dão-se desde os níveis mais concretos aos níveis mais abstratos de exame e exploração.

Ainda que se trate de uma pesquisa qualitativa, os dados quantitativos, como os expostos na sequência, **tabelas 1, 2, 3 e 4**, podem nos auxiliar a uma melhor compreensão do que emerge quando o *ser mulher* orbita categorias “Política” e “Economia”, seja no curso das análises ou mesmo nas considerações, posteriormente, realizadas.

Tabela 1 – Ocorrências do Subsistema Atitude na temática “Política”

Subsistema	Ocorrências
Atitude	147
Afeto	14
Julgamento	29
Apreciação	104

Fonte: A autora (2022)

Tabela 2 – Ocorrências do Subsistema Gradação na temática “Política”

Subsistema	Ocorrências
Gradação	37
Foco	4
Força	41

Fonte: A autora (2022)

Tabela 3 – Ocorrências do Subsistema Atitude na temática “Economia”

Subsistema	Ocorrências
Atitude	72
Afeto	6
Julgamento	7
Apreciação	59

Fonte: A autora (2022)

Tabela 4 – Ocorrências do Subsistema Gradação na temática “Economia”

Subsistema	Ocorrências
Gradação	21
Foco	0
Força	21

Fonte: A autora (2022)

As ocorrências elencadas giram em torno de: processos (verbos), sintagmas nominais (grupos nominais), advérbios (circunstâncias), adjetivos (epítetos), sintagmas preposicionados, nominalizações, atributos (predicativo do sujeito), quando nos detivemos ao Subsistema Atitude e suas três categorias: Afeto, Julgamento e Apreciação. No que diz respeito à Gradação, dividida entre: Força e Foco, deparamo-nos com: epítetos (qualificadores), circunstâncias (advérbios), modificadores, processos verbais e numerais. Tanto dentro de uma categoria, quanto em outra, Atitude e Gradação, os elementos que emergem, auxiliam na geração de significados, a partir das amostras nas quais estão inscritos.

Valendo-nos, pois, das seleções, recortes e predileções, orientamo-nos para permanências, (res-)significações, convenções sociais e/ou possíveis rupturas nas trocas efetivadas entre os sujeitos de linguagem, em um contexto “natural”, usual em manifestações linguísticas. É sabido, no entanto, que as construções por eles realizadas não estão, mais uma vez e exclusivamente, amparadas em aspectos léxico-gramaticais, posto que extrapolam esta esfera e lançam linhas em encontro ao campo semântico-discursivo, pois aquilo que os participantes fazem, preferem e/ou barganham, também revela, expressa e aponta para a exterioridade, e lembram-nos, assim, de trazer à memória as seguintes perguntas: “Por que o texto transmite certos significados?”, mas também “ O que tem por trás e ao redor das escolhas efetivadas pelos usuários?”

A partir daqui, seguimos em busca desses e de outros questionamentos/considerações, a fim de identificar que respostas emergem, mediante as análises realizadas, sem que nos esqueçamos que a LSF cumpre, ao mesmo tempo, tanto o perfil de base teórica-conceitual, quanto é auxiliar no traçado metodológico ao ponderarmos sobre aspectos que envolvam as categorias investigativas.

5 A EFETIVIDADE DOS ELEMENTOS AVALIATIVOS NOS CAMPOS “POLÍTICO” E “ECONÔMICO”

Os materiais empíricos “[...] descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticas da vida dos indivíduos.”

(Norman DENZIN e Yvonna LINCOLN, 2006)

Considerando os nossos objetivos e critérios, este capítulo é composto pela análise do *corpus*, concentrado em duas esferas sociais: Política e Economia. Olhamos, aqui, para os Subsistemas de Atitude e de Gradação, a fim de que seja possível, respaldados na tradição e em estudos desenvolvidos dentro do campo da LSF, mais propriamente no que se desmembra, o Sistema de Avaliatividade, compreendermos as escolhas, os usos e efeitos sobre os significados, a partir das publicações selecionadas. As eleições sinalizam, para o ouvinte ou leitor, relações que são articuladas e estão entrelaçadas para e na expressão de opiniões, julgamentos e atitudes, em ângulos de afetividade, mas também na “externalização” de valores culturais e sociais, bem como o aumento ou diminuição do grau na avaliação realizada pelos recursos de “Gradação”, com possibilidades interpretativas que conformam visões de mundo sobre *elas* - Quem são essas mulheres? Como são (re)conhecidas?- através do veículo midiático “Folha de S. Paulo”, no correr de cinco (5) décadas.

5.1 UM OLHAR EM ANÁLISE

A partir deste tópico, debruçar-nos-emos sobre as análises propriamente ditas, buscando identificar, categorizar e examinar os elementos léxico-gramaticais, bem como proceder uma exploração semântico-discursiva no que diz respeito aos subsistemas de Atitude e Gradação, em torno do *ser mulher*, em duas grandes temáticas que atravessam a sociedade: Política e Economia.

A fim de que sejam contemplados e compreendidos os mecanismos sobre os quais constrói-se a entidade “*ser mulher*”, em recortes proporcionados pela Folha de S. Paulo, também espaço de onde emerge o nosso *corpus*, recorreremos à “Política”, utilizando-nos de

oito (8) textos,³³ e à “Economia”, com sete (7) publicações, totalizando quinze (15) exemplares textuais, que, no montante disponível, encaixaram-se nesses dois campos da vida social, a partir da linha temporal delimitada, entre 1960 e 2019.

Optamos por essas duas macrotemáticas pelo fato da existência de uma certa tradição jornalística que ampara suas produções e seleções textuais em categorias, cadernos temáticos e, pelo dia 08 de março, acreditando ser uma data em que, com alguma facilidade, encontraríamos textos que contemplassem a figura *mulher*. É válido ressaltar que o nosso recorte não está, exclusivamente, situado nas seções “estanques”, isto é, nos cadernos temáticas, mas atravessa toda a produção textual dos anos e décadas selecionados, desde que, houvesse, na superfície textual, menção, referência, associação e/ou registro sobre “*ser mulher*”.

5.1.2 Na Política³⁴, “*Mulheres que sobrevivem, apesar dos espaços que a elas são negados, das violências e dos assédios.*”³⁵

Quando pensamos em aspectos da Política³⁶, estamos fazendo relação a todo um universo de construções que estruturam a vida em sociedade, como direitos, acessos e lutas, dizendo respeito à agentividade, inclusive, das mulheres, e sobre os impactos que atravessam também as paredes da vida doméstica. Ao trazermos para o centro as regularidades e/ou concordâncias em torno do que deveria ser benefício comum a todos, e a cada cidadão, há um afetar direto sobre o cotidiano e as validações a eles dados.

A seguir, serão analisadas amostras de oito (8)³⁷ textos que trazem à tona perfis, considerações, arranjos que podem potencializar uma melhor compreensão do que é “*ser*

³³ Os textos, categorias “Política” e “Economia”, poderão ser encontrados, em anexo, na íntegra, tanto a partir da coleta *online*, consultando o acervo da Folha de S. Paulo, como também, um a um, digitado- Anexos A, B, C e D.

³⁴ Para a categoria “Política”, Subsistema “Atitude”, contamos com um total de 147 ocorrências. (cf. p. 92)

³⁵ Trecho do artigo de opinião “Mulher, como inúmeras brasileiras”, por Anielle Franco e Jurema Werneck. Publicado no dia 08.03.2020, na Folha de S. Paulo. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=49088&anchor=6408280&origem=busca&originURL=&pd=c8d9141b23118d0200a9cc3fe0d6b90d>

³⁶ Trazemos, para tanto, o conceito de Bernard Crick (1964, p. 21): “Política é a atividade pela qual interesses divergentes no âmbito de uma unidade de governo podem ser reconciliados pela atribuição de participação no poder, em medida proporcional à sua importância para o bem-estar e a sobrevivência de toda a comunidade” e sobre o qual ampliamos, pois especificadas estão questões ideológicas.

³⁷ É válido destacar que dentre os 8 (oito) textos analisados, apenas 2 (dois) são assinados por mulheres; os outros 6 (seis) textos são escritos por homens, que vão desde colonistas ao editor responsável. Em termos percentuais, só 25% (vinte e cinco por cento) das publicações analisadas, até o momento, correspondem a autorias femininas.

mulher” nos espaços em que interesses atendem, como majoritariamente tem sido, a hegemonia masculina, posto que são a eles, os homens, em potencial, dadas as chaves que orientam as normas, as leis, os “destinos” e o exercício do desejável sobre elas, as mulheres, sem esvaziamento de influência grupal, em interesses estruturalmente fundamentados.

Para isso, iniciamos um diálogo mais refinado com o nosso *corpus*³⁸, considerando as categorias que envolvem os subsistemas “Atitude” e “Gradação”, já que a forma como dispomos nossa análise, empenha-se em trazer também os movimentos maximização ou minimização em parceria ao elemento/referente sobre o qual incide a avaliação em termos atitudinais, na construção de quadros mais coerentes na relação textos-escolhas. Martin e White (2005) evidenciam que, para além dos sentimentos e valores do falante/escritor, a Atitude pode auxiliar a revelar os papéis de fala e, por consequência, o lugar social dos participantes em suas trocas, nos textos.

Começemos pelo “Afeto”, a partir da esfera “Política”, o primeiro a ser por nós analisado, e observemos o que as construções dizem ou podem revelar a partir das seleções realizadas pelos interagentes.³⁹ Antes, porém, é importante sinalizar o contexto macro, Contexto de Cultura, de onde essas publicações partem, considerando as dimensões que envolvem, ainda, a década de 60, do século XX. Esse período é de grandes transformações sociais e ganha impulsos femininos significativos, isto é, as mulheres buscam não só igualdade de direito, mas também equiparação de salários e possibilidades de decisões, levando a questionamentos e à conquista sobre frequentar e ocupar lugares outros, não apenas os que incluíssem o universo doméstico, o lar.

Quadro 5- Variáveis da Amostra 1

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Apresentação de aspectos e configurações relacionados ao Projeto do Código Civil, bem como explicitação de outras conquistas/melhorias alcançadas pelas mulheres casadas através da Lei.	Escritor e leitor O correspondente e público leitor do jornal Folha de S. Paulo (Diretor presidente – Octávio Frias de Oliveira)	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

Fonte: A autora (2022)

³⁸ Os títulos, amostras e demais partes, componentes de quaisquer um dos textos aqui utilizados, estão grafados tais quais os originais, conservando a ortografia, pontuação e especificidades de cada uma das produções.

³⁹ A fim de facilitar a compreensão e enquadramento/Contexto, optamos por construir quadros que especifiquem as variáveis “Campo”, “Relação” e “Modo” antes de cada amostra discutida.

O **quadro 5** ilustra, dentro de um contexto mais imediato, Contexto de Situação, uma estruturação fundamentada a partir da organização e das inclinações do Código Civil, o juridicamente instituído. Tendo em vista os direitos já conquistados pelas mulheres, mas, aqui, especificamente, no que contempla as mulheres casadas, o bem quisto e validade societariamente aponta, em termos estratégicos, para a preservação da chamada “unidade familiar”, como observado na **Amostra 1**.

Amostra 1 – “*Reale em Porto Alegre: o novo Código Civil vai ampliar as conquistas da mulher casada*”

“[...] o projeto não apresentará nenhum retrocesso no tocante às conquistas que a legislação atual **assegurou** à mulher casada.” (#CP1-08.03.1970, 140-41)

O processo material realizado pela forma verbal “*assegurou*” (Afeto[+Segurança]) está relacionado, agora, a um sentimento *positivo* instituído à autonomia da mulher, marcando uma compreensão quanto à autorregulação sobre a sua própria vida, frente aos desafios promovidos pelo matrimônio. Esse regime ao qual estava vinculada, associava-se a uma não-livre aquisição de bens, e conseqüente administração/intervenção marital sobre a vida delas.

É esta mesma mulher que, de acordo com a **Amostra 2**, a seguir, não só se encontrava em estado prévio de insegurança, antes das novas diretrizes jurídicas, mas que, dentro da condição a ela, muitas vezes, imprimida, também porta consigo uma existência em caminhos de aflições.

Quadro 6- Variáveis da Amostra 2

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Defesa de um ponto vista a respeito do “Dia Internacional da Mulher”, as lutas e os desafios femininos em cenário brasileiro.	Escritor e leitor. Editor responsável (Boris Casoy) e público leitor do jornal Folha de S. Paulo	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

Fonte: A autora (2022)

A fim de compreendermos melhor o **Quadro 6**, com a validação do Dia 08 de março, enquanto data simbólica, é trazido à tona um cenário de negação dos direitos, da proteção e da equidade para as mulheres. Um entendimento possível diz sobre a necessidade de (re)alinhamentos sociais, a fim de que, pela história construída e que vem atravessando as

mulheres, as relações, os lugares e os valores sejam a elas também benéficos, posto fazerem parte da sociedade brasileira e com ela contribuïrem.

Amostra 2 – “A mulher e o Brasil”

“ O tratamento **quase medieval** que **sofre** uma **grande massa de mulheres** neste País não é uma **aberração** perante o escândalo maior da existência de milhões de brasileiros que vivem em condições de miséria quase absoluta.” (#CP2- 08.03.1979, 132-34.)

A marcação do processo mental “sofrer” (Afeto[-Felicidade]), além de um encargo sinalizado pelo sintagma “quase medieval” (Gradação[Foco/Atenuação]), apontando à Idade Média, remete à inferiorização, ao domínio, a uma gama de aspectos articulados à incapacidade, restrições: restrições ao lar e à dependência dos homens, ao casamento, à procriação e aos silenciamentos. Pensar nessa(s) mulher(-es), refletir sobre uma determinada configuração é questionar: O medieval encerrou? Ou, ampliando o olhar, é falar sobre perpetuação de concepções e estruturas que têm, apenas, em cronologia, continuado, e no uso do elemento circunstanciador “quase” encontram-se travestidas/minimizadas?

Dentro deste mesmo panorama, é interessante notar a forma como o autor do texto referencia as “mulheres”, pois além de não as particularizar, há um enquadre único homogeneizador através do grupo nominal “grande massa”. O epíteto “grande” (Gradação[Força/Quantidade]) funciona como um maximizador do volume desse ajuntamento que é entendido como uma “massa” (Apreciação[Composição/-Equilíbrio]), podendo gerar, dentro de um horizonte compreensivo, o enquadramento em uma mesma e única realidade para todas as mulheres, quando o que temos, enquanto sociedade na qual transitamos, é a pluralidade. Estabelecer este movimento é dizer, em outras palavras, que há indivíduos, no entanto, suas individualidades perdem força em meio ao enorme processo de uniformidade das diferenças.

Além disso, em comparação a outras questões sociais que permeiam o país, este tratamento praticado sobre as mulheres, no uso do adjetivo realizado pelo epíteto “aberração” (Apreciação [Composição/-Equilíbrio]), não se põe em “pé de igualdade” a outras demandas, talvez, mais urgentes ou necessárias, pensando, a partir das escolhas aqui manifestadas. Em sendo assim, então, mereceriam mesmo investimentos, um olhar mais apurado e políticas públicas que se desenvolvam na direção delas?

E é por conferir tal genericidade que as mulheres não apenas falam, mas sonorizam em alto volume suas necessidades, direitos e configurações (plurais), em apropriação. Observemos a **Amostra 3**.

Quadro 7- Variáveis da Amostra 3

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Informar sobre as atividades e manifestações promovidas pelo Movimento de Libertação da Mulher (MLF), na França	Escritor e leitor/público leitor do jornal Folha de S. Paulo (Editor responsável: Boris Casoy)	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

Fonte: A autora (2022)

Particularizando o que nos pode propor o texto “Francesas gritam pelas ruas”, temos as seguintes caracterizações: manifestações ocorridas na França, em virtude de valores que, por um grupo de mulheres, dentro das pautas por elas assumidas, tornam-se legítimas e estão ligadas às seguintes questões: discriminação, machismo e falta de independência/autonomia. O que há é uma busca por igualdade e respeito frente aos homens, em uma tentativa de expressarem-se e serem ouvidas, via manifestações, mas colocando em evidência os papéis preservados pelos homens, que, aproveitando-se dessa condição privilegiada, tornam-se mantenedores de desequilíbrios e diferenciações.

Amostra 3- “Francesas gritam pelas ruas”

“ O Movimento de Libertação da Mulher (MLF) **gritará** suas reivindicações pelas ruas de Paris [...]” (#CP3- 08.03.1980, 11)

O processo comportamental realizado pelo verbo “*gritará*” (Afeto[-Satisfação]) funciona como elemento de cunho *afetivo*, denotando a *insatisfação* de um grupo de mulheres frente aos desafios no campo do trabalho, um *status* que impede a autonomia e liberdade. Considerando o longo percurso/trajetória de formação e limitações por elas sofridos, em esforço conjunto, tentam “romper” barreiras e chamar atenção às suas causas, na contramão de espaços a elas reservados e não favorecedores da plasticidade no exercício cidadão.

E em muitos aspectos, não só nos que discorrem a “mero desfavorecimento cidadão”, elas, as mulheres, estão sujeitadas; são lançadas a práticas impensáveis a que qualquer pessoa, como nos apresenta a **Amostra 4**, geradoras de uma série sentimentos.

Quadro 8- Variáveis da Amostra 4

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Discorrer e denunciar a violência sofrida por mulheres quanto à mutilação feminina, ao redor do mundo, seus impactos e preservação da integridade da mulher para além de questões culturais.	Escritor e leitor: Articulista (Carlos Alberto Idoeta) e público leitor do jornal Folha de S. Paulo	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

Fonte: A autora (2022)

Traçando um perfil daquilo que é pauta no **Quadro 8**, a particularização enunciativa está no que tange às violências sofridas pelas mulheres. Nesta conjuntura, ganha destaque a MGF (Mutilação Genital Feminina), como meio perverso de manter determinadas “tradições” culturais, sem que os grupos considerem a monstrosidade e as consequências sobre a vida, em um verdadeiro ataque à inteireza da mulher. Elas estão cercadas por toda uma construção patriarcal que subjuga, condena e controla, isto é, tem-se uma relação de poder e domínio. Aqui, uma questão estrutural faz-se notada: ao serem obrigadas à mutilação, a sexualidade da mulher torna-se domínio do homem; há um controle, inclusive, dos sentidos delas, apontando para cumprimento de determinados “deveres”. Vejamos.

Amostra 4 – “Mulheres mutiladas”

“[...] relatos pessoais indicam sentimentos de **ansiedade, terror**, humilhação e traição, com efeitos negativos a longo prazo.” (#CP5-08.03.1999, 121-22)

Na **Amostra 4**, as mulheres são mutiladas, seus direitos humanos são violados, sua integridade corpórea é invadida e os impactos tornam-se evidenciados através da seleção dos itens lexicais “ansiedade” (Afeto[-Segurança]) e “terror” (Afeto[-Segurança]). Tais itens apontam para uma falta de proteção, para uma insegurança de vida em seus países ou comunidades, “[...] África, Oriente Médio, países latinos, americanos, asiáticos, europeus, Canadá e EUA[...]”, com impactos que reverberam e persistem por toda uma vida, história e existência. Tais atos, contra as mulheres, infringem, por exemplo, o Artigo V, da “Declaração

Universal dos Direitos Humanos” (1948)⁴⁰, quando nos é dito: “Ninguém será submetido à tortura, nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante.”

Tal estado de fragilidade e de situação desumana ganham uma outra evidência por meio da nominalização “vulnerabilidade”, na **Amostra 5**.

Quadro 9- Variáveis da Amostra 5

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Discutir sobre a condição da mulher na sociedade contemporânea, seus direitos, lugar e impactos na/para humanidade.	Escritor e leitor: Articulista (Miguel Srougi) e público leitor do jornal Folha de S. Paulo	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

Fonte: A autora (2022)

Considerando os impactos sofridos ao longo do percurso histórico pelas mulheres, como privações, cerceamentos, silenciamentos e negação de projeção, lidamos também com as lutas e as tentativas de rompimento de barreiras, ainda mais quando tratamos de seu ingresso na esfera pública, sem haver, contudo, uma total equiparação entre direitos e deveres. É isso que o **Quadro 9** busca trazer enquanto contexto mais pontual ao nos dizer sobre o trajeto: vida doméstica e vida pública. Tal transitar é marcado por vulnerabilidades e ampla necessidade de reconhecimento, bem como condições que propiciem um desenvolvimento mais amplo delas, afastando-as das opressões.

Amostra 5- “Mulheres, um mundo misturado”

“[...] que se reduza sua **vulnerabilidade** à violência física, sexual e psicológica [...]”
(#CP7-08.03.2010, 147.)

O que se tem, considerando a **Amostra 5**, é uma mulher colocada dentro de um quadro de preservação comprometido (Afeto[-Segurança]). Elas são e estão mais expostas, o que requer ações que diminuam o desamparo e aumentem a responsabilidade sobre elas, sobre a sua integridade, uma inviolabilidade física, psíquica e moral.

⁴⁰ Disponível em: <https://www.oas.org/dil/port/1948%20Declara%C3%A7%C3%A3o%20Universal%20dos%20Direitos%20Humanos.pdf> Acessado em: 18.05.2022.

Tomando por base o que estabelecido em termos de Afeto, a partir do viés Político, temos a seguinte configuração, em itens avaliativos, que se manifestam textualmente, e valoração entre polaridades “Positiva” e “Negativa”:

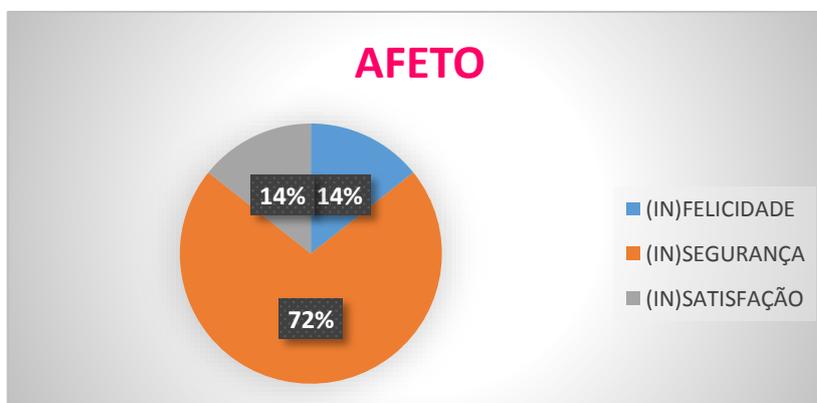
Tabela 5- Ocorrências no (Sub)Sistema Afeto/Política

(SUB)SISTEMA AFETO		
(IN)FELICIDADE		OCORRÊNCIAS
Positiva (+)	Negativa (-)	2
0	2	
(IN)SEGURANÇA		OCORRÊNCIAS
Positiva (+)	Negativa (-)	10
5	5	
(IN)SATISFAÇÃO		OCORRÊNCIAS
Positiva (+)	Negativa (-)	2
0	2	
OCORRÊNCIAS TOTAIS		
POSITIVAS	NEGATIVAS	14
5	9	

Fonte: A autora (2022)

O que temos, na categoria Afeto, do tema Política, analisando-se os índices, encontramos um percentual mais robusto dentro na categorização de (In)Segurança, como pode ser verificado no **Gráfico 1** a seguir, perfazendo um total de 72% das ocorrências, em contraste aos 14% nos índices de (In)Felicidade e 14% das emoções relacionadas à (In)Satisfação.

Gráfico 1- Percentuais em “Afeto” na Política



Fonte: A autora (2022)

Esses dados podem sinalizar questões importantes no que dizem respeito à relação ser mulher, sua caminhada social e a (In)Segurança. No recorte realizado, uma convivência

social, apresenta um posicionamento atitudinal em que a seguridade se acha em destaque, mas sem que, no entanto, aja um descompasso entre as polaridades positiva e negativa, quando relacionadas. Colocadas lado a lado, geram a impressão, em parâmetro associativo, de que para cada sentimento de tensão e risco, há uma tentativa de seguridade e proteção. Essas questões, no entanto, acabam sendo “desconstruídas”, se olharmos para as ideias reveladas nas outras subcategorias, posto que ser mulher é lidar também com dores, infelicidades, sem um domínio total dos seus caminhos, fazendo com que se dediquem a um ecoar, reproduzindo em alto som aquilo que lhes é de direito, para desfrutarem de igualdade social e uma existência preservada.

Um ponto interessante, então, a ser ponderado está na relação entre os “bons” e “maus” sentimentos, marcando uma elevação entre o que é significado como um estado emocional favorável e desfavorável. Vejamos o gráfico que compõe o **Gráfico 2**.

Gráfico 2 – Ocorrências Positivas x Negativas na categoria “Afeto” na Política



Fonte: A autora (2022)

É válido trazer à superfície, analisando a conjuntura da esfera “Política”, tanto em termos de (In)Felicidade, (In)Segurança e (In) Satisfação, a saliência em valorações afetivas que se deslocam para uma frequência expressa em Afeto (-) negativo, dada a região semântica das emoções. Isto é, tem-se uma orientação em que processos como “sofre”, “gritará”, “garantido”, as nominalizações “terror”, “ansiedade”, “vulnerabilidade” e a circunstância “infelizmente” geram a construção de representações em que as mulheres, as temáticas que as atravessam, bem como os contextos em que estão inseridas, a existência de

marcas muito mais de tristeza, temor e desprazer, do que aquelas realizados por meio do processo “assegurou” e das nominalizações “proteção” e “aconchego”, em valores de confiança e ternura/amor a elas direcionados ou demandados.

Passando para a categoria de Julgamento, nos deparamos com uma recorrência maior de elementos avaliativos. Tais eleições, mais uma vez, voltamos a dizer, não são aleatórias, mas se encontram ancoradas em toda uma elaboração e configuração do real, fazendo determinadas impressões e construções de universos emergirem. Diante de tal perspectiva e cientes dessa condição, esbarramos com algumas eleições, como a disposta na sequência pela **Amostra 6**.

Quadro 10- Variáveis da Amostra 6

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Apresentação de aspectos e configurações relacionados ao Projeto do Código Civil, bem como explicitação de outras conquistas/melhorias alcançadas pelas mulheres casadas através do mesmo Código.	Escritor e leitor O correspondente e público leitor do jornal Folha de S. Paulo (Diretor presidente – Octávio Frias de Oliveira)	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

Fonte: A autora (2022)

O contexto constituído pelo **Quadro 10**, configura-se como o mesmo retratado no **Quadro 5**, p.95: trata das questões relacionadas aos direitos adquiridos pelas mulheres (casadas), a partir do Projeto do Código Civil, com vistas a manutenção de uma unidade familiar. Observemos, para isso, a **Amostra 6**.

Amostra 6 – “Reale em Porto Alegre: o novo Código Civil vai ampliar as conquistas da mulher casada”

“No projeto, por exemplo, não só se reconhece a posição positiva da mulher como **colaboradora** na direção da sociedade conjugal, como se lhe confere maior autonomia na condução dos próprios negócios...” (#CP1-08.03.1970, 143-45)

O que são esses dizeres, se não, considerando toda uma configuração histórico-social das relações estabelecidas pelos sujeitos, um desafio às práticas, até então, institucionalizadas,

em que as mulheres são sujeitos sem plena autonomia quanto à vida financeira, administração de seus bens e defrontam-se com a intervenção e fiscalização de um homem diante do patrimônio delas? Ao recorrer ao epíteto “colaboradora” (Julgamento [Estima social/+Capacidade]), elas são alçadas a laço como a parte do “contrato” responsável pela “unidade familiar”; a essas mulheres lhes são imputadas grandes responsabilidades em termos de capacidade para exercício da função-destino, mas também caso os “fracassos” aconteçam, entenda-se, divórcio, tornam-se as protagonistas de uma desestabilização da sociedade em sua forma “tradicional”.

Ao mesmo tempo em que são alojadas como competentes, caso tudo vá bem, a partir de uma configuração e perpetuação social esperada nelas, tem-se reservado às mulheres uma desconfiança ou descrédito sobre esse mesmo potencial, isto é, suas capacidades são não apenas reduzidas, mas, por vezes, anuladas, como na **Amostra 7**, antecedida pelo **Quadro 11**.

Quadro 11- Variáveis da Amostra 7

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Expor sobre a constituição das estruturas e configurações sociais, a partir de uma ordem gendrada, argumentando quanto aos impactos desse tipo de ajuste comunitário.	Escritor e leitor: Articulista (Rosa Marie Muraro) e público leitor do jornal Folha de S. Paulo	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

Fonte: A autora (2022)

De acordo com o que pode ser pontuado, em um contexto mais situado, há uma construção a partir de hierarquias valorativas; existe uma ordenação que se dá simbolicamente, orientadora das margens, mobilidades e acessos, sobre a qual não impera uma logística natural, mas favorecedora de um grupo. Tal grupo funciona como ponto de referência, mas também de concepções, e ele é masculino. O curso social tem sinalizado alguma desestabilização dessa conjuntura, em uma perspectiva de agência mais comunitária ou colaborativa entre os sujeitos, sem que tenha sido assim dentro de longa tradição. Vejamos.

Amostra 7 – “Por uma nova ordem simbólica”

“Freud afirma que a natureza foi madrasta com a mulher porque ela **não tem a capacidade** de simbolizar como o homem.” (#CP6-08.03.2001, 112-13)

A oração marcada, nos leva à retomada de uma tradição de base androcêntrica, na convergência dos elementos que a compõem “(ela) não tem a capacidade...” (Julgamento [Estima Social/- Capacidade]); construindo uma moldura a partir desses dizeres, somos levados a enxergar uma impossibilidade conduzida em direção a ela, pois é restringido o seu lugar de efervescência de pensamento, dos símbolos e atribuída uma cognição deficitária que cerceia a comunicação, o que lhe seja próprio ou ainda integração social.

Certamente, a interesses particulares serve tal condição/marca para e na função de silenciamentos/apagamentos, sendo (trans)figurada “ela” em ser que não dispõe de aptidão no exercício de uma ordem tomada por válida. É proveitoso notar que, apesar das chancelas direcionadas às mulheres, há um fazer em agência, quando dito, por exemplo, na **Amostra 8**, que apesar das condições, espaços e limitações há manifestações e exteriorizações quando elas pleiteiam um bem.

Quadro 12- Variáveis da Amostra 8

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Discorrer e denunciar a violência sofrida por mulheres quanto à mutilação feminina, seus impactos e preservação da integridade da mulher para além de questões culturais.	Escritor e leitor: Articulista (Carlos Alberto Idoeta) e público leitor do jornal Folha de S. Paulo	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

Fonte: A autora (2022)

Voltando-nos a um recorte mais micro, como também já exposto no **Quadro 8**, página 100, temos a violência sofrida pelas mulheres, violência pavorosa e sem iminente defesa, tampouco compadecimento por parte de seus grupos. Tudo isso, em nome não só da manutenção de tradições culturais, mas de uma “moralidade”, com efeitos amargos sobre elas. Todavia, a forma como essas mulheres lidam com suas dores e martírios são refletidos, quem sabe, de modo distinto por aqueles experienciam grandes males.

Amostra 8 – “Mulheres mutiladas”

“[...] as mulheres raramente têm recorrida à violência para **afirmar** seus direitos.”
(#CP5-08.03.1999, 135)

Através do processo verbal realizado por “afirmar” (Julgamento [Estima Social/+ Tenacidade), deparamo-nos com um movimento contrário e uma potência em termos de

reivindicações, como quem sabe esperado, pois não há conformismos, mas um conservarem-se vigorosas, perseverantes e insistentes quanto ao que normatiza, regula e conduz suas vidas, já que se mantêm firmes em busca por seus direitos diante da sociedade, das estruturas conservadoras e, por vezes, enrijecidas.

São elas que há muito se deparam com cenários pouco flexíveis e desfavoráveis a alargamentos ou mudanças de perspectivas, como nos auxilia a enxergar a seguir na **Amostra 9**.

Quadro 13- Variáveis da Amostra 9

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Adoção de uma perspectiva sobre as comemorações em torno do “Dia Internacional da Mulher” e as estruturas sociais, legais, formadas em torno da agência feminina	Escritor e leitor: Colunista (Fernando Henrique Cardoso) e público leitor do jornal Folha de S. Paulo	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

Fonte: A autora (2022)

A **Amostra 9** é configurada em torno da necessidade do desenvolvimento de relações em limites de igualdade, dadas as especificidades, mas também desvantagens experienciadas pelas mulheres. Ao que parece, são postas em uma eterna gangorra entre o justo, necessário e legal, em uma busca por redistribuições que possam abarcá-las o mais amplamente possível, mesmo diante de cenários desafiadores em poder.

Amostra 9 – “A mudança necessária”

“[...] as “**resistências** às mudanças” – culturais, psicológicas e de poder - são mais difíceis.” (#CP4-08.03.1990, 139-40)

As relações, então estabelecidas, manifestam-se em associação a propriedades mais estanques, já que passam por toda uma tradição e organização que estão sedimentadas a partir de uma trajetória não meramente individual, mas ganhadora de robustez na ação grupal e em vários dos estratos que formam os ordenamentos sociais, nos considerados o *locus* de estabilização; através das nominalização “resistência” (Julgamento [Estima Social/+Tenacidade]) podemos apreender a existência preservações e relutâncias para que um

quadro de alterações e reconfigurações possam emergir, empurrando para as bordas as possibilidades de adaptações e/ou novas condições que sejam propulsoras de transformações.

Todo esse espaço de movimentação social, se depara com questões que, atreladas à **Amostra 9**, trazem dimensões ainda mais amplas e significativas das escalas necessárias, quando as mulheres precisam desafiar as barreiras e validar aspectos que são fundamentais para emancipações. Recorramos, para isso, à **Amostra 10**.

Quadro 14- Variáveis da Amostra 10

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Defesa de um ponto vista a respeito do “Dia Internacional da Mulher”, as lutas e os desafios femininos em cenário brasileiro.	Escritor e leitor: Editor responsável (Boris Casoy) e público leitor do jornal Folha de S. Paulo	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

Fonte: A autora (2022)

Tal qual nos **Quadro 6**, página 96, o contexto situacional aqui descrito, insere-se em práticas e adversidades (con-)vivas pelas mulheres. O Dia Internacional das Mulheres serve, apenas, como um marco para reflexão. É a partir dele que todo um elencar de direitos, no cenário brasileiro, é alinhavado, em busca de orientações e posturas que visem proteger, diminuir as desigualdades, a discriminação e legitimar os papéis, por elas, assumidos.

Amostra 10 – “A mulher e o Brasil”

“Mas se é **forçoso** identificar **na luta** da mulher brasileira um longo caminho a percorrer no reconhecimento dos seus direitos legítimos (...)”(#CP2- 08.03.1979, 127-28)

É interessante observar que, na **Amostra 10**, o que está implicado à mulher é a necessidade de recorrer, empenhar-se sobre aquilo que deveria ser-lhe “natural”, dentro de uma regra em que a composição é a humana. Todavia, não é o que se tem, pois há desconformidades ou descompassos, posto que estão, através do sintagma preposicionado, “na luta” (Julgamento [Estima social/+Tenacidade]), sinalizando que as mulheres brasileiras ainda buscam determinações legais para o exercício de uma cidadania plena com seus deveres, mas, principalmente, seus direitos assegurados, mas não só e simplesmente isso, pois o epíteto “forçoso” (Gradação[Força/Intensidade]) potencializa uma obrigatoriedade em

reconhecimento das operacionalidades legais, tornando-as fundamentais e imprescindíveis para a não manutenção de um *status*, mas para a transformação social.

Tais assertivas se tornam ainda mais claras e a olhos vistos quando somos defrontados com as **Amostras 11 e 12**, ao revelarem cenários em que elas são segregadas, distinguidas ou preteridas.

Quadro 15- Variáveis da Amostra 11

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Discorrer e denunciar a violência sofrida por mulheres quanto à mutilação feminina, seus impactos e preservação da integridade da mulher para além de questões culturais.	Escritor e leitor: Articulista (Carlos Alberto Idoeta) e público leitor do jornal Folha de S. Paulo	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

Fonte: A autora (2022)

Como já apresentado nos **Quadros 8 e 12**, páginas 99 e 105, o contexto situacional lida, especialmente, com a MGF, uma prática/tortura que já afetou mais de 135 milhões de mulheres ao redor do mundo, singularmente, aquelas que estão inseridas em Continentes Africano e do Oriente Médio, como ainda as que integram comunidades de imigrantes na América do Norte. Uma realidade que não só debilita, mas também oprime; valendo-se de uma “norma cultural”, propicia a manutenção e a sustentação de valores e princípios organizacionais.

Amostra 11 – “Mulheres mutiladas”

“Urgente, então, seria preservarmos critérios universais, que retiram a legitimidade de todos os valores e práticas baseados na dominação e **na discriminação**, inclusive, de gênero [...]” (#CP5-08.03.1999, 155-56)

Tomando, ainda, a realidade do exposto no quadro a seguir, entendemos que aquilo que está por ele contemplado, em termos de situacionalidade, manifestado também através do **Quadro 11**, página 104, concorre em uma construção ou apropriações dadas mediante um simbólico masculino. Este é confrontado a partir de novos contornos quanto ao exercício e à inserção da mulher, mais especificamente, (re)estruturações para e nas relações humanas que abranjam e acolham muitos outros, alcançando a vida em sua dimensão macro, apesar de contexto cultural que segrega. Examinemos!

Quadro 16- Variáveis da Amostra 12

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Expor sobre a constituição das estruturas e configurações sociais, a partir de uma ordem gendrada, argumentando quanto aos impactos desse tipo de ajuste comunitário.	Escritor e leitor: Articulista (Rosa Marie Muraro) e público leitor do jornal Folha de S. Paulo	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

Fonte: A autora (2022)

Amostra 12 – “Por uma nova ordem simbólica”

“[...] consensos entre os povos contra uma dominação global que **exclui** o grosso da humanidade [...]”(#CP6-08.03.2001, 140-41)

Analisando os dois recortes anteriores, o sintagma preposicionado “na discriminação” (Julgamento [Sanção Social/-Propriedade]), **Amostra 11**, e o processo material “exclui” (Julgamento [Sanção Social/-Propriedade]), **Amostra 12**, há identificação de duas instâncias e marcações. Uma delas refere-se a como sistematicamente estão as mulheres inseridas neste mundo discursivizado, isto é, nas engrenagens sociais há uma adoção de atitudes que as trata de maneira distinta, apontando para alojamento delas em um espaço que as distingue negativamente; na outra ponta está um impeditivo para acessar bens e serviços, o que desemboca em processos de injustiças sociais, em um estado de privação, colocando-as, consequentemente em risco.

Ainda algumas outras impressões podem ser trazidas aqui. Sigamos, analisando mais alguns exemplares extraídos das publicações na Folha de S. Paulo, e que serão expostas através do próximo trecho, **Amostra 13**.

Quadro 17- Variáveis da Amostra 13

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Discorrer e denunciar a violência sofrida por mulheres quanto à mutilação feminina, seus impactos e preservação da integridade da mulher para além de questões culturais.	Escritor e leitor: Articulista (Carlos Alberto Idoeta) e público leitor do jornal Folha de S. Paulo	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

Fonte: A autora (2022)

Tal qual o recorte estruturado nos **Quadros 8, 12 e 15**, páginas 99, 105 e 108 retomamos, uma vez mais, o horizonte dos maus-tratos desferidos sobre as mulheres, mediante práticas como clitoridectomia, excisão e infibulação, deixando sequelas não só físicas, mas psicológicas, em nome de comportamentos, agências e valores que mantenham a vida social “harmoniosa” e “respeitosa”, pois promoveriam, ao serem subordinadas a tais costumes, um “bem-estar” comunitário.

Amostra 13 – “Mulheres mutiladas”

“É associada à **castidade** e à **crença** de que **diminui** o **desejo sexual** e **reduz** o risco de **infidelidade** [...]” (#CP5-08.03.1999, 126)

Verificando através de uma lente, que não precisa ser tão ampliada, deparamo-nos, em um único trecho com três nominalizações: “castidade” [Julgamento (Sanção Social/+Propriedade)], “crença” [Julgamento (Estima Social/+Normalidade)], “desejo sexual” (Julgamento (Estima Social/-Normalidade)] e “infidelidade” [Julgamento (Sanção Social/-Veracidade)]. Averiguemos elemento a elemento!

Sabendo-se o texto tratar de MGF (Mutilação Genital Feminina), começamos a construir quadros de significação iniciados pela relação entre mulher e o corpo. A partir de uma administração corpórea que parece não lhe pertencer, mas sim a uma sociedade, especialmente, ao homem, essa mulher é submetida à prática violenta da mutilação, diante da concepção de um imaginário e imperativo que diz/exige ser, ela, de um único parceiro; a abstinência sexual, “castidade” ou a minimização do desejo são compreendidas como uma virtude, pois às mulheres são destinados o casamento e a procriação, mas não apenas isso.

O que existe é uma moldura na criação de uma convicção grupal, “crença” de que estando reprimido, no uso do processo material “diminui” (Gradação [Força/Intensidade]), o “desejo sexual”, próprio à constituição e natureza do ser humano, e sendo refreado, torna-se um aliado, um promotor, do bem-estar da família que será futuramente constituída; além de aliado na manutenção da harmonia conjugal, afasta, segundo a escolha do também processo material “reduz” (Gradação [Força/Intensidade]), a “infidelidade”, minimizando a ruptura do contrato matrimonial.

O que se compreende é que a mulher, afastada da sexualidade, de uma plena manifestação do desejo, antes do vínculo conjugal, também é reduzida a uma peça de manipulação das comunidades, pois as pulsões naturais, o extinto de vida é buscado também ser podado ou controlado em termos grupais.

De modo geral, e trazendo em forma de gráficos, temos a seguinte configuração no que tange à categoria “Julgamento”, suas ocorrências e valorações quer positivas ou negativas, entre Estima Social e Sanção Social, a partir das **Tabelas 6 e 7**.

Tabela 6- Ocorrências no (Sub)Sistema “Julgamento”/Estima Social/Política

SUBSISTEMA JULGAMENTO		
ESTIMA SOCIAL		
NORMALIDADE		OCORRÊNCIAS
Positiva (+)	Negativa (-)	3
0	3	
CAPACIDADE		OCORRÊNCIAS
Positiva (+)	Negativa (-)	6
4	2	
TENACIDADE		OCORRÊNCIAS
Positiva (+)	Negativa (-)	4
2	2	
OCORRÊNCIAS TOTAIS		
POSITIVAS	NEGATIVAS	13
6	7	

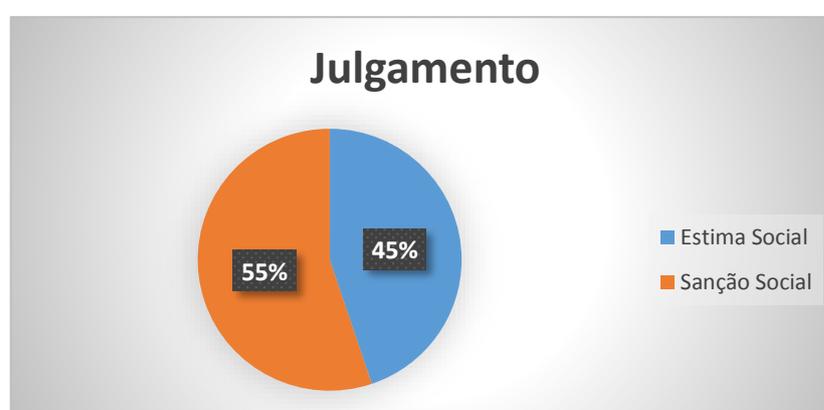
Fonte: A autora (2022)

Tabela 7- Ocorrências no (Sub)Sistema “Julgamento”/Sanção Social/Política

SUBSISTEMA JULGAMENTO		
SANÇÃO SOCIAL		
PROPRIEDADE		OCORRÊNCIAS
Positiva (+)	Negativa (-)	14
2	12	
VERACIDADE		OCORRÊNCIAS
Positiva (+)	Negativa (-)	2
1	1	
OCORRÊNCIAS TOTAIS		
POSITIVAS	NEGATIVAS	16
3	13	

Fonte: A autora (2022)

Em termos de quantidades, isto é, de ocorrências entre elementos que estão relacionados a aprovações ou condenações, Estima Social e Sanção Social, não temos um destoar tão grande, já que são muito próximos os quantitativos, no entanto, sobressaem os exemplares relacionados à Sanção Social, aqueles que estão vinculados a normas estabelecidas, a normas conhecidas em razão da Legislação e/ou valores morais/religiosos, como tornados mais evidentes no gráfico abaixo.

Gráfico 3- Percentuais em “Julgamento” na Política

Fonte: A autora (2022)

O que os índices nos mostram, então, é uma inclinação, como já dito, para a vertente do que tem implicações legais e menos para o que se passa nas relações cotidianas que não

acarretam crime, mas estabelecimento de uma relação entre prestígio x desprestígio ou admiração x decepção. No entanto, em termos de valorações entre os eixos positivo e negativo, temos uma expressividade relevante.

Gráfico 4- Ocorrências Positivas x Negativas na categoria “Julgamento” na Política



Fonte: A autora (2022)

A avaliação feita entre as configurações de (+) ou de (-) revelam que as cargas orientadoras encontram-se claramente marcadas, no **Gráfico 4**, em ocorrências que julgam negativamente os comportamentos quer da mulher em si, quer do universo em que trafegam, quer daquilo que as elas é regulado ou instituído através do grande grupo, nas redes que se estendem ou sobre elas transbordam, nas dinâmicas integrativas em interações (in)diretas, na atuação da coletividade.

No percurso atitudinal, delineamos outras formas de significação, isto é, como as coisas, as pessoas, os eventos, os fenômenos, os estados de coisas são avaliados esteticamente; dito isso, acompanhamos a rota do que pode estar apropriando, modelando ou, ainda, atravessando a mulher a partir das marcas de “Apreciação”. Para isso, partamos ao primeiro dos exemplos que compõe a **Amostra 14**.

Quadro 18 - Variáveis das Amostras 14 e 15

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Adoção de uma perspectiva sobre as comemorações em torno do “Dia Internacional da	Escritor e leitor: Colunista (Fernando Henrique Cardoso) e	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

Mulher” e as estruturas sociais, legais, formadas em torno da agência feminina	público leitor do jornal Folha de S. Paulo	
--	--	--

Fonte: A autora (2022)

Ainda que lançada luz no que diz respeito às necessidades e às peculiaridades da mulher, constitucionalmente falando, o cenário aqui apresentado, tal qual no **Quadro 13**, página 106, a partir da data comemorativa, o 08 de março, pontua a necessidade de ações que perpassam questões econômicas e políticas, dizemos de um horizonte posto em desequilíbrio na relação com e de poder. Quando declaramos os desfavorecimentos a elas, elas estão posicionados dentro de um contexto maior, em que fortemente há marcas de uma tradição cultural machista e de ideologias que as submetem a lugares de menor destaque e/ou autoridade validada.

Amostra 14 – “A mudança necessária”

“[...] essas datas lembram as desigualdades que subsistem e as lutas **necessárias** para acabar com elas.” (#CP4-08.03.1990, 14-5.)

Diante de um panorama contextual mais geral, quanto à atuação e as experiências das mulheres feitas centro, a partir da comemoração do dia 08 de março, muitos esforços são por elas empreendidos ao longo de suas trajetórias; tomadas por lutas, essas não são só ações de resistência, como dado por outros grupos, mas vão além, pois no uso do epíteto “necessárias” [Apreciação (Valoração/+Relevância)], tais movimentos empreendidos causam deslocamentos em direção a processos de favorecimento e, ao mesmo tempo, de desestabilização de uma ordem que massacra, visto que mantém desigualdades.

Esse estado de coisas é dito, então, como desequilibrado, e o é em razão de uma ordem que, assentada em uma conjuntura de fatos e performances, cria um sistema disfuncional, como nos apresenta a **Amostra 15**.

Amostra 15 - “A mudança necessária”

“Existe ainda um **problema** cultural (o machismo e a ideologia de submissão) que não desaparece como “subproduto” da mudança nas relações sociais [...]”(#CP4-08.03.1990, 133)

O trecho acima selecionado configura, através do grupo nominal “problema” [Apreciação (Composição/-Equilíbrio)], um cenário em que questões relacionadas ao gênero, refiro-me, aqui, às oposições em direção à igualdade de direitos que toma espaços em favor do masculino, no estabelecimento não só papéis distintos entre as pessoas, mas especialmente, fazendo com que homens e mulheres, de maneira normalizada, sejam partes de espaços, acessos, lugares não compartilhados em termos de equivalência.

Tais validações são responsáveis por manter dissonâncias sociais em que, hierarquicamente, os homens mantêm um *locus* de superioridade, impactando nas possibilidades delas de escolhas, posto que limitadas ou normatizadas, dificultando, por exemplo, o progresso das mulheres em áreas distintas das “esperadas” ou “consagradas”, pois toda uma construção de (com)sensos orienta essa perspectiva que põe os sujeitos-mulheres em escaladas diferentes das dos homens. Ou ainda, cenários de maior domínio ganham relevo, o que acabam por descortinar a relação de opressor x oprimidos em inferiorizações aplicadas a instâncias diversas, sejam econômicas, sociais ou culturais.

Dado um conjunto de efeitos nos agrupamentos sociais, considerando os empreendimentos de humanos sobre humanos, existem ambientações degradantes, como o lugar de violência e violação brutais sofridas por mulheres e já sinalizadas anteriormente, como a apresentada na **Amostra 15**, e que ganham, ainda mais, contornos no trecho a seguir.

Quadro 19- Variáveis da Amostra 16

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Discorrer e denunciar a violência sofrida por mulheres quanto à mutilação feminina, seus impactos e preservação da integridade da mulher para além de questões culturais.	Escritor e leitor: Articulista (Carlos Alberto Idoeta) e público leitor do jornal Folha de S. Paulo	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

Fonte: A autora (2022)

O contexto de situação, aqui manifestado, já foi explorado através do **Quadros 8, 12, 15 e 17**, páginas 99, 105, 108 e 110, nos trazendo, em cada um deles, compreensões a respeito

de onde emerge tal crueldade, assim como as vítimas e sequelas, em ordens diversas sofridas, e que acaba por se materializar também na **Amostra 16**.

Amostra 16 – “Mulheres multilada

“A investigação científica das sequelas psicológicas é **mais difícil**.” (#CP5-08.03.1999, 120)

Considerando que os aspectos que envolvem opressão e oprimido têm relação com a estruturação da realidade, de (re)produção da vida, inclusive, impactando no arranjo do mundo psicológico, como bem nos evidencia a **Amostra 16**, explorar as consequências da violação da integridade da mulher através MGF (Mutilação Genital Feminina), diz-nos sobre as repercussões que não são apenas custosas, mas caracterizadas através do atributo “difícil” (Apreciação [Composição/-Complexidade]) ganham potência no marcador circunstancial “mais” (Gradação [Força/Intensidade]), relevando-nos efeitos ou alterações prolongadas e intensas, pois elas sofreram tortura, uma experiência-limite, uma ferida sem precedentes.

Em meio a tamanha barbárie, contudo considerando um panorama que abrange as mulheres brasileiras, que não estão livres de tantas outras formas de violência, é nos dito sobre elas, especialmente, acerca do que envolve a sua projeção social, o seu prestígio. Para isso, observemos o próximo recorte.

Quadro 20- Variáveis da Amostra 17

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Defesa de um ponto vista a respeito do “Dia Internacional da Mulher”, as lutas e os desafios femininos em cenário brasileiro.	Escritor e leitor: Editor responsável (Boris Casoy) e público leitor do jornal Folha de S. Paulo	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

Fonte: A autora (2022)

Assim como apresentado nos **Quadros 6 e 14**, páginas 96 e 107, respectivamente, o que se estrutura contextualmente é validado a partir de uma localização espacial: a mulher no Brasil, bem como suas lutas, dificuldades e busca por equiparação; ainda que sejam elas parte significativa do corpo social, requerem validação e melhorias com geração de impactos não

para si mesmas, apenas, mas para todo um grupo, para todos os membros de uma coletividade.

Amostra 17- “A mulher e o Brasil”

“A mulher brasileira é **inegavelmente importante** no roteiro que o país palmilha...”
(#CP2- 08.03.1979, 116)

Considerando os cenários e os desafios a ela impostos, compreende-se, todavia, a partir da seleção realizada pelo escritor, a existência de um lugar de deferência quando se recorre ao atributo “importante” (Apreciação [Valoração/+ Relevância]). Por meio dessa escolha léxico-gramatical, apreendemos que no delineamento proposto, ainda mais, diante de avanços considerados necessários, mesmo que a “curtos passos”, a reserva em termos de valia na direção dela. Tal apreciação vem acompanhada da circunstância “inegavelmente” (Gradação[Força/Intensidade]), um intensificador que reforça a qualificação manifesta; torna-se impossível desconsiderar ou contestar o (des-)empenho que elas efetuam em direção a deslocamentos, com vista a um horizonte que requer alterações.

Apesar de haver tal reconhecimento, e até mesmo incentivo, em um cenário que se propõe a mudanças, encontramos no trecho da sequência uma formatação que nos leva a refletir sobre constatação e transformação dos enquadres.

Quadro 21- Variáveis da Amostra 18

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Adoção de uma perspectiva sobre as comemorações em torno do “Dia Internacional da Mulher” e as estruturas sociais, legais, formadas em torno da agência feminina	Escritor e leitor: Colunista (Fernando Henrique Cardoso) e público leitor do jornal Folha de S. Paulo	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

Fonte: A autora (2022)

Inserido em um plano mais local, sinaliza-se que um desenvolvimento social, em potência, garantidor de condições em pé de igualdade entre homens e mulheres, precisa ser atravessado por modificações no plano de criação de espaços, de situações favoráveis a elas,

às mulheres, a fim de que o progresso da população, como um todo, seja garantido, mas não apenas em termos de discurso, e sim em ações e (re)estabelecimento de valores.

Amostra 18 – “A mudança necessária

“[...] é **mais fácil** o discurso que a prática.” (#CP4-08.03.1990, 141-42)

Interessante compreender como as publicações com mais de uma década de distância conseguem conversar e estabelecer elos. De 1979, ano da **Amostra 17**, página 118, a 1990, data da **Amostra 18**, não parece ter havido grandes alterações no horizonte relacional, já que ainda nos é dito, em poucas palavras, o seguinte: o discurso é imperativo e a prática acomodada, como bem nos mostra o atributo “fácil” (Apreciação [Composição/-Complexidade]). Ou seja, em níveis de “desafios”, em uma baixa carga na direção do deslocamento de linearidades já estabelecidas, articulado ao elemento de gradação “mais” [Gradação (Força/Intensidade)], temos uma acentuação na manutenção do *status quo*.

O discurso e a prática, as suas efetividades, considerando a forte vinculação entre eles, não têm promovido mudanças reais, mas revelado ainda com maior expressividade, uma sociedade que se mostra ou acomodada ou omissa quanto às relações e interações. Tais posturas expressam e projetam significados sistematicamente multiplicados e amplamente (re)produzidos em conexões que organizam e representam valores comunitários; os reflexos são diretamente suportados, ganham contornos e marcam os entraves sofridos pelas mulheres.

Ainda diante dos desafios impostos no exercício de ser, dos impeditivos, há um certo despertar, um olhar que sinaliza pelo autor do texto, **Amostra 19**, o início de algumas passadas fundamentais.

Quadro 22- Variáveis da Amostra 19

CAMPO	RELAÇÃO	MODOS
Expor sobre a constituição das estruturas e configurações sociais, a partir de uma ordem gendrada, argumentando quanto aos impactos desse tipo de ajuste comunitário.	Escritor e leitor: Articulista (Rosa Marie Muraro) e público leitor do jornal Folha de S. Paulo	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

Fonte: A autora (2022)

A fim de formar uma perspectiva diferente da que, por muito, foi instituída e categorizada enquanto inata, a articulista argumenta sobre as validações sociais que perpassam a história da humanidade e o fabrico dessa mesma humanidade, em termos de sistemas simbólicos; especialmente, é tratada uma questão fundante: o domínio do masculino, do homem. Entretanto, considera-se que as brechas fazem presentes e nelas as mulheres mostram não só a sua existência, mas também o exercício de um papel na (re)construção da ordem “dada”.

Amostra 19 – *“Por uma nova ordem simbólica”*

“As mulheres já estão entrando nos sistemas simbólicos masculinos. E não só nas instituições **convencionais** (empresas, partidos etc.), mas também em outras, **muitas vezes** na **contramão** da história [...]” (#CP6-08.03.2001, 145-46)

Os primeiros movimentos de integração e superação têm sido a entrada das mulheres nos sistemas simbólicos, em representações e interesses que correm na direção também delas, em seu favorecimento e difusão de valores outros. As rupturas mostram-se, por exemplo, através da integração delas a espaços qualificados pelo epíteto como “convencionais” [Apreciação (Valoração/-Originalidade)], em esferas, até então, alçadas a homens.

Isso vai além, posto que escalam na direção contrária, como classificado pelo grupo nominal “contramão” [Apreciação (Composição/+Originalidade)] , em virtude de toda uma tradição e destino conferido também a elas. Todavia, como marcado pelos elementos circunstanciadores “muitas vezes” [Gradação (Força/Quantidade)], não se trata de uma desarticulação em um ponto específico, em uma única tentativa, mas que vem ocorrendo e se repetindo por inúmeros momentos, ao longo de seus percursos e lutas.

Lançadas a lugares de menor prestígio ou a determinados contextos de vida social, amarradas em obrigações, essa mulher não é só dotada com inferior intelecto, mas como aquela que não detém potência para e na criação de uma simbologia mais ampla, posto que a sua própria natureza (biologia) impacta tanto na forma como representa a vida, a sociedade, as relações, mas também nas projeções/intepretações sobre a cultura.

Quadro 23- Variáveis da Amostra 20

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Expor sobre a constituição das estruturas e configurações sociais, a partir de uma ordem gendrada, argumentando quanto aos impactos desse tipo de ajuste comunitário.	Escritor e leitor: Articulista (Rosa Marie Muraro) e público leitor do jornal Folha de S. Paulo	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

Fonte: A autora (2022)

Tal qual nos **Quadros 11** e **16**, páginas 104 e 109, a perspectiva aqui traçada está ambientada em um cenário em que, historicamente, as divisões entre os gêneros relegou à mulher um lugar de desprestígio e menos valor, posto que as decisões, competências e capacidades para organizar e planejar o mundo eram revestidas, com grande e máxima potência pelo homem, pelo masculino. Cabia à mulher aceitar, em nada contestar e assumir um lugar de serventia, subjugamento, posto que dominada, passava a ser controlada por uma ordem.

Amostra 20 – “*Por uma nova ordem simbólica*”

“Freud afirma que a natureza foi **madrasta** com a mulher porque ela não tem a capacidade de simbolizar como o homem.” (#CP6-08.03.2001, 112-13)

A essência, a composição da mulher, é desprivilegiada em todas as formas de acesso, pois até constituição delas é uma espécie de própria inimiga, valor trazido pelo epíteto “madrasta” [Apreciação (Reação/-Qualidade)]. A qualidade daquilo que a compõe é indesejável. Colocando a olhos vistos, funciona como mecanismo que “atrapalha” o acesso ao poder, cabendo-lhes ser subjugadas, separadas e as suas ações invalidadas nas trajetórias da comunicação, dos instrumentos de conhecimento, da ordem do mundo e sobre o mundo, esbarrando no dizer.

Se não há legitimidade nas formas e, por consequência, em uma integração social ampla e diversa, o que há é o distanciamento do centro e a imposição de um universo que está em conformidade com os interesses de um grupo outro, em tons imperativos, para e na

manutenção dos que intitulados, por uma outra via, “competentes” e “capazes”, com efeitos reais sobre elas, sobre suas agências.

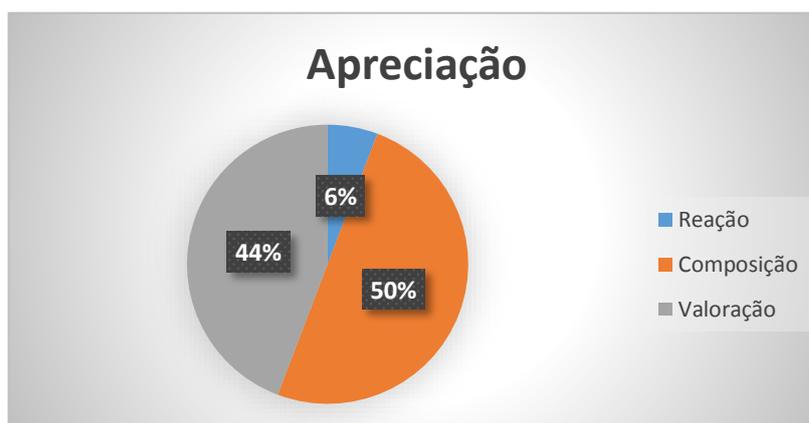
A partir desse percurso traçado para a “Apreciação”, com algumas discussões trazidas, mediante a apresentação dos exemplos, é construída a seguinte composição em elementos aplicados nos textos selecionados para análise, dentro dessa (sub)categoria. Observemos como são dadas as ocorrências

Tabela 8- Ocorrências no (Sub)Sistema “Apreciação”/Política

SUBSISTEMA APRECIÇÃO		
REAÇÃO		OCORRÊNCIAS
Positiva (+)	Negativa (-)	6
1	5	
COMPOSIÇÃO		OCORRÊNCIAS
Positiva (+)	Negativa (-)	52
23	29	
IMPACTO		OCORRÊNCIAS
Positiva (+)	Negativa (-)	46
35	11	
OCORRÊNCIAS TOTAIS		
POSITIVAS	NEGATIVAS	104
59	45	

Fonte: A autora (2022)

Fazendo um apanhado quantitativo em relação à “Apreciação”, aos aspectos estéticos, temos nela o maior percentual de ocorrências, especialmente, dentro do campo semântico da “Composição”, como nos auxiliam a visualizar os percentuais abaixo, em que estão implicados padrões e parâmetros, sempre, sociais, a partir de questionamentos ou indicativos de sentidos sobre:” O que é percebido?”, “Como é compreendido?”, seja de maneira parcial ou de maneira totalizante dentro de um conjunto de coisas, dentro de um universo perspectivado.

Gráfico 5- Percentuais em “Apreciação” na Política

Fonte: A autora (2022)

É interessante, no entanto, atentar que entre as polaridades positivas e negativas, dentro daquilo que compõe os significados avaliativos quer de coisas, do resultado do trabalho desenvolvido ou, ainda, do quesito produtos do trabalho humano, mas também de fenômenos naturais ou o estado das coisas, nos deparamos com a seguinte evidência:

Gráfico 6- Ocorrências Positivas x Negativas na categoria “Apreciação” na Política

Fonte: A autora (2022)

As marcações ou valorações entre os aspectos positivos (+) e negativos (-), diante do cenário construídos, nos revela que, em meio a todos os movimentos, tentativas de rupturas, (re)estruturação social, bem como acesso a direitos legítimos, o olhar para estas configurações são tratadas em orientação de concordância, tendo em vista o que nos indicam os dados, em

contornos de favorecimento e oportunidades, ainda que os pesos, se postos em uma balança, não gerem tanta discrepância, mas encontram-se desregulados.

Buscando construir delineamentos dentro de uma outra e importante esfera de atuação, veremos como os elementos valorativos estão configurados na seção subsequente referente à Economia, quais os predomínios mais significativos em cada um dos campos semântico aqui estudados e que foram para este trabalho selecionados.

5.1.3 Na Economia: “*As mulheres sempre trabalharam, sempre contribuíram com a riqueza do país [...]*”

Seguindo a proposta, em continuidade ao que veio sendo estruturado a partir da “Política”, continuamos o nosso percurso investigativo e analítico sobre as configurações de um “*ser mulher*” em meio as atividades distribuídas, aos bens e serviços. Para isso, iniciaremos pela perspectiva do “Afeto”, passando pelo “Julgamento” e chegando à “Apreciação”. É válido ressaltar, uma vez mais, no que compete a ênfases ou minimizações, isto é, à “Gradação”, vão aparecendo diluídas, conforme os exemplos trabalhados e na medida em que se fazem presentes.

Antes de partirmos às verificações, é relevante rememorar alguma definição de “Economia”. Essa pode ser compreendida como: uso dos recursos e valores, como uma ampla gama de atividades ou, ainda, como ganho pecuniário (SINGER, 2014). É, pois, dentro dessas três relações possíveis, sem contemplar, aqui, pois não é a nossa intenção, a Economia enquanto disciplina, que buscamos traçar as rotas em que as mulheres são/estão inseridas/apartadas.

Sabendo-se, no entanto, que mesmo distanciadas, quer dos recursos, das atividades, dos ganhos e das distribuições, elas, as mulheres, fazem parte da complexa relação entre bens, serviços, consumos e geração de capital, entre coletividades e individualidades, com impactos no exercício de seus papéis ou condicionamentos, em processos a que, fatalmente, associadas estão a diferenciações/oportunizações enquanto agentes econômicos.

A partir da região semântica do Afeto, na transmissão de sentimentos e emoções, nos deparamos com a seguinte amostra, a **21**.

Quadro 24- Variáveis das Amostras 21 e 22

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Informar a respeito da existência de um tipo de mercado/comércio específico frequentado/formado, potencialmente, por mulheres	Escritor e público leitor do jornal Folha de S. Paulo (Diretor Presidente: Octávio Frias de Oliveira)	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

Fonte: A autora (2022)

Antes de observemos as dinâmicas nos **Quadro 24**, o texto ao qual ele se refere, (re)trata um mercado de trocas; ideia vinda de uma revista feminina italiana, tomado por conhecido a partir de viagem realizada por uma apresentadora de TV, cujo programa tem como público-alvo as mulheres. A frequência do mercado é expressivamente das mulheres. Elas são de diferentes classes e ocupam distintos *status* dentro dos grupos sociais pelos quais transitam. Tal espaço de permutas e compras foi ganhando notoriedade e relevância tornando-se, então, parte das práticas rotineiras das(os) frequentadoras(es).

Amostra 21 – “*Mercado de Trocas, comercio de amigas*”

“**Cansada** do mesmo esquema dos programas femininos que se prolongam por tôda a tarde [...]”(#CE1-08.03.1970, 122-24)

Dentro de uma relação proposta em termos de trabalho, atividade no ramo televisivo, especialmente, voltado a temáticas tidas por femininas, entrevistas que versem sobre “o que interessa às mulheres” e sobre o mundo da maquiagem, há um dissabor na manutenção dessas pautas, o que é demonstrado pelo atributo “cansada” (Afeto[-Satisfação]), quando da perpetuação de uma lógica que “ocupa” as mulheres em suas casas, em temáticas tidas como importantes para elas e promotora da audiência, a partir do entretenimento.

O sair de casa para ruas, parece, ao que nos indica a organização verbo mais grupo nominal “fazem um relax” (Afeto [+Satisfação]), a abertura de um novo campo de atuação ou, ainda, de novas fronteiras a serem exploradas, dado que ocupar outros espaços, que não o privado, expandem as zonas de atuação, as decisões por si mesmas, a possibilidade de trocas e de contatos. No entanto, se observados mais à fundo, encontramos uma outra forma de

visualizar tais agências. Para isto, dediquemo-nos, um pouco sobre a Amostra 22 que compartilha do mesmo quadro de variáveis – Campo, Relação e Modo – da Amostra 21, isto é, **Quadro 24**, página 125.

Amostra 22- “Mercado de Trocas, comercio de amigas”

“[...]de vez em quando encontram no mercado uma forma de **fazer relax** (uma delas até abandonou o psiquiatra depois que começou a fazer suas trocas diárias)” (#CE1-08.03.1970, 162-63)

Operando sobre uma configuração que, a princípio, dota de insatisfação a manutenção e orientação das mulheres sobre o que assistirem e como ocuparem-se em lazer; verificamos a existência, ainda que de maneira mais ou menos velada, de uma articulação entre: o tempo dito “livre” e como ele é preenchido - através de compras-, o que pode se unir à ideia de futilidade. Em outras palavras, quando se deslocam do ambiente doméstico, o fazem para valerem-se do banal, mesmo que marcado pelo elemento circunstanciador “de vez em quando” (Gradação[Força/Quantidade]), apontando para uma frequência mais baixa dessa prática.

Essa periodicidade, vez em quando, é promotora de prazer e cura, isto é, torna-se uma via de saúde, prazer e bem-estar, marcando, por certo, um estereótipo acerca do que fazem as mulheres ou como empregam o dinheiro que até elas chega, (re)forçando uma construção social, na forma como potencialmente são, ao longo da história, concebidas, qual seja, consumistas.

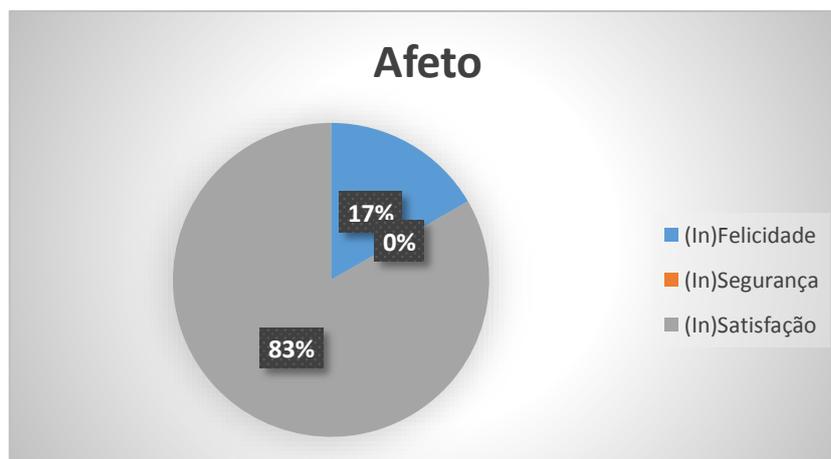
Nas valorações pautadas em Afeto, encontramos uma baixa recorrência, com um quantitativo de 6 (seis) itens apenas; nenhum deles configurado está atrelado ao *status* “Segurança”. Ainda que haja poucas manifestações de emoções, talvez, em razão do *locus* de publicação, o 08 de março parece não configurar como uma data sobre a qual se deva inclinar o sentir. Tudo aquilo que ele abarca, na categoria Economia, centra-se com uma maior ênfase em torno de questões de Julgamento e da Apreciação. Antes de passarmos aos outros dois (sub)sistemas, vejamos como o quadro e os percentuais se mostram no Afeto.

Tabela 9- Ocorrências no (Sub)Sistema “Afeto”/Economia

SUBSISTEMA AFETO		
(IN)FELICIDADE		OCORRÊNCIAS
Positiva (+)	Negativa (-)	1
1	0	
(IN)SEGURANÇA		OCORRÊNCIAS
Positiva (+)	Negativa (-)	0
0	0	
(IN)SATISFAÇÃO		OCORRÊNCIAS
Positiva (+)	Negativa (-)	5
4	1	
OCORRÊNCIAS TOTAIS		
POSITIVAS	NEGATIVAS	6
5	1	

Fonte: A autora (2022)

O “Afeto” parece-nos, ainda mais, não ser comum, principalmente, quando tratando de textos que discorrem a partir da Economia, tão afeita a investimentos, negócios, à alocação de recursos e ganhos. Apenas em duas das três categorizações, o viés atitudinal corre na direção das relações estabelecidas em marcas de afeição.

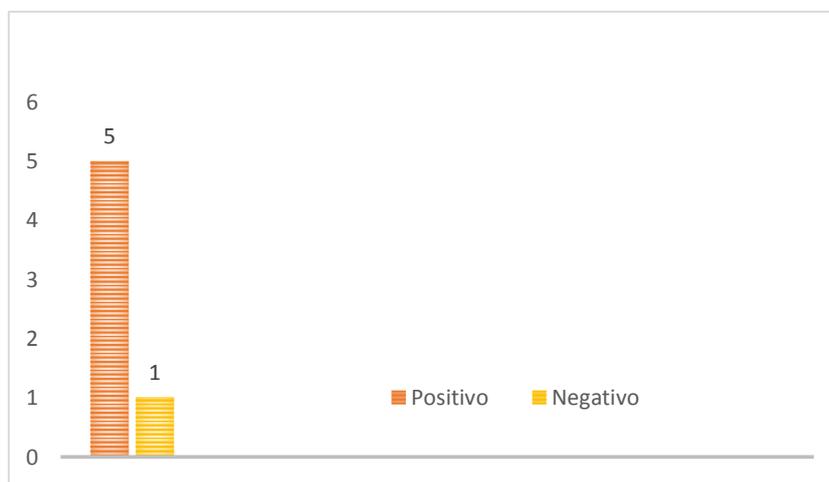
Gráfico 7- Percentuais em “Afeto” na Economia

Fonte: A autora (2022)

Olhando com um pouco mais de cautela, apesar dos baixos percentuais, em comparação aos outros (Sub)Sistemas, que serão mostrados a seguir, os índices de (In)Satisfação são mais evidenciados, como ratificando o contentamento para inserção no mundo e acesso a compras. Parecem mostrar que há uma resposta emocional para o que

envolve a prática da aquisição de itens, algum bem material; inclusive, entre as visões positivas e negativas, os percentuais de carga “confirmativa” são tão significativas quanto, autenticando uma certa veracidade sobre aquilo que, em senso comum ou profundamente difundido, tem a ver com interesses apenas das mulheres: compras x bem estar x lazer x consumo, tal como está ratificado pelos indicativos do **Gráfico 8**.

Gráfico 8- Ocorrências Positivas x Negativas na categoria “Afeto” na Economia



Fonte: A autora (2022)

Explorando um pouco mais o *corpus*, avançamos em direção à perspectiva do “Julgamento”, às percepções de mundo em relação ao comportamento social, considerando, para tanto, que a compreensão está pautada na integralidade do texto, apesar da extração de alguns exemplares que se tornam representativos.

Quadro 25- Variáveis das Amostras 23 e 24

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Informar a respeito da existência de um tipo de mercado/comércio específico frequentado/formado, potencialmente, por mulheres	Escritor e público leitor do jornal Folha de S. Paulo (Diretor Presidente: Octávio Frias de Oliveira)	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

Fonte: A autora (2022)

A partir do contexto de situação que emerge para a análise das **Amostras 23 e 24**, a seguir, o **Quadro 25** discorre, mais uma vez, acerca da existência de um espaço de comércio. Nele, especialmente, permutas e negociações são feitas por um público majoritariamente feminino, dividido entre donas de casa e senhoras da sociedade, como o texto nos aponta, que costuma frequentar tal ambiente com alta regularidade, por vezes, diariamente, como uma atividade ou um programa rotineiro.

Amostra 23- “Mercado de Trocas, comercio de amigas”

“- Eu sei que **meu marido sabe onde eu estou agora**, e só a ele devo satisfação.”
(#CE1-08.03.1970, 190)

A construção oracional presente no recorte acima, a **23**, apontando, especialmente, pelo processo mental “saber” (Julgamento [Sanção social/+Veracidade]), externa o reconhecer de um mundo interior; ganha, dentro dessa conjuntura, uma avaliação em termos de julgamento, pois o “saber” não é meramente conhecer/reconhecer, mas penetrar uma consciência que marca um valor/verdade, em honestidade de agência e compromisso, especialmente, quando esta mulher está fora de casa, longe dos muros domésticos.

A conduta dela, por ora, é questionada; a maneira como se porta socialmente é interpelada através de um morador que reside próximo:

Amostra 24- “Mercado de Trocas, comercio de amigas”

“[...] um vizinho que **“insinuou coisas”** só porque ela passava a tarde inteira fora de casa, para ir ao Mercado.” (#CE1-08.03.1970, 187-88)

Trazendo, então, para o centro o predicado “insinuou coisas” (Julgamento [Sanção Social/-Propriedade]), formado pelo processo verbal “insinuou”, é conferida uma dúvida, uma desconfiança em relação às atitudes e comportamentos desta mulher quando transita por outros espaços. É deixada uma suspeita em relação à sua conduta moral, sugerindo um possível desvio de ações para aquilo que é esperado dela. Aqui, especialmente, e em outras palavras, o que está sendo colocado à prova é a fidelidade dessa mulher, em uma possível quebra do contrato matrimonial, torna-se, assim, condenável o seu proceder.

Tendo a possibilidade de ocupar diferentes esferas e fazendo notada a sua presença, é válido assinalar, dentro de um universo produtivo, a existência de um ambiente que desfavorece sua permanência, em movimentos que se dão em desagregação, como nos indica a **Amostra 25**.

Quadro 26- Variáveis da Amostra 25

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Abordar sobre a participação, isto é, níveis de atuação feminina no mercado de trabalho no estado de SP.	Escritor e público leitor do jornal Folha de S. Paulo (Diretor de Redação: Otávio Frias Filho)	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

Fonte: A autora (2022)

Para melhor situar aquilo que se diz, o texto sob o qual estão as variáveis componentes do **Quadro 26**, explora a questão do mercado de trabalho e a mulher, especificamente no estado de São Paulo. É posto em evidência o espaço por elas conquistados, através de índices que apontam uma ocupação em menor escala quando de uma relação estabelecida com os homens; além disso, sofrem, essas mulheres, no mercado de trabalho, com a discriminação.

Amostra 25- “No trabalho, mulher fica na ‘lanterna’”

O que os números mostram é que, em todas as formas de inserção da mulher no mercado de trabalho, ela sofre **discriminação**” (#CE4-08.03.2001, 116)

A partir da escolha léxico-gramatical “discriminação” (Julgamento [Sanção social/-Propriedade]), podemos construir uma imagem de como às mulheres é estendida, em sua atuação, no mercado de trabalho, uma conduta que infringe direitos, uma violência que busca restringir, prejudicar e manter relações desiguais; por consequência, em patamares nada equivalentes, falando-se em emprego ou profissão, há produção de efeitos negativos e prejudiciais em todas as outras hierarquias sociais, em uma espécie de agência repressiva compartilhada e, ainda por muitos, compactuadas.

No entanto, em tentativas de impedimento e enfrentamento, essas e tantas outras mulheres, foram por décadas não só estimulados, como a elas recaía toda uma ordenação, inclusive, como um Projeto-lei do “estatuto da família” que, entre outras coisas, buscava

adotar medidas em que as mulheres não poderiam ocupar-se de funções que não fossem consideradas fundamentalmente femininas,⁴¹ há não tanto tempo em nossa história.

É neste trajeto, mas, essencialmente, buscando construir outros fundamentos, que elas se mostram “competitivas” (Julgamento [Estima social/+tenacidade]), **Amostra 26**, a seguir, pois os cenários lhes exigem, as condições lhes são impostas e os privilégios, definitivamente, não correm em sua direção.

Quadro 27- Variáveis da Amostra 26

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Apresentar mulheres que fazem parte do mundo corporativo, ocupando altos cargos de chefia.	Escritor e leitor: (Maria Cristina Frias) público leitor do jornal Folha de S. Paulo	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

Fonte: A autora (2022)

No **Quadro 27**, tem-se como contexto de situação, um retrato sobre mulheres em os cargos de liderança: elas penetrarem espaços, até então, com trânsito predominantemente masculino. Traz-se, mediante o cenário incorporado, uma validação no que tange à diversidade, equilíbrio e preocupações que englobam a multiplicidade de sujeitos, como também um diferencial e potencial de desenvolvimento das empresas (e sociais) ao terem mulheres em funções de chefia.

Amostra 26- “Com mulher no comando, resto da empresa fica mais diverso”

“Elas entraram primeiro no setor de turismo e, agora, chegam às posições de chefia – são boas profissionais, **competitivas** e **competentes**.” (#CE7-08.03.2019, 113-14)

Fazendo parte ou buscando estar presentes, elas se tornam, em participação e desafios impostos, no uso do atributo, “competitivas” (Julgamento [Estima social/+Tenacidade]); empenham-se em demonstrar não apenas força, mas, especialmente persistência quanto à permanência e ocupações em diversos cargos, em particular, quando assumem a condição de chefia. Tal postura ou conduta produz influências na conjuntura social, pois ressoa como um

⁴¹ Cf. “O Papel Social da Mulher e da Família no Pensamento de Gustavo Capanema”. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/162.pdf> Acessado em:30.05.22.

mecanismo de apropriação, já que as não-proporcionalidades são reais e influenciam diretamente questões econômicas, ainda mais, se pensarmos no protagonismo por elas buscado, como nos cargos de comando.

Para ocupar essa cadeira de destaque e não se renderem às tradições, além de coexistentes, precisam ganhar o valor de habilidosa, apta, conhecedora. Na **Amostra 26**, essa faculdade é caracterizada pelo atributo “competentes” (Julgamento [Estima Social/+ Capacidade]), pois não basta o enfrentamento das desigualdades e posições, toda uma luta que percorre a linha histórica, mas também um invólucro que ateste sua inteligência, como um certificado de que chegaram a determinado patamar por que dispõem de saber. Assumir cargos de liderança é a chancela para comprovar que sim, elas dispõem de perícia, de conhecimento, o campo do intelecto é não só ativo, mas produtivo.

Por trás de conquistas com essas está o que, duramente, e por muito foi renegado às mulheres: acesso ao conhecimento formal, às universidades, ou ainda, discrepâncias no e para o exercício de funções. Mostrar-se e empenhar-se é, antes de tudo, contestar e buscar ressignificar o já posto, o “naturalizado”. Estar em cargos de comando é, em um olhar macro, mitigar as representações de “fragilidade” e “incapacidade”, pois estabelece outros e necessários contornos na escalada das linhas hierarquicamente traçadas; é, antes e diante de tudo, mostrar que as antigas engrenagens são disfuncionais.

Dentro das ocorrências que foram manifestadas para “Julgamento”, categoria “Economia”, dispomos também de poucos exemplares, como poderá ser visualizado no quadro abaixo. Ainda assim, é possível traçar alguns comentários. Vejamos.

Tabela 10- Ocorrências no (Sub)Sistema “Julgamento”/ Estima Social/Economia

(SUB)SISTEMA JULGAMENTO		
ESTIMA SOCIAL		
NORMALIDADE		OCORRÊNCIAS
Positiva (+)	Negativa (-)	0
0	0	
CAPACIDADE		OCORRÊNCIAS
Positiva (+)	Negativa (-)	1
1	0	
TENACIDADE		OCORRÊNCIAS
Positiva (+)	Negativa (-)	1
1	0	
OCORRÊNCIAS TOTAIS		

POSITIVAS	NEGATIVAS	2
2	0	

Fonte: A autora (2022)

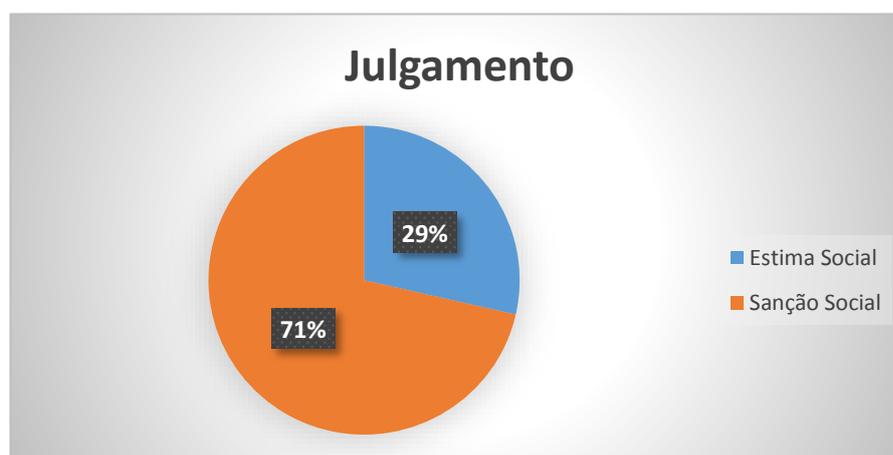
Tabela 11- Ocorrências no (Sub)Sistema “Julgamento”/ Sanção Social/Economia

SANÇÃO SOCIAL		
PROPRIEDADE		OCORRÊNCIAS
Positiva (+)	Negativa (-)	3
0	3	
VERACIDADE		OCORRÊNCIAS
Positiva (+)	Negativa (-)	2
1	1	
OCORRÊNCIAS TOTAIS		
POSITIVAS	NEGATIVAS	5
1	4	

Fonte: A autora (2022)

A partir das ocorrências aqui exibidas, temos uma manifestação maior em termos de “Sanção Social”, isto é, aprovação ou desaprovação comportamental, entre o correto ou incorreto, aprovado ou desaprovado pelo grupo social, em razão de suas normas, e que teriam complicações/implicações legais. Especificamente, no panorama do “Julgamento”, é lançado um olhar sobre o que incorpora “Propriedade”, o que nos sinaliza um repertório ou escolhas que se voltam à ética, tanto a partir da perspectiva de quem observa, quanto de quem é observado.

Gráfico 9- Percentuais em “Julgamento” na Economia



Fonte: A autora (2022)

Mas, para além disso, temos uma explicitude maior do potencial “negativo” em detrimento do que “positivo”. A operacionalização dessa categoria está mais inclinada a questões que revelem posicionamentos desfavoráveis a posturas consideradas conceituais e ideologicamente reprováveis diante daquilo que se espera dos sujeitos.

Gráfico 10- Ocorrências Positivas x Negativas na categoria “Julgamento” na Economia



Fonte: A autora (2022)

Se, ainda, dentro da categoria “Julgamento” conduzirmos o olhar para os deslocamentos que são feitos entre as manifestações encontradas nos textos, sobre a perspectiva econômica, reconhecemos uma relativa diferença entre as formatações avaliativas que dizem respeito ao panorama atitudinal: do que é validado e em como são percebidos cultural, social e ideologicamente as ações. Aqui, é sugerido aquilo que não deve compor as prática e/ou papéis desempenhados, devendo estar ausente no comportamento, porque é condenável e, conseqüentemente, a prática torna-se sentenciada.

Em uma outra via, que não comportamental, mas estética, temos os índices enquadrados como apreciativos. Como já apontando, ao falamos a partir das análises em “Política”, os elementos da “Apreciação” estão organizados em torno da “Reação”, “Composição” e “Valoração”. Cada um deles reveste-se de uma particularidade: ser ou não impactante, estar ou não configurado como harmônico ou, ainda, ser raro ou comum, respectivamente. Atentemos à **Amostra 27**, posta na sequência.

Quadro 28- Variáveis da Amostra 27

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Abordar sobre a participação, isto é, níveis de atuação feminina no mercado de trabalho no estado de SP.	Escritor e público leitor do jornal Folha de S. Paulo (Diretor de Redação: Otávio Frias Filho)	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

Fonte: A autora (2022)

Assim como explorado no **Quadro 26**, página 129, o que está sendo exposto no **Quadro 28**, é um reflexo das atividades desenvolvidas por elas, isto é, das portas no mercado de trabalho que se abrem ou não às mulheres. Em um aspecto mais micro, pontual, a força de trabalho feminino, no estado de São Paulo, é tecida como menos numerosa, em comparação a dos homens, apesar de em algumas regiões paulistas ter havido ampliação do exercício laboral por elas, contrastando com aos índices da força de trabalho masculina, sem, no entanto, haver proporções melhor equilibradas.

Amostra 27 – “No trabalho, mulher fica na ‘lanterna’”

““Um dos motivos para **maior participação das mulheres** dessa região seria a **diversificação** das atividades econômicas.” (#CE4-08.03.2001, 128-29)

Voltando à participação das mulheres no mercado, algumas coisas são postas ou interpretações são possíveis. Ainda que a atividade desenvolvida por elas, ao longo das décadas, vá ganhando mais notoriedade, há não só desigualdades entre os gêneros, mas também entre as próprias mulheres, quando das distintas composições nos quadros regionais.

Considerando essas distinções, nos é dito o seguinte, a partir das seleções enunciadas: dentre os desequilíbrios estabelecidos, o potencial expressivo através epíteto “maior” (Gradação [Força/Intensidade]) articulado ao grupo nominal “participação das mulheres” (Apreciação [Valoração/+Relevância]), já nos mostra a atuação delas de modo mais extenso. No entanto, essa constituição só ganha mais força quando os espaços abrem portas a variações, quando há combinações plurais, e essas estão marcadas pela nominalização “diversificação” (Apreciação[Composição/+Complexidade]). A potência na atuação delas está diretamente ligada à multiplicidade de cargos, experiências, posto que se torna um

universo não só mais amplo, como também mais colaborativo e de coparticipação, pois multiforme, isto é, menos restrito.

Como o enunciado, e em um movimento de corroboração, é preciso ratificar que a participação das mulheres, dentro de um cenário econômico, é composta por nível de emprego, consumo e postos de trabalho. Analisemos o que pode ser dito a partir dos usos presentes na **Amostra 28**.

Quadro 29- Variáveis das Amostras 28 e 29

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Diálogo quanto à participação das mulheres no mercado de trabalho, a partir da fala da socióloga Bila Sorj.	Escritor e leitor: Entrevistador (Euclides Santos Mendes) público leitor do jornal Folha de S. Paulo	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

Fonte: A autora (2022)

A fim de prosseguirmos nas análises, especialmente no que corresponde às **Amostras 28 e 29**, partindo do **Quadro 29**, temos o seguinte contexto de situação: um texto versando sobre mulher e mercado de trabalho, considerando a perspectiva de uma socióloga, Bila Sorj. Os direcionamentos mais específicos partem da ideia de que as mulheres estão sendo, sim, incorporadas ao mercado de trabalho, no entanto, além de o crescimento ainda ser maior entre os homens, elas lidam com condições não tão benéficas dentro do território brasileiro para o exercício de suas profissões, particularmente, no setor de serviços, isto é, no espaço que compete à prestação de serviços e ao comércio.

Amostra 28 – “Mulheres básicas”

“[...] elas se **beneficiaram menos** do que os homens do cenário econômico [brasileiro] favorável em 2008.” (#CE5 – 08.03.2009, 131)

Sendo as mulheres componentes da sociedade, não há como escapar da sua presença, quer estejam ou não colocadas em relevo. De todo modo, construir perspectivas sobre um cenário econômico, suas variáveis, é levar em consideração as suas existências. Se o emprego é fundamental para ou em uma relação com produtividade e, conseqüentemente, potencial de

compra, fica evidenciado que de acordo com esse recorte, mesmo havendo mobilidades e projeções positivas de cenário, as mulheres são aquelas que estão abaixo, isto é, em posição inferior frente a geração e/ou acesso a recursos, como denota o elemento de circunstância “menos” (Gradação [Força/Intensidade]).

Elas são prejudicadas em distribuição, em privilégios ou benesses, como nos ajuda a constatar o processo material “beneficiaram” (Apreciação [Reação/+Impacto]), em um cenário que é compartilhado. Em outras palavras, as mulheres são penalizadas pela distribuição desigual de espaços para desenvolvimento de atividades econômicas, implicando em privação de posses, nos ganhos monetários, no descortinar de carreiras e outras decisões que a elas lhes sejam caras/pertinentes.

Outros aspectos estão também implicados nessa edificação de realidade, se pensarmos em outros tipos de entraves. Para isso, acompanhemos a **Amostra 29**, disposta logo na sequência.

Amostra 29- “Mulheres básicas”

“A ausência de suportes públicos para **facilitar** a conciliação entre trabalho e família como creches e escolas em tempo integral[...]”(#CE5 – 08.03.2009, 133-34)

Se não há uma disposição e toda uma estrutura que as ancore para uma efetiva inserção ou maiores possibilidades de incorporação na perspectiva econômico-financeira, a deficitária rede é fator que fomenta a disparidade, pois não há assistência, tampouco maiores esforços público-político, a fim de que sejam vivenciados, por elas, outros sistemas que não o especificamente familiar.

O uso do processo material “facilitar” (Apreciação [Composição/+Complexidade]), no contexto em que utilizado, leva-nos a entender que existem, sim, possibilidades e articulações que tornariam essa caminhada promotora de um desenvolvimento (possível) e aberto a elas, pois estariam presentes na interface trabalho/família e contribuiriam para a não-delimitação dos ambientes no exercício de atividades que gerem renda, sem, necessariamente, condicioná-las para uma única direção. Aqui dizemos sobre ampliar o leque, reduzir os impactos, promovendo uma espécie de ajuste estrutural, já que os suportes formariam uma ponte frente às adversidades que, facilmente, seriam sanadas através da construção de “creches e escolas em tempo integral”, reduzindo as limitações de integração, pois as mulheres seriam assistidas.

Em não tendo essa ampla rede, as mulheres, muitas vezes, se destinam/destinavam (e, ainda, por muito o são) ao exercício de trabalho que as submete(-ia) à informalidade, no desempenho de uma função que as possibilita receber, ainda que de maneira indigna, pelo laboral . Acompanhemos o que vai ganhando significado a partir da **Amostra 30**.

Quadro 30- Variáveis da Amostra 30

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Divulgar as condições de trabalho das empregadas domésticas e a formalização de suas atividades.	Escritor e leitor: (Diretor de Redação: Otavio Frias Filho) público leitor do jornal Folha de S. Paulo	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

Fonte: A autora (2022)

Para o **Quadro 30**, temos, enquanto perspectiva, um arranjo textual que versa sobre carteira de trabalho, formalidade e o trabalho doméstico realizado por mulheres no Brasil. Em uma abordagem mais geral, o que é posto se enreda a partir de Proposta de Emenda Constitucional, conhecida por PEC das Domésticas, que objetiva seguridade de direitos e reconhecimento da prestação de serviço de natureza contínua (no âmbito residencial), a partir de outros setores e categorias que já têm firmados e concedidos direitos conquistados e regulamentados.

Amostra 30- “Anacronismo doméstico”

“[...] quando a informalidade imperava e revestia esse tipo de relação de trabalho com características **coloniais**.” (#CE6 - 08.03.2010, 17)

O epíteto aqui escolhido “coloniais” (Apreciação [Valoração/-Originalidade]) auxilia-nos na tomada de perspectiva de como há um impacto sobre as organizações no que se refere à configuração da produção, da escala trabalhista, e como há uma afetação, ainda mais direta, em se tratando de mulheres no exercício de funções mais humildes.

Com os problemas de, até então, relacionados a questões legais, muitas dessas pessoas eram (e ainda o são) apartadas de direitos, proteções e garantias, o que estabelece uma relação com as similitudes de um regime imposto ao longo de alguns séculos, a escravidão, sobre a qual não há, para nós, novidades quanto às especificidades no trato com o trabalhador: um

trabalho exaustivo e desumano, tornando-os vítimas de seus ofícios, apontando para desequilíbrios perversos na relação empregado x empregador, uma experiência histórica que nos parece retroalimentada.

Nesse trecho, **Amostra 30**, enxergamos o desrespeito, a falta de reconhecimento, uma involução entre a atividade desenvolvida, as condições trabalhistas, bem como escassez, escolhas, ganhos e perdas cenário, em um contrato não estabelecido de maneira proveitosa às partes envolvidas. Em especial, a não assinatura da carteira de trabalho, gera uma série de complicações sobre medidas oficiais que poderiam ser tomadas em direção a elas, como, por exemplo, a seguridade social; por consequência, o que também continua a existir, além da subvalorização do profissional, é uma menor arrecadação do governo com repercussão em todas as esferas sociais.

Essa é, apenas, umas das muitas problemáticas que acompanham as mulheres, como conseguimos visualizar, igualmente, a partir do próximo trecho selecionado, a **Amostra 31**, pertencente à sequência das nossas análises.

Quadro 31- Variáveis da Amostra 31

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Divulgar a relação entre licença-maternidade, a Constituição e a participação feminina no mercado de trabalho.	Escritor e público leitor do jornal Folha de S. Paulo (Diretor de Redação: Octávio Frias de Oliveira)	Canal: gráfico Meio : escrito

Fonte: A autora (2022)

O contexto situacional a que se propõe o texto-base, para o **Quadro 31**, vincula-se a questões de cunho normatizador, à Constituição de 1988. O traçado norteador versa sobre a participação da mulher no mercado de trabalho, ano de 1989, mais precisamente às estruturas que acolhem (ou não) essas profissionais, a partir da Grande São Paulo. Tomando como sinalização o exercício da maternidade, ela é considerada um “entrave”, mesmo diante estabelecimento e garantias legais. De forma geral, há uma distinção em percentuais, de efetiva agência, entre aquelas que têm filhos e as que não têm, ainda que constatada uma pequena elevação da participação feminina no setor de indústrias.

Amostra 31- “Constituição não afetou trabalho das mulheres, conclui pesquisa”

“[...] a questão é **estrutural** e já se manifestava antes da vigência da nova Constituição” (#CE3- 08.03.1990, 18)

Dizer-se sobre a existência de uma questão, de um ponto que é conformado através do epíteto “estrutural” (Apreciação [Composição/-Equilíbrio]), expõe um vínculo entre a mulher, o mercado de trabalho, seu acesso e permanência. Aqui, está lançada uma perspectiva sobre condições de trabalho dentro de um “mesmo patamar” daquele que é exercido pelos homens.

Os impactos, então (re)conhecidos pelas mulheres, revelam-se em uma dinâmica que sustenta toda uma lógica de mercado: a manutenção da desigualdade de posição, de *status*, de salários e de cargos, isto é, os lugares de homens e os lugares de mulheres. Reproduzidas são, assim, diferenciações, desigualdades, desequilíbrios, repercutindo, por consequência, sobre os papéis por elas a serem representados na sociedade.

Observemos, de um modo geral, como as apreciações foram realizadas, os itens que emergiram na materialidade textual e que funcionaram como elementos que trazem uma carga estética, entre: “Reação”, “Composição” e “Valoração”. Para isso, contamos, em marcos, com a **Tabela 12**.

Tabela 12- Ocorrências no (Sub)Sistema “Apreciação”/Economia

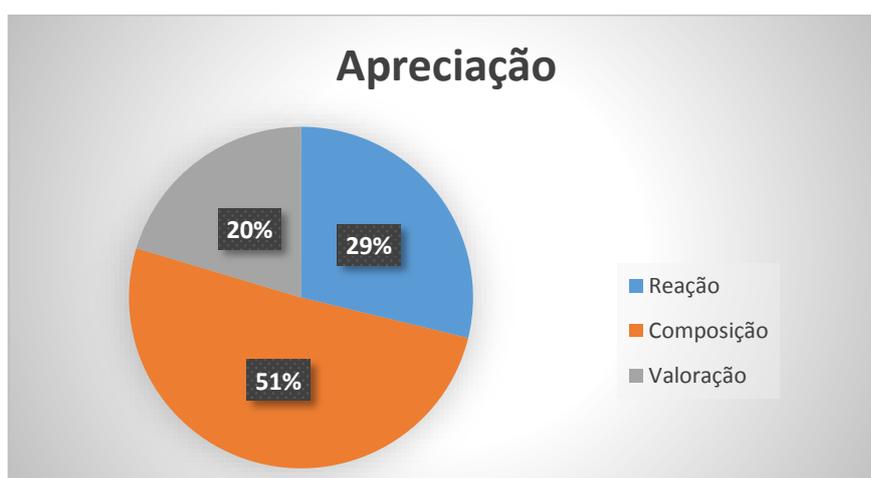
(SUB)SISTEMA APRECIACÃO		
REAÇÃO		OCORRÊNCIAS
Positiva (+)	Negativa (-)	17
12	5	
COMPOSIÇÃO		OCORRÊNCIAS
Positiva (+)	Negativa (-)	30
16	14	
EQUILÍBRIO		OCORRÊNCIAS
Positiva (+)	Negativa (-)	12
7	5	
OCORRÊNCIAS TOTAIS		
POSITIVAS	NEGATIVAS	59
35	24	

Fonte: A autora (2022)

Pondo-se em contraste/comparação às outras categorizações para “Apreciação”, o volume em “Composição” foi o que mais se destacou. É proveitoso, inclusive, ressaltar que

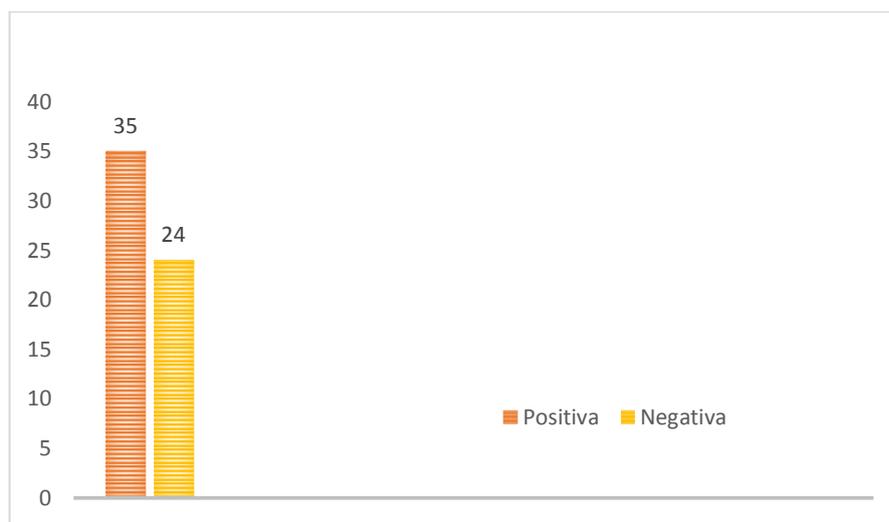
muito dessas ocorrências estão voltadas para como se revelam, sob os aspectos mercadológicos, os espaços, às condições e à própria estrutura econômica, no que concerne à forma como as mulheres dela participam ou em quais conjunturas atuam. Para que se torne mais visível as frequências aqui manifestadas, observemos, primeiro os percentuais apreciativos no **Gráfico 11**.

Gráfico 11 -Percentuais em “Apreciação” na Economia



Fonte: A autora (2022)

O nível de reflexividade dos sujeitos enunciatários, na promoção de um olhar sobre o qual está fundamentado uma certa lógica de organização dos ambientes e daquilo que é compreendido sobre seus arranjos, são confirmados ora pelo viés negativo, ora pelo viés positivo, com maior incidência positiva. Vejamos como isso se estabelece a partir da **Gráfico 12**, nos indicando imagetivamente esses movimentos.

Gráfico 12- Ocorrências Positivas x Negativas na categoria “Apreciação” na Economia

Fonte: A autora (2022)

Dentro da perspectiva que conseguimos traçar, concebendo-se as avaliações das formas de tratamento que deveriam ou valeriam ser destinadas às mulheres, isto é, aquilo que envolve o benefício, a importância, o equilíbrio das relações, no desenvolvimento, nas ocupações e, por consequência, a geração de capital, há implicações quanto ao recebimento digno de salários na(s) atividade(s) para as quais foi(-ram) contratada(s). Nesta configuração, entende-se que os mecanismos onde são empregados “equidade”, “diversidade”, “equilíbrio”, “diferença”, “divisão”, “melhoria”, promovem não só um desempenho positivo, mas também práticas sociais que ao validarem tais participações, pois cooperativas, favorecem e beneficiam o coletivo.

Antes de chegarmos às Considerações Finais, é importante, ainda, destacar um panorama no que tange a quantitativos gerais, tanto no que se refere ao (sub)Sistema de Atitude quanto ao (sub)Sistema de Gradação, a fim de que o dito, na sequência, possa ganhar maior envergadura. Para isso, apresentamos a **Tabela 13**. Vejamos!

Tabela 13- Quantitativos por (sub)Sistemas para “Política” e “Economia”

AFE		JUL (EST. SOC)		JUL (SAN. SOC)		APR		GRA	
(IN)FEL		NOR		PRO		REA		FOR	
Pos (+)	Neg (-)	Pos (+)	Neg (-)	Pos (+)	Neg (-)	Pos (+)	Neg (-)	QUA	INT
1	2	0	3	2	15	13	10	24	34
(IN)SEG		CAP		VER		COM		FOC	
Pos (+)	Neg (-)	Pos (+)	Neg (-)	Pos (+)	Neg (-)	Pos (+)	Neg (-)	4	
5	3	5	2	2	2	39	43		
(IN)SAT		TEN				EQU			
Pos (+)	Neg (-)	Pos (+)	Neg (-)			Pos (+)	Neg(-)		
5	3	3	2			42	16		
TOTAL		TOTAL		TOTAL		TOTAL		TOTAL	
POS (+)	NEG(-)	POS (+)	NEG(-)	POS (+)	NEG(-)	POS (+)	NEG (-)	58	
11	8	8	7	4	17	94	69		
19		15		21		163			

Fonte: A autora (2022)

Em perspectiva geral, considerando os dados que se revelam em nossa análise, nas macrotemáticas “Política” e “Economia”, a atenção para o caráter de “Apreciação” ganha maior relevância, seguida pelo “Julgamento” e só, então, a postura valorativa em “Afeto”. As três categorizações são complementadas e apoiadas por elementos de “Gradação”, tendo como centro a “Força”, com itens que denotam “intensificação” em 93% das construções, estando o “Foco” em, apenas, 7% das ocorrências.

As escolhas dizem-nos muito sobre o tratamento às mulheres dispensado, sobre as distâncias, em termos de imobilidade nas carreiras ou, especialmente, em certos cenários com predomínio do masculino, mas também funcionam como um alerta sobre a minimização de oportunidades, posto que elas não nos parecem efetivas, a igualdade ainda requer muito, a fim de ser real “de fato”.

É interessante notar que a “Apreciação” ganha maior referencialidade, se assim podemos dizer, quanto aos movimentos realizados: na busca de espaço, de um tratamento destinado às mulheres, mais dignos, bem como da importância de medidas que tragam uma equidade entre elas x eles nos cenários socialmente desenvolvidos e vividos, diante, ainda, dos muitos desafios encarados pelas mulheres, mesmo que seja dito (marcada linguisticamente) sobre a sua importância.

Por meio das publicações da Folha de S. Paulo, nos é falado que atuações e enfrentamentos ainda são necessários na caminhada, já que não completamente suficientes para atuação, afirmação e valorização delas, apesar da existência de visão mais positiva ou mais afirmativa, em 58% das ocorrências, 94 (apreciações positivas), x 69 (apreciações negativas), 42% dos casos.

Tal composição sinaliza para o exercício não só cidadão, com algum grau de direitos adquiridos, mas, especialmente, necessidade de (re)estruturar uma dinâmica que replicada, durante meio século, a partir da fonte de coleta, do nosso *corpus*, sobre a ampliação do feminino, da agência da mulher, de *ser mulher*, em prol de um desenvolvimento não só pessoal e de um grupo restrito, mas, especialmente, sobre aquilo que constitui a inteireza e progresso da sociedade, pois quando há diversidade, pluralidade na configuração de uma unidade, que não deve ser, jamais, entendida como homogeneidade, tanto mais nos fortalecemos enquanto humanos.

Se olharmos para o aspecto que figura o “Julgamento”, temos o segundo maior número de ocorrências. Aqui, estão implicados aspectos comportamentais, que fazem

elo com as relações desenvolvidas, em termos matrimoniais, as dores sofridas, as considerações que recaem sobre potencial intelectual, as resistências enfrentadas, mas especialmente, a necessidade de se afirmarem, de permanecerem na luta, apesar de toda discriminação sofrida, dos olhares tortos, das condições, em meio a limitações, diferenças entre camadas sociais que as dividem. A balança que o julga recai sobre uma perspectiva mais negativa, em uma relação de 66% ocorrências, 24 itens (julgamento negativos), para 34% ocorrências, 12 itens (julgamentos positivos).

Mas não só, em “Afeto”, temos uma orientação maior para escolhas que apontam a traçados positivos, em comparação à outra parcela de elementos avaliativos que se alojam na esfera inversa, perfazendo percentuais entre 58%, 19 ocorrências (afeto positivo), e 43 %, 8 itens (afeto negativo).

A partir de uma leitura mais geral, o que temos aí compreendido, no campo semânticos das emoções, é uma composição de mundo em que o sofrer, a ansiedade, a vulnerabilidade, assim como o cansaço fazem parte, inegavelmente, da arquitetura da mulher, em *ser mulher*. Estruturando de uma outra maneira, aspectos como sentimentos de entusiasmo, satisfação, segurança e proteção são menor representados na constância da vida e da atuação da mulher, do respeito a elas, em nossa sociedade, pelo menos, no último meio século.

Tendo em vista o que pode, ainda, ser apontado, em um quadro representativo complementar, sigamos às Considerações Finais, para que, dentro do que emerge, não só validemos o que se configurou, mas ideias ampliadas, desmembramentos possíveis e aquilo que, talvez, possa ressoar como auxiliar a novos contornos ou horizontes de entendimento, bem como contrapontos da pesquisa na esfera de estudos acadêmicos, com impactos que atravessem os muros científicos, pois discorreremos, além de tudo, sobre a humanidade, sobre ser, e apesar de

todo androcentrismo e falocentrismo havido na história, a mulher não pode ser totalmente apagada, nem poderá jamais ser, pois o ser-mulher é algo essencial que sempre está aí. Ela pode ser eclipsada, subordinada e tornada publicamente invisível, mas nunca destruída. Caso contrário não seria essencial (BOFF, 2010, p.66).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“[...] O medo se vai quando
Ouço a voz do alto me dizer
Sê valente, sê valente!”

(ALMEIDA, Marcos- Sê valente)

Os dois campos investigativos, “Política” e “Economia”, refletidos nos 15 (quinze) textos selecionados, nos ajudaram a traçar algumas considerações no que dizem respeito à agentividade da mulher, *ser mulher*, nos espaços sociais, bem como a que tipo de representatividade é alçada a ela, a partir do que é conduzido e manifestado nas narrativas midiáticas, da Folha de S. Paulo, configurações em realidades que atravessam, temporalmente, a nossa história há mais de um século.

Diante do cenário total, dentre os (sub)sistemas e as formas como se comportaram, foi possível identificar que as marcas atitudinais não só estão presentes, mas também são responsáveis por apontar disparidades e movimentos que se dão em tentativas de performances para e sobre as mulheres tornadas possíveis nos cenários constituídos.

É o que podemos compreender, a partir dos nossos resultados imediatos, quando nos deparamos com as dimensões do Julgamento ao ilustrar o quadro em que estão inseridas essas mulheres, nos distintos espaços culturais. As condenações apresentam uma elevação diante de uma “mera” crítica, em uma relação de 58% (Sanção) x 42% (Estima) das ocorrências, como já apontado anteriormente, página 145. Isso nos diz sobre como aquilo que envolve o perfil feminino, quando do “Julgamento”, pois são postas questões voltadas para a sua capacidade de atuação, a força de suas lutas, a honestidade de suas ações e/ou reivindicações, bem como sua confiabilidade enquanto pessoa, mas também se age de maneira ética e honesta com seus parceiros, em suas rotinas, isto é, a vida comum, é posta, muitas vezes, em xeque.

Parece-nos que, ao serem expostas àquilo que tange os afetos, quer na ordem a Política, quer na agenda da Economia, existe uma dinâmica distinta dos valores tomados por comportamentais. Com isso, o olhar sobre o que recobre os sentimentos, na

dinâmica com o valorado em comportamento, é menos recorrente, se postos na balança. Tais manifestações, em termos percentuais, podem ilustrar, dentro dos procedimentos analíticos, um aspecto mais “enrijecido” sobre o *ser mulher*, uma (aparente) menor necessidade de abraçá-las enquanto sujeitos que requisitam, diante da empreitada da vida, de maneira que nos parecem até contraditórias, menores manifestações afetivas no uso da linguagem quando temos, em índices representativos, 65% (Julgamentos) x 35% (Afeto).

Em razão do que se mostra por Apreciação, em proporções compartilhadas entre as três categorias do Subsistema “Atitude”, temos o seguinte panorama, a partir de 218 ocorrências manifestadas: 9% (Afeto), 16% (Julgamento) e 75% (Apreciação). Os dados percentuais nos chamam para a valoração da coisa, isto é, aquilo que compõe, mais especificamente, o cenário de existência dessa mulher. Ele é o que, majoritariamente, ganha evidência, é sobressalto. *Ser mulher* está atravessado e aportado em um quadro de fundo que aponta para necessidade de mudança, equilíbrio, melhorias, redistribuições, desconstruções, diante de inúmeros desafios, desigualdades, estagnação, resultando em uma dificuldade mais plena e potente de agência.

Nos textos analisados, conforme a progressão investigativa, constatamos elementos de várias ordens, na composição da ocorrências sejam na forma de processos, grupos nominais, circunstâncias, epítetos, sintagmas preposicionados, nominalizações, atributos, considerando o Subsistema Atitude e suas três categorias: Afeto, Julgamento e Apreciação, bem como no que concerne ao Subsistema Gradação nos usos de epítetos circunstâncias, modificadores, processos verbais e numerais.

Tanto dentro de uma categoria, quanto em outra, Atitude e Gradação, os elementos que emergem, auxiliam na geração de significados, a partir das amostras nas quais estão inscritos. Tais quadros, em ocorrências, na composição das avaliações, trazem à superfície valores que são instituídos socialmente, como em outros momentos já sinalizados, no que configura *ser mulher*.

Dentro da proposta, a mídia, neste trabalho representada pelo jornal Folha de S. Paulo, como um grande olho que “percorre” toda a sociedade, na seleção daquilo que merece ser destacado e considerado alvo das suas publicações, estabelece critérios na e para a construção de posições, ordenamentos sociais, produzindo e reproduzindo

indicativos, relevâncias, para dizer sobre, em visões acerca dos sujeitos, que são acomodados. Eles assumem determinadas posições, nos quadros gerais grupais a que pertencem, nos traçados estabelecidos.

As mulheres, apesar de se encontrarem mais visíveis e, por vezes, serem consideradas importantes no fluxo e constituição da sociedade, têm suas posições fragilmente mantidas, ocupando lugares de visibilidade inferior, sofrendo violências de diversas ordens, nas grandes duas esferas: Política e Economia, em naturalizações.

O *ser mulher*, nos diferentes cenários, em que pudemos observar, não é de antemão particularizado, mas homogeneizado, sem existência, ao que pudemos compreender, da diferenciação. Isso se dá, muito provavelmente, a partir de parâmetros que emergem da soma das relações da dominação, atribuindo-lhe certas regularidades que passam, então, a compor todas, excluindo, portanto, as marcas distintivas dos humanos: pessoalidade em singularidade. Tais configurações limitam o trânsito do ser, e como nos diz Bourdieu (2019), assemelha-se a um “confinamento simbólico”, isto é, subordina e aponta para movimentos possíveis e permitidos.

As mulheres, no contexto da Política, são aquelas que “sofrem”, que “infelizmente” não têm garantido direitos e avanços reais em seus postos de ocupação. São essas mulheres, as mesmas que se sentem “inseguras”, “vulneráveis”, requerendo “proteção”, amparo, mas para tudo isso, precisam “gritar”, fazer ecoar suas vozes.

O *ser mulher*, diante de uma conjuntura social abrangente, tem seu “desejo sexual” negado de maneira violenta, é “intelectualmente inferior”, a sua “capacidade” cognitiva é posta a xeque; apesar de ser compreendida como “colaboradora”, aquela que “supera” a miséria, que é “resistência”, sempre se faz e refaz a partir das “lutas”.

Os dados sinalizam que *Ser mulher*, é passar por “discriminação”, “humilhação”, “exclusão”, é sofrer “assédio sexual” e, ao mesmo tempo, ter que levantar a bandeira da “castidade”, para a manutenção da estabilidade e do contrato matrimonial. É ser reconhecida pelo seu papel, mas, condenada, caso tenha parceiros e relações antes das núpcias. *Ser mulher* é ocupar um lugar da responsável máximo pela fidelidade.

Diante desse cenário de desigualdades, do lugar de menor prestígio, das restrições e dos retrocessos, buscam equidade, lutam na contramão do sistema, são

relevantes, insubstituíveis, convivendo com as antigas aparelhagens, mas em busca do novo, a fim de atingir representatividade, de serem (sermos) muitas e plurais.

Essas assertivas no dizem respeito, grosso modo, sobre como são afetadas em (In)Segurança. *Ser mulher*, dentro da nossa conjuntura, arca mais com pontos de vista do Julgamento, com implicações legais, em razão da Legislação e/ou valores morais e religiosos, trazidas nas marcas de Propriedade, isto é, entre aquilo que distingue o ético e o não-ético; falamos, assim, de violações, assédio, menosprezo e/ou quando se tem as atitudes questionadas, pois ao ocupar o espaço público e nele transitar levanta suspeitas: Quando saem de casa, saem, realmente, para resolver algo que contribuía com a família, com a sociedade? Ou é um subterfúgio para a traição?

Além do mais, é também contar com um painel onde lidamos com problemas, em uma realidade cheia de obstáculos, uma realidade desigual; *ser mulher* é buscar atravessar a dominação, as restrições e, por vezes, o lugar de cristalização em que são/estamos posicionadas em prol da equidade, adequação, desconstruindo o instituído. Muraro (2010) acerca dos desafios e inserções femininas, lembra-nos que as mulheres são e vão sendo, ao longo da história, da sua inserção no mundo público, molas transformadoras dos sistemas simbólicos, não mais competitivo, mas pertencentes a uma ordem que integra e, por isso, equilibra. Talvez, e então, tantas e grandes dificuldades enfrentadas nas agências, nas buscas por “refazimento”, do assumir uma riqueza em equivalências, no estabelecer de diálogos, redes e conexões, nas tentativas de mudança das estruturas e no apartar, a todos, dos “confinamentos”, a ampliação das condições de existência do todo assusta e revela.

Olhando para o campo da Economia, temos uma mulher que se desdobra, que se mostra “cansada” em ter que atuar nas mesmas frentes, inclusive, para reforçar as marcações já eleitas a elas (a nós), em um passo de desacordo diante das afirmações que são postas sobre nos pertencer ou não ao dito “universo feminino”, denota desgosto quanto aquilo que pode ser/deve ser disponibilizado como contenção/conveniência.

É interessante notar que o mercado, setor econômico, parece não, explicitamente, lançar sobre às mulheres um olhar mais emocional, em termos de *Afeto*, agindo, digamos, nas relações estabelecidas com essas mulheres um maior rigor, em objetividades, razão, onde as experiências emocionais distanciam-se das formas de

sensibilidade, subjetividade, já que é considerado “naturalmente” um espaço de competição, força e hierarquizações.

Tanto o é que identificamos, nos textos analisados aqui, apenas 6 (seis) ocorrências para “Afeto” e, mais interessante ainda, é notar que, os que emergem, estão relacionados, majoritariamente, às questões referidas às compras, a uma instância, em muito, considerada de futilidade, do insignificante, desnecessário, o que acaba por ratificar a ideia de que as mulheres se ocupam do que é superficial.

Em paralelo, pode gerar uma compreensão de que: se nós estamos investindo força e tempo naquilo que é “inútil”, são os homens que investem não só tempo, mas inteligência com o que é frutífero, proveitoso para todos, já que o tempo deles está orientado e focado em planejamento, operacionalização, no gerenciamento do agora e do futuro das coisas, da e para a sociedade.

Ser mulher, em uma conjuntura como esta, é nada mais do que estar encarregada do supérfluo, da utilização do dinheiro que nós teoricamente, não trabalhamos para obter, mas é resultado do esforço e do empenho masculinos, e estando impulsionadas pelo imediatismo do mundo do consumo para a aquisição de itens dispensáveis, carregamos a aura da felicidade, pois ao desfrutamos de um “relax”, divertimo-nos e nos entusiasmos.

E, quando acessamos o mercado de trabalho e nele achamo-nos inseridas, contamos com a rejeição. Sendo igualmente produtivas, desvantagens direta ou indiretamente são impostas, não nos proporcionando igualdade, acesso, oportunidade em empregos, carreira, bem como possíveis escaladas, promoções, mesmo que demonstramos competência, eficiência naquilo que nos propomos a fazer.

Somos postas na “lanterna”, o que, em certa instância, ainda gera falta de autonomia financeira e, por conseguinte, desprovimento de independência plena na tomada de decisões por nós mesmas, apesar de as diferenças salariais terem declinado nas últimas décadas. Pacheco (2021), faz-nos lembrar do “*glass ceiling*” (teto de vidro), isto é, das barreiras que “invisíveis” se mantêm nas organizações, nas instituições, e reforçam, ao mesmo tempo, a necessidade de luta. Tal conceito está baseado uma ideia sexista que diferencia homem e mulher em responsabilidades, habilidades, mas que tem,

por trás, o medo latente do sucesso feminino, configurando, então, espaços que são próprios a eles e a elas.

Como o nosso próprio *corpus* tratou de evidenciar, as mulheres são menos beneficiadas no cenário econômico que os homens; penalizadas, em uma distribuição desigual, além de contarem certo “impeditivos”, posta a existência de rede, muitas vezes, deficitária de apoio, bem como ausência de esforços público-políticos que deem suporte, com número de creches e escolas de tempo integral, para que se possa deixar seus filhos, enquanto se dedicam ao exercício laboral, acabam limitadas dentro de toda uma estrutura que lhes impõe obstáculos. *Ser mulher* é conviver com antigos parâmetros, em “novos” arranjos sociais.

Reproduzidas estão, assim, as diferenciações, as desigualdades, os desequilíbrios, repercutindo, por consequência, sobre os papéis por elas (nós) a serem representados. Corremos em busca do equilíbrio das relações, na grande engrenagem social, a partir de mecanismos que propiciem “equidade”, “diversidade”, “divisão”, “melhoria”, em práticas político-sociais de afirmação que, ao validarem tais participações, entendam o cooperativo como promotor do coletivo.

Apesar de os maiores níveis de polaridades acharem-se em marcas positivas, isso não identifica um cenário que é bom e estável para a agência feminina, mas sinaliza a necessidade de mudanças, de alterações, ratificadas pelas não-concordâncias, descasos, desestabilizações, e, ainda, dúvidas quanto à atuação feminina que, apesar de reconhecida, por vezes, em relevância, acaba sendo colocada em lugares de desprestígio, exclusão, com impeditivos ou limitadores a seu ser para uma atuação plena política, social, cultural e econômica.

Todas nós somos: Ela, Elas, Mulheres, As mulheres, Mãe, Meninas, Adolescentes, Pessoa, Sexo feminino, Um dos sexos, Mulher casada, Produtora de bens, Provedoras, Grande massa, Administradora da economia doméstica, Porta-voz, Uma líder (do movimento feminista), (Seis) chefes de governo, Mulheres em situação de vulnerabilidade, Mulheres mutiladas, Mulher costurada, Instrumento de perpetuação da espécie, (Principal) elo (de agregação das famílias), Juízas, Juízas negras, Ministra, A população que não se enxerga (nas salas de audiência e sessões).

Considerando, ainda, as formas como nós somos referidas, tais como as citadas no parágrafo anterior, poderíamos nos questionar sobre que tipo de objetos discursivos são operados pela linguagem em valor-referência, a partir do Sistema de Avaliatividade, para e em uma rotulação desse “*ser mulher*”? Valendo-nos de Koch (2002), quando diz sobre a práxis ter impactos na modelização geradora da percepção/cognição, de uma memória compartilhada, o que incide sobre esse *ser mulher*, sobre a mulher, sobre as mulheres? Ela(-s) é (são) “recategorizada(-s)” ou, constantemente, “predicativamente”, mantida(-s) em referência estratégica pela mídia jornalística? Esses são alguns pontos que sendo desdobrados, ganham possíveis caminhos investigativos.

Lembramos que o que aqui foi trazido e exposto é, apenas, uma noção, uma visão parcial daquilo que, tomando como base as publicações jornalísticas de um veículo, a Folha de S. Paulo, e não é um fechamento total e ponto final acerca da temática discutida e posta em evidência. Serve como uma abertura, um espaço a partir do qual outros e futuros estudos de base funcionalista ganhem corpo, sempre a partir de produções reais, no conjunto da vida social, satisfazendo necessidades humanas, como bem nos lembra Halliday (1985), acerca dos textos que produzimos, escritos ou falados, para e na construção dos sentidos.

Somos, no final e ao final de tudo, a marca do que nos dizem, mas do que podemos e quisermos ser: mulher(-es). E diante dos contrastes, desafios e “confinamentos”, sabemos que a vida requer da gente coragem, como bem nos alerta Guimarães Rosa, em “Grande Sertão: Veredas”. Que a coragem de existência e resistência de tornar e de *ser mulher*, a partir também deste trabalho, encontre outras vozes a ressoar e ecoar no meio acadêmico, em estudos que versem sobre a construção de universos, de “realidades”, por sabermos que é o ponto de vista que cria o objeto, como já bem nos dizia, o mestre genebrino, Ferdinand de Saussure.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Adriana Rodrigues de; NÓBREGA, Adriana N. Accioly. Olhares teóricos para a construção de identidades de professores e de alunos por um viés sistêmico-funcional. **Pesquisas em Discurso Pedagógico** (on-line), v.1, p.1-8, 2017.
- ALMEIDA, Fabíola Sartin D. P. Atitude: afeto, julgamento e apreciação. In: VIAN JR., Orlando *et al.* (Org). **A linguagem da avaliação em língua portuguesa**- Estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema da Avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, p. 99-112.
- ALMEIDA, Fabíola Sartin. D. P.; VIAN JR., Orlando. Estudos em Avaliatividade no Brasil: panorama 2005-2017. **Signótica**, v. 30, n. 2, p. 273–295, 2018.
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. 6.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- ARENDT, Hanna. **O que é política?**. 3ª ed. Tradução de Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- ANTONIO, Juliano Desiderato; OLIVEIRA, Valéria Cristina de. Da estrutura à função, a linguagem entra no contemporâneo. **Entremeios**: Revista de estudos do discurso. v.10, p.47-56, jan./jun. 2015.
- ARAÚJO, Inês Lacerda. **Do signo ao discurso** – Introdução à filosofia da linguagem. Parábola Editorial: São Paulo, 2004.
- AVELAR, António; AZUAGA, Luísa. A Teoria da Avaliatividade: Breve Apresentação. In: AZUAGA, Luísa (Org.). **Representações e Codificações Linguísticas de Portugal no Século XIX**. Centro de Estudos Linguísticos da Universidade de Lisboa: Lisboa, 2002. p. 19-54.
- AZEVEDO, Regina Maria. A Gramática Gerativo-Transformacional na origem da Programação Neurolinguística (PNL). **Caligrama**, São Paulo, v.3, n.1. p. 01-21, 2007.
- BEAUVOIR, Simone. **El segundo sexo**. Tradução de Juan García Puente. México: Debolsillo, 2013.
- BEDNAREK, Monika. **Evaluation in Media Discourse: Analysis of a Newspaper Corpus**. Continuum: London/New York, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**- A condição feminina e a violência simbólica. 15ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.
- BRITTOS, Valério C.; GASTALDO, Édison. Mídia, poder e controle social. **Revista Alceu**- PUC, Rio de Janeiro, v. 7, p. 121-133, jul./dez. 2006.
- CAMARGO, Alice Vasques de. Representação social da mulher e interdiscurso em editoriais da revista TPM. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-

Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

CARDOSO, Yasmin R. Gatto. **Imprensa e gênero na Amazônia**: representações jornalísticas da mulher no festival folclórico de Parintins. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Bauru, 2018.

CARVALHO, Richarles de. A apreciação em anúncios publicitários de livros didáticos de LI. In: VIAN JR., Orlando *et al.* (Org). **A linguagem da avaliação em língua portuguesa**- Estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema da Avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

CERQUEIRA, Carla Braga. A imprensa e a perspectiva de gênero. Quando elas são notícia no Dia Internacional da Mulher. **Observatorio (OBS*) Journal**, Lisboa, v.5, p. 139-164, 2008.

CORTEZ, Suzana Leite. **A construção textual-discursiva do ponto de vista**: vozes, referenciação e formas nominais. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2011.

COSTA, Marco Antonio. **Estruturalismo**. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo *et al.* (Org). – Manual de linguística. São Paulo: Contexto, 2012. p.113-126.

CUNHA, Angélica Furtado. **Funcionalismo**. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo *et al.* (Org). – Manual de linguística. São Paulo: Contexto, 2012. p.159-176.

DUARTE, Milcinele da Conceição. **Uma proposta de sequência didática funcionalista**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2015.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

FONSECA, Rosa Maria. **A construção de identidade de mulheres e homens como processo histórico social**. (Oficina), São Paulo: USP, 2012.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; Souza, Maria Medianeira de. **Transitividade e Seus Contextos de Uso**. Coleção Tópicos em linguagem. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina. **Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em Língua Portuguesa**. 1ª ed. Mercado das Letras: Campinas, 2014.

HALLIDAY, Michael Alexander. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold Publishers, 1985.

HALLIDAY, Michael Alexander K; MATTHIESSEN, Christian Ingemar M. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold Publishers, 2014.

HALLIDAY, Michael Alexander K. ¿Cómo significas? In: GHIO, Elsa *et al.* **Obras esenciales de M.A.K. Halliday**. 1ªed. Santa Fe: Ediciones UNL, 2017. p. 59-78.

ILARI, Rodolfo. O estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org). **Introdução à linguística**- Fundamentos epistemológicos. v. 3. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

KENEDY, Eduardo. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Argumentação e linguagem**. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**- História da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Editora Cultrix, 2019.

LOVATO, Cristina dos Santos. Avaliação na linguagem: configuração e função do subsistema de engajamento em notícias de popularização científica. **Cadernos do IL**. Porto Alegre, n.38, p.155-165, 2009.

MACEDO, Alzira Verthein T. de. Funcionalismo. **Veredas**- Revista de Estudos Linguísticos. v.2, n.1, p.71-88, 1998.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **A Construção do Mobiliário do Mundo e da Mente**: Linguagem, Cultura e Categorização. Juiz de Fora, p.1-16, 2004.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *et al.* **Manual de linguística**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MARTIN, James R.; ROSE, David. **Working with discourse**: meaning beyond the clause. 2ª ed. New York: Continuum, 2007.

MARTIN, James R.; WHITE, Peter R.R. **The language of evaluation**: appraisal in English. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

MENEZES, Tayana Dias de. **As mídias e a representação feminina**: um estudo sobre a identidade social da mulher. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2011.

MORAES, Márcia. **Ser humana** – quando a mulher está em discussão. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2002.

MURAD, Carla Regina R. O. O funcionalismo e o gerativismo: principais características e expoentes. **Revista Nucleus**, v.8, n.2, p. 345-352, 2011.

MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. **Feminino e Masculino** – Uma nova consciência para o encontro das diferenças. Rio de Janeiro: Record, 2010.

NASCIMENTO, Anamaria Melo. **Mobilização popular na mídia**: uma análise crítica do discurso da imprensa recifense sobre o movimento Ocupe Estelita. Dissertação

(Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 2018.

NEVES, Maria Helena de Moura. Defino minha obra gramatical como... In: NEVES, Maria Helena de Moura; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. (Org.). **Gramáticas contemporâneas do Português**: Com a palavra, os autores. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. p. 68-79.

NOGUEIRA, Mayara de Oliveira; NÓBREGA, Adriana Nogueira Accioly. Análise sistêmico-funcional de acórdão em acidente de trabalho sob o prisma do Sistema de Avaliatividade. **Revista Intersecções**, ed. 15, Ano 8, n. 1, p. 80-101, 2015.

OLIVEIRA, Almir A de. Observação e entrevista em pesquisa qualitativa. **Revista FACEVV**, v. 4, p. 22-27, 2010.

OLIVEIRA, Sheila Alves de. **Discurso jornalístico em tempos de internet**: Os embates de sentido na representação de Dilma Rousseff durante a campanha de 2014. 127f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, 2016.

PACHECO, Eugénia Medeiros. **Discriminação no mercado de trabalho**: uma análise empírica. 44f. Dissertação (Mestrado em Ciências Económicas e Empresariais) – Universidade dos Açores, 2021.

PINKER, Steven. **Do que é feito o pensamento** – a língua como janela para a natureza humana. Tradução de Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RODRIGUES, Daniela Leite; CABRAL, Sara R. Scotta. Gradação e coluna de opinião: investigação da categoria força em textos de Elaine Cantanhêde. **Intersecções**, ed.7, Ano 5, n.1, p. 141-157, 2012.

ROCHA, Flávia Ferreira de Silva. **A imprensa e a construção do discurso da ditadura civil-militar brasileira em 1964**: Um estudo sistêmico-funcional. 249f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do; OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Linguística funcional no século XXI: *quo vadis?* In: BISPO Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito; SOUZA, Maria Medianeira de. (Org.). **Pesquisas funcionalistas**: da versão clássica à perspectiva centrada no uso - uma homenagem a Maria Angélica Furtado da Cunha. Natal: EDUFRN, 2021.

SCHWAAB, Reges; ZAMIN, Angela. O discurso jornalístico e a noção-conceito de interdiscurso. **Vozes e Diálogos**, v.13, n.1, jan./jun., p.49-62, 2014.

SILVA, José Pereira da. Estrutura profunda e sua importância na teoria formal da linguagem. **Linguagem em (Re)vista**, v. 12, n.24, jul./dez., p. 79- 105, 2017.

SINGER, Paul. **O que é economia**. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.

SILVA, Tadeu Tomaz. A produção social da identidade e da diferença. In: HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença-** A perspectiva dos Estudos Culturais. Trad. e Org. Tomaz Tadeu da Silva. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 73-102.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Rio Grande do Sul, v.20, n.2, p. 71-99, jul/dez. 1995.

SOUZA, Francisco Elton Martins de. Teorias linguísticas e suas concepções de gramática: Alcances e limites. **Linguagem em foco-** Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE. v. 6, n 1, p. 37- 47, 2014.

SPINELLI, Letícia M. O potencial crítico da teoria política feminista gênero enquanto categoria de análise. **Revista Feminismos**, v.6, n.3, p. 11-23, set/dez. 2018.

TELLES, Amélia; PISCITELLI, Adriana. Origens dos movimentos e teorias feministas. **Encontro Internacional Nós tantas outras**. SESC São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CwYIK0O6Wlg> Acessado em: 01/07/2022.

VIAN JR, Orlando. O Sistema de Avaliatividade e os recursos para Gradação em Língua Portuguesa: Questões terminológicas e de Instanciação. **Delta**. v.1, n.1, p. 99-129, 2009.

VIAN JR, Orlando; SOUZA, Anderson Alves de; ALMEIDA, Fabíola Sartin D. P. (Org). **A linguagem da avaliação em língua portuguesa**. Estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema da Avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

WHITNEY, William D. **A vida da linguagem**. Tradução de Marcio Alexandre Cruz. Petrópolis: Vozes, 2010.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença- Uma introdução teórica e conceitual. In: HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença-** A perspectiva dos Estudos Culturais. Trad. e Org. Tomaz Tadeu da Silva. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 07- 72.

APÊNDICE A- TEXTOS DIGITADOS/ “POLÍTICA”

TEXTO 1 (#CP1-08.03.1970)

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Apresentação de aspectos e configurações relacionados ao Projeto do Código Civil, bem como explicitação de outras conquistas/melhorias alcançadas pelas mulheres casadas através do mesmo Código.	Escritor e leitor O correspondente e público leitor do jornal Folha de S. Paulo (Diretor presidente – Octávio Frias de Oliveira)	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

→ *Reale em Porto Alegre: o novo Codigo Civil vai ampliar as conquistas da mulher casada*

1.1 PORTO ALEGRE (Do Correspondente) – Para uma visita à Universidade do Rio Grande do Sul, esteve na capital o prof. Miguel Reale, reitor da Universidade de São Paulo e revisor do projeto do Código Civil, em fase de elaboração, após ter ministrado aulas inaugurais em Faculdades de Cruz Alta e Santo Angelo.

1.2 Antes de regressar a São Paulo, na tarde de anteontem, o conhecido jurista falou à imprensa sobre o trabalho que a Comissão de Reforma do Código Civil está realizando.

1.3 “Os trabalhos sobre o projeto do novo Código - disse o prof. Reale – do qual somos supervisores e de cuja comissão faz parte o eminente professor gaúcho Clovis Couto e Silva, estão realmente muito adiantados. É possível até que a entrega do anteprojeto ao sr. Ministro da Justiça se verifique dentro de 90 a 120 dias, a fim de ser, depois, submetido à apreciação do Congresso Nacional. A comissão instalou suas atividades em fins de 1968, tendo sido firmado um processo de trabalho pelo qual cada um dos seus integrantes recebeu o encargo de elaborar o projeto, respectivamente, da parte geral das obrigações e dos atos negociáveis, do direito das coisas, família e sucessões. A revisão feita por mim já abrangeu as três primeiras partes, devendo-se notar que o trabalho todo da Comissão se baseou não apenas nos anteprojetos e códigos anteriores, mas também em sugestões recebidas de associações jurídicas e de entidades de classe. Desejo aqui referir-me especialmente à valiosa contribuição do Instituto dos Advogados do Rio Grande do Sul, com referência às sociedades anônimas e às sociedades por quotas de responsabilidade limitada.

1.4 “Foi assim, preocupação constante da Comissão auscultar os grupos e as classes interessadas, a fim de que a legislação possa apresentar-se em consonância com as exigências globais da comunidade. Esta dupla preocupação de ouvir juristas e homens de empresa, bem como as associações de classe, foi de grande importância

127e altamente benefica para os trabalhos da revisãõ”

128“A esta altura do trabalho – prosseguiu o prof. Miguel Reale – já posso declarar que 129tinhamos razão aqueles que nos opusemos à supressãõ da parte geral do Codigo. A 130permanencia desta parte geral, do Codigo. A permanencia dessa parte geral, 131atualizada, garantiu maior unidade sistematica, permitindo entrosagem mais logica 132das partes especiais. Embora mantida a estrutura do atual Codigo, isso não impediu 133que se procedesse à modernizaçãõ dos seus institutos, com a introduçãõ de varias 134soluções novas para as relações sociais do nosso tempo, fazendo sempre com que 135predominassem o interesse coletivo e os imperativos éticos sobre as manifestações 136de carater puramente individual.

137“ Na minha estada em Porto Alegre, aproveitei a oportunidade para estudar, 138juntamente com o professor Couto e Silva a parte relativa ao direito da familia, 139podendo, desde logo adiantar, a fim de afastar certas informações tendenciosas, que 140o projeto não apresentará **nenhum retrocesso** no tocante às conquistas que a 141legislaçãõ atual **assegurou** à mulher casada. Neste sentido, posso dizer que o 142Codigo atinge uma linha **moderna e equilibrada**, compatível com os fatos de nossa 143civilizaçãõ. No projeto, por exemplo, não só se reconhece a posiçãõ **positiva** da 144mulher como **colaboradora** na direçãõ da sociedade conjugal, como se lhe confere 145**maior** autonomia na conduçãõ dos proprios negocios, tudo isso **sem quebra da** 146**unidade familiar**, não esquecendo que a instituiçãõ existe em razãõ dos interesses 147da prole e da comunidade. Os mesmos principios de supremacia de valores sociais 148e éticos governam as soluções dadas à propriedade e o contrato, ambos disciplinados 149em razãõ e nos limites de sua funçãõ social.

MAIS MIL ARTIGOS

150“A esta altura dos nossos trabalhos posso tranquilamente afirmar que a inserçãõ no 151Codigo Civil de toda a matéria relativa aos atos negociaveis e às empresas não feriu, 152em nada, a harmonia do conjunto. O Codigo Civil, tal como concebido e realizado 153pela Comissão, abrangerá assim, numa unidade organica, tanto as relações de ordem 154civil, no sentido restrito desta expressãõ, como tambem as de ordem mercantil. Na 155realidade, nosso Codigo Civil será um Codigo de todo nosso Direito privada, e por 156isso, sobre o de 1916, terá um acrescimo de mais de mil artigos, devendo tambem 157substituir o Codigo Mercantil que data de 1950.

158“É claro, entretanto, que está sendo codificada no projeto somente aquela parte que 159já oferece estrutura definitiva mais estavel. Esclarecendo este ponto, direi que o 160Codigo no Livro das Obrigações, contem toda a parte geral dos titulos de credito, 161remetendo pare leis especiais da disciplina dos titulos em particular, como, por 162exemplo, a letra de cambio, o cheque, etc. A parte das sociedades anônimas e das 163sociedades

164Sociedade em geral acha-as, entretanto, inserida no Codigo, constituindo o segundo 165livro da parte especial, levando em conta todas as modificações havidas no mundo 166econômico de nosso tempo, e fornecendo, deste modo, os instrumentos adequados 167para a politica de desenvolvimento nacionais.

TEXTO 2 (#CP2-08.03.1979)

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Defesa de um ponto vista a respeito do “Dia Internacional da Mulher”, as lutas e os desafios femininos em cenário brasileiro.	Escritor e leitor: Editor responsável (Boris Casoy) e público leitor do jornal Folha de S. Paulo	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

→ *A mulher e o Brasil*

11O Dia Internacional da Mulher, que se comemora hoje em todo o mundo, poder ser 12visto como uma efeméride a mais entre tantas que se festejam durante um ano. Não 13se reduz, a isso, entretanto: à visão de um novo mundo que cresce na perspectiva de 14uma industrialização veloz estabelecendo novas relações sociais; muito menos se 15limita a uma mera data no Brasil, cujo desenvolvimento político e social já não 16prescinde da participação feminina. A mulher brasileira é **inegavelmente** 17**importante** no roteiro que o País palmilha em busca de soluções para seus 18problemas. Por isso mesmo, impõe-se a constatação de que o reconhecimento de 19seus direitos específicos está **muito aquém** daqueles que a sociedade brasileira hoje 110considera como **válidos** para setores sociais que nem sempre abrangem o sexo 111feminino.

112Não que os direitos civis da mulher brasileira não tenham a **proteção** da lei: ou 113que seus direitos sofram a nível legal um tratamento **discriminatório** em 114princípio. Pela Constituição, todos os brasileiros, independentemente da raça, cor e 115sexo, são iguais perante a lei. Não o são, entretanto, perante as relações de 116produção que determinam o tratamento real que **não raras vezes discrimina** a 117mulher nos empregos e nos salários, para exigir-lhe tudo no triplo do encargo de 118produtora de bens, de mãe e de administradora da economia doméstica. E este é 119um aspecto fundamental. Pois, neste contexto, compreende-se a reflexão dos 120socialistas utópicos saint-simonianos que no século passado viam no trabalho o 121princípio da emancipação feminina. De fato, foi a partir do trabalho feminino que 122a mulher passou a reivindicar com a legitimidade de seu **nov** papel de produtora 123de bens uma participação **igualitária** em relação aos homens nas sociedades. Mas 124foi também a partir daí que a sua função de mãe se viu **acrescida** de **nov** encargo 125que a industrialização acrescentou, sem, entretanto, a **devida** compensação por 126esse acúmulo de atividades.

126Enfim, não cabem aqui reflexões que a sociologia e os especialistas podem fazer 127com maior autoridade. Mas se é **forçoso** identificar **na luta** da mulher brasileira 128um **longo** caminho a percorrer no reconhecimento de seus direitos legítimos, os 129quais, por razões irrefutáveis, são também **específicos** nas **novas** relações de 130produção da sociedade brasileira, não se pode **ignorar** que as reivindicações 131femininas podem e devem juntar-se aquelas que exigem um **melhor** nível de vida

para todos os ¹³²brasileiros. O tratamento **quase medieval** que **sofre** uma **grande massa** de ¹³³mulheres neste País não é uma **aberração**, perante o escândalo maior da existência ¹³⁴de milhões de brasileiros que vivem em condição de miséria quase absoluta.

¹³⁵O Dia Internacional da Mulher, na verdade, reforça a idéia de que o Brasil está ainda ¹³⁶no princípio de sua longa caminhada para o dia da emancipação do povo brasileiro ¹³⁷de seus problemas fundamentais. E isso basta para validá-lo como dia também de ¹³⁸todos os brasileiros.

TEXTO 3 (#CP3-08.03.1980)

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Informar sobre as atividades e manifestações promovidas pelo Movimento de Libertação da Mulher (MLF), na França	Escritor e leitor/público leitor do jornal Folha de S. Paulo (Editor responsável: Boris Casoy)	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

→ *Francesas gritam pelas ruas*

11PARIS (AFP) - O Movimento de Libertação da Mulher (MLF) **gritará** suas
 12reivindicações pelas ruas de Paris hoje fazendo uma passeata desde a histórica praça
 13da Bastilha até um local moderno, mas igualmente universal, o Centro de Arte
 14Moderna Pompidou.

15Esta manifestação ocorrerá poucos dias depois do ministro para o Emprego da
 16Mulher, Nicole Pasquier, ter recebido o presidente do Conselho Patronal Francês
 17(CNPF), para tratar da **discriminação** contra a mulher no trabalho e aproveitando a
 18realização do Dia Internacional da mulher, hoje.

19“Este ano – declarou uma líder do movimento feminista – estaremos juntas nas ruas
 110do mundo inteiro, de leste a oeste e de norte ao sul, e faremos esta jornada
 111independentemente de todos os paternalistas da repressão: estados e partidos,
 112organizações e sindicatos”. A porta-voz revelou o slogan da passeata: “Viva a
 113independência erótica e política das mulheres”.

114Os observadores lembraram que o MLF já realizou anteriormente **ruidosas**
 115manifestações contra o “machismo” do chamado sexo forte: passeatas pelos
 116bulevares parisienses ao grito de “prostitutas ou lésbicas, quando nos der
 vontade”, 117interrupção de cerimônias nupciais, chuva de panfletos na Assembléia
 Nacional 118Francesa, reprovação pública contra “galanteios” etc...

119No domingo, a **originalidade** dos debates sobre a emancipação da mulher, sua
 120autonomia e libertação em geral, estará no local onde será realizado: uma lancha
 121ancorada na cabeceira direita do Sena.

122Nicole Pasquier deveria receber, também hoje, uma delegação da Confederação
 123Geral de Executivos e submeter em seguida suas propostas ao Conselho de
 124Ministros, na primavera.

125Segundo o Ministro da Condição Feminina, “ apesar de sua formação, as mulheres
 126obterão a **igualdade de fato** e oportunidades **reais** de promoção”.

127Se a diferença de salários entre homens e mulheres alcança globalmente cerca de
 33 128por cento, as diferenças observadas entre os coeficientes de salário-horário
 operário 129masculino e feminino são inferiores a 3 por cento. Há 15 anos esta
 diferença era 130mais de 10 por cento, segundo o CNPF.

TEXTO 4 (#CP4-08.03.1990)

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Adoção de uma perspectiva sobre as comemorações em torno do “Dia Internacional da Mulher” e as estruturas sociais, legais, formadas em torno da agência feminina	Escritor e leitor: Colunista (Fernando Henrique Cardoso) e público leitor do jornal Folha de S. Paulo	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

→ *A mudança necessária*

11Hoje, por convenção internacional, comemora-se o dia da mulher. É curiosa a
12dinâmica das comemorações. Não me recordo de existir um “dia do homem”.
Existe, 13entretanto, o dia da criança, o do negro, o da mulher. Ou seja, mais do que
uma 14“comemoração”, essas datas lembram as desigualdades que **subsistem** e as
15lutas **necessárias** para acabar com elas.

16No caso brasileiro, houve, alguns avanços, digamos, assim, quanto à criação de um
17espaço institucional para que mulher e homem tenham direitos **iguais**. A própria
18Constituição de 89 **assegurou** garantias à mulher que vão nesta direção e instituiu
19outras que, atendendo às **peculiaridades** biológicas, dão à mulher instrumentos,
110como a garantia do emprego na gravidez e o tempo **necessário** para cuidar do
111recém-nascido, mais do que justos. Outros dispositivos legais, entretanto,
112dependem, para ter vigência, da ação da sociedade.

113Não bastam, portanto, leis nem declarações de boa vontade. Enquanto o país não
114atingir certo patamar de riqueza e políticas de bem-estar social limitarem-se ao
115atendimento (parcial e precário) das necessidades mínimas, os direitos e garantias
116aprovados em lei apontam o rumo, mas não têm condições substantivas de
vigência.

117Assim, a luta das mulheres- ademais de seu caráter **específico**, como movimento
118feminista – possui também um caráter **geral**: seu êxito depende da **melhoria das**
119condições **gerais** de vida. Estas, entretanto, é bom repetir, são condições
120insuficientes. E não são precondições para as lutas **específicas** das mulheres. Não
121é verdade que basta haver “desenvolvimento econômico” para que haja **igualdade**
122social, nem é suficiente um “ Estado de bem-estar” para que desapareça a
123discriminação da mulher. E nem, tampouco, é correta a teoria de que primeiro é
124preciso cuidar das condições sociais gerais para depois atacar as **desigualdades** e a
125discriminação das mulheres.

126Além disso, as decisões **favoráveis** às transformações sociais implicam a
127redistribuição do poder. Neste sentido, a presença das mulheres nos comandos
128políticos (há no mundo seis chefes de governo mulheres) e a criação de espaços
129institucionais, como os conselhos da condição feminina, bem como o exercício de
130cargos e funções públicas, por mulheres, é **importante**. Na condição,
naturalmente, 131de que se empenhem pela universalização das condições de
igualdade e não tornem 132seus percursos individuais “prova” de que já há
igualdade entre homens e mulheres...

133Existe ainda um **problema** cultural (o machismo e a ideologia de submissão) que

134 não desaparece como “subproduto” da mudança nas relações sociais. Neste sentido, 135 a “questão da mulher” é também “uma questão do homem”: a mudança de 136 expectativas e atitudes dá-se quando existem predisposições **inovadoras** e 137 consciência da necessidade de mudar tanto entre as mulheres como entre os homens. 138 É aí, no plano das relações de família, no círculo das amizades, na vida cotidiana 139 que as “**resistências** às mudanças” – culturais, psicológicas e de poder - são **mais** 140 **difíceis**.

141 Nesse terreno somos todos aprendizes e devemos dar a mão à palmatória. É **mais** 142 **fácil** o discurso que a prática. Esta se assenta em hábitos e valores que mudam 143 lentamente mesmo em quem é **lúcido** quanto à necessidade de **igualdade**. Mas vale, 144 pelo menos, a intenção de mudar. É esta que, espero, não só as mulheres, mas 145 também os homens, comemorem hoje.

TEXTO 5 (#CP5-08.03.1999)

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Discorrer e denunciar a violência sofrida por mulheres quanto à mutilação feminina, ao redor do mundo, seus impactos e preservação da integridade da mulher para além de questões culturais.	Escritor e leitor: Articulista (Carlos Alberto Idoeta) e público leitor do jornal Folha de S. Paulo	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

→ *Mulheres mutiladas*

11São uns 6.000 casos por dia - perto de 2 milhões por ano - de meninas e adolescentes 12expostas à prática. Cerca de 135 milhões de mulheres já foram submetidas a algumas 13das três formas de mutilação genital feminina.

14Na clitoridectomia, ocorre, a extirpação total ou parcial do clitóris. Na excisão, 15extirpam-se o clitóris e os lábios menores, total ou parcialmente. Na infibulação, 16extirpam-se todos os genitais externos e se costura quase todo o orifício vaginal. 17Geralmente, a mutilação é praticada entre os quatro e os oito anos de vida da menina, 18mas as idades oscilam entre o nascimento e a primeira gravidez.

19A ferramenta pode ser um pedaço de vidro, a tampa de uma lata, uma tesoura ou uma 110navalha. Na infibulação, usam-se espinhos para juntar os lábios vaginais maiores, e 111as pernas podem permanecer amarradas por até 40 dias. O praticante pode ser um 112médico, uma parteira, um barbeiro ou uma curandeira. A menina é imobilizada com 113as pernas abertas; usa-se anestesia local ou apenas água fria para intumescer a parte 114do corpo.

115Os possíveis efeitos imediatos são muita dor, hemorragias e ferimentos na região do 116clitóris e dos lábios. Depois, há risco de infecções urinárias crônicas, abscessos, 117pedras na bexiga e na uretra, obstrução do fluxo menstrual e cicatrizes 118proeminentes. A primeira relação sexual só é possível depois da dilatação **gradual**

119e **dolorosa** da abertura que resta. O tecido cicatricial pode ser rasgado no parto. 120A investigação científica das sequelas psicológicas é **mais difícil**. Apesar da falta 121de provas, relatos pessoais indicam sentimentos de **ansiedade, terror, humilhação** 122e **traição**, com efeitos **negativos a longo prazo**.

123A mutilação genital feminina é prática **comum** na África e em alguns países do 124Oriente Médio. Também ocorre em comunidades de imigrantes em países latino- 125americanos, asiáticos, europeus, no Canadá e nos EUA. É associada à **castidade** e 126à **crença** de que **diminui** o desejo sexual e **reduz** o risco de **infidelidade** (na 127infibulação, a mulher “costurada” só é “aberta” pelo marido). Invocam-se também 128supostos motivos de higiene e estética, com a genitália feminina tida como **feia** e 129**volumosa**. Em algumas culturas, é vedado o manuseio de alimentos e água às 130mulheres que não são mutiladas.

131É desconhecida a origem da mutilação. Precedeu o cristianismo e o islamismo; era 132praticada pelos “falashas” (judeus etíopes); não é preceito de nenhuma das 133chamadas grandes religiões.

134A violência contra as mulheres é realidade **antiga**. Mas, ao contrário de outros 135grupos oprimidos, as mulheres raramente têm recorrida à violência para **afirmar** 136seus direitos. Até as declarações de direitos humanos excluíram de sua

abrangência 137 formas de violência doméstica ou comunitária, como a mutilação genital feminina. 138 A subordinação foi aceita como **inelutável** enquanto um dos sexos foi, por séculos, 139 considerado **física e intelectualmente inferior** ao outro. 140 Quando a humanidade passa a desafiar, além do racismo e do colonialismo, o 141 patriarcalismo, a violência contra a mulher deixa de ser “pessoal” e adquire a 142 condição de **problema** político e social. Os próprios militantes de direitos humanos, 143 treinados no combate à truculência do Estado contra os indivíduos, são agora 144 instados a encontrar **novas** formas de lidar com as **violações** cometidas pelo 145 indivíduo contra o indivíduo, em escala ainda maior e, **muitas vezes, sancionadas** 146 pela própria família da vítima.

147 Às **dificuldades** de ordem prática **soma-se** o intento de fazer do multiculturalismo 148 um **obstáculo** ao universal. Enfrentar a mutilação genital feminina, por exemplo, 149 seria uma causa “eurocêntrica”, ou “do norte”, que atropela valores milenares? 150 Nesse debate, é imperativo ouvirmos as próprias vítimas.

151 O relativismo indiscriminado exclui valores e práticas de uma cultura da avaliação 152 moral de indivíduos de outras culturas, como se o aporte de todas para a liberdade 153 e a igualdade não fosse **igualmente valioso**. Ou como se os direitos humanos não 154 constituíssem o próprio limite à diversidade.

155 **Urgente**, então, seria preservarmos critérios universais, que retiram a legitimidade 156 de todos os valores e práticas baseados na **dominação** e na **discriminação**, 157 inclusive, de gênero, e endossam a responsabilidade internacional pela **proteção** 158 da 158 pessoa, consagrada na Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948, 159 depois do vale-tudo da Segunda Guerra.

TEXTO 6 (#CP6-08.03.2001)

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Expor sobre a constituição das estruturas e configurações sociais, a partir de uma ordem gendrada, argumentando quanto aos impactos desse tipo de ajuste comunitário.	Escritor e leitor: Articulista (Rosa Marie Muraro) e público leitor do jornal Folha de S. Paulo	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

→ *Por uma nova ordem simbólica*

11 Cada espécie animal percebe o real segundo a vida que lhe é peculiar. A espécie
12 humana relaciona-se com ele por meio de seus sistemas simbólicos. E é exatamente
13 por esse motivo que ela é a única espécie que pode transformar. Mas, embora a
14 capacidade de simbolizar seja inata, seu uso varia ao longo dos tempos.

15 É pelos sistemas simbólicos que os seres humanos pensam, falam, se comunicam,
16 criam as suas leis de comportamento e, portanto, os seus sistemas sociais, políticos e
17 econômicos. Esses sistemas variaram muito nos 2 milhões de anos de vida da nossa
18 espécie, principalmente nos últimos 10 mil anos do nosso período histórico. O
grande erro dos pensadores foi tomar os sistemas, que foram socialmente
construídos, como biológicos e imutáveis.

11 Isso aconteceu, por exemplo, com os psicólogos do fim do século 19 e do início do
12 século 20, principalmente, Freud e Lacan. Freud afirma que a natureza foi
madrasta com a mulher porque ela não tem a capacidade de simbolizar como o
homem.

11 Lacan afirma que o simbólico é masculino e que “a mulher **não existe**”. Não existe
12 porque não tem acesso à ordem simbólica. A palavra pertence ao homem e o
13 silêncio 14 pertence à mulher. Segundo ele, o simbólico é estruturado pela cadeia de
15 significantes na qual o grande organizador é o falo. Este, ao mesmo tempo, é
16 metáfora do órgão sexual masculino e do poder. O poder – que é essencialmente
17 masculino – é o “grande outro”, ao qual, implícita ou explicitamente, todos os atos
18 simbólicos humanos se referem. Incluem-se aí os pensamentos, os gestos, as leis e
19 até os sistemas macro (políticos e econômicos).

20 E, de fato, ele tem razão. A realidade humana é gendrada (gendered), como
21 gendrados somos todos nós. Todos os sistemas simbólicos atuais foram sendo
22 fabricados pelos – e para os – homens. Leis, gramática, crenças, filosofia, dinheiro,
23 poder político e econômico.

24 Na última metade da década de 20, no entanto, algo **nov**o aconteceu. Os dois
25 grandes 26 resultados da sociedade de consumo são a entrada da mulher no mercado
27 mundial 28 de trabalho – uma vez que o sistema fez mais máquinas do que machos –
29 e a 30 distribuição de recursos naturais – porque os retirou da natureza num ritmo
31 mais 32 acelerado do que capacidade de reposição dela.

33 As mulheres entram nos sistemas simbólicos masculinos no momento em que
34 esses 35 estão se mostrando **implacavelmente destrutivos** em relação à vida. A
tarefa monumental que os movimentos de mulheres e as mulheres têm hoje é a de
36 construir uma nova ordem simbólica não mais centrada sobre o falo (o poder, o

135matar ou morrer que é a sua lei), mas uma nova ordem que possa permear desde o
136inconsciente individual até os sistemas macroeconômicos. Mas, agora, uma nova
137ordem estruturada sobre a vida.

138Essas reflexões não poderiam estar sendo feitas se esse trabalho já não estivesse
em 139curso. Já estão sendo construídos consensos entre os povos contra uma
dominação 140global que **exclui o grosso da humanidade** e sobre uma **nova ordem**
que **inclua** 141uma **relação complementar** entre os gêneros, uma família
democrática, um tipo de 142relação econômica que não transfira a riqueza de um para
poucos que dominam, que 143inclua relações comerciais e econômicas **menos**
desumanas e destrutivas.

144As mulheres já estão entrando nos sistemas simbólicos masculinos. E não só nas
145**instituições convencionais** (empresas, partidos etc.), mas também em outras,
146**muitas vezes na contramão da história** (nas lutas populares, ecológicas, pela paz
147etc., onde são a grande maioria). Elas estão construindo uma nova ordem
simbólica, 148na qual o “grande outro” é a vida (viver e deixar viver), e ajudando a
desconstruir 149a atual ordem universal de poder.

150Se não trabalharmos nessa profundidade, por mais que se transformem as
estruturas 151econômicas antigas, elas tentarão a voltar. Ou substituímos a função
estruturante do 152falo pela função estruturante da vida ou não termos mais nem falos
nem vida.

TEXTO 7 (#CP7-08.03.2010)

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Discutir sobre a condição da mulher na sociedade contemporânea, seus direitos, lugar e impactos na/para humanidade.	Escritor e leitor: Articulista (Miguel Srougi) e público leitor do jornal Folha de S. Paulo	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

→ *Mulheres, um mundo misturado*

11EMBARAÇADO PELAS minhas limitações, tentei compreender o sentido do Dia
12Internacional da Mulher. Lembrando as mulheres que conheço, concluí que elas
13seriam incapazes de criar uma data para sua autoexaltação sem contexto. Desviando
14o pensamento para os homens que conheço, suspeitei que eles pudessem ser autores
15de obras, enfim, quem mais além delas lhes concede emoções tão incontidas?
16Rapidamente desisti. Acho que eles seriam incapazes de expressar gratidão.
17Voltei a lembrar das mulheres que conheço e acho que compreendi. É delas mesmo
18que deve ter surgido a iniciativa, afinal, mais do que atuar como instrumento de
19perpetuação da espécie, acho que elas queriam ser lembradas pela sua
participação, 110frequentemente desprezada, na construção de sociedades mais
justas, dentro de 111um mundo confuso e misturado.

112Não por acaso, a ONU estabeleceu em 2000 o Projeto do Milênio, em que forma
113definidas ações para, até 2015, reduzir pela metade a fome e a miséria no planeta.
114Planeta habitado por 800 milhões de pessoas que, vítimas da pobreza e da
115insensibilidade, vão dormir famintas ao final de cada dia e onde 29 mil crianças
116morrem diariamente atingidas por desnutrição ou doenças infecciosas já
erradicadas 117nos países mais sérios. Tragédias que, apesar da exaltação oficial, não
poupa o 118Brasil.

119Designada a nona economia do mundo pelo seu PIB, nossa nação ostenta um
aflitivo 12075º lugar no ranking mundial do Índice de Desenvolvimento Humano, o
IDH. 121Parâmetro mais humano do que o PIB, já que agrega valores de saúde e de
instrução 122de um povo. E reflete a brutal realidade que prevalece na nossa
sociedade, povoada 123por 35 milhões de pobres e miseráveis e onde 1% dos mais
ricos acumula a mesma 124renda de 50% de toda a população.

125De forma emblemática, o projeto contemplou medidas de valorização e proteção
126à mulher, por motivos fáceis de compreender. O ciclo de transmissão de fome e
127de miséria nas nações menos desenvolvidas só pode ser interrompido se os
128desprovidos tiverem acesso à educação, à saúde e ao trabalho. Nessas sociedades,
129as mulheres têm uma participação única e insubstituível. Elas são responsáveis
130por cerca de 70% do trabalho que sustenta as famílias e são provedoras quase
131exclusivas da assistência aos vulneráveis, crianças doentes e idosos. Representam
132também, nas nações, mais pobres, o principal elo, muitas vezes solitário, de
133agregação das famílias. Ademais, estudos da OMS e do Banco Mundial mostraram
134que, nos países pobres, a taxa de escolaridade dos filhos aumenta em quase 50%
135quando a mãe, ao contrário do pai, tem educação básica. Comprovaram ainda que,
136quando os proventos familiares são gerenciados pelos pais, e não pela mãe, as

137despesas com alimentação dos filhos aumenta 15 vezes, devido ao desperdício e aos 138gastos inúteis. Além disso, para cada ano a mais de instrução da mãe, a taxa de 139mortalidade infantil diminuiu nove mortes em cada mil nascimentos.

140Contrastando com a **relevância** do seu papel nas sociedades contemporâneas, as 141mulheres têm seus direitos **restringidos ou ignorados na maioria delas**. Por isso, 142**combater as desigualdades de gênero é fundamental** para produzir a 143prosperidade de uma nação e, principalmente, para respeitar a essência da condição 144humana. O que significa que é imprescindível que se conceda às 145mulheres **os mesmos direitos desfrutados** pelos homens no trabalho, na 146propriedade e na política, que se **privilegie** seu acesso à saúde e aos cuidados na 147maternidade, que se **reduza** sua **vulnerabilidade** à violência física, sexual e 148psicológica, que elas tenham a prerrogativa de comandar a sua vida sexual e 149reprodutora e, principalmente, que se conceda a elas o direito de controlar o próprio destino.

150Termino dirigindo, neste dia, **um olhar de reconhecimento** a todas as mulheres. 151Mulheres que se **confundem** com a questão eterna da maternidade, com o manto de 152**aconchego** da condição humana e com a **superação** da miséria no mundo. E que 153têm sido afrontadas pela discriminação, pela injustiça, pela opressão e pela 154violência.

155Como membro do outro gênero, aproveito também para pedir desculpas. E justifico 156socorrendo-me Riobaldo, o jagunço-filósofo de Guimarães Rosa: “Eu careço de que 157o bom seja bom e o ruim ruim, que dum lado esteja o preto e do outro lado o branco, 158que o feio fique apartado do bonito e a alegria longe da tristeza! Quero todos os 159pastos demarcados...Como é que posso com este mundo? Este mundo é muito 160misturado”.

TEXTO 8 (#CP8-08.03.2019)

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Reflexões e considerações sobre os cargos de destaque ocupados por mulheres, especialmente, no Poder Judiciário.	Escritor e leitor: Articulistas (Clara Mota Pimenta Alves e Gabriela Azevedo C. Sales) e público leitor do jornal Folha de S. Paulo	Canal: gráfico Meio: escrito (versão <i>online</i>)

→ *Togadas e estagnadas*

11As lições tiradas da experiência de criação de cotas no fundo partidário para o
12financiamento de candidaturas femininas, com seus sucessivos questionamentos
13judiciais e desvios, transcendem o tema da participação das mulheres na política
14eleitoral e mostram que, no campo das disputas por equidade, tem razão Eduardo
15Galeano quando diz que um passo em direção à utopia pode fazer com que ela
16pareça se afastar um pouco no horizonte. Infelizmente, a existência de políticas
17afirmativas nem sempre tem garantido a concretização de avanços reais.
18As dificuldades enfrentadas pelas mulheres na tentativa de chegar ao Poder
19Legislativo mudam de roupagem, mas também se fazem presentes no Poder
110Judiciário.

111O Brasil observa um cenário de quase estagnação nas estatísticas sobre o assunto
112participação feminina. Entre 2013 e 2018, saiu-se de um patamar de 36% de juízas
113para os atuais 38%. Na Justiça Federal, no mesmo período, as mulheres foram de
11426% para apenas 32% da força de trabalho. Em tribunais como Supremo Tribunal
115Federal e o Superior Tribunal de Justiça, nem sequer atingem 20% da atual
116composição. Evidenciando desigualdades ainda mais estruturais, juízas negras
117constituem 1,75% da magistratura.

118Em 2018, tentando modificar esse cenário, o CNJ (Conselho Nacional de Justiça)
119instituiu uma inovadora política nacional de incentivo à presença das mulheres
120em cargos de chefia, bancas de concurso e eventos científicos do Judiciário. No
121dia da aprovação dessa medida, a ministra Cármen Lúcia lembrou que “há
122tribunais com 57 desembargadores e uma mulher. Não é algo que ainda podemos
123desprezar”. Em verdade, existe tribunal que, desde 1988, não assistiu à promoção
124de nenhuma juíza de carreira à segunda instância.

125O “teto de vidro” que dificulta a chegada das mulheres aos postos mais altos do
126Judiciário não pode ser compreendido como obra do acaso e nem depende apenas
127da passagem do tempo para ser removido.

128No primeiro 8 de março de vigência da resolução n.º. 255 do CNJ, continuam
129enormes os desafios institucionais para que ela saia do papel.

130A base masculina da magistratura e o sistema de promoção que alterna
131antiguidade e merecimento tornam especialmente lenta a mudança de
132panorama. Promovem-se como mais antigos obviamente aqueles que sempre
133Já as promoções por merecimento, mais marcadas por
134dinâmicas políticas, tendem a promover um percentual ainda menor de
135mulheres ao cargo de desembargadora, segundo dados do Conselho de Justiça

Federal.

136As mulheres que ascendem raramente ocupam as vitrines de eventos, comissões 137e celebrações. E assim são mantidas as antigas engrenagens que restringem 138presença feminina no espaço público. Se poucas mulheres são vistas, menos ainda 139são as que conseguem ser lembradas.

140A baixa representatividade se traduz em políticas públicas igualmente rarefeitas. 141Poucos tribunais brasileiros contam com comitês voltados à promoção da 142igualdade de gênero e mecanismos para o adequado tratamento de denúncias de 143assédio sexual.

144O Poder Judiciário nacional tampouco dispõe de um protocolo amplo que oriente o 145julgamento com perspectiva de gênero e seja capaz de estabelecer, em áreas 146essenciais, o olhar que o sistema de justiça precisa dedicar às mulheres em situação 147de vulnerabilidade. A população que não se enxerga nas salas de audiências e 148sessões pode ser invisível também aos olhos de quem julga.

149Como cabeça num corpo estranho, a mesma Justiça que celebra a inovação em 150aparatos tecnológicos e de solução de processos deixa de assumir a vanguarda no 151quesito equidade. Nessa contradição, põe-se em xeque o sucesso de mudanças 152sociais e normativas que não podem esperar.

APÊNDICE B – TEXTOS DIGITADOS/ “ECONOMIA”

TEXTO 1 (#CE1-08.03.1970)

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Informar a respeito da existência de um tipo de mercado/comércio específico frequentado/formado, potencialmente, por mulheres	Escritor e público leitor do jornal Folha de S. Paulo (Diretor Presidente: Octávio Frias de Oliveira)	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

→ *Mercado de Trocas, comércio de amigas*

11O vozerio feminino começa diariamente por volta da 1 hora da tarde numa oficina da 12rua 13 de Maio que, depois de pintada de vermelho e branco, transformou-se no 13Mercado de Trocas, << um lugar onde se troca tudo menos o marido da gente >>, 14 15segundo observação feita por uma de suas mais constantes frequentadoras.

16Aproximadamente 70 mulheres passam a tarde inteira no Mercado, colocando os 17produtos que trouxeram de casa em banquinhos colado às paredes. São perucas, 18bonecas, brinquedos e utilidades domésticas, trocadas e retrocadas pelas pessoas que, 19em sua maioria são sempre as mesmas.

110Num dos cantos da oficina que mudou de função, dois cavaletes sustentam uma 111mesa com doces e sanduíches comprados pelas fazedoras de trocas, que assim não 112precisam se incomodar em sair pela rua procurando o botequim mais próximo.

113Qualquer pessoa pode frequentar o Mercado, desde que na entrada dê <<boa 114tarde>>, acompanhado de uma nota de 1 cruzeiro novo, a <<seu>> Jaime, o único 115funcionário da pequena organização.

OVO DE COLOMBO

116Em setembro do ano retrasado a apresentadora de televisão Maria Teresa Gregori 117viajava pela Itália e **ficou entusiasmada com a movimentação fora do comum** 118num 118dos mercados romanos, em que eram vendidos desde agulhas de costurar até 119quadros de pintores quinhentistas. Logo depois Maria Teresa encontrou numa das 120revistas femininas italianas uma secção de trocas – as leitoras escreviam anunciando 121coisas que desejavam trocar por outras que estavam precisando.

L22**Cansada** do mesmo esquema dos programas femininos que se prolongam por 123a tarde, com entrevistas e novos métodos de maquilagem, ela pensou em 124**incluir 124uma nova forma** de preencher as três horas em que permanece no ar – 125criou o 125Mercadinho de Trocas.

126Nos primeiros dias os contatos eram feitos só por telefone. Apresentavam-se 127mulheres querendo trocar jóias por enxovais, ou cachorrinhos por gatos. Depois a 128procura foi crescendo até que duzentas a trezentas mulheres superlotavam 129diariamente as dependências do Canal 4. Com um numero maior de interessadas 130nêsse novo jeito de se desfazer de coisas que não têm mais utilidade em casa, 131apresentaram-se novos produtos.

TROCA INTERNACIONAL

132Depois de alguns meses, quando o programa já estava consagrado, surgiu uma carta 133de um cidadão que queria trocar uma casa em Portugal por um apartamento em 134Santos. A troca foi feita.

135Outra pessoa trouxe uma camioneta do Território de Rondonia para trocá-la por um 136terreno, e também não saiu de mãos abanando. Trocou-se também telefone por 137motocicleta, um tronco de escravos (reliquia histórica numa fazenda de Marília), 138por objetos de prata, vestidos de noiva por móveis de quarto, e assim por diante.

139Quando a emissora de televisão decidiu não mais permitir o ingresso das centenas 140de mulheres que procuravam todos os dias o programa de Maria Teresa Gregori, 141porque as medidas de segurança tomadas para evitar novos incêndios em estúdios 142excluía a possibilidade de se controlar a infiltração de qualquer << trocadora 143terrorista>>, o Mercadinho de Trocas saiu do ar.

144Mas a permuta diária já havia se transformado num vício para as mulheres que por 145mais de ano e meio não faziam outra coisa. Elas não tiveram dúvidas – montaram 146um posto de trocas na rua, perto dos estúdios do Sumaré.

147Foi quando Maria Teresa decidiu abrir seu Mercado em outro lugar. Encontrou uma 148oficina desocupada na rua 13 de Maio, 1.101, alugou-a, e cobra ingresso das 149trocadoras diárias para manter as contas de luz em dia e pagar o ordenado de 150<<seu>> Jaime, o porteiro que também se encarrega de verificar a autenticidade do 151ouro das jóias permutadas.

152- Até agora não tive ainda nenhum lucro com o empreendimento – diz Maria Teresa 153– mas em compensação também não deu prejuízos.

154Futuramente, ela pretende abrir em seu Mercado de Trocas uma seção imobiliária, 155que manterá contatos com escritórios de corretagem, tamanho o volume de pessoas 156que se interessam em trocar terrenos por casas, apartamentos em São Paulo por 157terrenos na Praia Grande, fazendas em Mato Grosso por residências em Osasco, e 158assim por diante.

159É claro que com a ampliação do Mercado continuarão a surgir pessoas como dona 160Clarinda, uma dona de casa que trocou geladeira, fogão e móveis por cimento, 161tinta e serviços de pedreiro e pintores para transformar sua casa.

162Também não deixarão de aparecer as senhoras de sociedade que de vez em 163quando encontram no mercado uma forma de fazer relax (uma delas até 164abandonou o psiquiatra depois que começou a fazer suas trocas diárias).

A melhor higiene mental que pode ser imaginada

165Os cabelos de dona Nair Branco Dandreta já estão brancos e ele nunca os tingiria 166ou usaria peruca. Dona Nair estava com uma peruca num saquinho plástico que 167trouxera de casa, trocando-a por um fogareiro elétrico.

168Ela também nunca se interessou em ser cineasta, mas trazia para trocar um 169filmador que conseguiu da mesma forma que a peruca preta – através das trocas.

170Dona Nair acha que o Mercado de Trocas é uma das coisas mais divertidas que já 171se inventou até hoje. Ela tem ótimas amigas entre outras frequentadoras, e acha 172que passar a tarde inteira trocando coisas é a melhor higiene mental que se possa 173imaginar.

OBJETOS

174 **Sempre sorridente**, ela diz que já trocou milhares de coisas. Ontem tinha em casa
175 um cofre de aço, mas como era muito pesado apelou para o anúncio, que é feito
176 num caderno de Maria Teresa Gregori, a dona do Mercado que de vez em quando
177 pergunta, gritando, sem alguém aceitar a permuta de uma casa por um automóvel
178 qualquer.

179 Uma das **mais antigas** frequentadoras do Mercado, dona Marina Gomes,
180 mexicana de sotaque carregado, também se **divertia** com suas trocas.

181 Ela é uma das que moram mais perto da rua 13 de Maio, mas precisou tomar um
182 taxi para levar seus vinte brinquedos, quarenta peças de roupa, jóias em pequena
183 quantidade, e algumas panelas que não serviam mais para nada.

INSINUAÇÃO

184 Dona Marina volta para casa só às 6 horas da tarde, quando o Mercado já está
185 fechando. No dia em que não troca nada, ela não fica **triste** por causa disto. O
186 convívio com as amigas justifica plenamente seu programa cotidiano.

187 Outra mulher, **aparentando 40 anos**, reclamava da **infâmia** de um vizinho que
188 **“insinuou coisas”** só porque ela passava a tarde inteira fora de casa, para ir ao
189 Mercado.

190- Eu sei que **meu marido sabe onde eu estou agora**, e só a ele **devo satisfação**.

TEXTO 2 (#CE2-08.03.1980)

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Noticiar acerca da alta dos preços, especialmente, de gêneros alimentícios , a partir de solicitações/reclamações de um grupo de mulheres.	Escritor e público leitor do jornal Folha de S. Paulo	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

→ *Em Barretos, as mulheres abrem frente antipreço*

11BARRETOS (Do Correspondente) – Cerca de 50 donas de casa participaram da 12reunião realizada na Câmara Municipal, quando ouviram dos vereadores que 13lideraram o movimento contra **a carestia** as várias fórmulas de combate aos preços 14altos. As mulheres barretenses, de várias camadas sociais, pediram que iniciem 15imediatamente o seu trabalho, visando amenizar um pouco o custo de vida, 16principalmente, no setor de gêneros alimentícios. Os vereadores disseram que 17voltarão à carga na solicitação feita há várias semanas, para que a Cobal abasteça o 18município, através dos armazéns e supermercados, evitando com isso a presença dos 19intermediários.

110A comissão que cuidará de falar aos comerciantes e estudar os meios concretos para 111abaratear o preço das mercadorias de primeira necessidade está composta dos 112vereadores Kalil Sales, Maria Igês de Ávila Jacinto e Valter Leonel de Sousa. 113Também está se pensando em conseguir a nomeação de um barretense para 114responder pela Sunab no município, a fim de exercer severa fiscalização nos preços 115das utilidades consideradas indispensáveis ao consumidor.

TEXTO 3 (#CE3-08.03.1990)

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Divulgar a relação entre licença-maternidade, a Constituição e a participação feminina no mercado de trabalho.	Escritor e público leitor do jornal Folha de S. Paulo (Diretor de Redação: Octávio Frias de Oliveira)	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

→ *Constituição não afetou trabalho das mulheres, conclui pesquisa*

11A licença-maternidade de 120 dias estabelecida pela Constituição de 88 **não afeta** 12(sic) o nível de emprego feminino na Grande São Paulo, segundo estudo da Fundação 13do Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade) divulgado ontem. A pesquisa 14indica que as mulheres tiveram em 89 uma participação de 45,4% no mercado de 15trabalho, **praticamente o mesmo patamar** de 88 (45,2%).

16**A maior limitação à presença da mulher** no mercado de trabalho é a existência de 17filhos, mas a socióloga Jussara Nunes Ferreira, responsável pelo estudo, observou 18que a questão é **estrutural** e já se manifestava antes da vigência da nova Constituição. 19As mulheres sem filhos tiveram em 89 uma participação correspondente a 48,6% no 110mercado de trabalho, contra 41,9% das mulheres com filhos.

111Em 88, esses percentuais foram de 48,8% e 41,4% , respectivamente, dados que 112fundamentaram a conclusão de que em 89 as empresas **não ampliaram as** 113**restrições** ao trabalho da mulher por conta do dispositivo constitucional. No setor 114industrial, o emprego para as mulheres com filhos até aumentou, passando de 5,3% 115para 6,2% na área metalúrgica, 9,9% para 12,7% na área química, 33,1% para 34,1% 116em vestuário e 11,8% para 12,3% na alimentação. Mesmo em janeiro último, 117quando o volume de dispensas cresceu, houve uma redução de 1,2% no desemprego 118entre as mulheres.

119**O maior nível de participação da mulher** no mercado de trabalho é registrado na 120faixa de 18 a 24 anos (66,7%), decrescendo nas demais faixas. Os dados da 121Fundação Seade registram os seguintes percentuais de mão-de-obra feminina nos 122setores de atividades em 89: indústria, 27,7%; comércio, 14,1%; serviços, 44,6%; 123serviços domésticos, 12,3%; e outros, 0,9%.

TEXTO 4 (#CE4-08.03.2001)

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Abordar sobre a participação, isto é, níveis de atuação feminina no mercado de trabalho no estado de SP.	Escritor e público leitor do jornal Folha de S. Paulo	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

→ *No trabalho, mulher fica na 'lanterna'*

11 Além de **ficar atrás** dos homens, as mulheres da região de Ribeirão Preto também **ficam em terceiro lugar no ranking da participação feminina** no mercado de **trabalho interior do Estado**.

14 Elas registram uma taxa de **49,1% de participação**, que é a soma de ocupadas e **desempregadas**. **Em primeiro lugar**, no interior, vem a região de Campinas, com **50,3% de participação da população feminina**. Em segundo, a região oeste do **Estado**, com 49,4%. **Já em todo o Estado**, a Região Metropolitana de São Paulo **mantém a liderança com 52,3%** de mulheres em atividade.

19 O índice de atividade das mulheres do interior no mercado, no total, ficou em 47,9%.

110 Os dados fazem parte do estudo “Mulher e Trabalho”, do Seade (Fundação Sistema **Estadual de Análise de Dados**), que tomou como base o período de 94 a 98.

112 O norte do Estado, a região de Ribeirão, formada também por Araraquara, Barretos, **Franca e São Carlos**, **registrou variação** na participação das mulheres, no período **analisado, de 5,9%**. “**Mesmo com o aumento**, a taxa de participação da mulher **continua inferior** à do homem. O que os números mostram é que, em todas as **formas de inserção** da mulher no mercado de trabalho, ela sofre **discriminação**”, **afirma a economista Guiomar de Haro Aquilini**, **analista de mercado de trabalho do Seade**.

119 Além da participação, o estudo do Seade abordou outras três questões: taxa de **ocupação, desemprego e rendimento**.

121 Na região de Ribeirão Preto, também **houve declínio** na taxa de ocupação das **mulheres de 2,7%**, segundo a pesquisa. O desemprego entre as mulheres da região **é de 18,9%**. A variação positiva entre 94 e 98 foi de 60,2%. O índice dos homens é **de 14,9%**.

Leste

125 A região leste, que conta com cerca de 2,98 milhões de habitantes, é formada por **Campinas, Americana, Bragança Paulista, Indaiatuba, Jundiaí, Limeira, Mogi Guaçu, Piracicaba, Rio Claro, Santa Bárbara d’Oeste e Sumaré**.

128 Um dos motivos para **maior participação das mulheres** dessa região seria a **diversificação** das atividades econômicas. A expansão da força de trabalho das **jovens de até 24 anos**, no período analisado, também colaborou para a elevação das **taxas**.

132 Enquanto o índice de participação das mulheres da região leste **variou**

133 **positivamente 19,8%** (de 42% para 50,3%), o dos homens, que **já era elevado**,
134 **variou** apenas **0,8%** (72,3% para 72,9%).

135 Quanto à ocupação, **a proporção de mulheres aumentou de 37,3% para 41%; a**
136 **dos homens caiu de 62,7% para 59%**. Os setores que mais cresceram foram
137 serviços e serviços domésticos.

138 As mulheres tiveram **maior alta no item desemprego (28,5%)** do que os homens
139 (13,5%).

NA VOLKS, HÁ 1 MULHER A CADA 5 HOMENS

140 Roseli Petrucio da Silva, 34, que trabalha na linha de produção de motores da
141 Volkswagen de São Carlos, **é uma das operárias para cada grupo de oito**
homens 142 da unidade. No total, a empresa conta com 500 funcionários contratados.

143 “Estatisticamente, elas eram menos”, afirma Eduardo Hiroshi, assessor de
144 da Volks. Roseli diz que **divide todos** os afazeres de casa com o marido,
que 145 também é operário. O salário deles também é **equivalente**. “Só fica **diferente**
146 quando ele faz hora extra”, conta.

TEXTO 5 (#CE5-08.03.2009)

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Diálogo quanto à participação das mulheres no mercado de trabalho, a partir da fala da socióloga Bila Sorj.	Escritor e leitor: Entrevistador (Euclides Santos Mendes) público leitor do jornal Folha de S. Paulo	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

→ *Mulheres básicas*

11“As mulheres têm aumentado a sua participação em empregos de **melhor qualidade**, 12em cargos de **comando** em direção nas empresas e em profissões de nível superior”, 13avalia a socióloga e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro Bila Sorj.

14Porém os dados divulgados na última quarta pelo Dieese (Departamento Intersindical 15de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos) e pela Seade (Fundação Sistema Estadual 16de Análise de Dados) indicam que o crescimento econômico brasileiro em 2008 17beneficiou mais os homens do que as mulheres.

18Em entrevista à **Folha**, Sorj que é uma das organizadoras do livro “Mercado de 19Trabalho e Gênero” (FGV), afirma que houve um **aumento expressivo da 110participação feminina, sobretudo no setor de serviços, a despeito da **precariedade 111das condições de trabalho.****

112A socióloga compara a situação laboral das mulheres no Brasil com a de outros 113países e diz que hoje há mulheres “ocupando o topo e base da pirâmide social.”

FOLHA- Qual é o lugar dos homens e das mulheres no mundo do trabalho no Brasil e em outros países da América Latina e da Europa?

114**BILA SORJ** – Os pontos em comum [entre essas regiões] são a **persistência do 115diferencial** de renda em favor dos homens, a **divisão** das ocupações (cabendo 116quase sempre às mulheres o trabalho doméstico).

117Isso não ocorre somente no Brasil e em outros países da América Latina, mas 118também na Europa. Na Inglaterra, por exemplo, as mulheres estão mais presentes 119no mercado de trabalho por meio das ocupações temporárias.

120No Brasil, temos o setor informal, que absorve muitas mulheres em ocupações não-121regulares. Isto ocorre na América Latina e emerge na Europa por conta da 122imigração, que favorece o surgimento de nichos de trabalho informais e não- 123regulados.

FOLHA – Que espaço as mulheres ocupam na sociedade brasileira?

124**SORJ** – Estão cada vez mais procurando emprego ou trabalhando, o que confirma 125tendência que vem sendo observada há pelo menos três décadas como resposta a 126vários fatores.

127Entre eles, a **crescente valorização da independência** e a necessidade de

contribuir 128 com a renda familiar.

129 Uma vez que foram empregos na indústria que puxaram para baixo as taxas de
130 desemprego e uma vez que as mulheres se dirigem mais ao setor de serviços, elas
131 se beneficiaram menos do que os homens do cenário econômico [brasileiro]
132 favorável em 2008.

FOLHA – Até que ponto as articulações e tensões entre a vida profissional e a vida familiar têm comprometido a inserção das mulheres no mercado de trabalho?

133 **SORJ** – A ausência de suportes públicos para facilitar a conciliação entre
134 trabalho e família como creches e escolas em tempo integral, afeta a quantidade e
135 a qualidade do emprego feminino – especialmente, de famílias monoparentais
136 femininas, que, em geral, têm um único provedor.

137 A conciliação entre trabalho e família, quando é resolvida de maneira privada, pela
138 família, provoca a precarização das atividades das mulheres, que acabam se
139 orientando para atividades informais, com jornadas de trabalho mais reduzidas e
140 com reflexos negativos sobre seus salários.

FOLHA- Além da segregação ocupacional, das jornadas de trabalho reduzidas e dos salários inferiores, o que caracteriza a participação das mulheres na vida social hoje?

141 **SORJ** – Há boas notícias também. As mulheres têm aumentado a sua participação
142 em empregos de melhor qualidade, em cargos de comando e direção nas
143 empresas e em profissões de nível superior.

144 Hoje, encontramos mulheres ocupando o topo e a base da pirâmide social.

FOLHA – Qual o papel das mulheres na formação da sociedade no Brasil?

145 **SORJ** – As mulheres sempre trabalharam, sempre contribuíram com a riqueza do
146 país. Mas há poucos estudos sobre a história do Brasil a partir das relações de
gênero.

TEXTO 6 (#CE6-08.03.2010)

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Divulgar as condições de trabalho das empregadas domésticas e a formalização de suas atividades.	Escritor e leitor: (Diretor de Redação: Otavio Frias Filho) público leitor do jornal Folha de S. Paulo	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

→ *Anacronismo doméstico*

11É UMA **BOA NOTÍCIA** que as condições de trabalho das empregadas domésticas
12tenham **melhorado** no país. Estudo do Dieese (Departamento Intersindical de
13Estatísticas e Estudos Socioeconômicos) constatou, em cinco das sete regiões
14metropolitanas pesquisadas, que a maioria das mensalistas é contratada com carteira
15assinada.

16É um **avanço** em relação a um passado não muito distante, quando a informalidade
17imperava e revestia esse tipo de relação de trabalho com características **coloniais**.
18O substrato **escravista** que sobreviveu nessa atividade desempenhada **quase**
19**sempre** por mulheres **pobres**, muitas delas descendentes de africanos, **ainda é**
110**perceptível** – e **em geral não escapa à atenção** de estrangeiros em visita ao
Brasil.

111As conquistas de um grau mais elevado de formalização entre as mensalistas é **um**
112**passo digno de nota**, mas **insuficiente** para conferir ao emprego doméstico o
perfil 113profissional que já deveria ter conquistado.

114Os dados apurados pelo Dieese indicam a persistência de baixos salários e
jornadas 115excessivas. **Em capitais do Nordeste atingem-se patamares inaceitáveis** –
como as 11658 horas trabalhadas em médias pelas empregadas sem carteira assinada
de Recife.

117A chamada PEC (Proposta de Emenda Constitucional) das Domésticas, com a
qual 118o governo pretenderia promover direitos e benefícios, ainda não chegou ao
119Legislativo. Tampouco prosperaram iniciativas já em tramitação no Congresso
120Nacional com propósitos semelhantes.

121Embora o tema possa provocar **desconforto** em setores da classe média, a
122ampliação dos direitos do trabalhador doméstico, com **o reconhecimento de**
123**prerrogativas análogas** às de outras categorias, é um caminho a ser trilhado. **Um**
124**país que pretende ser moderno e democrático** não pode continuar vivendo com
125**esse tipo de anacronismo**.

TEXTO 7 (#CE7-08.03.2019)

CAMPO	RELAÇÃO	MODO
Apresentar mulheres que fazem parte do mundo corporativo, ocupando altos cargos de chefia.	Escritor e leitor: (Maria Cristina Frias) público leitor do jornal Folha de S. Paulo	Canal: gráfico Meio : escrito (versão <i>online</i>)

→ *Com mulher no comando, resto da empresa fica mais diverso*
Diretorias estatutárias diversificadas fazem com que perspectivas para tomada de decisão sejam mais plurais, afirmam executivas

Cristina Junqueira

Fundadora e VP do Nubank

11A presença de uma mulher na chefia faz com que as outras tenham um exemplo de 12como é possível trabalhar e crescer em um ambiente corporativo, diz a fundadora do 13Nubank Cristina Junqueira.

14“Eu trabalhei em outros bancos e nunca tive uma diretora mulher, alguém para quem 15pudesse olhar e ter uma referência. Posso relatar **inúmeros** episódios, que vão dos 16cômicos até os **inoportunos**, que passei por causa disso.”

17Um corpo **mais diverso** de chefes consegue ter **perspectivas distintas** sobre os 18problemas da empresa, diz ela. “Uma companhia não precisa de cinco diretores 19homens brancos que estudaram na mesma universidade, precisa de um.”

Chieko Aoki

Presidente da Blue Tree Hotels

110O setor hoteleiro como um todo tem uma presença feminina mais significativa do 111que em 1999, quando Cheiko Aoki começou a rede Blue Tree, diz a fundadora.

112“O número de mulheres em cargos de liderança tem crescido mais nos últimos dez 113anos. Elas entraram primeiro no setor de turismo e, agora, chegam às posições de 114chefia – **são boas profissionais, competitivas e competentes**.”

115**Um equilíbrio maior** entre os gêneros nos cargos mais elevados traz uma 116**complementaridade** nas decisões estratégicas do grupo, segundo Aoki.

117“O negócio de hotéis é, essencialmente, o de cuidar das pessoas, e as mulheres têm 118boas ideias de como fazer isso.”

Teresa Varnaglia

Presidente da BRK Ambiental

119A empresa de saneamento BRK Ambiental investiu cerca de R\$ 1 bilhão desde o 120início de 2017, quando foi comprada pela Brookfield e deixou de ser chamada 121Odebrecht Ambiental.

122Além de acelerar a expansão, melhorar a imagem e a governança da companhia

123envolvida na Operação Lava Jato se tornaram as prioridades da **nova presidente**,
124Teresa Vernaglia.

125A empresa passou também a ter uma preocupação maior com projetos que atendam 126principalmente mulheres, sobretudo em um setor com alta concentração masculina, 127segundo a executiva.

128“Temos contratos de 35 anos. É uma relação de longo prazo e queremos desenvolver 129programas também de longo prazo.”

Nadir Moreno

Presidente UPS Brasil

130A executiva Nadir Moreno completará 12 anos na presidência da filial brasileira da 131UPS, empresa logística americana, em maio de 2019.

132Em seu comando, 40% da diretoria no Brasil passou a ser ocupada por mulheres.

133Há 27 anos na companhia, ela passou por mais de oito cargo e foi responsável por 134consolidar no Brasil mais de cinco aquisições feitas pela UPS na última década.

135“Ser presidente de uma empresa de logística é um MBA na prática”, afirma.

136Com exceção de 2015 e 2016, a UPS cresceu dois dígitos ao ano na sua gestão.

137“Passei pela crise da Europa e dos Estados Unidos, mas só a do Brasil nos afetou.”

Cristina Palmaka

Presidente da SAP Brasil

138Cristina Palmaka, presidente da SAP, empresa de software empresarial, assumiu o 139posto há seis anos para que os produtos globais chegassem ao mercado brasileiro.

140Ela apostou na **diversidade** de seu quadro profissional para garantir a transformação 141dentro da própria empresa.

142“Só há **benefício** na tecnologia se ela partir da **diversidade**, de raça, de gênero e de 143**diferentes** histórias. Se todo mundo vem da mesma escola, **não se sai do** 144**quadrado**”, diz.

145Cristina impôs uma prioridade em sua gestão: fazer com que a tecnologia deixe de 146ser um acessório e se torne central na gestão dos clientes.

147“Meu trabalho é inspirar para colocar a inovação no DNA.”

Fiamma Zarife

Diretora-executiva do Twitter

148Fiamma Zarife, diretora do Twitter Brasil, trabalhou mais de 12 anos em 149tradicionais empresas de telecomunicações.

150“Vim de um mundo **menos colaborativo**”, afirma, em uma referência às estruturas 151de trabalho verticais e hierárquicas.

152A marca de sua gestão, segundo ela, é a liderança pela **influência** e a mentoria 153**reversa**. “Chamo os estagiários em uma sala e pergunto quais músicas ouvem.”

154No comando de uma empresa de tecnologia desde 2017, Fiamma diz ter precisado 155aprender a liderar.

156 “Antes, tinha que fazer reunião em sala especial. Agora, faço videochamada (sic) 157com meu filho no colo e isso não **espanta** os interlocutores”, diz.

**APÊNDICE C- ITENS EM “AFETO”, ”JULGAMENTO” E “APRECIÇÃO”
COM QUANTIFICAÇÕES/ “POLÍTICA”**

(SUB)SISTEMA AFETO		
<u>(IN) FELICIDADE</u>		OCORRÊNCIAS
POSITIVA (0)	NEGATIVA (2)	
	Sofre: #CP2- 08.03. 1979, 132-34. Infelizmente: #CP8-08.03 .2019, 16-7.	<u>2</u>
<u>(IN) SEGURANÇA</u>		OCORRÊNCIAS
POSITIVA (5)	NEGATIVA (5)	
Assegurou: #CP1-08.03. 1970, 140-41. Proteção (da lei): #CP2- 08.03.1979, 112. Assegurou: #CP4-08.03. 1990,18. Proteção: #CP7- 08.03.2010, 125-26. Aconhego: #CP7-08.03. 2010, 151-52	Ansiedade: #CP5- 08.03.1999, 121-22. Terror: #CP5-08.03.1999, 121-22. Vulnerabilidade: #CP7- 08.03.2010, 147. Garantido: #CP8- 08.03.2019, 16-7. Vulnerabilidade: #CP8- 08.03.2019, 146-47.	<u>10</u>
<u>(IN) SATISFAÇÃO</u>		OCORRÊNCIAS
POSITIVA (0)	NEGATIVA (2)	
	Desfrutados : #CP7- 08.03.2010, 145. Gritará : #CP3- 08.03.1980. 11.	<u>2</u>
Total de ocorrências gerais		<u>14</u>

(SUB)SISTEMA JULGAMENTO		
SANÇÃO SOCIAL		
<u>PROPRIEDADE</u>		OCORRÊNCIAS
POSITIVA (2)	NEGATIVA (12)	
Castidade : #CP5-08.03.1999. 126. Inclusiva (“inclua”): #CP6-08.03.2001, 140-41.	Discriminatório : #CP2- 08.03.1979, 112-13. Discrimina : #CP2- 08.03.1979, 116-17. Devida (compensação) : #CP2-08.03.1979, 123-25. Discriminação : #CP3- 08.03.1980, 17. Discriminação : #CP4-08.03.1990, 122. Discriminação : #CP4-08.03.1990, 124-25 Humilhação : #CP5-08.03.1999, 121-22. Traição : #CP5-08.03.1999, 121-22. Violações : #CP5-08.03.1999, 144-45. Discriminação : #CP5-08.03.1999, 155-56. Exclusão (“exclui”): #CP6-08.03.2001, 140-41. Assédio sexual : #CP8-08.03.2019, 141-43.	<u>14</u>
<u>VERACIDADE</u>		OCORRÊNCIAS
POSITIVA (1)	NEGATIVA (1)	
Reconhecimento : #CP2-08.03. 1979 , 127-28.	Infidelidade : #CP5-08.03. 1999. 126.	<u>2</u>
Total de ocorrências gerais		<u>16</u>

(SUS) SISTEMA Apreciação				OCORRÊNCIAS
<u>REACÃO</u>				
IMPACTO		QUALIDADE		
POSITIVO (1)	NEGATIVO (2)	POSITIVO (0)	NEGATIVO (3)	
Melhoria: # CP4- 08.03.1990, 117-19.	Ruidosas: #CP3- 08.03. 1980, 114. Negativos: # CP5- 08.03.1999, 121-22	/	Dolorosa : #CP5- 08.03.1999, 118-19 Madrasta: #CP6- 08.03.2001, 112-13. Desumanas: #CP6- 08.03.2001, 143	
<u>COMPOSIÇÃO</u>				OCORRÊNCIAS
COMPLEXIDADE		EQUILÍBRIO		
POSITIVO (4)	NEGATIVO (10)	POSITIVO (19)	NEGATIVO (19)	
Geral: CP4-08.03. 1990, 117- 19. Fácil: #CP4-08. 03.1990, 141-42. Fáceis: #CP 7-08.03. 2010, 125- 26. Diversifica ção: #CE4- 08.03 .2001	Gerais: CP4- 08.03. 1990, 117-19. Problema: # CP4-08.03. 1990, 133. Difíceis: #CP408.03. 1990, 139-40 Difícil: CP5- 08.03. 1999, 120. Inelutável: #CP5- 08.03.1999, 138. Problema: #CP5- 08.03.1999, 142. Dificuldade : #CP5-08.03. 1999, 147-48. Obstáculo: #	Equilibrada: #C P1-08.03.1970, 142. Sem quebra :#CP1- 08.03.1970, 145- 46. Igualitária : #CP2- 08.03. 1979, 121-23. Igualdade: #CP 3- 08.03. 1980, 126. Iguais: #CP4- 08.03. 1990, 17 Igualdade: #CP4-08.03. 1990, 120-21. Redistribui- ção: #CP4- 08.03. 1990, 126-27. Igualdade: #CP 4-08.03. 1990,	Aquém: #CP2- 08.03. 1979, 19-10. Aberração: CP2-08.03. 1979, 132-34. Insuficientes: #CP4-08.03. 1990, 120. Desigualdade: #CP4-08.03. 1990, 124-25 Feia: #CP5- 08.03.1999, 128. Física: #CP5- 08.03.1999, 139. Dominação #CP5-08.03. 1999, 155-56. Imutáveis: #C P6-08.03.2001, 110.	

	CP5-08.03. 1999, 147-48. Dificulta: #C P8-08.03. 2019, 125. Desafios: CP 8-08.03.2019, 129.	131-32. Igualdade: #CP 4-08.03. 1990, 131-32. Igualdade: #CP 4-08.03. 1990,143. Gendrada: #CP6-08.03. 2001, 122. Complementar : #CP6-08.03. 2001, 140-41. Desconstruir: #C P6-08.03. 2001, 148-49. Justas : #CP7-08.03. 2010, 18-11. Os mesmos #CP7-08.03. 2010, 145. Equidade: #CP8 -08.03. 2019, 14. Igualdade: #CP 8-08.03. 2019, 141-43. Adequado: #CP 8-08.03. 2019, 141-43. Equidade: #CP8-08.03 .2019, 149-51)	Destrutivos: # CP6-08.03. 2001, 132. Destrutivas: # CP6-08.03. 2001, 143. Confuso: #CP7-08.03. 2010, 18-11. Misturado: #CP7-08.03. 2010, 18-11. Solitário: #CP7 -08.03. 2010, 132. Restringidos: # CP7-08.03. 2010, 140-41. Desigualdades :#CP7- 08.03. 2010, 142. Confundem: # CP7-08.03. 2010, 151-52. Estagnação: # CP8-08.03. 2019, 111. (Atual) Composição: #CP8-08.03.2 019, 115. Desigualdades : #CP8-08.03. 2019, 116.	
VALORAÇÃO				OCORRÊNCIAS
RELEVÂNCIA		ORIGINALIDADE		
POSITIVO (16)	NEGATIVO (7)	POSITIVO (19)	NEGATIVO (4)	
Positiva: #C P1-08.03.1970, 143-45. Importante: #CP2- 08.03. 1979, 116. Válidos: #CP 2-08.03. 1979, 19-10.	Retrocesso: #CP1-08.03. 1970, 140-41. Ignorar: #CP2-08.03.1979, 130-31. (Instrumento de) Perpetuação: #CP7-08.03.2010, 18-	Moderna: #CPI -08.03.1970, 142. Novo: #CP2-08.03.1979, 121-23. Novo: #CP2-08.03. 1979, 123-25. Específicos: #CP2-08.03.	Antiga: #CP5-08.03. 1999, 134. Biológico: #CP6 -08.03.2001, 110. Antigas: #CP8-08.03. 2019, 137. Rarefeitas: #CP 8-08. 03.2019,	46

<p>Necessárias: #CP4-08.03.1990, 14-5</p> <p>Necessário: #CP4-08.03.1990, 19-10.</p> <p>Favoráveis: #CP4-08.03.1990, 126-27.</p> <p>Importante: #CP4-08.03.1990, 130.</p> <p>Valioso: #CP5-08.03.1999, 153.</p> <p>Urgente: #CP5-08.03.1999, 155-56.</p> <p>Emblemática: #CP7-08.03.2010, 125-26.</p> <p>Valorização: #CP7-08.03.2010, 125-26.</p> <p>Insubstituível: #CP7-08.03.2010, 129.</p> <p>Principal: #CP7-08.03.2010, 132.</p> <p>Relevância: #CP7-08.03.2010, 140-41.</p> <p>Fundamental: #CP7-08.03.2010, 142.</p> <p>Imprescindível: #CP7-08.03.2010, 145.</p> <p>Privilegio: #CP7-08.03.2010,</p>	<p>11.</p> <p>Ignorados: #CP7-08.03.2010, 140-41.</p> <p>Desprezar: #CP8-08.03.2019.</p> <p>Invisível: #CP8-08.03.2019, 147-48.</p> <p>Monumental: #CP6-08.03.2001, 133-34.</p>	<p>1979, 128-29.</p> <p>Novas: #CP2-08.03.1979, 128-29.</p> <p>Originalidade: #CP3-08.03.1980, 119.</p> <p>Peculiaridades: #CP4-08.03.1990, 19-10.</p> <p>Específico: #CP4-08.03.1990, 117-19.</p> <p>Específicas: #CP4-08.03.1990, 120.</p> <p>Inovadoras: #CP4-08.03.1990, 136.</p> <p>Novas: #CP5-08.03.1999, 144-45.</p> <p>Atuais: #CP6-08.03.2001, 123.</p> <p>Nova: #CP6-08.03.2001, 133-34.</p> <p>Nova: #CP6-08.03.2001, 140-41.</p> <p>Convencionais: #CP6-08.03.2001, 145-46.</p> <p>Contramão: #CP6-08.03.2001, 145-46.</p> <p>Única: #CP7-08.03.2010, 129.</p> <p>Inovadora: #CP8-08.03.2019.</p> <p>A inovação: #CP8-08.03.2019, 149-51.</p>	<p>140.</p>	
--	---	---	-------------	--

<p>146</p> <p>Reconhecimento: #CP7-08.03.2010, 150</p> <p>Presença(das mulheres): #CP8-08.03.2019</p> <p>Ascendem: #CP8-08.03.2019, 136.</p> <p>Ocupam as vitrines: #CP8-08.03.2019, 136.</p> <p>São vistas: #CP8-08.03.2019, 138-39.</p> <p>Ser lembradas: #CP8-08.03.2019, 138-39.</p> <p>Representatividade: #CP8-08.03.2019, 140.</p> <p>Se enxerga: #CP8-08.03.2019, 147-48.</p>				
Total de ocorrências gerais				<u>104</u>

**APÊNDICE D- ITENS EM “AFETO”, ”JULGAMENTO” E “APRECIÇÃO”
COM QUANTIFICAÇÕES/ /“ECONOMIA”**

(SUB)SISTEMA AFETO		
<u>(IN) FELICIDADE</u>		OCORRÊNCIAS
POSITIVA (1)	NEGATIVA (0)	
Entusiasmada: #CE1-08.03. 1970, 117.		<u>1</u>
<u>(IN) SEGURANÇA</u>		OCORRÊNCIAS
POSITIVA (0)	NEGATIVA (0)	
		<u>0</u>
<u>(IN) SATISFAÇÃO</u>		OCORRÊNCIAS
POSITIVA (4)	NEGATIVA (1)	
Divertia: #CE1-08.03. 1970, 179-80. Sorridente :#CE1-08.03. 1970, 174. Fazem relax (do mercado): #CE1-08.03. 1970, 162-63. Devo satisfação :#CE1-08.03.1970, 190.	Cansada : #CE1-08.03.1970, 122-24.	<u>5</u>
Total de ocorrências gerais		<u>6</u>

(SUB)SISTEMA JULGAMENTO		
ESTIMA SOCIAL		
<u>NORMALIDADE</u>		OCORRÊNCIAS
POSITIVA (0)	NEGATIVA (0)	
/		<u>0</u>
<u>CAPACIDADE</u>		OCORRÊNCIAS
POSITIVA (1)	NEGATIVA (0)	
Competentes: : #CE7-08.03.2019, 113-14.		<u>1</u>
<u>TENACIDADE</u>		OCORRÊNCIAS
POSITIVA (1)	NEGATIVA (0)	
Competitivas: #CE7-08.03.2019, 113-14.		<u>1</u>
SANÇÃO SOCIAL		
<u>PROPRIEDADE</u>		OCORRÊNCIAS
POSITIVA (0)	NEGATIVA (3)	
/		<u>3</u>
<u>VERACIDADE</u>		OCORRÊNCIAS
POSITIVA (1)	NEGATIVA (1)	
Meu marido sabe onde eu estou agora: #CE1-08.03.1970, 190.		<u>2</u>
Infame: #CE1-08.03.1970, 187-88		<u>2</u>
Total de ocorrências gerais		<u>5</u>

(SUS)SISTEMA APECIAÇÃO				OCORRÊNCIAS
<u>REAÇÃO</u>				
IMPACTO		QUALIDADE		
POSITIVO (5)	NEGATIVO (3)	POSITIVO (7)	NEGATIVO (2)	
Divertidas: #CE1-08.03.1970, 170. Cômicos: #CE7-08.03.2019, 15-6. Influência: #CE7-08.03.2019,152-53. Beneficiaram: #CE – 08.03.2009, 131. Espanta: #CE7-08.03.2019, 157.	Afeta: #CE5 – 08.03.2009, 134. Inaceitáveis: #CE6 - 08.03.2010, 115. Desconforto: #CE6 - 08.03.2010, 121.	Melhor: #CE1-08. 03.1970, 172. Boas: #CE5 – 08. 03.2009, 141. Boa: #CE6 - 08.03.2010, 11-2. Melhorando: #CE6 - 08.03.2010, 11-2. Boas: #CE7-08. 03.2019, 113-14. Boas: #CE7-08. 03.2019, 117-18.) Benefício: #CE7-08. 03.2019, 142-43.	Inoportunos: #CE7-08.03.2019, 15-6. Colaborativo :#CE7-08.03.2019, 150.	
<u>COMPOSIÇÃO</u>				OCORRÊNCIAS
COMPLEXIDADE		EQUILÍBRIO		
POSITIVO (2)	NEGATIVO (1)	POSITIVO (14)	NEGATIVO (13)	
Diversificação : #CE4-08.03.2001 Facilitar: #CE5 – 08.03.2009, 133-34)	Pobres: #CE6 - 08.03.2010, 18-9.	Higiene mental: #CE1-08.03.1970, 172. Camadas sociais: #CE2 - 08.03.1980, 14. Divide: #CE4-08.03. 2001, 144. Equivalente: #CE4-08.03.2001, 145. Qualidade: (#CE5 – 08.03.2009, 11-2.)	Vício: #CE1-08.03. 1970, 144. Carestia: #CE2-08.03.1980, 13. Limitação: #CE3- 08.03.1990, 16. Estrutural: #CE3- 08.03.1990, 18. Ficam atrás: #CE4-08.03.2001, 11. Diferente: #CE4-08.03.2001, 145-46.	

		<p>Análogas:#CE 6-08.03. 2010, 123.</p> <p>Democrático: #CE6 - 08.03.2010, 124-25.</p> <p>Diverso: #CE7- 08.03.2019, 17.</p> <p>Distintas:#CE 7-08.03.2019, 17.</p> <p>Equilíbrio#CE 7-08.03.2019, 115-16.</p> <p>Complementariedade: #CE7- 08.03.2019, 115-16.</p> <p>Diversidade:# CE7- 08.03.2019, 140-41.</p> <p>Diversidade:# CE7- 08.03.2019, 142-43.</p> <p>Diferentes:#C E7-08.03. 2019, 142-43.</p>	<p>Precária:#CE5- 08.03.2009, 19-11.</p> <p>Diferencial : #CE5 – 08.03. 2009, 114-15.</p> <p>Divisão: #CE5 – 08.03.2009, 114-15.</p> <p>Precarização : #CE5 – 08.03.2009, 138.</p> <p>Negativos: #CE5 – 08.03.2009, 140.</p> <p>Insuficiente :#CE6 - 08.03.2010, 111-12.</p> <p>Anacronismo: #CE6 - 08.03.2010, 124-25.</p>	
<u>VALORAÇÃO</u>				OCORRÊNCIAS
RELEVÂNCIA		ORIGINALIDADE		
POSITIVO (3)	NEGATIVO O	POSITIVO (4)	NEGATIVO (2)	
<p>Ter uma referência: #CE7-08.03. 2019, 15.)</p> <p>Elevados: #CE7-08.03. 2019, 115-16.</p>	<p>(3)</p> <p>Dona de casa: #CE1- 08.03.1970, 160.</p> <p>Perceptível: #CE6 - 08. 03.2010, 19-10.</p> <p>Não escapa à atenção: #CE6 - 08.</p>	<p>Antigas:#CE1- 08.03. 1970, 179-80.</p> <p>Moderno:#CE 6- 08.03. 2010, 124-25.</p> <p>Nova:#CE7- 08.03.2019, 123.</p> <p>Reversa:#CE7- 08.03. 2019, 152-53.</p>	<p>Coloniais:#CE6-08. 03.2010, 17.</p> <p>Não se sai do quadrado:#CE7-08. 03.2019, 143-44.</p>	<u>12</u>

	03.2010, 19-10.			
Total de ocorrências gerais				<u>59</u>

**APÊNDICE E- ITENS EM “GRADAÇÃO COM QUANTIFICAÇÕES/
“POLÍTICA” E “ECONOMIA”**

(SUB)SISTEMA GRADAÇÃO	
<u>FORÇA</u>	OCORRÊNCIAS
<u>QUANTIDADE</u>	
<p>Nenhum: #CP1-08.03.1970, 140-41. Maior: #CP1-08.03.1970, 143-45. Longo: #CP2- 08.03.1979, 127-28. Raras vezes: #CP2- 08.03.1979, 116-17. Grande: #CP2- 08.03.1979, 132-34. Longo: #CP5-08.03.1999, 121-22. Muitas vezes: #CP5-08.03.1999, 144-45. Todos: #CP6-08.03.2001, 123. Grosso: #CP6-08.03.2001, 140-41. Muitas vezes: #CP6-08.03.2001, 145-46. Muitas vezes: #CP7-08.03.2010, 132. Na maioria: #CP7-08.03.2010, 140-41. Nem sequer: #CP8-08.03.2019, 115. Poucas: #CP8-08.03.2019, 138-39. Baixa: #CP8-08.03.2019, 140. De vez em quando: #CE1-08.03.1970, 162-63. Várias: #CE1-08.03.1970, 162-63. A maior: #CE3- 08.03.1990, 16. Maior: #CE4-08.03.2001, 128. Todos: #CE4-08.03.2001, 144. Aumento: #CE5 – 08.03.2009, 19-11. Em geral: #CE6 - 08.03.2010, 19-10. Inúmeros: #CE7-08.03.2019, 15-6. Maior: #CE7-08.03.2019, 115-16.</p>	<u>24</u>
<u>INTENSIDADE</u>	OCORRÊNCIAS
<p>Inegavelmente: #CP2- 08.03.1979, 116. Muito: #CP2- 08.03.1979, 19-10. Acrescida : #CP2- 08.03.1979, 123-25. Mais: #CP4-08.03.1990, 139-40. Mais: #CP4-08.03.1990, 141-42. Gradual : #CP5-08.03.1999, 118-19. Mais: #CP5-08.03.1999, 120. Diminui: #CP5-08.03.1999, 126. Reduz: #CP5-08.03.1999, 126 Soma-se: #CP5-08.03.1999, 147-48.</p>	<u>34</u>

<p>Igualmente: #CP5-08.03.1999, 153. Implacavelmente: #CP6-08.03.2001, 132. Menos: #CP6-08.03.2001, 143. Frequentemente: #CP7-08.03.2010, 18-11. Mais: #CP7-08.03.2010, 18-11. Reduza: #CP7-08.03.2010, 147. Nem sempre: #CP8-08.03.2019, 16-7. Evidenciando: #CP8-08.03.2019, 116. Ainda mais: #CP8-08.03.2019, 116. Menos ainda: #CP8-08.03.2019, 138-39. Enormes: #CP8-08.03.2019, 129. Raramente: #CP8-08.03.2019, 136. Sempre: #CE1-08.03.1970, 174. Mais: #CE1-08.03.1970, 170. Mais: #CE1-08.03.1970, 179-80. Melhor: #CE5 – 08.03.2009, 11-2. Persistência: #CE5 – 08.03.2009, 114-15. Quase sempre: #CE5 – 08.03.2009, 114-15. Crescente: #CE5 – 08.03.2009, 127. Menos : #CE5 – 08.03.2009, 131. Quase sempre: #CE6 - 08.03.2010, 18-9. Mais: #CE7-08.03.2019, 17. Menos: #CE7-08.03.2019, 150. Mais:#CE7-08.03.2019, 115-16.</p>	
Total de ocorrências	58
<u>FOCO</u>	OCORRÊNCIAS
<u>ACENTUAÇÃO</u>	
<p>“[...] o tratamento quase medieval” : #CP2- 08.03.1979, 132. “[...] um cenário de quase estagnação...” : #CP8-08.03.2019, 111.</p>	<u>2</u>
<u>ATENUAÇÃO</u>	OCORRÊNCIAS
<p>“...igualdade de fato”: #CP3- 08.03.1980, 126. “... oportunidades reais...”: #CP3- 08.03.1980, 126.</p>	<u>2</u>
Total de ocorrências	4
Total de ocorrências gerais	62

ANEXO A – TEXTOS DIGITALIZADOS/ “POLÍTICA”

Texto 1- “*Reale em Porto Alegre: o novo Código Civil vai ampliar as conquistas da mulher casada*”

Reale em Porto Alegre: o novo Código Civil vai ampliar as conquistas da mulher casada

PORTO ALEGRE (Do Correspondente) — Para uma visita à Universidade do Rio Grande do Sul, esteve nesta capital o prof. Miguel Reale, reitor da Universidade de São Paulo e revisor do projeto do Código Civil, em fase de elaboração, após ter ministrado aulas inaugurais em Faculdades de Cruz Alta e Santo Angelo.

Antes de regressar a São Paulo, na tarde de anteontem, o conhecido jurista falou à imprensa sobre o trabalho que a Comissão de Reforma do Código Civil está realizando.

“Os trabalhos sobre o projeto do novo Código — disse o prof. Reale — do qual somos supervisores e de cuja comissão faz parte o eminente professor gaúcho Clovis Couto e Silva, estão realmente muito adiantados. É possível até que a entrega do anteprojeto ao sr. ministro da Justiça se verifique dentro de 90 a 120 dias, a fim de ser, depois, submetido à apreciação do Congresso Nacional. A comissão instalou suas atividades em fins de 1968, tendo sido firmado um processo de trabalho pelo qual cada um dos seus integrantes recebeu o encargo de elaborar o projeto, respectivamente, da parte geral das obrigações e dos atos negociáveis do direito das coisas, família e sucessões. A revisão feita por mim já abrangeu as três primeiras partes, de-

vido todo da Comissão se baseou não apenas nos anteprojetos e códigos anteriores, mas também em sugestões recebidas de associações jurídicas e de entidades de classe. Desejo aqui referir-me especialmente à valiosa contribuição do Instituto dos Advogados do Rio Grande do Sul, com referência às sociedades anônimas e às sociedades por quotas de responsabilidade limitada.

“Foi, assim, preocupação constante da Comissão auscultar os grupos e as classes interessadas, a fim de que a legislação possa apresentar-se em consonância com as exigências globais da comunidade. Esta dupla preocupação de ouvir juristas e homens de empresa, bem como as associações de classe, foi de grande importância e altamente benéfica para os trabalhos da revisão.”

«A esta altura do trabalho — prosseguiu o prof. Miguel Reale — já posso declarar que tínhamos razão aqueles que nos opuseram à supressão da parte geral do Código. A permanência desta parte geral, atualizada, garantiu maior unidade sistemática, permitindo entrosagem mais lógica das partes especiais. Embora mantida a estrutura do atual Código, isso não impediu que se procedesse à modernização dos seus institutos, com a introdução de várias soluções novas para

as relações sociais do nosso tempo, fazendo sempre com que predominassem o interesse coletivo e os imperativos éticos sobre as manifestações de caráter puramente individual.

«Na minha estada em Porto Alegre, aproveitei a oportunidade para estudar, juntamente com o professor Couto e Silva a parte relativa ao direito de família, podendo, desde logo adiantar, a fim de afastar certas informações tendenciosas, que o projeto não apresentará nenhum retrocesso no tocante às conquistas que a legislação atual assegurou à mulher casada. Neste sentido, posso dizer que o Código atinge uma linha moderna e equilibrada, compatível com os fatos de nossa civilização. No projeto, por exemplo, não só se reconhece a posição positiva da mulher como colaboradora na direção da sociedade conjugal, como se lhe confere maior autonomia na condução dos próprios negócios, tudo isso sem quebra da unidade familiar, não esquecendo que a instituição existe em razão dos interesses da prole e da comunidade. Os mesmos princípios de supremacia dos valores sociais e éticos governam as soluções dadas à propriedade e ao contrato, ambos disciplinados em razão e nos limites de sua função social».

MAIS MIL ARTIGOS

«A esta altura dos nossos trabalhos posso tranquilamente afirmar que a inserção no Código Civil de toda a matéria relativa aos atos negociáveis e às empresas não feriu, em nada, a harmonia do conjunto. O Código Civil, tal como concebido e realizado pela Comissão, abrangerá assim, numa unidade orgânica, tanto as relações de ordem civil, no sentido restrito desta expressão como também as de ordem mercantil. Na realidade, o nosso Código Civil será um Código de todo o Direito privado e, por isso, sobre o de 1916, terá um acréscimo de mais de mil artigos, devendo também substituir o Código Mercantil, que data de 1950.

«É claro, entretanto, que está sendo codificada no projeto somente aquela parte que já oferece estrutura definitiva mais estável. Esclarecendo este ponto, direi que o Código no Livro das Obrigações, contém toda a parte geral dos títulos de crédito, remetendo para leis especiais a disciplina dos títulos em particular, como, por exemplo, a letra de câmbio, o cheque, etc. A parte das sociedades anônimas e das sociedades em geral acha-se, entretanto inserida no Código, constituindo o segundo livro da parte especial, levando em conta todas as modificações havidas no mundo econômico de nosso tempo, e fornecendo, deste modo, os instrumentos adequados para a política de desenvolvimento nacional.

Texto 2- "A mulher e o Brasil"

A mulher e o Brasil

O Dia Internacional da Mulher, que se comemora hoje em todo o mundo, pode ser visto como uma efeméride a mais entre tantas que se festejam durante um ano. Não se reduz a isso, entretanto; a visão de um novo mundo que cresce na perspectiva de uma industrialização veloz, estabelecendo novas relações sociais; muito menos se limita a uma mera data no Brasil, cujo desenvolvimento político e social já não prescinde da participação feminina. A mulher brasileira é inegavelmente importante no roteiro que o País palmilha em busca de soluções para seus problemas. Por isso mesmo, impõe-se a constatação de que o reconhecimento de seus direitos específicos está muito aquém daqueles que a sociedade brasileira hoje considera como válidos para setores sociais que nem sempre abrangem o sexo feminino.

Não que os direitos civis da mulher brasileira não tenham a proteção da lei; ou que seus direitos sofram a nível legal um tratamento discriminatório em princípio. Pela Constituição, todos os brasileiros, independentemente de raça, cor e sexo, são iguais perante a lei. Não o são, entretanto, perante as relações de produção que determinam o tratamento real que não raras vezes discrimina a mulher nos empregos e nos salários, para exigir-lhe tudo no triplo encargo de produtora de bens, de mãe e de administradora da economia doméstica. E este é um aspecto fundamental. Pois, neste contexto, compreende-se a reflexão dos socialistas utópicos saint-simonianos que

no século passado viam no trabalho o princípio da emancipação feminina. De fato, foi a partir do trabalho feminino que a mulher passou a reivindicar com a legitimidade de seu novo papel de produtora de bens uma participação igualitária em relação aos homens nas sociedades. Mas foi também a partir daí que a sua função de mãe se viu acrescida do novo encargo que a industrialização acrescentou, sem, entretanto, a devida compensação por esse acúmulo de atividades.

Enfim, não cabem aqui reflexões que a sociologia e os especialistas podem fazer com maior autoridade. Mas se é forçoso identificar na luta da mulher brasileira um longo caminho a percorrer no reconhecimento de seus direitos legítimos, os quais, por razões irrefutáveis, são também específicos nas novas relações de produção da sociedade brasileira, não se pode ignorar que as reivindicações femininas podem e devem juntar-se àquelas que exigem um melhor nível de vida para todos os brasileiros. O tratamento quase medieval que sofre uma grande massa de mulheres neste País não é uma aberração perante o escândalo maior da existência de milhões de brasileiros que vivem em condições de miséria quase absoluta.

O Dia Internacional da Mulher, na verdade, reforça a idéia de que o Brasil está ainda no princípio de sua longa caminhada para o dia da emancipação do povo brasileiro de seus problemas fundamentais. E isso basta para validá-lo como dia também de todos os brasileiros.

(Fonte: Folha de S. Paulo, 08.03.1979)

Texto 3- "Francesas gritam pelas ruas"

Francesas gritam pelas ruas

PARIS (AFP) — O Movimento de Libertação da Mulher (MLF) gritará suas reivindicações pelas ruas de Paris, hoje fazendo uma passeata desde a histórica praça da Bastilha até um local moderno, mas igualmente universal, o Centro de Arte Moderna Pompidou.

Esta manifestação ocorrerá poucos dias depois do ministro para o Emprego da Mulher, Nicole Pasquier, ter recebido o presidente do Conselho Patronal Francês (CNPF), para tratar da discriminação contra a mulher no trabalho e aproveitando a realização do Dia Internacional da Mulher, hoje.

"Este ano — declarou uma líder do movimento feminista — estaremos juntas nas ruas do mundo inteiro, do leste ao oeste e de norte ao sul, e faremos esta jornada independentemente de todos os paternalistas da repressão: estados e partidos, organizações e sindicatos". A porta-voz revelou o slogan da passeata: "Viva a independência erótica e política das mulheres".

Os observadores lembraram que o MLF já realizou anteriormente ruidosas manifestações contra o "machismo" do chamado sexo forte: passeatas pelos bulevares parisienses ao grito de "prostitutas ou lésbicas, quando nos der vontade", interrupção de cerimônias nupciais, chuva de panfletos na Assembléia Nacional Francesa, reprovação pública contra "galanteios" etc...

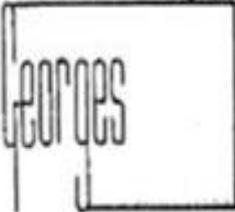
No domingo, a originalidade dos debates sobre a emancipação da mulher, sua autonomia e sua libertação em geral, estará no local onde será realizado: uma lancha ancorada na cabeceira direita do Sena.

Nicole Pasquier deveria

receber, também hoje, uma delegação da Confederação Geral de Executivos e submeter em seguida suas propostas ao Conselho de Ministros, na primavera.

Segundo o Ministro da Condição Feminina, "apesar de sua formação, as mulheres obterão a igualdade de fato e oportunidades reais de promoção".

Se a diferença de salários entre homens e mulheres alcança globalmente cerca de 33 por cento, as diferenças observadas entre os coeficientes de salário-horário, operário masculino e feminino são inferiores a 3 por cento. Há 15 anos esta diferença era de mais de 10 por cento, segundo o CNPF.

		<p>CAMISEIRO SOB MEDIDA Atende-se a Domicílio</p>
		<p>Fone: 228-4346</p>
		<p>Rua Cavaleiro Bastão Jafir 127</p>

(Fonte: Folha de S. Paulo, 08.03.1980)

Texto 4- "A mudança necessária"

A mudança necessária

Fernando Henrique Cardoso

Hoje, por convenção internacional, comemora-se o dia da mulher. É curiosa a dinâmica das comemorações. Não me recordo de existir um "dia do homem". Existe, entretanto, o dia da criança, o do negro, o da mulher. Ou seja, mais do que uma "comemoração", essas datas lembram as desigualdades que subsistem e as lutas necessárias para acabar com elas.

No caso brasileiro, houve alguns avanços, digamos assim, quanto à criação de um espaço institucional para que mulher e homem tenham direitos iguais. A própria Constituição de 89 assegurou garantias à mulher que vão nesta direção e instituiu outras que, atendendo às peculiaridades biológicas, dão à mulher instrumentos, como a garantia do emprego na gravidez e o tempo necessário para cuidar do recém-nascido, mais do que justos. Outros dispositivos legais, entretanto, dependem, para ter vigência, da ação da sociedade.

Não bastam, portanto, leis nem declarações de boa vontade. Enquanto o país não atingir certo patamar de riqueza e enquanto as políticas de bem-estar social limitarem-se ao atendimento (parcial e precário) das necessidades mínimas, os direitos e garantias aprovados em lei apontam o rumo, mas não têm condições substantivas de vigência.

Assim a luta das mulheres —además de seu caráter específico, como movimento feminista— possui também um caráter geral: seu êxito depende da melhoria das condições gerais de vida. Estas, entretanto, é bom repetir, são condições insuficientes. E não são precondições para as lutas específicas das mulheres. Não é verdade que basta haver "desenvolvimento econômico" para que haja igualdade social, nem é suficiente um "Estado de bem-estar" para que desapareça a discriminação da mulher. E nem, tampouco, é correta a teoria de que primeiro é preciso cuidar das condições sociais gerais para depois atacar a desigualdade e a discriminação das mulheres.

Além disso, as decisões favoráveis às transformações sociais implicam a redistribuição do poder. Neste sentido, a presença de mulheres nos comandos políticos (há no mundo seis chefes de governo mulheres) e a criação de espaços institucionais, como os conselhos da condição feminina, bem como o exercício de cargos e funções públicas por mulheres, é importante. Na condição, naturalmente, de que se empenhem pela universalização das condições de igualdade e não tornem seus percursos individuais "prova" de que já há igualdade entre homens e mulheres...

Existe ainda um problema cultural (o do machismo e a ideologia da submissão) que não desaparece como "subproduto" da mudança nas relações sociais. Neste sentido, a "questão da mulher" é também uma "questão do homem": a mudança de expectativas e atitudes dá-se quando existem predisposições inovadoras e consciência da necessidade de mudar tanto entre as mulheres como entre os homens. E é aí, no plano das relações de família, no círculo das amizades, na vida cotidiana que as "resistências às mudanças" —culturais, psicológicas e de poder— são mais difíceis.

Nesse terreno somos todos aprendizes e devemos dar a mão à palmatória. É mais fácil o discurso do que a prática. Esta se assenta em hábitos e valores que mudam lentamente mesmo em quem é lúcido quanto à necessidade da igualdade. Mas vale, pelo menos, a intenção de mudar. É esta que, espero, não só as mulheres, mas também os homens, comemorem hoje.

Fernando Henrique Cardoso escreve às quintas-feiras nesta coluna.

(Fonte: Folha de S. Paulo, 08.03.1990)

Texto 5- "Mulheres mutiladas"

FOLHA DE S. PAULO

TENDÊNCIAS/DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do Jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate das problemáticas brasileiras e mundiais e de refletir as diversas tendências de pensamento contemporâneo.

Mulheres mutiladas

CARLOS ALBERTO IDOETA

"Não nascemos vítimas, mas nos tornamos." Simone de Beauvoir

São uns 6.000 casos por dia — perto de 2 milhões por ano — de meninas e adolescentes expostas à prática. Cerca de 135 milhões de mulheres já foram submetidas a alguma das três formas de mutilação genital feminina.

Na clitoridectomia, ocorre a extirpação total ou parcial do clitóris. Na excisão, extirpam-se o clitóris e os lábios menores, total ou parcialmente. Na infibulação, extirpam-se todos os genitais externos e se costura quase todo o orifício vaginal. Geralmente, a mutilação é praticada entre os quatro e os oito anos de vida da menina, mas as idades oscilam entre o nascimento e a primeira gravidez.

A ferramenta pode ser um pedaço de vidro, a tampa de uma lata, uma tesoura ou uma navalha. Na infibulação, usam-se espinhos para juntar os lábios vaginais maiores, e as pernas podem permanecer amarradas por até 40 dias. O praticante pode ser um médico, uma parteira, um barbeiro ou uma curandeira. A menina é imobilizada com as pernas abertas; usa-se anestesia local ou apenas água fria para intumescer a parte do corpo.

Os possíveis efeitos imediatos são muita dor, hemorragias e ferimentos na região do clitóris e dos lábios. Depois, há risco de infecções urinárias crônicas, abscessos, pedras na bexiga e na uretra, obstrução do fluxo menstrual e cicatrizes proeminentes. A primeira relação sexual só é possível depois da difusão gradual e dolorosa da abertura que resta. O tecido cicatricial pode ser rasgado no parto.

A investigação científica das sequelas psicológicas é mais difícil. Apesar da falta de provas, relatos pessoais indicam sentimentos de ansiedade, terror, humilhação e traição, com efeitos negativos de longo prazo.

A mutilação genital feminina é prática comum na África e em alguns países do Oriente Médio. Também ocorre em comunidades de imigrantes em países latino-americanos, asiáticos, europeus, no Canadá e nos EUA. É associada à castidade e à crença de que diminui o desejo sexual e reduz o risco de infidelidade (na infibulação, a mulher "costurada" só é "aberta" para o marido). Invocam-se também supostos motivos de higiene e estética, com a genitália feminina tida como feia e volumosa. Em algumas culturas, é vedado o manuseio de alimentos e água às mulheres que não são mu-



tiladas.

É desconhecida a origem da mutilação. Precedeu o cristianismo e o islamismo; era praticada pelos "falashas" (judeus etíopes); não é preceito de nenhuma das chamadas grandes religiões.

A violência contra as mulheres é realidade antiga. Mas, ao contrário de outros grupos oprimidos, as mulheres raramente têm recorrido à violência para afirmar seus direitos. Até as declarações de direitos humanos excluam

Até as declarações de direitos humanos excluam formas de violência como a mutilação genital

de sua abrangência formas de violência doméstica ou comunitária, como a mutilação genital feminina. A subordinação foi aceita como inelutável enquanto um dos sexos foi, por séculos, considerado física e intelectualmente inferior ao outro.

Quando a humanidade passa a desafiar, além do racismo e do colonialismo, o patriarcalismo, a violência contra a mulher deixa de ser "pessoal" e adquire a condição de problema político e social. Os próprios militantes de direitos humanos, treinados no combate à truculência do Estado contra o indivíduo, são agora insta-

dos a encontrar novas formas de lidar com violações cometidas pelo indivíduo contra o indivíduo, em escala ainda maior e, muitas vezes, sancionadas pela própria família da vítima.

As dificuldades de ordem prática soma-se o intento de fazer do multiculturalismo um obstáculo ao universal. Enfrentar a mutilação genital feminina, por exemplo, seria uma causa "eurocêntrica", ou "do norte", que atropela valores de culturas milenares? Nesse debate, é imperativo ouvirmos as próprias vítimas.

O relativismo indiscriminado exclui valores e práticas de uma cultura da avaliação moral de indivíduos de outras culturas, como se o aporte de todas para a liberdade e a igualdade não fosse igualmente valioso. Ou como se os direitos humanos não constituíssem o próprio limite à diversidade.

Urgente, então, seria preservarmos critérios universais, que retirem a legitimidade de todos os valores e práticas baseados na dominação e na discriminação, inclusive de gênero, e endossam a responsabilidade internacional pela proteção da pessoa, consagrada na Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948, depois do vale-tudo da Segunda Guerra.

Carlos Alberto Idoeta 48, o diretor da Seção Brasileira da Anistia Internacional

Texto 6- "Por uma nova ordem simbólica"

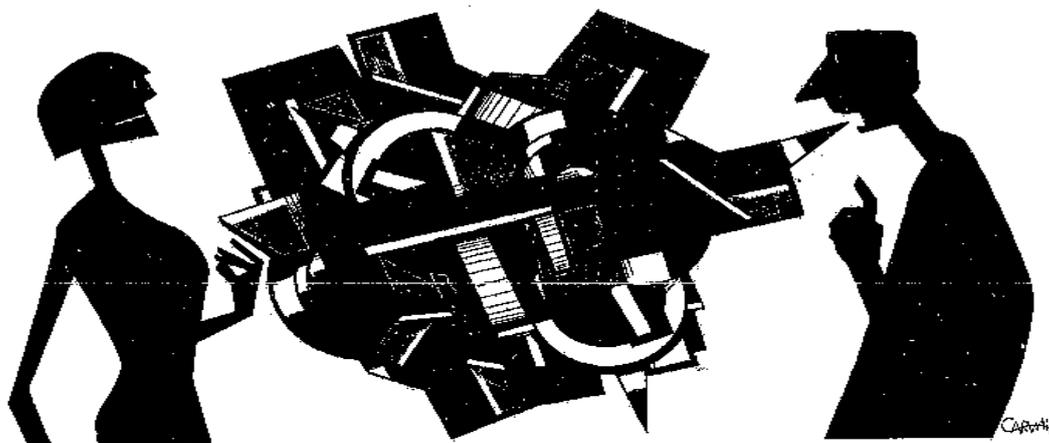
FOLHA DE S. PAULO

OPINIÃO

TENDÊNCIAS/DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

DIA INTERNACIONAL DA MULHER



Por uma nova ordem simbólica

ROSE MARIE MURARO

As mulheres já estão entrando nos sistemas simbólicos masculinos; ajudando a desconstruir a ordem universal de poder

CADA ESPÉCIE animal percebe o real segundo a vida que lhe é peculiar. A espécie humana relaciona-se com ele por meio de seus sistemas simbólicos. É exatamente por esse motivo que ela é a única espécie que o pode transformar. Mas, embora a capacidade de simbolizar seja inata, seu uso varia ao longo dos tempos.

É pelos sistemas simbólicos que os seres humanos pensam, falam, se comunicam e criam as suas leis de comportamento e, portanto, os seus sistemas sociais, políticos e econômicos. Esses sistemas variaram muito nos 2 milhões de anos de vida de nossa espécie, principalmente nos últimos 10 mil anos do nosso período histórico. O grande erro dos pensadores foi tomar os sistemas, que foram socialmente construídos, como biológicos e imutáveis.

Isso aconteceu, por exemplo, com os psicólogos do fim do século 19 e do início do século 20, principalmente Freud e Lacan. Freud afirma que a natureza foi madrastra com a mulher porque ela não tem a capacidade de simbolizar como o homem.

Lacan afirma que o simbólico é masculino e que "a mulher não existe". Não existe porque não tem acesso à ordem simbólica. A palavra pertence ao homem e o silêncio pertence à mulher. Segundo ele, o simbólico é estruturado pela cadeia de significantes na qual o grande organizador é o falo. Este, ao mesmo tempo, é metáfora do órgão sexual masculino e do poder. O poder — que é essencialmente masculino — é o "grande outro", ao qual, implícita ou explicita-

mente, todos os atos simbólicos humanos se referem. Incluem-se aí os pensamentos, os gestos, as leis e até os sistemas macro (políticos e econômicos).

E, de fato, ele tem razão. A realidade humana é genderada (gendered), como genderados somos todos nós. Todos os sistemas simbólicos atuais foram sendo fabricados pelos — e para os — homens. Leis, gramática, crenças, filosofia, dinheiro, poder político e econômico.

Na última metade do século 20, no entanto, algo novo aconteceu. Os dois grandes resultados da sociedade de consumo são a entrada da mulher no mercado mundial de trabalho — uma vez que o sistema fez mais máquinas do que machos — e a destruição dos recursos naturais — porque os retirou da natureza num ritmo mais acelerado do que a capacidade de reposição dela.

As mulheres entram nos sistemas simbólicos masculinos no momento em que esses estão se mostrando implacavelmente destrutivos em relação à vida. A tarefa monumental que os inovamentos de mulheres e as mulheres têm hoje é a de construir uma nova ordem

simbólica não mais centrada sobre o falo (o poder, o matar ou morrer que é a sua lei), mas uma nova ordem que possa permear desde o inconsciente individual até os sistemas macroeconômicos, mas. Mas, agora, uma nova ordem estruturada sobre a vida.

Essas reflexões não poderiam estar sendo feitas se esse trabalho já não estivesse em curso. Já estão sendo construídos consensos entre os povos contra uma dominação global que exclui o grosso da humanidade e sobre uma nova ordem que inclua uma relação complementar entre os gêneros, uma família democrática, um tipo de relação econômica que não transfira a riqueza de todos para os poucos que dominam, que inclua relações comerciais e econômicas menos desumanas e destrutivas.

As mulheres já estão entrando nos sistemas simbólicos masculinos. E não só nas instituições convencionais (empresas, partidos etc.), mas também em outras, muitas vezes na contramão da história (nas lutas populares, ecológicas, pela paz etc., onde são a grande maioria). Elas estão construindo uma nova ordem simbólica, na qual o "grande outro" é a vida (viver e deixar viver), e ajudando a desconstruir a atual ordem universal de poder.

Se não trabalharmos nessa profundidade, por mais que se transformem as estruturas econômicas antigas, elas tenderão a voltar. Ou substituímos a função estruturante do falo pela função estruturante da vida ou não teremos mais nem falo nem vida.

Rose Marie Muraro, 70, escritora, é fundadora do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher.

Texto 7- “Mulheres, um mundo misturado”

FOLHA DE S.PAULO

Tendências | Debates

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo. debates@uol.com.br / twitter.com/Folhadebate

Mulheres, um mundo misturado

MIGUEL SROUGI

EMBARAÇADO PELAS minhas limitações, tentei compreender o sentido do Dia Internacional da Mulher. Lembrando as mulheres que conheço, concluí que elas seriam incapazes de criar uma data para sua autoexaltação sem contexto. Desviando o pensamento para os homens que conheço, suspeitei que eles pudessem ser os autores da obra, enfim, quem mais além delas lhes concede emoções tão incontidas? Rapidamente desisti. Acho que eles seriam incapazes de expressar gratidão.

Voltei a lembrar das mulheres que conheço e acho que compreendi. É delas mesmo que deve ter surgido a iniciativa, afinal, mais do que atuar como instrumento de perpetuação da espécie, acho que elas queriam ser lembradas pela sua participação, frequentemente desprezada, na construção de sociedades mais justas, dentro de um mundo confuso e misturado.

Não por acaso, a ONU estabeleceu em 2000 o Projeto do Milênio, em que foram definidas ações para, até 2015, reduzir pela metade a fome e a miséria no planeta. Planeta habitado por 800 milhões de pessoas que, vítimas da pobreza e da insensibilidade, vão dormir famintas ao final de cada dia e onde 29 mil crianças morrem diariamente atingidas por desnutrição ou doenças infecciosas já erradicadas nos países mais sérios. Tragédia que, apesar da exaltação oficial, não poupa o Brasil.

Designada a nona economia do mundo pelo seu PIB, nossa nação ostenta um afetivo 75º lugar no ranking mundial do Índice de Desenvolvimento Humano, o IDH. Parâmetro mais humano do que o PIB, já que agrega valores de saúde e de instrução de um povo. E reflete a brutal realidade que prevalece na nossa sociedade, povoada por 35 milhões de pobres e miseráveis e onde 1% dos mais ricos acumula a mesma renda que 50% de toda a população.

De forma emblemática, o projeto contemplou medidas de valorização e de proteção à mulher, por motivos fáceis de compreender. O ciclo de transmissão da fome e da miséria nas nações menos desenvolvidas só pode ser interrompido se os desprovidos tiverem acesso à educação, à saúde e ao trabalho. Nessas sociedades, as mulheres têm uma participação única e insubstituível. Elas são responsá-



Alirio

Para cada ano a mais de instrução da mãe, a taxa de mortalidade infantil diminuiu nove mortes em cada mil nascimentos

veis por cerca de 70% do trabalho que sustenta as famílias e são provedoras quase exclusivas da assistência aos vulneráveis, crianças, doentes e idosos. Representam também, nas nações mais pobres, o principal elo, muitas vezes solitário, de agregação das famílias. Ademais, estudos da OMS e do Banco Mundial mostraram que, nos países pobres, a taxa de escolaridade dos filhos aumenta em quase 50% quando a mãe, ao contrário do pai, tem educação básica. Comprovaram ainda que, quando os proventos familiares são gerenciados pelo pai, e não pela mãe, as despesas com a alimentação dos filhos aumenta 15 vezes, devido ao desperdício e aos gastos inúteis. Além disso, para cada ano a mais de instrução da mãe, a taxa de mortalidade infantil diminuiu nove mortes em cada mil nascimentos.

Contrastando com a relevância do seu papel nas sociedades contemporâneas, as mulheres têm seus direitos restringidos ou ignorados na maioria delas. Por isso, combater as desigualdades de gênero é fundamental para produzir a prosperidade de uma na-

ção e, principalmente, para respeitar a essência da condição humana. O que significa que é imprescindível que se conceda às mulheres os mesmos direitos desfrutados pelos homens no trabalho, na propriedade e na política, que se privilegie seu acesso à saúde e aos cuidados na maternidade, que se reduza sua vulnerabilidade à violência física, sexual e psicológica, que elas tenham a prerrogativa de comandar a sua vida sexual e reprodutora e, principalmente, que se conceda a elas o direito de controlar o próprio destino.

Termino dirigindo, neste dia, um olhar de reconhecimento a todas as mulheres. Mulheres que se confundem com a questão eterna da maternidade, com o manto de aconchego da condição humana e com a superação da miséria no mundo. E que têm sido afrontadas pela discriminação, pela injustiça, pela opressão e pela violência.

Como membro do outro gênero, aproveito também para pedir desculpas. E justifico socorrendo-me em Riobaldo, o jagunço-filósofo de Guimarães Rosa: “Eu careço de que o bom seja bom e o ruim ruim, que dum lado esteja o preto e do outro lado o branco, que o feio fique apartado do bonito e a alegria longe da tristeza! Quero todos os pastos demarcados... Como é que posso com este mundo? Este mundo é muito misturado”.

MIGUEL SROUGI, 63, médico, pós-graduado em urologia pela Harvard Medical School (EUA), é professor titular de urologia da Faculdade de Medicina da USP e presidente do conselho do Instituto Criança É Vida.

(Fonte: Folha de S. Paulo, 08.03.2010)

Texto 8- “Togadas e estagnadas”

Togadas e estagnadas

‘Teto de vidro’ dificulta a ascensão no Judiciário

Clara Mota Pimenta Alves e Gabriela Azevedo C. Sales

Juíza federal do Tribunal Regional Federal da 1ª Região e doutoranda em direito pela USP
Juíza federal do Tribunal Regional Federal da 3ª Região e doutoranda em direito pela USP

As lições tiradas da experiência de criação de cotas no fundo partidário para o financiamento de candidaturas femininas, com seus sucessivos questionamentos judiciais e desvios, transcendem o tema da participação das mulheres na política eleitoral e mostram que, no campo das disputas por equidade, tem razão Eduardo Galeano quando diz que um passo em direção à utopia pode fazer com que ela pareça se afastar um pouco no horizonte. Infelizmente, a existência de políticas afirmativas nem sempre tem garantido a concretização de avanços reais.

As dificuldades enfrentadas pelas mulheres na tentativa de chegar ao Poder Legislativo mudam de roupagem, mas também se fazem presentes no Poder Judiciário.

O Brasil observa um cenário de quase estagnação nas estatísticas sobre o assunto participação feminina. Entre 2013 e 2018, saiu-se de um patamar de 36% de juízas para os atuais 38%. Na Justiça Federal, no mesmo período, as mulheres foram de 26% para apenas 32% da força de trabalho. Em tribunais como o Supremo Tribunal Federal e o Superior Tribunal de Justiça, nem sequer atingem

20% da atual composição. Evidenciando desigualdade ainda mais estruturais, juízas negras constituem 1,75% da magistratura.

Em 2018, tentando modificar esse cenário, o CNJ (Conselho Nacional de Justiça) instituiu uma inovadora política nacional de incentivo à presença de mulheres em cargos de chefia, bancas de concurso e eventos científicos do Judiciário. No dia da aprovação dessa medida, a ministra Cármen Lúcia lembrou que “há tribunais com 57 desembargadores e uma mulher. Não é algo que ainda podemos desprezar”. Em verdade, existe tribunal que, desde 1988, não assistiu à promoção de nenhuma juíza de carreira à segunda instância.

O “teto de vidro” que dificulta a chegada das mulheres aos postos mais altos do Judiciário não pode ser compreendido como obra do acaso e nem depende apenas da passagem do tempo para ser removido.

No primeiro 8 de março de vigência da resolução nº. 255 do CNJ, continuam enormes os desafios institucionais para que ela saia do papel.

A base masculina da magistratura e o sistema de promoção que alterna antiguidade e merecimento tor-

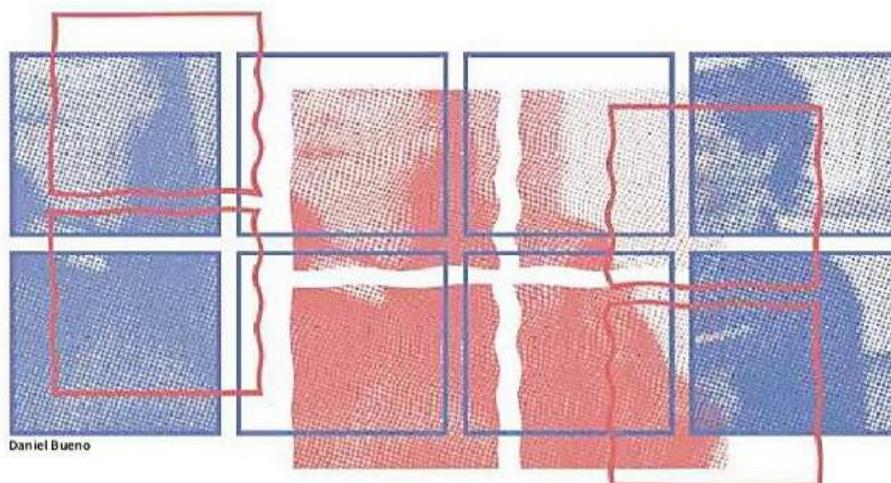
nam especialmente lenta a mudança de panorama. Promovem-se como mais antigos obviamente aqueles que sempre estiveram vestindo a toga. Já as promoções por merecimento, mais marcadas por dinâmicas políticas, tendem a promover um percentual ainda menor de mulheres ao cargo de desembargadora, segundo dados do Conselho da Justiça Federal.

As mulheres que ascendem raramente ocupam as vitrines de eventos, comissões e celebrações. E assim são mantidas as antigas engrenagens que restringem a presença feminina no espaço público. Se poucas mulheres são vistas, menos ainda são as que conseguem ser lembradas.

A baixa representatividade se traduz em políticas públicas igualmente rarefeitas. Poucos tribunais brasileiros contam com comitês voltados à promoção de igualdade de gênero e mecanismos para o adequado tratamento de denúncias de assédio sexual.

O Poder Judiciário nacional tampouco dispõe de um protocolo amplo que oriente o julgamento com perspectiva de gênero e seja capaz de estabelecer, em áreas essenciais, o olhar que o sistema de justiça precisa dedicar às mulheres em situação de vulnerabilidade. A população que não se enxerga nas salas de audiências e sessões pode ser invisível também aos olhos de quem a julga.

Como uma cabeça num corpo estranho, a mesma Justiça que celebra a inovação em aparatos tecnológicos e de solução de processos deixa de assumir a vanguarda no quesito equidade. Nessa contradição, põe-se em xeque o sucesso de mudanças sociais e normativas que não podem esperar.



Daniel Bueno

(Fonte: Folha de S. Paulo, 08.03.2019)

ANEXO B – TEXTOS DIGITALIZADOS/ “ECONOMIA”

Texto 1- “Mercado de trocas, comercio de amigas”

Domingo, 8 de março de 1970

FOLHA DE S. PAULO

1.º caderno – 15

Mercado de Trocas, comercio de amigas

O vetero feminino começou abertamente por volta da 1 hora da tarde numa oficina da rua 13 de Maio que, depois de pintada de vermelho e branco, transformou-se no Mercado de Trocas, um lugar onde se troca tudo menos o marido da gente, segundo observação feita por uma de suas mais constantes frequentadoras.

Aproximadamente 70 mulheres passam a tarde inteira no Mercado, colocando os produtos que trouxeram de casa em banquinhos colocados às paredes. São peruca, bonecas, brinquedos e utilidades domésticas, trocadas e retrocedidas pelas pessoas que, em sua maioria são sempre as mesmas.

Num dos cantos da oficina que mudou de função, dois cavaletes sustentam uma mesa com doces e sanduíches, comprados pelas fazedoras de trocas, que assim não precisam se incomodar em sair pela rua procurando e botar mais próximo. Qualquer pessoa pode frequentar o Mercado, desde que na entrada dê um “boa tarde”, acompanhado de uma nota de 1 cruzeiro novo, a quem Jaime, o único fun-honário da pequena organização.

OVO DE COLOMBO

Em setembro do ano retrasado a apresentadora de televisão Maria Teresa Gregori viajava pela Itália e ficou entusiasmada com a movimentação fora do comum dos dois mercados romanos, em que eram vendidos desde agulhas de costurar até quadros de pintores quilombistas. Logo depois Maria Teresa encontrou numa das revistas femininas italianas uma seção de trocas — as leitoras escreviam anunciando coisas que desejavam trocar por outras que estavam precisando.

Cansada do mesmo esquema dos programas femininos que se prolongam por toda a tarde, com entrevistas e novos métodos de maquiagem,



Destrocar é proibido no bem sucedido Mercado de Trocas

ela pensou em incluir uma nova forma de preencher as três horas em que permanece no ar — criou o “Mercadinho de Trocas”.

Nos primeiros dias os contatos eram feitos só por telefone. Apresentavam-se mulheres querendo trocar jóias por enxovais, ou cachorrinhos por gatos. Depois a procura foi crescendo até que duzentas a trezentas mulheres superlotavam diariamente as dependências do Canal 4. Com um número maior de interessadas nesse novo jeito de se desfazer de coisas que não têm mais utilidade em casa, apresentaram-se novos produtos para serem permutados.

TROCA INTERNACIONAL

Depois de alguns meses, quando o programa já estava consagrado, surgiu uma carta de um cidadão que queria trocar uma casa em Portugal por um apartamento em Santos. A troca foi feita.

Outra pessoa trouxe um camioneta do Território de Rondonia para trocá-la por

um terreno, e também não saiu de mãos abanando. Trocou-se também telefone por motocicleta, um tronco de escravos (reliquia histórica numa fazenda de Marília), por objetos de prata, vestidos de noiva por móveis de quarto, e assim por diante.

Quando a emissora de televisão decidiu não mais permitir o ingresso das centenas de mulheres que procuravam todos os dias o programa de Maria Teresa Gregori, porque as medidas de segurança tomadas para evitar novos incêndios em estúdios excluíam a possibilidade de se controlar a infiltração de qualquer trocadora terrorista, o Mercadinho de Trocas saiu do ar.

Mas a permuta diária já havia se transformado num vício para as mulheres que por mais de ano e meio não faziam outra coisa. Elas não tiveram dúvidas — montaram um posto de trocas na rua, perto dos estúdios do Sumaré.

Foi quando Maria Teresa decidiu abrir seu Mercado em outro lugar. Encontrou



O que pode ser permutado por um berço? A futura mamãe pode oferecer até uma peruca.

uma oficina desocupada na rua 13 de Maio, 1.101, alugou-a, e cobrou ingresso das trocadoras diárias para manter as contas de luz em dia e pagar o ordenado de quem Jaime, o porteiro que também se encarrega de verificar a autenticidade do ouro das jóias permutadas.

— Até agora não vive ainda nenhum lucro com o empreendimento — diz Maria Teresa — mas em compensação também não deu prejuízos.

Futuramente, ela pretende abrir em seu Mercado de Trocas uma seção imobiliária, que manterá contatos com escritórios de corretagem, tamanho o volume de pessoas que se interessam em trocar terrenos por casas, apartamentos em São Paulo por terrenos na Praia Grande, fazendas em Mato Grosso por residências em Casaco, e assim por diante.

É claro que com a ampliação do Mercado conti-

A melhor higiene mental que pode ser imaginada

Os cabelos de dona Nair Branco Dandreta já estão brancos e ela nunca os tingiria ou usaria peruca. Dona Nair estava com uma peruca num saquinho plástico que trouzera de casa, trocando-a por um fogareiro elétrico.

Ela também nunca se interessou em ser cineasta, mas trazia para trocar um filmador que conseguiu da mesma forma que a peruca preta — através das trocas.

Dona Nair acha que o Mercado de Trocas é uma das coisas mais divertidas que já se inventou até hoje. Ela tem outras amigas entre as outras frequentadoras, e acha que passar a tarde inteira trocando coisas é a melhor higiene mental que se possa imaginar.

OBJETOS

Sempre sorridente, ela diz que já trocou milhares de coisas. Ontem tinha em casa um cofre de aço, mas como era muito pesado apelou para o anuete, que é feito num caderno de Maria Teresa Gregori, a dona do Mercado que de vez em quando pergunta, gritando, se alguém aceita a permuta

de uma casa por um automóvel qualquer.

Uma das mais antigas frequentadoras do Mercado, dona Marina Gomes, mecânica de sapateiro carregado, também se diverte com suas trocas.

Ela é uma das que moram mais perto da rua 13 de Maio, mas precisou tomar um taxi para levar seus vinte brinquedos, quarenta peças de roupa, jóias em pequena quantidade, e algumas panelas que não serviam mais para nada.

INSINUAÇÃO

Dona Marina volta para casa só às 6 horas da tarde, quando o Mercado já está inteiro trocando coisas e a não troca nada, ela não fica triste por causa disso. O convívio com as amigas justifica plenamente seu programa cotidiano.

Outra mulher, aparentemente 40 anos, reclamava da infância de um vizinho que “insinuou coisas” só porque ela passava a tarde inteira fora de casa, para ir ao Mercado.

— Eu sei que meu marido sabe onde eu estou agora, e só a ele devo satisfazer.

TRIVELLATO S/A
ENGENHARIA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Tem a satisfação de informar que foi nomeado seu representante para Campinas e Região Mogiana até Mococa a

S/A YORK

com escritório à rua Barão de Jaguara, 1301 - 2.º andar, conjunto B - Fone: 8-5671 - CAMPINAS.

A firma DI-GIULIO & CIA, LTDA. NAO MAIS REPRESENTA A TRIVELLATO S/A.

Texto 2- "Em Barretos, as mulheres abrem frente atipreço"

Em Barretos, as mulheres abrem frente antipreço

BARRETOS (Do Correspondente) -- Cerca de 50 donas de casa participaram da reunião realizada na Câmara Municipal, quando ouviram dos vereadores que lideram o movimento contra a carestia as várias fórmulas de combate aos preços altos. As mulheres barretenses, de várias camadas sociais, pediram que iniciem imediatamente o seu trabalho, visando amenizar um pouco o custo de vida, principalmente, no setor de gêneros alimentícios. Os vereadores disseram que voltarão à carga na solicitação feita há várias semanas, para que a Cobal abasteça o município, através dos armazéns e supermercados, evitando com isso a presença dos intermediários.

A comissão que cuidará de falar aos comerciantes e estudar meios concretos para baratear o preço das mercadorias de primeira necessidade está composta dos vereadores Kalil Sales, Maria Igês de Ávila Jacinto e Valter Leonel de Sousa. Também está se pensando em conseguir a nomeação de um barretense para responder pela Sunab no município, a fim de exercer severa fiscalização nos preços das utilidades consideradas indispensáveis ao consumidor.

(Fonte: Folha de S. Paulo, 08.03.XX)

Texto 3- "Constituição não afetou trabalho das mulheres, conclui pesquisa"

Constituição não afetou trabalho das mulheres, conclui pesquisa

Da Reportagem Local

A licença-maternidade de 120 dias estabelecida pela Constituição de 88 não afetou o nível de emprego feminino na Grande São Paulo, segundo estudo da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade) divulgado ontem. A pesquisa indica que as mulheres tiveram em 89 uma participação de 45,4% no mercado de trabalho, praticamente o mesmo patamar de 88 (45,2%).

A maior limitação à presença da mulher no mercado de trabalho é a existência de filhos, mas a socióloga Jussara Nunes Ferreira, responsável pelo estudo, obser-

vou que a questão é estrutural e já se manifestava antes da vigência da nova Constituição. As mulheres sem filhos tiveram em 89 uma participação correspondente a 48,6% no mercado de trabalho, contra 41,9% das mulheres com filhos.

Em 88, esses percentuais foram de 48,8% e 41,4%, respectivamente, dados que fundamentaram a conclusão de que em 89 as empresas não ampliaram as restrições ao trabalho da mulher por conta do dispositivo constitucional. No setor industrial, o emprego para as mulheres com filhos até aumentou, passando de 5,3% para 6,2% na área metalúrgica,

9,9% para 12,7% na área química, 33,1% para 34,1% em vestuário e 11,8% para 12,3% na alimentação. Mesmo em janeiro último, quando o volume de dispensas cresceu, houve uma redução de 1,2% no desemprego entre as mulheres.

O maior nível de participação da mulher no mercado de trabalho é registrado na faixa de 18 a 24 anos (66,7%), decrescendo nas demais faixas. Os dados da Fundação Seade registram os seguintes percentuais de mão-de-obra feminina por setores de atividade em 89: indústria, 27,7%; comércio, 14,1%; serviços, 44,6%; serviços domésticos, 12,3%; e outros, 0,9%.

(Fonte: Folha de S. Paulo, 08.03.19XX)

Texto 4- "No trabalho, mulher fica na 'lanterna'"

No trabalho, mulher fica na 'lanterna'

DEBORA

Além de ficar atrás dos homens, as mulheres da região de Ribeirão Preto também ficam em terceiro lugar no ranking da participação feminina no mercado de trabalho do interior do Estado.

Elas registram uma taxa de 49,1% de participação, que é a soma de ocupadas e desempregadas. Em primeiro lugar, no interior, vem a região de Campinas, com 50,3% de participação da população feminina. Em segundo, a região oeste do Estado, com 49,4%. Já em todo o Estado, a Região Metropolitana de São Paulo mantém a liderança com 52,3% de mulheres em atividade.

O índice de atividade das mulheres do interior no mercado, no total, ficou em 47,9%.

Os dados fazem parte do estudo "Mulher e Trabalho", do Seade (Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados), que tomou como base o período de 94 a 98.

No norte do Estado, a região de Ribeirão, formada também por Araraquara, Barretos, Franca e São Carlos, registrou variação na participação das mulheres, no período analisado, de 5,9%. "Mesmo com o aumento, a taxa de participação da mulher continua inferior à do homem. O que os números mostram é que, em todas as formas de inserção da mulher no mercado de trabalho, ela sofre discriminação", afirma a economista Guiomar de Haro Aquilini, 41, analista de mercado de trabalho do Seade.

Além da participação, o estudo do Seade abordou outras três questões: taxa de ocupação, desemprego e rendimento.

Na região de Ribeirão Preto, também houve declínio na taxa de ocupação das mulheres de 2,7%, segundo a pesquisa. O desemprego entre as mulheres da região é de 18,9%. A variação positiva entre 94 e 98 foi de 60,2%. O índice dos homens é de 14,9%.

Leste

A região leste, que conta com cerca de 2,98 milhões de habitantes, é formada por Campinas, Americana, Bragança Paulista, Indaiatuba, Jundiaí, Limeira, Mogi Guaçu, Piracicaba, Rio Claro, Santa Bárbara d'Oeste e Sorocaba.

Um dos motivos para a maior participação das mulheres dessa região seria a diversificação das atividades econômicas. A expansão da força de trabalho das jovens de até 24 anos, no período analisado, também colaborou para a elevação das taxas.

Enquanto o índice de participação das mulheres da região leste variou positivamente 19,8% (de 42% para 50,3%), o dos homens, que já era elevado, variou apenas 0,8% (72,3% para 72,9%).

Quanto à ocupação, a proporção de mulheres aumentou de 37,3% para 41%; a dos homens caiu de 62,7% para 59%. Os setores que mais cresceram foram serviços e serviços domésticos.

As mulheres tiveram maior alta no item desemprego (28,5%) do que os homens (13,5%).



NA VOLKSWAGEN, HÁ 1 MULHER A CADA 8 HOMENS

Roseli Petrucci da Silva, 34, que trabalha na linha de produção de motores da Volkswagen de São Carlos, é uma das operárias para cada grupo de oito homens da unidade. No total, a empresa conta com 500 funcionários contratados. "Estatisticamente, elas erram menos", afirma Eduardo Hiroshi, assessor de imprensa da Volks. Roseli diz que divide todos os afazeres da casa com o marido, que também é operário. O salário deles também é equivalente. "Só fica diferente quando ele faz hora extra", conta

(Fonte: Folha de S. Paulo, 08.03.2001)

Texto 5- “Mulheres básicas”

mais!

FOLHA DE S. PAULO 3
São Paulo, domingo, 8 de março de 2009

+ sociedade

EUCLIDES SANTOS MENDES
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

As mulheres têm aumentado a sua participação em empregos de melhor qualidade, em cargos de comando e direção nas empresas e em profissões de nível superior”, avalia a socióloga e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro Bêla Sorj.

Porém os dados divulgados na última quarta pelo Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) e pela Seade (Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados) indicam que o crescimento econômico brasileiro em 2008 beneficiou mais os homens do que as mulheres (veja ao lado).

Em entrevista à **Folha**, Sorj —que é uma das organizadoras do livro “Mercado de Trabalho e Gênero” (FGV)— afirma que houve um aumento expressivo da participação feminina, sobretudo no setor de serviços, a despeito da precariedade das condições de trabalho.

A socióloga compara a situação laboral das mulheres no Brasil com a de outros países e diz que hoje há mulheres “ocupando o topo e a base da pirâmide social”.



Trabalhadora em indústria têxtil chinesa

FOLHA - Qual é o lugar dos homens e das mulheres no mundo do trabalho no Brasil e em outros países da América Latina e da Europa?

BÊLA SORJ - Os pontos em comum [entre essas regiões] são a persistência do diferencial de renda em favor dos homens, a divisão das ocupações (cabendo quase sempre às mulheres o trabalho doméstico).

Isso não ocorre somente no Brasil e em outros países da América Latina, mas também na Europa. Na Inglaterra, por exemplo, as mulheres estão mais presentes no mercado de trabalho por meio das ocupações temporárias.

No Brasil, temos o setor informal, que absorve muitas mulheres em ocupações não-regularizadas. Isto ocorre na América Latina e emerge na Europa por conta da imigração, que favorece o surgimento de nichos de trabalho informais e não-regularizados.

FOLHA - Que espaço as mulheres ocupam na sociedade brasileira?

SORJ - Estão cada vez mais pro-

Mulheres básicas

Para socióloga, desigualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho persiste mesmo na Europa

curando emprego ou trabalhando, o que confirma tendência que vem sendo observada há pelo menos três décadas como resposta a vários fatores.

Entre eles, a crescente valorização da independência e a necessidade de contribuir com a renda familiar.

Uma vez que foram os empregos na indústria que puxaram para baixo as taxas de desemprego e uma vez que as mulheres se dirigem mais ao setor de serviços, elas se beneficiaram menos do que os homens do cenário econômico [brasileiro] favorável de 2008.

FOLHA - Até que ponto as articulações e tensões entre a vida profissional e a vida familiar têm comprometido a inserção das mulheres no

mercado de trabalho?

SORJ - A ausência de suportes públicos para facilitar a conciliação entre trabalho e família, como creches e escolas em tempo integral, afeta a quantidade e a qualidade do emprego feminino —especialmente de famílias monoparentais femininas, que, em geral, têm um único provedor.

A conciliação entre trabalho e família, quando é resolvida de forma privada, pela família, provoca a precarização das atividades das mulheres, que acabam se orientando para atividades informais, com jornadas de trabalho mais reduzidas e com reflexos negativos sobre seus salários.

FOLHA - Além da segregação ocupacional, das jornadas de trabalho reduzidas e dos salários inferiores, o que caracteriza a participação das mulheres na vida social hoje?

FOLHA - Além da segregação ocu-

SORJ - Há boas notícias também. As mulheres têm aumentado a sua participação em empregos de melhor qualidade, em cargos de comando e direção nas empresas e em profissões de nível superior.

Hoje, encontramos mulheres ocupando o topo e a base da pirâmide social.

FOLHA - Qual o papel das mulheres na formação da sociedade no Brasil?

SORJ - As mulheres sempre trabalharam, sempre contribuíram com a riqueza do país. Mas há poucos estudos sobre a história do Brasil a partir das relações de gênero.

Desemprego cedeu mais entre homens, diz pesquisa

DA REDAÇÃO

A pesquisa Dieese/Seade mostrou que a queda da taxa de desemprego entre os homens foi maior do que a taxa de desemprego entre as mulheres. Cresceu também a diferença de salário entre os dois gêneros. Em compensação, houve um aumento na participação das mulheres no mercado de trabalho, de 55,1% em 2007 para 56,4% em 2008.

Texto 6- “Anacronismo doméstico”

Anacronismo doméstico

É UMA BOA NOTÍCIA que as condições de trabalho das empregadas domésticas tenham melhorado no país. Estudo do Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) constatou, em cinco das sete regiões metropolitanas pesquisadas, que a maioria das mensalistas é contratada com carteira assinada.

É um avanço em relação a um passado não muito distante, quando a informalidade imperava e revestia esse tipo de relação de trabalho com características coloniais. O substrato escravista que sobreviveu nessa atividade, desempenhada quase sempre por mulheres pobres, muitas delas descendentes de africanos, ainda é perceptível — e em geral não escapa à atenção de estrangeiros em visita ao Brasil.

A conquista de um grau mais elevado de formalização entre as mensalistas é um passo digno de nota, mas insuficiente para conferir ao emprego doméstico o perfil profissional que já deveria

ter conquistado.

Os dados apurados pelo Dieese indicam a persistência de baixos salários e jornadas excessivas. Em capitais do Nordeste atingem-se patamares inaceitáveis — como as 58 horas trabalhadas em média pelas empregadas sem carteira assinada de Recife.

A chamada PEC (Proposta de Emenda Constitucional) das Domésticas, com a qual o governo pretendia promover direitos e benefícios, ainda não chegou ao Legislativo. Tampouco prosperaram iniciativas já em tramitação no Congresso Nacional com propósitos semelhantes.

Embora o tema possa provocar desconforto em setores da classe média, a ampliação dos direitos do trabalhador doméstico, com o reconhecimento de prerrogativas análogas às de outras categorias, é o caminho a ser trilhado. Um país que pretende ser moderno e democrático não pode continuar convivendo com esse tipo de anacronismo.

Texto 7- “Com mulher no comando, resto da empresa fica mais diverso”

A16 SEXTA-FEIRA, 8 DE MARÇO DE 2019

FOLHA DE SP. PAULO ***

mercado

MERCADO ABERTO

Maria Cristina Frias

cristina.frias@grupofolha.com.br

Com mulher no comando, resto da empresa fica mais diverso

Diretorias estatutárias diversificadas fazem com que perspectivas para tomada de decisão sejam mais plurais, afirmam executivas



Bruno Santos - 27 jul 18 / Folhapress



Karine Xavier - 26 jun 18 / Folhapress



Bruno Santos - 27 jul 18 / Folhapress

Cristina Junqueira
Fundadora e VP do Nubank

A presença de uma mulher na chefia faz com que as outras tenham um exemplo de como é possível trabalhar e crescer em um ambiente corporativo, diz a fundadora do Nubank Cristina Junqueira.

“Eu trabalhei em outros bancos e nunca tive uma diretora mulher, alguém para quem pudesse olhar e ter uma referência. Posso relatar inúmeros episódios, que vão dos cômicos até os inoportunos, que passei por causa disso.”

Um corpo mais diverso de chefes consegue ter perspectivas distintas sobre os problemas da empresa, diz ela. “Uma companhia não precisa de cinco diretores homens brancos que estudaram na mesma universidade, precisa de um.”

Chieko Aoki
Presidente da Blue Tree Hotels

O setor hoteleiro como um todo tem uma presença feminina mais significativa do que em 1999, quando Chieko Aoki começou a rede Blue Tree, diz a fundadora.

“O número de mulheres em cargos de liderança tem crescido mais nos últimos dez anos. Elas entraram primeiro no setor de turismo e, agora, chegam às posições de chefia — são boas profissionais, competitivas e competentes.”

Um equilíbrio maior entre os gêneros nos cargos mais elevados traz uma complementaridade nas decisões estratégicas do grupo, segundo Aoki.

“O negócio de hotéis é, essencialmente, o de cuidar das pessoas, e as mulheres têm boas ideias de como fazer isso.”

Teresa Vernaglia
Presidente da BRK Ambiental

A empresa de saneamento BRK Ambiental investiu cerca de R\$ 1 bilhão desde o início de 2017, quando foi comprada pela Brookfield e deixou de se chamar Odebrecht Ambiental.

Além de acelerar a expansão, melhorar a imagem e a governança da companhia envolvida na Operação Lava Jato se tornaram as prioridades da nova presidente, Teresa Vernaglia.

A empresa passou também a ter uma preocupação maior com projetos que atendam principalmente mulheres, sobretudo em um setor com alta concentração masculina, segundo a executiva.

“Temos contratos de 35 anos. É uma relação de longo prazo e queremos desenvolver programas também de longo prazo.”

Nadir Moreno
Presidente UPS Brasil

A executiva Nadir Moreno completará 12 anos na presidência da filial brasileira da UPS, empresa logística americana, em maio de 2019.

Em seu comando, 42% da diretoria no Brasil passou a ser ocupada por mulheres.

Há 27 anos na companhia, ela passou por mais de oito cargos e foi responsável por consolidar no Brasil mais de cinco aquisições feitas pela UPS na última década.

“Ser presidente de uma empresa de logística é fazer um MBA na prática”, afirma.

Com exceção de 2015 e 2016, a UPS cresceu dois dígitos ao ano na sua gestão.

“Passei pela crise da Europa e dos Estados Unidos, mas só a do Brasil nos afetou.”

Cristina Palmaka
presidente da SAP Brasil

Cristina Palmaka, presidente da SAP, empresa de software empresarial, assumiu o posto há seis anos para que os produtos globais chegassem ao mercado brasileiro.

Ela apostou na diversidade de seu quadro profissional para garantir transformação dentro da própria empresa.

“Só há benefício na tecnologia se ela partir da diversidade, de raça, de gênero e de diferentes histórias. Se todo mundo vem da mesma escola, não se sai do quadrado”, diz.

Cristina impôs uma prioridade em sua gestão: fazer com a tecnologia deixe de ser um acessório e se torne central na gestão dos clientes.

“Meu trabalho é inspirar para colocar a inovação no DNA.”

Fiamma Zarife
Diretora-executiva do Twitter

Fiamma Zarife, diretora do Twitter Brasil, trabalhou mais de 12 anos em tradicionais empresas de telecomunicações.

“Vim de um mundo menos colaborativo”, afirma, em uma referência a estruturas de trabalho verticais e hierárquicas.

A marca de sua gestão, segundo ela, é a liderança pela influência e a mentoria reversa. “Chamo os estagiários em uma sala e pergunto quais músicas eles ouvem.”

No comando de uma empresa de tecnologia desde 2017, Fiamma diz ter precisado reaprender a liderar.

“Antes, tinha que fazer reunião em sala especial. Agora, faço videochamada com meu filho no colo e isso não espanta os interlocutores”, diz.

(Fonte: Folha de S. Paulo, 08.03.2019)